

Habitar o espaço público e o privado na Unité d'Habitation de Firminy



Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura

Departamento de Arquitectura da FCTUC | Setembro de 2016

Sob a orientação de: Professor José António Bandeirinha | Arquitecta Carolina Coelho

David João Coelho Jorge

Esta Dissertação foi redigida segundo o antigo acordo ortográfico.
A referenciação de citações no documento foi feita segundo as normas APA.

Resumo

Esta Dissertação analisa as experiências de habitar do Homem enquanto ocupante do edifício de habitação colectiva da Unité d'Habitation de Firminy de 1965, com o propósito de examinar o seu contributo no processo evolutivo desta comunidade. Neste processo, revelam-se pertinentes os comportamentos e relações sociais levadas a cabo pelos habitantes deste edifício, bem como contactos e experiências influenciadoras do seu entendimento de casa, que vão fazer parte do processo de adaptação e/ou alteração face às dinâmicas de funcionamento do conjunto, tanto nos espaços públicos, como nos privados.

Para o Homem, o acto de habitar é algo íntimo e pessoal, onde este ocupa um dado espaço sobre o qual vai intervir de modo a condicionar a sua forma e conteúdo, moldando-o à sua acção quotidiana através de processos de apropriação, com o objectivo de esse lhe pertencer, para assim o poder identificar como “casa”. Os temas e actos de habitar, vão aqui ser integrados segundo o ponto de vista colectivo de uma comunidade, no caso específico da Unité d'Habitation de Firminy, onde vão estar condicionados por diversos factores e influências externas à acção individual do seu habitante. Esta comunidade serve o seu habitante através de diversos serviços complementares à sua actividade diária, que aliviam a sua carga doméstica e promovem a sua participação e integração numa vida social activa.

A análise do percurso arquitectónico de Le Corbusier, suas influências e contextualização, revelam-se importantes para o entendimento da evolução dos modelos de habitação por ele praticados, até chegar à célula habitacional dos seus projectos de Unité d'Habitation. Para tal, foram estudados os elementos compositivos nas suas obras apontadas ao tema da casa, numa época inicial do seu percurso enquanto arquitecto, onde já era visível uma génese dos temas incluídos nos projectos das Unités, incidindo principalmente nas décadas de dez, vinte e trinta do século XX. Chegando ao modelo de Unité d'Habitation, serve o primeiro exemplar em Marselha de 1947, como elo de comparação com o caso de estudo desta Dissertação, relativamente a programas e elementos constituintes, aferindo as diferenças existentes, que distinguem o edifício de Firminy e moldam as bases para uma realidade social e arquitectónica singular.

Abstract

This Dissertation analyses the dwelling experiences of men, while an occupant of the collective housing building of the Unité d'Habitation in Firminy of 1965, with the purpose of examining its contribution to the evolution process of this community. Both the social behaviours and relationships performed by the population of this building, are considered relevant for this study, as much as the influential contacts and experiences for their comprehension of the “house as a home”, and which are included in the process of adaptation and/or modification of the building's dynamics, whether in public or private spaces.

For a man, the act of inhabiting, is something personal and intimate, in which he occupies a certain space where he will intervene, conditioning its form and content, shaping it to his daily activities through some appropriation processes, with the purpose of feeling that that space belongs to him, so that he can identify it as his “home”. The acts and themes of inhabiting are included here in the collective point of view of a community, in this specific case of the Unité d'Habitation in Firminy, where they are conditioned by several factors external to the individual activity of its inhabitants. This community serves its population through multiple services, that complement their daily life and routine, in order to relieve their domestic duties and promote their participation and integration in an active social life.

Le Corbusier's architectonic path, his influences and context show great importance to the understanding of his dwelling model's evolution until the conception of the housing cell, found in the Unité d'Habitation project. So, we study the compositive elements of his housing-type buildings in an early period of his career as an architect, in which it was already noticeable some of the principles of the Unité project, focusing mainly in the tenth, twentieth and thirtieth decades of the twenty first century. As we reach the final model of the Unité d'Habitation, the first example of this typology, at Marseilles in 1947, serves as comparison with the building studied in this Dissertation in the topic of the constituent programs and elements, thus assessing the existent differences, which distinguish Firminy's building and cast the basis for a singular architectonic and social realities.

Introdução

1 Conceitos, significados e derivações em torno do acto de habitar – P. 15

1.1 Distinção entre Apropriação e Propriedade – P. 15

1.2 Habitação, o espaço da casa – P. 29

2 Análise evolutiva do modelo de habitação em Le Corbusier – P. 41

2.1 Contextualização moderna e influências na obra de Le Corbusier – P. 41

2.2 Uma casa para o Homem moderno – P. 65

2.3 Maturação do modelo de casa na obra de Le Corbusier – P. 75

2.4 Contexto urbano, social e doméstico da habitação – P. 89

3 O modelo de Unité d'Habitation – P.97

3.1 Unité d'Habitation de Marselha enquanto protótipo – P. 97

4 Análise crítica à intervenção de Le Corbusier em Firminy – P. 123

4.1 Planeamento da nova cidade de Firminy – P. 123

4.2 O projecto da Unité d'Habitation de Firminy – P. 125

4.3 Marcos históricos do momento pós-construção da Unité – P. 131

4.4 Análise evolutiva do edifício até à contemporaneidade – P. 139

5 Conclusão aberta sobre o percurso da Unité d'Habitation de Firminy – P. 179

Referências bibliográficas – P. 187

Créditos das figuras – P. 195

Introdução

A temática abordada por esta Dissertação diz respeito aos diferentes conceitos de habitar inerentes à experiência do Homem, nomeadamente na sua ligação e integração num conjunto de habitação colectiva, tendo em conta os seus comportamentos e reacções no uso dos diversos espaços e serviços. As motivações que levaram à realização da Dissertação advêm de temas como o da casa enquanto lar do Homem e seu espaço íntimo, como a intervenção e a pegada humana presentes na construção e transformação de um dado espaço e o modo como estes espaços revelam uma ligação emocional com o seu utilizador. Como tal, a escolha relativa ao caso de estudo foi feita segundo uma análise que acabou por considerar a Unité d'Habitation de Firminy, projectada por Le Corbusier em 1965, como o edifício mais representativo do estudo dos processos relativos à complexidade do acto de habitar, da natureza das relações sociais vividas e à sua integração num ambiente de intenção colectiva. Esta escolha foi naturalmente influenciada pelas várias transformações sociais e ocupações irregulares decorridas no edifício desde a sua construção até à contemporaneidade, desencadeando um percurso singular, a analisar criticamente dos pontos de vista antropológico e arquitectónico até à contemporaneidade.

Deste modo torna-se pertinente responder à questão:

Como se processa o acto de habitar nos espaços públicos e privados da Unité d'Habitation de Firminy, por parte dos seus habitantes?

Pretende-se assim, com esta Dissertação, aferir a natureza deste fenómeno e as relações que estabelece com todas as áreas da acção humana, bem como as condicionantes internas e externas que influenciaram os diversos procedimentos sociais e visões de habitar presentes no conjunto, e sobretudo no que respeita a disciplina da Arquitectura, as alterações espaciais e as relações dos habitantes com o espaço em questão.

No que diz respeito à metodologia, revelaram-se pertinentes todas as pesquisas bibliográficas concretizadas na Biblioteca do Departamento de Arquitectura e na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra no âmbito dos temas de conceitos de habitar e apropriar, do tema da habitação e seu enquadramento urbano segundo Le Corbusier e mais especificamente do modelo de Unité d'Habitation. Durante esta pesquisa, a recolha de obras de autores como Lefebvre ou Heidegger revelou-se pertinente, nomeadamente no primeiro capítulo, no âmbito da abordagem da casa e dos actos de habitar e pertencer aos espaços segundo outras áreas diferentes da Arquitectura, mas também relacionáveis, como a Filosofia ou a Antropologia. O contacto com outras Dissertações e documentos de carácter académico, como a Tese de Doutoramento de Armando Rabaça de 2013, proporcionou um maior entendimento sobre o percurso arquitectónico de Le Corbusier e as temáticas praticadas nos seus projectos de habitação. Este contacto, juntamente com o estudo de obras de Le Corbusier, William Curtis, Gérard Monnier ou David Jenkins, permitiu uma aproximação à obra de Le Corbusier e à evolução dos seus princípios construtivos de habitação, até chegar ao modelo da Unité d'Habitation e seus espaços e serviços constituintes, abordados nos capítulos 2 e 3, respectivamente. Também de grande importância, foi a análise da obra escrita do sociólogo francês Noel Jouenne, entre

os anos de 2002 e 2007, que dedicou grande parte da sua actividade profissional a analisar os comportamentos e rotinas ocorridas na Unité d'Habitation de Firminy. Os seus artigos serviram, fundamentalmente, para suportar a elaboração crítica levada a cabo no quarto capítulo, apontada à intervenção na nova cidade de Firminy, e a conclusão aberta elaborada no quinto e último capítulo.

Igualmente importante, revelou ser a visita ao lugar em estudo, que decorreu no final do mês de Abril de 2016, para estabelecer contacto com a realidade actual do edifício e seus serviços e com os seus habitantes. Esta visita teve como propósito uma tentativa de aproximação e diálogo com as associações e inquilinos presentes no espaço, com vista a recolher informação favorável a uma análise crítica mais detalhada do percurso desta comunidade. A recolha de informação junto de uma associação local e da guia durante a visita guiada ao edifício, acrescentaram dados relevantes na análise evolutiva da complexa situação social e cultural verificada na comunidade.

Numa etapa final, pretende-se concluir sobre as interpretações levadas a cabo pelos habitantes no espaço em questão e seus impactos para a evolução temporal deste conjunto habitacional. Com isto, é esperado alcançarem-se resultados concretos relativamente às razões que incentivaram as transições habitacionais verificadas na Unité d'Habitation de Firminy e analisar criticamente as diferentes ferramentas e metodologias de concretização utilizadas durante esse fenómeno, reflectindo sobre a pertinência dos comportamentos e rotinas dos habitantes, bem como o seu enquadramento social na vida do conjunto.

A originalidade desta Dissertação, prende-se com o facto das temáticas abordadas até à data noutros trabalhos ou documentos, tendo este edifício como caso de estudo, não se centrarem, ao contrário desta Dissertação, no ponto de vista da alteração dos processos de habitar o espaço por parte dos seus ocupantes e na análise da evolutiva do espaço arquitectónico da comunidade e seus serviços, aferindo o seu contributo para as transformações sociais e arquitectónicas, verificadas desde a construção do edifício até à contemporaneidade. O estudo crítico destas temáticas anteriormente desconsideradas face à realidade deste edifício, revela a pertinência deste documento.

Deve ainda acrescentar-se que, ao longo desta Dissertação, as citações utilizadas encontram-se na língua da versão dos documentos consultados, o que nem sempre corresponde à versão original do mesmo. Desta forma, ao longo do texto serão introduzidas citações tanto em português, como em espanhol, em inglês ou francês. Esta ocorrência deve-se principalmente a motivos relacionados com a dificuldade de entendimento de termos ou expressões linguísticas presentes nas versões originais de alguns documentos, nomeadamente os respeitantes à língua francesa, na qual foram elaborados diversos documentos da autoria de Le Corbusier, com grande pertinência para este trabalho. Com vista a um maior rigor, a recorrência aos diferentes idiomas presentes nesta Dissertação, quer pela utilização de versões originais ou traduções publicadas, é salvaguardada por motivos de preservação da originalidade dos excertos utilizados, de modo a alterar o menos possível a sua intenção e significados, em relação a uma possível tradução livre de autoria pessoal desses mesmos textos.

1 Conceitos, significados e derivações em torno do acto de habitar

1.1 Distinção entre Apropriação e Propriedade

Estes dois conceitos e suas derivações exploradas ao longo deste capítulo vão de encontro ao propósito desta Dissertação na medida em que se relacionam facilmente com o processo de estabelecimento do Homem em dado espaço e na maneira como este o preenche. O espaço sobre o qual se debruça esta análise é o espaço da casa, sobre o qual o Homem pode intervir segundo as suas próprias concepções de habitar, recorrendo os recursos de que dispõe. Aqui a casa interessa enquanto célula de habitação, desenvolvida e aperfeiçoada através das ferramentas da Arquitectura para servir o Homem como seu lugar íntimo e seguro, a ser integrada numa comunidade habitacional, que pode concentrar várias teorias de habitar correspondentes à interpretação de cada um.

Marx, citado por Lefebvre em 1974¹, defendia que os conceitos de apropriação e propriedade contrastavam claramente um do outro, apesar de ambos remeterem para a natureza humana e advirem da sua interação com as condições naturais de um espaço. Estes dois conceitos actuam no espaço e têm impactos diferentes consoante a sua profundidade, podendo a propriedade ser uma derivação consequente da apropriação: “It may be said of a natural space modified in order to serve the needs and possibilities of a group that it has been appropriated by that group. Property in the sense of possession is at best a necessary precondition, and most often merely an epiphenomenon, of appropriative activity[...]”². Dadas diferentes situações, pode falar-se em factores como a habitação do Homem ao espaço ou da sua adaptação, nos casos onde a sua disposição ou proximidade emocional está mais virada para a aceitação das condições naturais do espaço, sem nele ter uma atitude ou influência fortemente marcada. Pode ainda falar-se de conceitos teoricamente mais agressivos, como dominação ou autoridade, quando este revela uma atitude de descrença face à capacidade e duração de resposta desse mesmo espaço às suas exigências.

Existem portanto alguns conceitos que se mostram pertinentes para esclarecer as origens e proceder à separação e individualização cada um destes termos. As definições correntes utilizadas nesta desconstrução de conceitos, são maioritariamente provenientes de Dicionários da Língua Portuguesa, uma vez que dada a natureza do tema e dos termos abordados neste capítulo, não se encontram, ou pelo menos não da forma mais proveitosa e pretendida para esta Dissertação, em Dicionários ou Glossários de áreas específicas e pertinentes, como são as da Arquitectura ou Sociologia. Desta forma, e com o propósito de apurar significados e sinónimos de maior abrangência dos termos em questão, recorreram-se às fontes mais precisas do conhecimento geral, estabelecendo posteriormente comparações:

- “**Propriedade:** *s. f.* (do latim *proprietas, -atis*) - 1. Posse legal de alguma coisa; 2. Direito pelo qual alguma coisa pertence a alguém; 3. A coisa possuída; 4. Casa, prédio, campo, etc.”³ // “**Propriedade:** *s. f.* - 1. Qualidade do que é próprio; 6.

1 - Marx *apud* Lefebvre, H., 1974, p. 165

2 - Lefebvre, H., 1974, p. 165

3 - Consultado a 28/02/2016 em Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (online), disponível em: <https://www.priberam.pt/DLPO/propriedade>

direito de dispor e usufruir de algo de acordo com as disposições da lei; 7. tudo o que nos pertence e de que podemos dispor livremente; 8. riqueza; património; 11. terreno (horizontal) situação em que duas ou mais pessoas são proprietárias de fracções autónomas do mesmo edifício e co-proprietárias das partes comuns do mesmo.”⁴ // “**Propriedade:** *s. f.* (do latim *proprietas*) – 1. Qualidade do que é próprio; 2. carácter; 5. emprego apropriado de palavras, frases ou aquilo que é pertença legítima de alguém; 6. aquilo que está na posse legítima de alguém ou sobre que alguém tem direito pleno; 7. prédio, prédios; bens.”⁵ // “**Propriedade:** atributo; bens; carácter; casa; domínio; individualidade; património; pertença; posse; prédio.”⁶

- “**Posse:** *s. f.* (do latim *posse*, poder) - 1. Detenção ou fruição de uma coisa ou de um direito; 2. estado de quem possui uma coisa ou a goza; 3. poder que se manifesta quando alguém actua por forma correspondente ao exercício do direito de propriedade ou de outro direito real; 4. haveres; riqueza; meios; 6. alcance.”⁷ //

- “**Posse:** *s. f.* (do latim *posse*) – 1. Retenção ou fruição de uma coisa ou direito; 2. estado de quem frui uma coisa ou a tem em seu poder; 3. propriedade; fazenda; 4. haveres; meios de vida; 5. aptidão; capacidade.”⁸

- “**Dominar:** *v. tr.; v. intr.* (do latim cl. *dominari*, do latim vulg. *dominare*, dominar, mandar) - 1. Exercer domínio sobre; 2. ter influência sobre; 3. estar sobranceiro a; elevar-se sobre; 4. subjugar; 5. refrear; 6. ter primazia; 7. preponderar.”⁹ // “**Dominar:** *v. tr.; v. intr.* (do latim cl. *dominari*) – 1. Exercer domínio sobre; 2. ser senhor de; 3. conter; 4. reprimir; 5. vencer; 6. elevar-se acima de; ser sobranceiro a; 7. ter influência sobre; 8. preponderar sobre; 9. abranger; ocupar; 10. exercer domínio; 11. preponderar.”¹⁰ // “**Dominar:** abranger; algemar; assoberbar; avassalar; comandar; conter; dirigir; domar; governar; imperar; influenciar; mandar; ocupar; preponderar; prevalecer; reger; reinar; reprimir; senhorar; sobressair; subjugar; triunfar; vencer; apoderar-se; distinguir-se.”¹¹

- “**Apropriar:** *v. tr.; v. pron.* (do latim *appropriare*) – 1. Tornar próprio; 2. acomodar; 3. aplicar; 4. atribuir; 5. apossar-se; 6. adequar-se.”¹² // “**Apropriar:** *v. tr.; v. refl.* (do latim *appropriare*) – 1. tornar próprio; adaptar; acomodar; 2. aplicar; atribuir; 3. assenhorar-se.”¹³ // “**Apropriar:** acomodar; adaptar; adequar; ajustar; assemelhar; atribuir; proporcionar; (apropriar-se) acomodar; apoderar-se; apossar-se; arrogar-se; assenhorar-se.”¹⁴

4 - Dicionários Editora, 2004, p. 1356

5 - Grandes, R. (Volume II), 1996, p. 2076

6 - Dicionários Editora, 1995, p. 889

7 - Dicionários Editora, 2004, p. 1327

8 - Grandes, R. (Volume II), 1996, p. 2039

9 - Dicionários Editora, 2004, p. 566

10 - Grandes, R. (Volume I), 1996, p. 889

11 - Dicionários Editora, 1995, p. 411

12 - Grandes, R. (Volume I), 1996, p. 244

13 - Dicionários Editora, 2004, p. 132

14 - Dicionários Editora, 1995, p. 117

- “**Interpretar:** v. tr. (do latim *interpretari*) – 1. Fazer a interpretação de; 2. explicar o que há de obscuro ou confuso num texto, numa lei, num autor, etc; 3. tomar em determinado sentido; traduzir; 4. reproduzir o pensamento de; 5. esclarecer.”¹⁵

Numa interpretação básica dos conceitos, pode notar-se por um lado, que o acto de estabelecer propriedade sobre um dado espaço, é um acto mais brusco, permanente e agressivo de imposição de uma atitude/vontade soberana sobre algo, sendo que por outro, o acto de apropriar um mesmo espaço, como sugere este último termo ainda que pelo seu entendimento geral/leigo da palavra, é uma intervenção de menor impacto e rigidez para as condições iniciais do espaço, estando mais próxima de uma relação de adaptabilidade. Esta separação que foi sendo cavada pelo tempo e pelo entendimento de simbologias e linguagens agregadas a cada um. O termo propriedade implica mesmo tomar posse ou tornar-se dono/senhor de algo, fazendo desse algo sua pertença, impondo-se a ele; e não apenas como referido na definição de apropriação, acomodar-se ou tornar algo adequado ou conveniente ao usufruto (apesar de por vezes, no uso quotidiano ou menos esclarecido das palavras, estes dois termos acabem por ser aproximados e até confundidos). A tendência de associar um carácter mais agressivo ao conceito de propriedade, advém da sua associação ao acto de dominação, que em si implica uma sobreposição, demarcação ou estabelecimento de uma atitude de primazia e subjugação de algo ou alguém sobre um determinado espaço, para que este, em consequência, passe a existir sob o seu controlo, como de resto desenvolve Lefebvre:

“Dominated space and appropriated space may in principle be combined - and, ideally at least, they ought to be combined.[...] Domination has grown *pari passu* with the part played by armies, war, the state and political power. The dichotomy between dominated and appropriated is thus not limited to the level of discourse or signification, for it gives rise to a contradiction or conflictual tendency which holds sway until one of the terms in play (domination) wins a crushing victory and the other (appropriation) is utterly subjugated.”¹⁶.

Para os conceitos de domínio e de propriedade, a definição de poder é essencial para demonstrar a soberania do Homem perante um dado espaço, pois é sobre o espaço que esta actua, como refere Lefebvre¹⁷, autor que aborda a intervenção humana face aos espaços com os quais o Homem é confrontado, nomeadamente espaços domésticos, na qualidade de produto arquitectónico produzido pelo arquitecto enquanto entidade criadora, que oferece ao Homem comum enquanto utilizador o meio sobre o qual este vai actuar. Usando o poder sobre as características naturais de um espaço, o Homem tem a capacidade de “escrever” sobre o que já existe, negando ao espaço quaisquer traços que ele ache inadequados à sua presença, e isto é válido inclusivamente para os espaços colectivos e individuais abordados nesta Dissertação a propósito da Unité d’Habitation de Firminy. Visto isto, é revelada uma natureza autoritária/ríspida do Homem proprietário quando este tenta afirmar-se de forma violenta perante o que quer negar, vendo na transfiguração do espaço a resposta ao que procura obter dele, aproximando-o assim do seu ideal de identidade, como refere Lefebvre: “The property principle, by dominating space - and this in the literal sense of subjecting it to its *dominion* - put an

15 - Dicionários Editora, 2004, p. 955

16 - Lefebvre, H., 1974, p. 166

17 - Lefebvre, H., 1974, p. 280

end to the mere contemplation of nature, of the Cosmos or of the world, and pointed the way towards the mastery which transforms instead of simply interpreting.”¹⁸. Desta afirmação pode também retirar-se que o acto de apropriar pode ser entendido como uma interpretação do pré-existente, uma abordagem mais delicada e menos destrutiva às condições iniciais do espaço. O Homem actua consoante o seu entendimento das condições do espaço, de forma a que a sua actividade seja construtiva e seja complementada pelos traços naturais do espaço em questão. Não procura impôr-se radicalmente a ele nem torná-lo escravo da sua acção. Em vez disso, procura nele, alguns traços e símbolos que lhe sejam familiares e que remetam ao uso que dele quer retirar, de modo a adaptá-lo eficazmente às suas necessidades, quer física, como emocionalmente. Para que isto aconteça, terá de ocorrer uma demarcação do Homem no espaço, considerada a base de toda a apropriação, de modo a que se altere a dinâmica do espaço e aquilo que este representa para o seu ocupante, como defendido por Lefebvre na sua afirmação:

“Space may be marked physically, as with animals use of smells or human groups use of visual or auditory indicators; alternatively, it may be marked abstractly, by means of discourse, by means of signs. Space thus acquires symbolic value. Symbols, on this view, always imply an emotional investment, an affective charge (fear, attraction, etc.), which is so to speak deposited at a particular place and thereafter 'represented' for the benefit of everyone elsewhere.”¹⁹.

Lefebvre afirma ainda, à cerca das possibilidades de leitura e uso dos espaços por parte do Homem face à sua condição de utilizador dos mesmos: “[...]all subjects are situated in space in which they must either recognize themselves or lose themselves, a space which they may both enjoy and modify.”²⁰. Esta é a condição inicial que o Homem encontra quando se depara com um espaço ao qual pretende aceder ou pertencer. Para o fazer, ou aceita o espaço com suas características originais como lhe é apresentado, reprimindo assim a sua expressão individual, sentimentos e referências que fazem dele indivíduo e dá início ao processo de habituação ao espaço, deixando que este o condicione e se enraíze nele; ou enquanto Homem livre e dotado de poder de escolha e interpretação, este procede de forma a destacar-se no espaço, tentando introduzir nele elementos ou símbolos que alterem a sua percepção do mesmo, com o objectivo de tornarem este espaço reconhecível e mais apelativo aos seus sentidos. Esta questão será um ponto crucial para o estudo posterior levado a cabo nesta Dissertação relativo ao impacto progressivo dos habitantes no espaço da Unité d'Habitation de Firminy enquanto receptáculo da sua actuação. Os espaços da Unité, nomeadamente os privados, onde o Homem se estabelece e procede ao seu acto íntimo e único de habitar, no momento da sua chegada, encontram-se abertos a variadas possibilidades, sendo que a natureza da intervenção humana no espaço vai depender da maior ou menor apropriação das identidades desses mesmos espaços. Nas palavras de Lefebvre: “Our space has strange effects. For one thing it unleashes desire.[...] “Nothing is allowed. Nothing is forbidden”, in the words of one inhabitant. Spaces are strange: homogeneous, rationalized, and as such constraining[...].”²¹.

Quando o Homem surge num determinado espaço enquanto interveniente, o seu instinto natural é tentar pertencer, tentar apropriar-se desse espaço e ocupá-lo para que, futuramente, possa sentir-se

18 - Lefebvre, H., 1974, p. 253

19 - Lefebvre, H., 1974, p. 141

20 - Lefebvre, H., 1974, p. 35

21 - Lefebvre, H., 1974, p. 97

mais confortável nele. Mas o espaço já existe quando é apresentado ao Homem, quer seja um espaço natural, em bruto ou já trabalhado e construído, e esse espaço ao possuir já um conjunto de traços e características, desenvolve uma identidade pré-Homem ou pré-Ocupante. Essa identidade tem o poder de condicionar tanto a intervenção como o comportamento do Homem, pois o espaço pode ser capaz de toldar a actividade de quem nele aparece.²²

A transformação de um espaço acontece quando o seu habitante entra em crise com as condições apresentadas pelo mesmo, pois tem que existir uma certa harmonia entre ambas as partes durante a sua concepção e utilização, como aliás defende Heidegger quando diz: “Construir e pensar são, cada um a seu modo, indispensáveis para o habitar. Ambos são, no entanto, insuficientes para o habitar se cada um se mantiver isolado[...]. A crise propriamente dita do habitar consiste em que os mortais precisam sempre de novo buscar a essência do habitar, consiste em que os mortais devem primeiro aprender a habitar.”²³. Para o Homem habitar um lugar a que verdadeiramente possa chamar de casa, têm de se reunir um conjunto de condições propícias ao seu enquadramento com o dado lugar. Estas condições passam pela criação de uma harmonia que provoque a aproximação das duas entidades durante os processos de transformação e adaptação.

A transformação em si é um processo, umas vezes mais longo que outras. Para que ocorram transformações inerentes aos actos impactantes do Homem, existem condicionantes que tanto ajudam a revelá-las, como a produzi-las ou incentivá-las. Essas condicionantes podem depender do espaço em questão, sendo que aqui vai considerar-se o espaço da casa inserido na Unité de Firminy, como o alvo das interpretações apropriativas ou dominadoras do Homem, por ser o espaço adequado ao desenvolvimento da questão desta Dissertação. As alterações levadas a cabo, podem ser de cariz físico ou emocional e podem revelar-se de forma objectiva ou meramente sugerida para quem lê o espaço. Ao inserir-se num dado espaço, com o objectivo de o tornar seu, reconhecível, o Homem tem em conta o ambiente e a sociedade onde esse espaço se inscreve, bem como o ambiente e a sociedade de onde ele próprio provém. No exemplo estudado nesta Dissertação, o Homem insere-se numa comunidade onde os espaços de habitação se encontram ligados aos espaços públicos de uso colectivo de forma próxima e conseqüente, sendo que a forma de cada um influencia o outro. Isto à partida, vai condicionar o contacto e a atitude iniciais do Homem face à envolvente onde insere a sua intimidade, respeitando o formato e os limites do espaço que a irá conter. É da nossa opinião, que ao fazê-lo, o Homem quer ao mesmo tempo, sentir-se integrado nessa mesma sociedade da qual faz parte, e sentir expressada a sua singularidade enquanto indivíduo, pois apesar do Homem ser uma entidade com carácter próprio, ele tem a necessidade e o desejo de não se sentir excluído, procurando por isso associar-se a outros. “Most if not all modern experiments in communal living have diverted an existing space to their own purposes and so lost their impetus on account of an inappropriate spatial morphology[...]. The 'masses', meanwhile, among whom genuine differences exist, and who at the deepest (unconscious) level seek difference, continue to espouse the quantitative and the homogeneous. The obvious reason for this is that the masses must *survive* before they can *live*.”²⁴ Isto revela que é a expressão individual que cada um dá ao seu espaço, que lhes confere alegria e conforto

22 - Lefebvre, H., 1974, p. 57

23 - Heidegger, M., 1958, p. 140

24 - Lefebvre, H., 1974, p. 380

ao utilizá-lo, e é por isso que o processo de apropriação acontece, muitas vezes até inconscientemente. Este processo de diferenciação do indivíduo dentro da sua comunidade, pode acontecer muitas vezes mascarado e apenas dentro da sua intimidade, pois como revela a afirmação de Lefebvre, de um modo geral, o colectivo tende para a transmissão de uma imagem homogénea e coesa, deixando por vezes apenas o espaço da intimidade/privado para o Homem se libertar das concepções sociais à sua volta e viver esse espaço segundo as suas próprias crenças.

Uma outra condicionante que revela a acção do Homem no espaço é o tempo. Tempo esse, que é uma ferramenta tomada pelo Homem ao longo de sua vida na realização da sua actividade, e um bem garantido que desempenha um papel central em toda a percepção e entendimento do espaço, como aliás revela Lefebvre: “time plays a part in the process, and indeed appropriation cannot be understood apart from the rhythms of time and of life.”²⁵

O tempo surge aqui como uma entidade constantemente associada a uma outra, o movimento. Esta relação é vista por estudiosos e filósofos como Aristóteles, Plotino e Heidegger, como uma relação de dependência e complementaridade, que irá assim formar a corrente de acontecimentos cronológicos que entendemos por passado, presente e futuro. A concepção de tempo de Aristóteles, apresentada por José Reis, aborda essa mesma relação, esclarecendo: “O tempo não é portanto o movimento, mas liga-se a ele. Liga-se tanto a ele que, se para além do hábito imemorial que o liga ao movimento do céu examinarmos detidamente a questão, pura e simplesmente não o há sem movimento.[...] Justamente, o tempo não acrescenta ao movimento senão a divisão formal e a consideração das partes assim obtidas em termos de antes e depois.”²⁶ Ou seja, o tempo e o movimento não são a mesma coisa, mas sim a razão um do outro, uma vez que é o tempo que marca e regista o movimento e é o movimento que dá propósito ao tempo, pois se nada se verifica ou altera num dado espaço, o tempo mantém-se inalterado, ou pelo menos é essa a sensação obtida, segundo afirma Aristóteles: “[...]é necessário, para haver tempo, que haja mudança”²⁷.

Essas mudanças são vistas como acontecimentos que vão ter impacto no espaço e no habitante à medida que o tempo vai passando por eles. Plotino, outra referência teórica para este tema, associava constantemente o tempo e o movimento à vida da alma do Homem, afirmando que só com esta ligação sensível ao movimento é que o Homem é capaz de tomar consciência do tempo e da sua envolvente, desenvolvendo uma conexão emocional com eles.²⁸ O tempo é uma entidade importante na evolução dos espaços, dos usos e das perspectivas na Unité de Firminy. As mutações e relações sociais, bem como as interpretações a que os espaços de habitação são alvo, dependem enquanto acções, da passagem do tempo para alterar e consolidar as suas novas condições e características, para que estas se moldem à identidade e interpretação dos seus habitantes.

Algumas alterações levadas a cabo pelo ocupante do espaço, podem demorar até surtirem o impacto desejado no mesmo. Isso tem a ver com o factor da habituação a algo que anteriormente era estranho. O tempo é a chave para desbloquear esse processo de familiarização. Este conceito de habituação é aqui introduzido através da sua definição e de outras com as quais se conecta, segundo perspectivas

25 - Lefebvre, H., 1974, p. 166

26 - Aristóteles *apud* Reis, J., 2007, pp. 24-25, 31

27 - Aristóteles *apud* Reis, J., 2007, p. 78

28 - Plotino *apud* Reis, J., 2007, pp. 93-94

enquadradas na área da Sociologia:

- “**Hábito/Habituação** (*habitude*): Maneira de pensar e agir adquiridos pelo indivíduo e que se torna, em grande parte, inconsciente e automática. Termos associados: repetição, rotina, estereótipo, mecanismos de aprendizagem e de interiorização.”²⁹
- “**Adaptação**: 1- Em sentido biológico, a adaptação consiste no processo segundo o qual o organismo responde às transformações do meio, de modo a restabelecer um equilíbrio que foi alterado. Trata-se portanto, de um processo de ajustamento do organismo ao meio ambiente; 2 - No âmbito da psicologia do desenvolvimento, Piaget considera a adaptação como o equilíbrio entre a acomodação e a assimilação. É por isso que a socialização pode ser entendida como um processo adaptativo.[...] a adaptação de um indivíduo ao grupo de pertença constitui um processo intersubjectivo de ajustamento, conseguido sobretudo pela socialização primária e as novas experiências. Perante uma situação nova, o indivíduo adapta-se ao mobilizar os recursos cognitivos disponíveis e as atitudes normativas interiorizadas no decurso do processo de socialização, ao mesmo tempo que a nova situação poderá eventualmente levá-lo a modificar alguma dessas atitudes e a enriquecer as suas capacidades cognitivas.”³⁰
- “**Habitus**: É Durkheim (1938) tal como M. Weber (1922) que vão buscar a noção de *habitus* à tradição aristotélica, que seguem mais ou menos textualmente neste ponto. Em Aristóteles, o conceito de *hexis* – que Tomás de Aquino (1225-1274) traduz para *habitus* – designa as disposições psíquicas que podem ser influenciadas pela educação, por exemplo, mas que não são nem inconscientes, nem subtraídas à acção da vontade, nem determinadas de maneira exclusivamente social, nem *a fortiori* determinadas unicamente pela posição no sistema de estratificação social; além disso, estas disposições não determinam de modo nenhum de maneira mecânica nem as representações nem as acções do sujeito. É preciso concebê-las mais como quadros ou guias, de que o sujeito pode desligar-se com maior ou menor facilidade. É por isso que E. Durkheim pode ver na educação não um adestramento, uma inculcação ou uma programação, mas um processo que contribui para aumentar a autonomia do indivíduo.”³¹

Este acto de habituação, no sentido da adaptação ao meio onde é introduzido, tem forçosamente de acontecer em prol da criação de uma ligação, uma vez que o Homem surge como uma entidade estranha ao espaço. Social ou intimamente, a acção do indivíduo perante o espaço em questão vai ser sempre influenciada por factores exteriores quando este contacto é novo para o ele, sendo que o seu processo de assimilação, resposta cognitiva e autonomia perante estas situações, vai evoluindo consequentemente com as suas interacções e anteriores vivências. É aqui que o encadeamento temporal faz com que este espaço cresça de importância para o Homem quando este quer habitá-lo,

29 - Ferréol, G., 1991, p. 107

30 - Maia, R. L., 2002, p.13

31 - Cazeneuve, J., 1975, p. 119

levando a que no limite este passe de um espaço descaracterizado a um espaço que reflita a sua ideia de casa e desperte nele sentimentos de segurança e vontade de permanência, pois segundo Bachelard, todo o espaço verdadeiramente habitado traz a essência da noção de casa³².

As alterações que se processam num dado espaço por parte do Homem são, de modo geral, uma construção, e quando este espaço é o espaço da sua casa, este vai construir a sua intimidade face à entropia da sociedade exterior. Como refere Heidegger: “Parece que só é possível habitar o que se constrói. Este, o construir, tem aquele, o habitar, como meta.[...] Essas construções oferecem ao Homem um abrigo.”³³. Tudo o que o Homem constrói é passível de ser vivido da maneira que este, enquanto seu criador, pensou, ou de outra forma qualquer consoante a interpretação de quem dele for usufruir, tendo sempre como propósito o uso para benefício próprio.

Quando constrói, o Homem, está apenas a realizar uma tarefa básica inerente ao seu existir desde os seus primeiros tempos, e que por necessidade começou a praticar, ao observar os comportamentos de outros animais que eficazmente construíam estruturas que respondiam às suas mais cruciais necessidades, focando-se no que era essencial à sua vivência.³⁴ É através do processo de observação que é despertada a faceta de adaptação e alteração das condições com que o Homem se depara, e com ela, o Homem, aprende a moldar os espaços a si mesmo, representando-se naquilo que necessita ou sente falta quando não se encontra perto destes mesmos espaços. É neste sentido que Rudofsky, enquanto crítico dos processos de adaptação e apropriação do Homem na sua representação espacial, procura encontrar uma lógica de intervenção e desenvolvimento humano face aos seus espaços e sua integração, consoante as situações e falhas com que se vão deparando. Um Homem só se integra completamente num dado espaço quando este responde a todas as suas exigências e vê nele reflectidas, através das suas ferramentas próprias, as ideias consequentes da sua experiência de habitar.

1.2 Habitação, o espaço da casa

Analizados já os conceitos referentes à actuação do Homem perante um espaço, resta agora definir esse espaço em questão e os vários entendimentos multidisciplinares inerentes ao mesmo. A casa enquanto elemento arquitectónico que remete para um local físico construído com vista à ocupação íntima e pessoal de seu habitante, não é a única definição que importa a esta Dissertação. Importa igualmente aferir outros entendimentos da palavra casa e suas derivações, para que posteriormente sejamos capazes de analisar criticamente as intervenções ocorridas dentro de alojamentos de carácter semelhante e concluir sobre as diferentes influências e experiências que estão por trás das ligações estabelecidas com os espaços.

Ao longo da evolução humana, o entendimento geral e aplicação do termo “casa” foi sendo adoptado pelas pessoas na referência ao lugar onde residem ou ao espaço onde habitam. Mas o conceito de casa

32 - Bachelard, G., 1958, p. 4

33 - Heidegger, M., 1958, p. 125

34 - Rudofsky, B., 1964, p. 4

pode ser bastante mais abrangente, uma vez que nem todas as pessoas entendem a casa da mesma maneira e nem esta representa forçosamente o mesmo para todas elas. O termo casa, é entendido aqui antes de mais, como um símbolo, uma representação linguística do elemento que nos remete uma ideia de habitar e de conforto. Para a presente Dissertação, do ponto de vista arquitectónico, a casa pode ser entendida como um conjunto de espaços hierarquizados que vão responder às necessidades de resguardo do Homem, onde este pode ter um lugar físico em que mantenha os seus pertences e tenha os seus momentos íntimos. Esta casa é o produto da acção do arquitecto enquanto Homem criador para o usufruto do Homem enquanto habitante. Ao usar o termo “casa” o Homem em geral, tem como referências os locais físicos e emocionais por onde passou e onde lhe foram despertados sentimentos calorosos ou momentos onde se sentiu feliz e confortável, pois a lembrança e a memória têm um papel importante na definição do lugar em que se quer permanecer. Até como José Reis, refere relativamente a Plotino, no seu livro *Sobre o tempo* de 2008, uma definição que realça o percurso humano face às suas vivências, dizendo que segundo o filósofo neoplatónico, tempo é a vida da Alma, que consiste no movimento pelo qual ela passa de um estado a outro. Esta afirmação remete-nos para a abordagem heideggeriana, igualmente exposta pelo mesmo autor neste livro, de que ao passarmos de percepção em percepção, estas vivências vão constituir o nosso tempo próprio e fazer parte da nossa memória, que segundo Heidegger simboliza a retenção, para que com o objectivo de criar uma ligação com o presente, recorramos a elas de modo a constituirmos uma realidade próxima e relacionável. Para Heidegger, o futuro só se pode estabelecer a partir do passado³⁵, e é aqui que entram as sensações retidas na memória do Homem quando este se liberta para se referir à sua “casa”. Nem todos os espaços que o Homem habita, despertam nele tais sensações e por isso ele não os chama de casa, mesmo que neles more ou tenha sua residência. Isto porque, de alguma maneira, se sentiu física ou emocionalmente desligado deles e criou uma certa distância que impediu a sua ligação a esses espaços enquanto espaços familiares dos quais se quis lembrar e recriar ao longo da sua vida. Desta forma qualquer espaço emocionalmente distante do Homem acaba por perder o seu significado, mesmo que fisicamente o Homem se encontre nele ou perto dele. “Uma casa morre, se não é habitada com amor.”³⁶

Muitas vezes a expressão “sinto-me em casa” é usada pelo Homem, não para se referir à própria residência, mas sim para dar relevo a um sentimento de bem-estar encontrado em determinada situação e que nele despertou reacções e sensações semelhantes às quais ele retira quando se encontra na estabilidade do seu “lar”. A ideia de “casa” enquanto “lar”, representação física do habitar, é o que transmite estabilidade e paz ao ser humano, ou pelo menos a ilusão de tal existir. Gaston Bachelard, no seu livro *La poétique de l'espace*, afirma: “In the life of a man, the house thrusts aside contingencies, its councils of continuity are unceasing. Without it, man would be a dispersed being. It maintains him through the storms of the heavens and through those of life. It is body and soul. It is the human being's first world.”³⁷

Pode portanto verificar-se alguma subjectividade e abrangência no uso dos termos como os anteriormente referidos, então, torna-se por isso necessário definir alguns conceitos que ajudem a

35 - Martin Heidegger *apud* Reis, J, 2007, p. 791

36 - Couto, M., 2006, consultado a 17/02/2016 em: <http://www.citador.pt/frases>

37 - Bachelard, G., 1958, pp. 6-7

entender as derivações do termo “casa” e do acto de habitar, uma vez que para diferentes situações podem ser utilizados diferentes termos que melhor se adequem à realidade específica. Uma vez que novamente, o cruzamento interdisciplinar com conceitos de Dicionários das disciplinas da Arquitectura e Sociologia, não se mostrou proveitoso na desconstrução dos termos em discussão, houve a necessidade de recorrer às definições correntes presentes em Dicionários da Língua Portuguesa:

- “**Casa:** *s. f.* (do latim *casa*, *-ae*, cabana, casebre) – 1. Nome genérico de todas as construções destinadas a habitação; 2. Construção destinada a uma unidade de habitação = MORADIA, VIVENDA; 3. Cada uma das divisões de uma habitação = COMPARTIMENTO, DEPENDÊNCIA; 4. Local de habitação = DOMICÍLIO, LAR, MORADA, RESIDÊNCIA; 7. Conjunto de pessoas da família ou de pessoas que habitam a mesma morada; 11. Local ou instalação que se considera pertença de algo ou alguém.”³⁸ // “**Casa:** *s. f.* - 1. Qualquer construção destinada à habitação; prédio; residência; vivenda; 2. Cada uma das divisões de uma habitação; 3. Conjunto dos membros de uma família; 4. Conjunto dos bens de uma família.”³⁹ // “**Casa:** *s. f.* (do latim *casa*) – 1. Edifício para habitação: *uma casa moderna*; 2. Morada, andar, moradia, vivenda: *vou para a minha casa*; 3. Cada uma das divisões de uma habitação; quarto: *uma andar com oito casas*; 4. Estabelecimento; 5. Família: *é da casa de Bragança*; 6. Mobiliário; 7. Bens: *fez boa casa*.”⁴⁰ // “**Casa:** Aposento; bens; compartimento; divisão; domicílio; edifício; estabelecimento; família; firma; fogo; geração; habitação; lar; mansão; mobiliário; morada; moradia; ninho; prédio; residência; tecto; vivenda.”⁴¹
- “**Habitação:** *s. f.* (do latim *habitatio*) – 1. Lugar em que se habita; 2. Morda; 3. Residência.”⁴² // “**Habitação:** *s. f.* - 1. acto ou efeito de habitar; 2. lugar ou casa de onde se habita; residência; domicílio.”⁴³ // “**Habitação:** Acolheita; albergue; alojamento; aposento; assentamento; casa; domicílio; estância; ficada; habitat; lar; mansão; morada; moradia; residência; tecto; vivenda.”⁴⁴
- “**Habitar:** *v. tr.* (do latim *habitare*) – 1. Residir ou viver em; morar em; 2. ocupar; povoar; 3. estar em; 4. frequentar; 5. estar domiciliado; residir; morar.”⁴⁵
- “**Abrigo:** *s. m.* -1. Acto ou efeito de abrigar; 2. lugar defendido das intempéries; 3. resguardo contra o frio; 4. asilo; guarida; refúgio; 5. porto; baía; enseada; 6. apoio; amparo; 7. (militar) tudo o que confere protecção a homens, materiais e animais contra os fogos do inimigo.”⁴⁶ // “**Abrigo:** abrigada; acolheita; acolhimento; agasalho; amparo; angra; asilo; auxílio; cobertura; defesa; enseada;

38 - Consultado a 28/02/2016 em Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (online), disponível em: <https://www.priberam.pt/DLPO/casa>

39 - Dicionários Editora, 2004, p. 314

40 - Grandes, R. (Volume I), 1996, p. 544

41 - Dicionários Editora, 1995, p. 250

42 - Grandes, R. (Volume I), 1996, p. 1319

43 - Dicionários Editora, 2004, p. 746

44 - Dicionários Editora, 1995, p. 602

45 - Dicionários Editora, 2004, p. 746

46 - Dicionários Editora, 2004, p. 11

escudo; guarida; ninho; porto; protecção; recolhimento; refúgio; resguardo; socorro; sustento; tecto.”⁴⁷

• “**Lar:** *s. m.* – 1. Casa de habitação; 2. família; 3. pátria; 4. lugar onde se acende o lume na cozinha.”⁴⁸ // “**Lar:** *s. m.* (do latim *Lar; Lars*, protector da casa) – 1. Casa de habitação; 2. o seio da família; 3. família; 4. lugar em que se acende o fogo, na cozinha; 5. pátria.”⁴⁹

• “**Demorar:** *v. tr.; v. intr.; v. intr. refl.* (do latim *demoror; -ari*, ficar, deter-se) – 1. Fazer esperar, retardar; 2. deter; 3. estar situado; 4. habitar; permanecer; 5. levar tempo; atrasar-se; 6. ficar; residir.”⁵⁰ // “**Demorar:** *v. tr.; v. intr.* (do latim *demororari*) – 1. Deter; 2. sustar; retardar: *retardar uma resposta*; 3. estar situado; 4. habitar: *demorar em Pedrouços*; 5. permanecer.”⁵¹

Todos estes conceitos remetem para um local de resguardo, de protecção, de permanência e onde algo ou alguém se demora. A casa no sentido arquitectónico e mais usual do termo, pode significar uma morada, residência, um lar, remetendo sempre para uma construção, edificação. Trata-se também de um alojamento quando abordada num contexto mais abrangente onde várias casas se encontram agregadas por um elemento comum, como são os casos dos blocos de apartamentos ou uma unidade de habitação social. Esta abordagem da casa enquanto alojamento individual integrado num conjunto de habitação colectiva é essencial para a compreensão da análise desta Dissertação, visto que a casa enquanto modelo reproduzível de célula habitacional é o objecto primário da constituição desta comunidade. Aqui a habitação é num momento inicial aproximada a um carácter mais impessoal, até ao momento em que é integrada juntamente com as restantes no seu conjunto e passa a permitir a inserção do Homem no seu interior enquanto seu habitante, estando posteriormente dependente da ligação que este estabelece com ela. Casa pode também ser entendida como um abrigo para o Homem onde este tem o seu “canto” e se protege e segundo Heidegger:

“Resguardar é, em sentido próprio, algo positivo e acontece quando deixamos alguma coisa entregue de antemão ao seu vigor de essência, quando devolvemos, de maneira própria, alguma coisa ao abrigo de sua essência[...] libertar para a paz de um abrigo. Habitar, ser trazido à paz de um abrigo, diz: permanecer pacificado na liberdade de um pertencimento, resguardar cada coisa em sua essência. O traço fundamental do habitar é esse resguardo.”⁵²

O acto de ocupar permanentemente estes espaços que remetem à intimidade pode ser referido, como de resto habitualmente é, como habitar. É este habitar enquanto relação do Homem com o espaço, condição essencial intrínseca ao seu ser, que vai ditar o propósito da actividade humana, pois se o Homem existe, é porque habita, e se habita é porque existe. “Os espaços abrem-se pelo fato de serem admitidos no habitar do homem. Os mortais são, isso significa: em habitando têm sobre si espaços em

47 - Dicionários Editora, 1995, p. 4

48 - Dicionários Editora, 2004, p. 999

49 - Grandes, R. (Volume II), 1996, p. 1525

50 - Dicionários Editora, 2004, p. 480

51 - Grandes, R. (Volume I), 1996, p. 788

52 - Heidegger, M., 1958, p. 129

razão de sua de-mora junto às coisas e aos lugares.”⁵³

A casa é uma entidade que, além do seu papel físico fundamental, tem também a função de incluir/fazer pertencer o seu habitante, dando significado e razão à sua permanência (estabelecer uma relação de dois sentidos). A permanência está na base da ligação do Homem a um dado espaço, pois se este procura estar dentro de um espaço para se sentir incluído no mesmo, então é porque necessita dele e das suas características para habitar e construir a sua intimidade. Um indivíduo tem para isso de criar laços inquebráveis com o mesmo, tem de “ficar” nele, permanecer nele, como aliás, defende Heidegger: “Habitar é bem mais um demorar-se junto às coisas.”⁵⁴. Ao demorar-se, o Homem vai explorar o espaço, conhecer suas qualidades e defeitos e reconhecer na sua memória traços que vão remeter para certas situações, de modo a fazer deste espaço o seu lugar. A troca de experiências e memórias entre um e outro vai começar a modificar ambas as partes, fazendo com que a sua ligação se torne mais forte e eficaz e para que a sua história se desenvolva de modo a que o dito espaço permaneça na memória do seu habitante no futuro sempre que este o deixar, e desencadeie sensações de desconforto e saudade sempre que a sua ausência se prolongue em demasia.

Expressões como as seguintes, corroboram a necessidade de ligação emocional do Homem ao seu espaço pessoal:

“A man travels the world over in search of what he needs and returns home to find it.”⁵⁵

“Imagine uma pessoa que não tem lugar. Anda perdido, desorientado. E imagine outra pessoa que é filho de família, tem os pais, os irmãos, a casa. A casa é muito importante. Vai sempre seguro de si porque tem um sítio de acolhimento se as coisas lhe falharem. Digamos a casa, digamos o lugar, digamos o sítio. Tal como o Ulisses volta a casa. Ele quer voltar ao recolhimento, à segurança, ao aconchego. O aconchego do ventre da mãe. A casa do homem é o ventre da mãe. Onde ele está e não precisa de fazer nada, tem tudo. E é feliz.”⁵⁶

Sem essas ligações, o indivíduo ficaria disperso, sem lugar, sem referências, sem um porto seguro aonde voltar, como de resto Pedro Filipe defende na sua Tese de Mestrado⁵⁷. Sem essas ligações, ele perderia assim uma parte fundamental da sua identidade enquanto ser humano (na medida em que este conceito foi sendo desenvolvido e adquirido pela sociedade até aos dias de hoje). Passaria a ser um Homem-sem-casa, um *Homeless*, quanto mais não fosse, no sentido psicológico e simbólico do termo, pois não é sequer pelo simples facto de um indivíduo possuir ou ser dono de um espaço físico, onde tem sua residência fixa, que se pode referir a ele enquanto “casa” ou “lar” se não se sentir próximo deste. Pode morar nele, mas não o habita nem o vive, pois esse acto implica mais do que ter um edifício composto por quatro paredes e um tecto na sua posse, como sublinha Heidegger: “[...]para o homem[...]nem todas as construções são habitações.”⁵⁸. Coisas como família, paz, repouso e calor são

53 - Heidegger, M., 1958, p. 136

54 - Heidegger, M., 1958, p. 131

55 - Moore, G. A., 1916, consultado a 17/02/2016 em: [https://en.wikiquote.org/wiki/George_Moore_\(novelist\)](https://en.wikiquote.org/wiki/George_Moore_(novelist))

56 - de Oliveira, M., 2004, consultado a 17/02/2016 em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/entrevista/05.020/3322>, excerto de entrevista de Manoel de Oliveira ao magazine Vitruvius)

57 - Filipe, P. J., 2014, p. 19

58 - Heidegger, M., 1958, p. 125

necessárias ao estabelecimento do Homem. Um homem que não tenha o seu retiro, abrigo ou local de retorno, é visto como alguém perdido e sem qualquer conexão aos locais e espaços, e por isso vagueia emocionalmente entre referências efémeras.

O que é que o Homem entende por habitação? O que precisa ele ter na sua residência para esta se elevar ao estatuto de casa? Onde é e como é este espaço de habitação? São questões demasiado relativas para serem respondidas com exactidão, pois cada um procura algo específico em cada espaço e quer ver respondidas necessidades distintas durante o seu uso do mesmo. Cada um tem a sua ideia pré-definida de habitar, apesar dessa concepção poder naturalmente vir a ser alterada ao longo da sua vida ao contactar com outras realidades. Uma generalização dos diferentes traços e tradições entre diferentes zonas ou povos, foi sendo introduzida como princípio homogeneizador e de aceitação dos modos de habitar entre membros da mesma cultura. Mas será que todos os indivíduos de uma determinada cultura necessitam dos mesmos mecanismos para experienciarem a sua habitação da forma que melhor se adequa à sua realização pessoal? Provavelmente não, até porque “Cada indivíduo é único. E seja o que for, é dessa maneira que a existência quer que esse indivíduo seja.”⁵⁹.

A casa, enquanto espaço físico pode, adquirir várias formas e aspectos, albergar vários compartimentos, ser preenchida e ordenada de várias maneiras; o que ela tem forçosamente de ser sempre, é um lugar, onde o “quando” ou o “de que tipo” não são da principal importância. O que interessa apenas para esse lugar, é que exista e capte a essência da presença do seu habitante, como afirma Mary Douglas:

“The question is not How? Nor Who? Nor When? but Where is your home? It's always a localizable idea. Home is located in space, but it is not necessarily a fixed space. It does not need bricks and mortar, it can be a wagon, a caravan, a boat, or a tent. It need not be a large space, but a space there must be, for home starts by bringing some space under control. Having shelter is not having a home, nor is having a house, nor is home the same as household. For a home is neither the space nor its appurtenances have to be fixed[...]”⁶⁰.

O termo casa, é aqui exposto essencialmente enquanto uma ideia, como uma essência intrinsecamente ligada ao Homem, como de resto é defendido ao longo deste capítulo. Para que essa ideia se verifique, tem que existir um dado lugar, onde a presença do Homem se faça notar através de uma reprodução física e prática dos elementos por ele apreendidos e associados a uma actividade de habitar algo que lhe pertence.

59 - Osho, 2009, consultada a 17/02/2016 em: <http://www.citador.pt/textos>

60 - Douglas, M., 1991, p. 289



Figura 1: Edifício de apartamentos na Rua Franklin, nº 25, de Auguste Perret

2 Análise evolutiva do modelo de habitação em Le Corbusier

2.1 Contextualização moderna e influências na obra de Le Corbusier

Ao longo do seu percurso enquanto arquitecto, Le Corbusier contactou com várias experiências diferentes de pensar a arquitectura modernista, quer enquanto aprendiz que procurava absorver conhecimentos construtivos e temáticos, quer como protagonista entre os arquitectos que procuravam encontrar o caminho para o modernismo nas suas obras. Estas influências, serão aqui analisadas de modo a aferir o seu contributo na evolução dos elementos e conceitos que viriam posteriormente a constituir a solução de Le Corbusier para o modelo de habitação colectiva.

Durante a sua passagem por Paris, entre 1908 e 1909, Le Corbusier, nessa altura ainda conhecido por Charles-Édouard Jeanneret, trabalhou com Auguste Perret, um arquitecto francês racionalista com uma educação clássica recebida na Escola de Belas-Artes, que começou, principalmente no início do século XX, a desenvolver bastante o seu trabalho em torno do uso do betão armado e seus métodos construtivos como alternativa viável a uma arquitectura mais clássica.⁶¹

Eram visíveis em Perret preocupações relativas à racionalidade da disposição e proporção dos elementos construtivos que integravam a constituição dos espaços arquitectónicos, não apenas como suporte sobre o qual se criavam as formas belas, mas como parte assumida do carácter da obra, colocando assim a componente da estética e da hierarquia espacial interna como resultado da importância da componente estrutural. Para Perret, o betão armado poderia trazer novas possibilidades à arquitectura e estabelecer novos sistemas construtivos que posteriormente iriam reflectir-se em beleza, bom funcionamento e harmonia nos edifícios. A sua integração na construção iria trazer consequências, e a propósito disso afirmou:

“La arquitectura viva es la que expresa fielmente su tiempo. La buscaremos en todos los ámbitos de la construcción. Elegiremos obras que, estrictamente subordinadas a su uso y realizadas mediante la utilización juiciosa de los materiales, alcancen la belleza a través de la disposición y las proporciones armoniosas de los elementos necesarios de los que están formadas.”⁶².

Uma das maiores contribuições de Perret para a aprendizagem e trabalho de Le Corbusier, foi o contacto que este teve com o edifício de apartamentos na Rua Franklin, nº 25 em Paris, de 1902-1903 (figura 1), obra na qual esta Dissertação se focará com maior detalhe, dado o contacto quotidiano que Le Corbusier estabeleceu com ela enquanto trabalhou no atelier de Perret, localizado no seu interior, como afirma Armando Rabaça na sua Tese de Doutoramento em relação ao contributo para a *promenade architecturale*: “The fullest contribution of Perret to the comprehensive architectural promenade of Le Corbusier’s dwellings must however take into account the apartment house at 25bis rue Franklin (1903), where Jeanneret worked daily.”⁶³. Este edifício tinha como conceito base o desenvolvimento de uma estrutura regular e rectangular em betão armado, onde já se enunciavam alguns princípios de planta livre e de uma ossatura mais leve e pontual. A sua estrutura de betão estaria embutida nas paredes, sem pontuar o espaço interior com a sua presença, à excepção do piso

61 - Curtis, W., 1984, p. 73

62 - Auguste Perret *apud* Curtis, W., 1984, p. 73

63 - Rabaça, A., 2013, p. 142

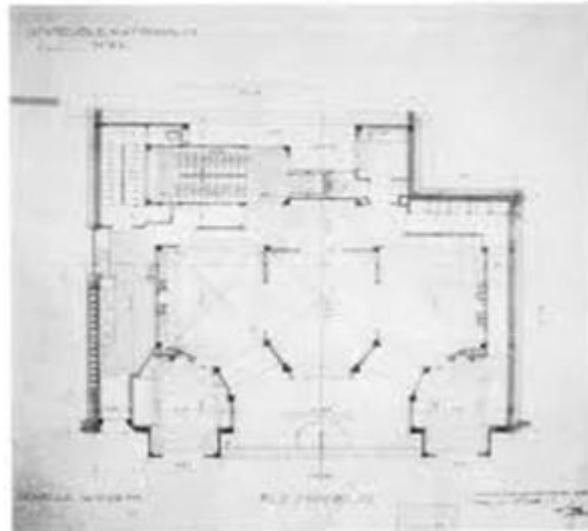


Figura 2: Planta de andar-tipo intermédio do edifício de Perret

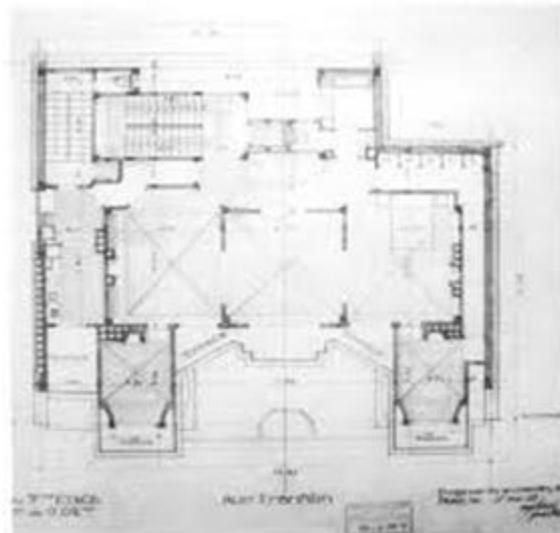


Figura 3: Planta do oitavo piso do edifício de Perret



Figura 4: Maquete do interior e fachada de um andar-tipo intermédio do edifício de Perret

inferior onde Perret tinha instalado o seu atelier e onde apareciam os pilares como pontos de suporte da estrutura no meio de um espaço aberto e desimpedido, remetendo aí já para o tema dos *pilotis* a aparecerem a suportar a base do edifício, tema importante para Le Corbusier e para a arquitectura modernista da década de vinte, como referido por William Curtis.⁶⁴ Curtis, exaltava também numa das suas afirmações, o carácter intencional, apontado e regrado destas construções em betão, nomeadamente as que tiveram o contributo de Perret, graças à sua estrutura e consequente competência organizacional e compositiva, que conferiam ao espaço criado um estatuto de obra de arquitectura: “Lo que hacía que las viviendas de la Rue Franklin fuesen arquitectura, en vez de simple construcción, era el modo en que se había dado a estas intenciones prácticas una forma clara y tectónica.”⁶⁵

Este edifício tinha nove pisos, sendo que o rés-de-chão era ocupado pelo escritório/atelier de Perret, o oitavo piso era ocupado pelos funcionários que prestavam serviços aos alojamentos e o nono e último piso era onde se situava a residência do próprio Perret. Os restantes pisos eram ocupados por alojamentos individuais desenvolvidos em forma de U em torno de um pátio frontal, sendo organizados pelo espaço de circulação vertical comum e pelas instalações sanitárias nas traseiras, sucedendo-lhes os espaços de serviço como a cozinha e corredores, que envolvem as amplas divisões principais das salas e quartos que desenham o U da fachada (figuras 2, 3 e 4).⁶⁶ A sua localização tinha em conta o enquadramento sobre a paisagem e sobre a cidade, que Perret privilegiava no seu trabalho, conferindo desta forma ao edifício, uma vista esplêndida sobre o rio Sena e a Torre Eiffel⁶⁷. Com este propósito, Perret decidiu desenhar a fachada de um modo diferente daquele que se via naquela época em Paris, dando grande importância às aberturas (de modo semelhante ao encontrado no modelo de Unité d’Habitation), criando grandes janelas e compondo uma fachada dinâmica de forma côncava com cinco faces que formava um pátio frontal (tipo *bay window*), como se pode ver na figura 5. Sobre este novo formato de fachada praticado aqui por Perret, Armando Rabaça afirma: “[...]Perret’s design inverts the traditional scheme of the Parisian housing blocks by eliminating the rear court commonly used to provide illumination and ventilation to the back rooms, displacing it to the front.”⁶⁸ Esta nova localização do “pátio” na fachada permite que as divisões de maior relevância para a composição doméstica (quartos e salas) ganhem protagonismo na fachada e na composição do espaço enquanto elementos geradores de planta. Isto faz com que sejam relegados para as traseiras os espaços de serviço à habitação, para que assim as divisões de maior relevância se voltem para a fachada, de modo a iluminarem a totalidade do espaço (como se verifica nos alojamentos da Unité). Está presente também um recuo na fachada no último piso onde se encontra a residência de Perret, libertando esse espaço em frente à habitação para ser utilizado como terraço pelo seu habitante. O facto de Le Corbusier ter contribuído em projectos de Perret que abordam este tema do terraço percorível, como algumas obras que decorreram no terraço do edifício da Rua Franklin, no desenho de um hotel no Rio de Janeiro, em duas casas em Dakar ou ainda em dois apartamentos em Paris, segundo refere Armando Rabaça, teve influência ao longo da sua carreira. Este contacto próximo, sugeriu-lhe a possibilidade do desenvolvimento vertical de conjuntos de alojamentos e de que o

64 - Curtis, W., 1984, p. 77

65 - Curtis, W., 1984, p. 77

66 - Rabaça, A., 2013, p. 143

67 - Curtis, W., 1984, p. 77

68 - Rabaça, A., 2013, p. 144



Figura 5: Fachada côncava do edifício de Perret

terraço poderia ser integrado em composições arquitectónicas, de modo a ser usado como uma zona habitável que coroava o topo do edifício e oferecia uma vista privilegiada sobre a paisagem:

“All things considered, the vertical development of the housing blocks, the sequential scheme of the apartments, and the view over the city from a high vantage point suggest that, during his Parisian stay, his experience of Perret’s building constituted the first step to the re-elaboration of his earlier concerns with a comprehensive ascending narrative, but now within the context of the modern city. This went together with a new attitude towards the city.”⁶⁹.

Além dos contributos acima referidos, Perret revelou ser uma influência importante especialmente na composição do projecto da Villa Schwob de 1916, por exemplo na elaboração do corpo central de pé-direito duplo que permite uma organização em dois pisos, que foi sendo posteriormente desenvolvido e transposto para obras mais tardias da sua autoria, até chegar ao modelo das células habitacionais da Unité d’Habitation, como afirma Armando Rabaça na sua Dissertação de Doutoramento.⁷⁰ No que toca à influência directa que este edifício de Perret teve sobre o desenho do modelo de Unité, pode destacar-se a separação da esfera pública e privada, a articulação hierárquica dos espaços colectivos e a sua distinção, enquanto serviços comuns, em espaços de permanência e de comunicação.

Uns anos mais tarde, e no âmbito de uma arquitectura de alojamento de massas destinadas a grupos de classe operária, ou seja de carácter social, assente em critérios de economia de custos, salubridade e conforto, o arquitecto Auguste Labussière, em 1912, introduz alguns princípios construtivos que ajudarão a impulsionar uma nova visão relativa a este tema, tanto em França como na Alemanha, segundo afirmou Monnier⁷¹. Labrussière defendia que futuramente se deveriam adoptar, por razões práticas e de custo de produção, módulos repetitivos construídos sobre uma ossatura em betão armado, indo ao encontro da posição de Perret neste assunto. Pretendia-se com este modelo, estimular um estudo mais racional no que toca ao tema da habitação de baixo custo.

Para Le Corbusier, um dos objectivos da arquitectura do modernismo é organizar o colectivo⁷². Ele procura organizar o espaço urbano de forma contínua, regrada e hierárquica, para que este sirva da melhor forma o Homem urbano e permita também a sua expressão individual, no seio do seu espaço íntimo. É esta integração do íntimo no colectivo que caracteriza o modelo da Unité d’Habitation, e remete para a sua viagem de 1907 à zona da Toscana, onde estabeleceu contacto com o Convento de Ema.⁷³ Este convento era um exemplo da integração de células independentes de dois pisos, desenhadas em L, em torno de um pequeno jardim comum, inserido num conjunto colectivo formado por celas e elementos de programa religioso. Cada freira possuía a sua célula individual onde se poderia resguardar e recolher dentro do corpo do convento, ao qual eram ligadas através de uma

69 - Rabaça, A., 2013, p. 148

70 - Rabaça, A., 2013, p. 139: “It is however the 1916-1917 Villa Schwob that best expresses the influence of this legacy, bridging between those early works and Le Corbusier’s later dwellings. The connection between the “maison bouteille” and the Villa Schwob – a central double-height space opening to the view and two bedrooms on each side on the upper floor linked by a gallery—was proposed by Le Corbusier himself, and has been accepted by most historians, notably Brooks, who has seen in the former the genesis of the latter. This arrangement, Brooks has shown, would later lead to the main scheme of the Citrohan house, the L’Esprit Nouveau pavilion, and the Unités d’habitation.”

71 - Monnier, G., 2002, p. 20

72 - Le Corbusier *apud* Ginzburg, M., 2007, p. 403: “La arquitectura moderna tiene un gran objetivo: organizar al colectivo. Yo fui el primero en exponer que la ciudad debe ser en sí misma un enorme parque. Pero para permitirme este lujo, sería necesario aumentar la densidad de población de 800 a 3200. Como ve usted, hay muchas contradicciones ligadas a esta sana conclusión que hacía y hago: el hombre tiende a la urbanización.”

73 - Rabaça, A., 2013, p. 83

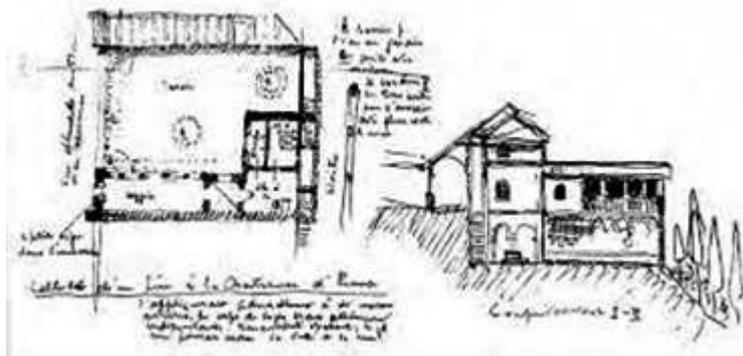


Figura 6: Esquissos de Le Corbusier das células do Convento de Ema, Itália



Figura 7: Conjunto de vivendas Narkomfin em Moscovo, 1928

galeria (figura 6). Existe aqui uma organização do domínio privado dentro do domínio público do conjunto em questão, presente de forma semelhante, mas mais elaborada, no projecto das Unités.

Le Corbusier defende que na cidade moderna, as zonas centrais deveriam estar ocupadas pelos serviços, circundados pela habitação, expulsando assim a indústria pesada do núcleo da cidade, para assim funcionar melhor e mais higienicamente todo o conjunto. Isto tudo, com vista a um futuro mais salubre para a cidade, em que os habitantes vivessem longe da poluição e longe da indústria, localizada pontualmente nas periferias da cidade, para que o seu impacto na mesma fosse sendo reduzido ao mínimo, tentando em simultâneo otimizar as horas de produção e rendimento destas zonas específicas de trabalho. Só assim o seu modelo de cidade se poderia desenvolver e produzir aquilo que o Homem urbano moderno necessita retirar dele, uma vez que este, ao procurar ser urbano e moderno, tende sempre a viver em meio colectivo, como afirmado por Le Corbusier: “Los hombres de todos los países y climas tienden a vivir en colectividad. La vida en colectividad produce bienes industriales e intelectuales. La inteligencia solo se desarrolla en las masas humanas agrupadas, es fruto de la concentración.”⁷⁴. Com isto, o arquitecto afirma que o real potencial intelectual e produtivo do Homem, apenas se desenvolve ou atinge o seu pico, quando este se encontra em sociedade e estabelece contacto com outros, para que o seu contributo seja direccionado ao bem colectivo no meio onde está inserido.

No que toca à concepção de sociedades apoiadas na construção de edifícios de vertente colectiva e princípios de cidade higiénica funcionalista, também a sua visita a Moscovo, na década de trinta, foi importante para conhecer a realidade soviética, contactando com teorias e métodos construtivos assentes em pressupostos comuns em torno da resolução do problema da habitação colectiva urbana, ao nível da socialização total dos processos produtivos e serviços que englobam esse tipo de habitação. Tendo isto em conta, Gínzburg projecta as Vivendas em Narkomfin, de 1928, como sendo um edifício de habitação colectiva, que através de quatro corpos independentes mas inter-relacionados, serviria um conjunto de habitantes de classe social semelhante (figura 7). Este projecto revelava algumas semelhanças e temas em comum com a obra de Le Corbusier, salientando-se a sua importância enquanto referência prática no âmbito da construção colectiva, contribuindo posteriormente enquanto influência para a elaboração dos projectos das Unités, bem como para a transição de modelos de moradia unifamiliar para modelos mais urbanos, sociais e colectivos, como refere William Curtis:

“Un producto típico del grupo fue lo el edificio de apartamentos Narkonfim, construido en Moscú en 1928-1930. El concepto marcaba una transición entre la casa tradicional de viviendas que contenía pisos completamente privados, y un nuevo tipo de alojamiento comunitario en el que algunas zonas eran comunes, y en el que se buscaba un equilibrio razonable entre el individuo, la familia y el grupo social más amplio. El impacto del vocabulario formal de Le Corbusier era indiscutible: las viviendas estaban contenidas dentro de una caja larga y baja, levantada del suelo mediante pilotis, y la ventana corrida se usaba como un recurso primordial para articular el conjunto.”⁷⁵.

Esta obra serviu como laboratório de experiências sociais e investigação das questões relativas à célula habitacional funcional enquadrada nos moldes da produção em série. O complexo incluía um

74 - Le Corbusier *apud* Gínzburg, M., 2007, p. 403

75 - Curtis, W., 1984, p. 209



Figura 8: Familistério de Godin, 1870

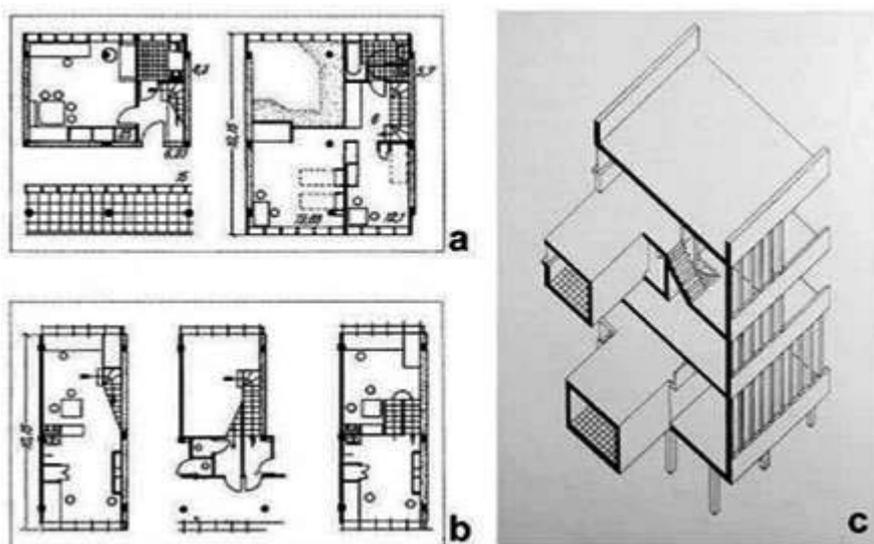


Figura 9: 2 modelos de célula-tipo das vivendas de Narkomfin e axonometria de agregação de células com as galerias

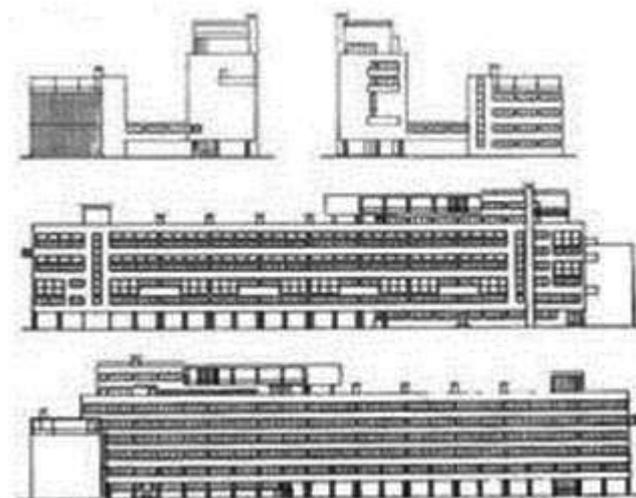


Figura 10: Fachadas do complexo de Narkomfin

corpo principal destinado ao alojamento, um centro comunitário de cariz recreativo, um centro destinado ao fornecimento de serviços, como lavandaria, garagem e loja, e ainda um corpo destinado ao desenvolvimento, educação e cuidado infantis. Este complexo obedecia a um programa revolucionário da nova geração de arquitectos soviéticos, que complementava um pequeno agregado de alojamentos através de um conjunto de serviços comuns.⁷⁶

O modelo de alojamento colectivo praticado, tanto nos projectos das Unités, como no projecto de Narkomfin, encontra-se enraizado num modo de vida socialista, em valores de cooperação e estabilidade e em princípios de combinação do domínio íntimo da habitação e do domínio colectivo dos serviços, como referido por William Curtis a propósito da arquitectura revolucionária russa dos anos vinte e trinta⁷⁷. Este modelo não pode ser remetido apenas para as experiências soviéticas, mas também para experiências mais antigas do período pré-modernista, como o projecto do Familistério de Godin de 1870 (figura 8), que lançou alguns temas importantes ao desenvolvimento de comunidades cooperativas, segundo referido em *Les unités d'habitation en France*:

“Ce serait une erreur de croire que cette question des équipements et des services disponibles dans l'immeuble collectif est seulement issue du contexte soviétique et des études pour la «maison commune». En effect, elle est ouverte en France dès le Familistère de Godin à Guise (vers 1870) et récurrente dans tous les programmes de logement social.”⁷⁸.

À semelhança do projecto das Unités d'Habitation, o edifício de Narkomfin tem uma configuração de volume regular, paralelepípedo, dentro do qual as células habitacionais se vão agregar, estando elevado do chão por um conjunto de pilares de 2,5m de altura. Este acto de elevar o edifício do solo, aparece aqui como solução a alguns problemas levantados por este tipo de edifício, como o facto da zona inferior ser entendida como a menos apropriada para se habitar, por não reunir as condições adequadas para se integrar devidamente com a envolvente do edifício. Este gesto permite, de igual modo ao projecto das Unités d'Habitation, que o espaço público não seja interrompido, continuando livremente por baixo do edifício. Isto também permite que este espaço coberto possa ser utilizado como uma zona de actividade social ou desportiva por parte dos seus habitantes, de modo semelhante ao defendido por Le Corbusier, e que Gínzburg expressou no seu livro⁷⁹.

Ainda relativamente ao projecto de Narkomfin, o corpo destinado ao alojamento é preferencialmente constituído por duas tipologias/variações de célula, sendo que uma delas, a de planta mais rectangular, possui algumas semelhanças ao modelo base da célula-tipo utilizada no projecto das Unités d'Habitation (figura 9). A medida de 2,3m utilizada como pé-direito, é duplicada no espaço da sala ou zona comum da célula, para que este ganhe altura e actue como depósito de ar e fonte de luz para toda a célula, servindo também como sala de jantar, segundo enunciado em *Escritos de Gínzburg*⁸⁰, (enunciando temas semelhantes aos praticados no projecto das Unités). Todo o espaço colectivo do conjunto está interligado horizontalmente através de uma galeria, como se de uma elevada rua coberta se tratasse, de um extremo ao outro do edifício, que serve de corredor aberto relacionado com um espaço de terraço que contacta com a fachada (figura 10). Este edifício é pontuado ainda por uma

76 - Monnier, G., 2002, p. 24

77 - Curtis, W., 1984, p. 209

78 - Monnier, G., 2002, p. 27

79 - Gínzburg, M., 2007, p. 397

80 - Gínzburg, M., 2007, p. 396



Figura 11: Falanstério de Charles Fourier, início do século XIX



Figura 12: Vista aérea de Britz-Siedlung em Berlim



Figura 13: Vista das fachadas interiores do conjunto para a zona do jardim central

estrutura constante de pilares de betão armado, seguindo um módulo de 3,75m presente ao longo de todo o espaço. Também estão presentes equipamentos complementares à actividade dos habitantes, como um ginásio, vestiários, instalações sanitárias e salas diversas, além de ter um refeitório, na sua cobertura.

Tanto este modelo, como o da *Unité d'Habitation*, actuam como condensadores/densificadores sociais, pois são eles que unificam um conjunto de individualidades num todo comum, através de um sistema de serviços e ferramentas colocadas ao dispor dos habitantes, do qual estes retiram uma experiência quotidiana proveitosa para si. Também nisto, esta experiência comunitária, pode remeter para o conceito de Falanstério de Charles Fourier, desenvolvido no início do século XIX (figura 11), de uma sociedade bem determinada, estruturada e hierarquizada em torno da actividade do Homem, Homem esse que Fourier não aceitava que vivesse em isolamento, mas sim segundo o princípio da cooperação social, como referido por Monnier:

“Réunissant ses trois cent trente-sept logements grâce à une galerie commerciale, un hôtel, une terrasse, une piste de course, un bassin à patauger, un jardin d'enfants et un gymnase, l'unité était autant un «condensateur social» que les immeubles soviétiques des années 1920. Cette intégration totale des services communautaires rappelait le modèle du XIX^e siècle du phalanstère de Fourier, non seulement de par la taille, mais aussi de par son isolement par rapport à l'environnement immédiat.”⁸¹.

Estes conjuntos pretendiam servir o Homem de forma a que este, no limite da sua actividade quotidiana, não necessitasse de serviços exteriores à comunidade para se desenvolver. O conceito em questão, serviu de base à elaboração de algumas experiências de habitação quando o Homem enfrentou dificuldades e precisou de reinventar os modelos de comunidade nos quais se inseria, de modo a rentabilizar a sua execução.

Durante o período posterior à Primeira Guerra Mundial, verificou-se na Alemanha uma crise habitacional. Foram por isso criados na década de vinte, alguns grupos e associações constituídos por vários arquitectos e urbanistas, com o propósito de construir habitações económicas para a população. Nasceu assim na Alemanha, o conceito das *Siedlung*, que se tratavam de colónias residenciais baseadas em princípios da cidade-jardim, destinadas primeiramente a alojar a classe operária, oferecendo-lhe espaços higienizados e funcionais perto dos seus locais de trabalho. Segundo Curtis, estas colónias eram vistas pelos seus criadores como protótipos de uma comunidade ideal, uma alternativa à cidade industrial, que pretendia oferecer um estilo de vida socialista e cooperativo à sua sociedade, através de uma visão funcionalista⁸².

Nestas construções, a harmonia e homogeneidade aparente era privilegiada em relação à expressão pessoal, sendo que não eram muito flexíveis no que toca à variedade, distinção ou exaltação de elementos individuais. Isto porque a sua concepção estava assente em processos standardizados e focada na produção em série, pois assim poderiam elaborar conjuntos de forma económica, produtiva e racional. Relativamente ao traçado comum destas colónias Curtis afirmou:

“Un trazado característico era el de un bloque largo y bajo, de entre tres y cinco alturas, com accesos y escaleras entre los pisos pareados situados en cada planta. Esto llevaba a una repetición casi monótona de módulos y elementos constructivos estandarizados, que los arquitectos intentaban humanizar mediante

81 - Monnier, G., 2002, p. 28

82 - Curtis, W., 1984, p. 249

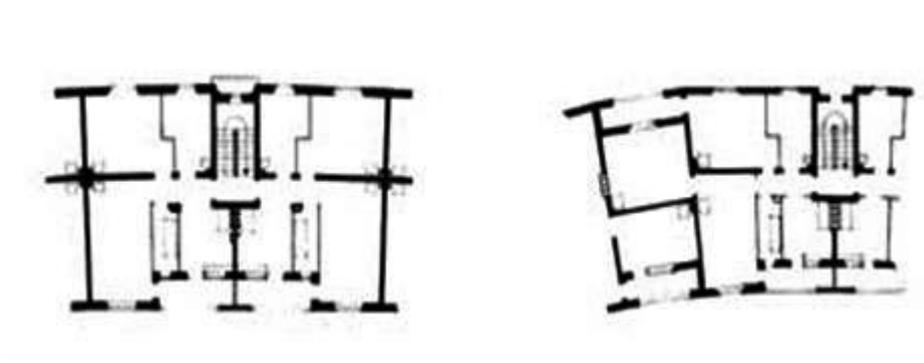


Figura 14: Plantas de zonas de curva ligeira do complexo de Britz-Siedlung

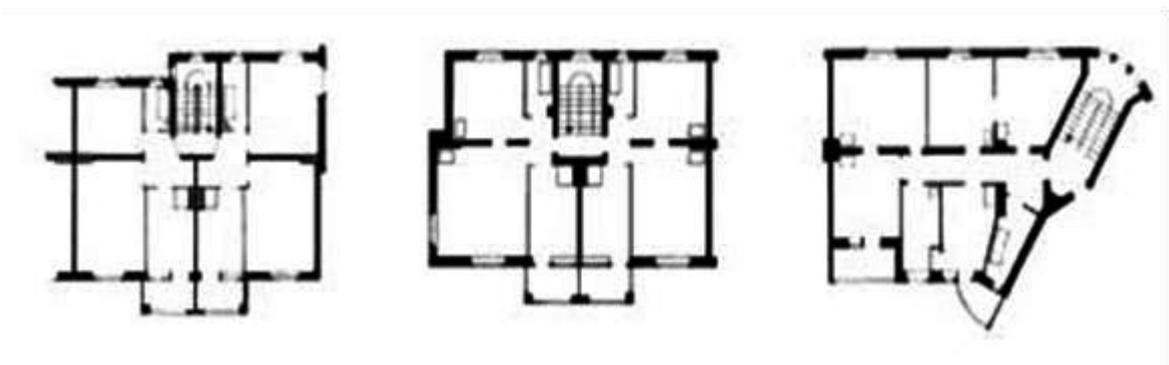


Figura 15: Plantas de zonas específicas com varanda saliente do complexo de Britz-Siedlung



Figura 16: Vista global da colónia habitacional Weissenhof Siedlung em Estugarda, 1927

Pode verificar-se aqui a preferência pela construção de blocos horizontais, sempre apoiados em elementos standarizados para uma maior racionalidade compositiva e maior produtividade conceptual, pois procuravam obter nos edifícios uma imagem de unidade contínua de proporções claras que fosse facilmente relacionada com a sua envolvente, cobrindo um grande lote de terreno, de modo a interligar rapidamente os sectores da cidade e orientar o Homem para a sua actividade. Esta modalidade de ocupação mais alargada do solo, era um ponto discordante face à filosofia de Le Corbusier, pois este defendia através do modelo de cidade-jardim vertical, a construção em altura de modo a libertar uma maior porção de solo da cidade para ser usada enquanto parque pelo peão (como já referido anteriormente e a ser abordado em maior detalhe no capítulo 3).

Relativamente a estes conjuntos, e segundo Curtis, no caso da colónia residencial *Britz-Siedlung*, de Bruno Taut e Martin Wagner, em Berlim, 1928 (figura 12), quando esta foi construída, não foi pensada para funcionar segundo um programa global de comunidade inter-dependente de oferta e prestação de serviços e prolongamentos de habitação (contrariamente o que se verificou no projecto das *Unités d’Habitation*). Neste edifício, apenas foi projectado o espaço para habitar, como um conjunto funcional de casas agregadas, organizadas segundo uma forma plástica, destinado a servir doméstica e racionalmente o trabalhador no final do seu dia e rotina de trabalho, sem mais nada acrescentar ou fazer pela sua actividade. Trata-se mais precisamente de um conjunto de casas em banda, *row houses* (cujos métodos construtivo e compositivo da sua agregação de alojamentos, são o mais relevante no paralelismo com os temas encontrados nas *Unités d’Habitation*). Apesar de formarem uma comunidade residencial, este conjunto não propicia nenhuma actividade ou interacção de carácter comum, além do acto de habitar, que interligue os espaços de habitação e seus habitantes uns aos outros e os faça cultivar as suas relações. Apenas nas várias zonas de escadas comuns, espalhadas ao longo da construção, servindo cada uma delas um número limitado de alojamentos, os habitantes estabelecem contacto. O conjunto apresentava em planta uma forma de ferradura, que dava um certo ambiente de espaço cercado/encerrado, como uma zona resguardada do exterior que se abria mal se entrasse dentro do complexo. Isto transmitia de alguma maneira uma sensação de exclusividade e de pertença, que se associava a uma ideia de comunidade. No interior do complexo estava um jardim arborizado colocado em torno de um pequeno lago no centro, onde os residentes podiam aproveitar as horas livres do seu dia, indo ao encontro dos princípios de sol, vegetação e ar puro defendidos por Le Corbusier, essenciais para uma vida saudável. Através das figuras 13, 14 e 15 podem ver-se tanto as fachadas como as plantas de alojamentos do complexo.

Numa época sensivelmente contemporânea, durante o ano de 1927, foi construída uma colónia residencial em Estugarda, conhecida por *Weissenhof Siedlung*, com o propósito de expôr um conjunto de edifícios ligados à habitação praticada por arquitectos do movimento moderno. Mies van der Rohe, foi nomeado director artístico deste projecto e como tal, convidou dezasseis arquitectos modernistas para que estes expusessem as suas ideias relativas à casa, sem restrições em relação a estilos ou tipologias (figura 16). Entre os arquitectos convidados, que servem para a análise nesta Dissertação, estavam Mies, Behrens e mesmo Le Corbusier. Tanto as construções de Mies e de Behrens, foram

83 - Curtis, W., 1984, p. 249

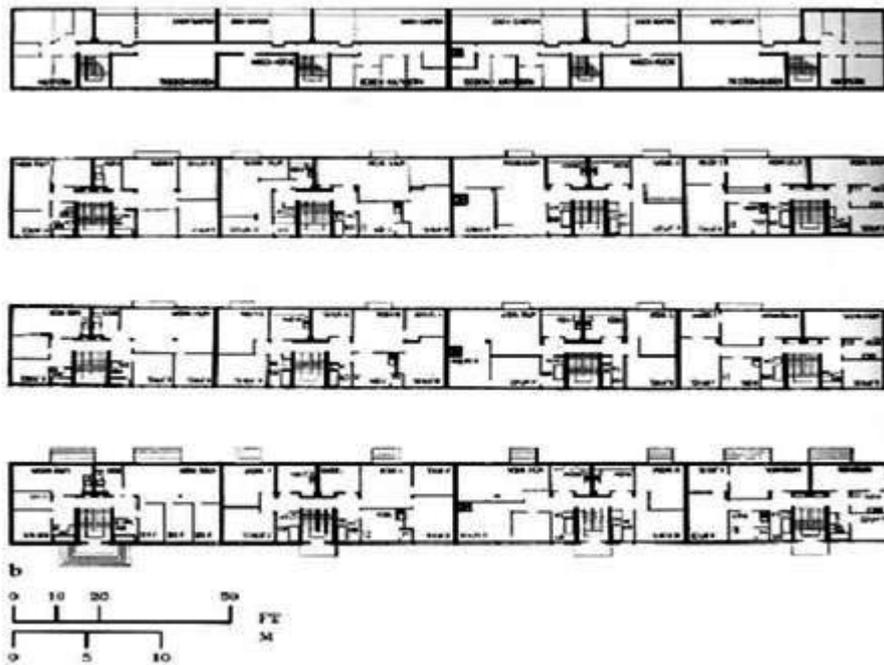


Figura 17: Plantas do edifício de Mies van der Rohe em Weissenhof Siedlung



Figura 18: Fachada do edifício de Mies van der Rohe em Weissenhof Siedlung

concebidas enquanto blocos de apartamentos ou complexos de múltiplas habitações com vários pisos, sendo por isso as maiores propostas em toda a colónia.

A propósito da exposição, Mies afirmou: “The task of architecture, [...] was to illumine the tendencies of our spiritual and material life...to provide space for creative powers, because they, and not organizational authority, are the carriers of development...More important than the demand for material quality is that for spiritual quality.”⁸⁴. Ele acreditava que a criatividade em torno da casa era chave para a criação de novos modelos e para o desenvolvimento de novos mecanismos, que aqui teriam a liberdade para serem vastamente explorados.

Segundo Pommer e Otto⁸⁵, a obra de Mies era uma longa e estreita construção que continha vinte e quatro alojamentos dispostos ao longo de três pisos, orientando as suas aberturas para o eixo Este-Oeste. Em planta, este conjunto estava dividido em quatro zonas de áreas semelhantes ao longo dos três pisos, cada uma delas contendo uma caixa de escadas que servia dois alojamentos. Este edifício tratava-se mais de um caso de *row houses* ou alojamentos em banda, do que de um conjunto de habitação colectiva (contrariamente à tipologia colectiva encontrada no projecto das Unités), pois não tinha serviços de utilização comum e apenas a cada dois alojamentos se encontrava uma entrada comum a servir as habitações no projecto de Mies, como visto na figura 17. Na fachada (figura 18), Mies optou por uma regularidade anónima, que não reflectia os acontecimentos do interior do edifício, apoiada numa natureza impessoal enraizada nos pressupostos do modernismo, rejeitando a expressão individual exterior de cada alojamento. As janelas e as pequenas varandas eram colocadas segundo uma regra compositiva, compondo uma fachada que tinha a intenção de ser harmoniosa mas austera. Sobre isto, Mies afirmou: “The significance of the individual is steadily decreasing, a fate that no longer interests us. Decisive achievements in all areas have an objective character, and who may have made them is no longer known. Here the fundamental anonymous character of our time is apparent.”⁸⁶. Os caracteres anónimo, objectivo e prático, que levavam à racionalidade e normalização da obra arquitectónica, era algo que em Mies estava constantemente presente e com o qual se identificava, pois defendia a negação da individualização do Homem enquanto participante na elaboração construtiva, para alcançar o carácter acima referido.

A estrutura metálica utilizada por Mies, permitia um maior e mais amplo uso do vidro, componente importante nas suas obras (como em Le Corbusier), pois eram esses envidraçados que traziam iluminação ao conjunto e lhe conferiam abertura. Relativamente aos factores económicos e produtivos, Mies afirmou:

“Today economic factors demand standarization and rationalized construction of rental apartments. On the other hand, however, the steadily increasing variety of our living needs requires the greatest freedom of use.[...] Toward these ends, the steel skeleton building offers the most appropriate system of construction. It enables rational production and allows the interior to be freely arranged.”⁸⁷.

Isto representa uma das essências do movimento moderno: uma crescente integração dos processos industriais e de série nos processos construtivos, complementando e reconfigurando a arquitectura, de forma a esta ganhar traços cada vez mais funcionalistas e económicos.

84 - Mies van der Rohe *apud* Pommer, R. e Otto, C. F., 1991, p. 109

85 - Pommer, R. e Otto, C. F., 1991, p. 109

86 - Mies van der Rohe *apud* Pommer, R. e Otto, C. F., 1991, p. 110

87 - Mies van der Rohe *apud* Pommer, R. e Otto, C. F., 1991, p. 111



Figura 19: Edifício de Peter Behrens em Weissenhof Siedlung

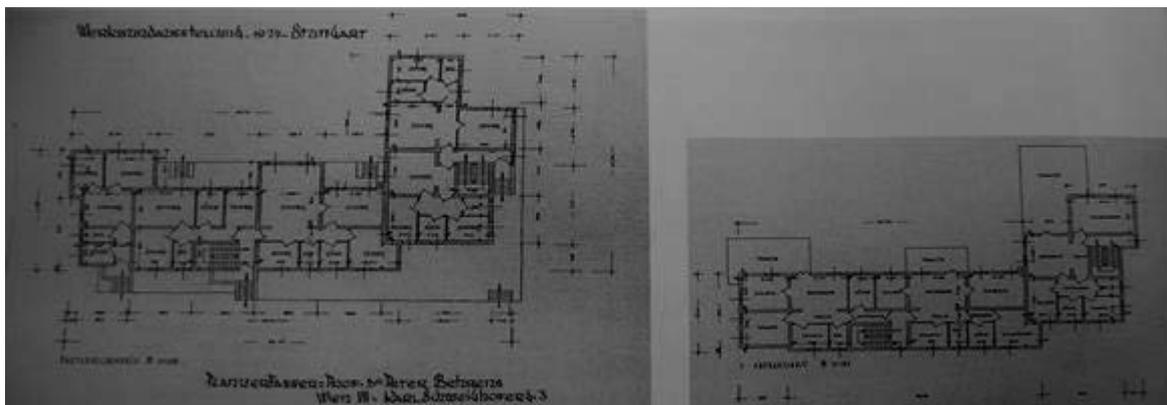


Figura 20: Plantas do piso térreo (à esq.) e 1º piso (à dir.) do edifício de Behrens

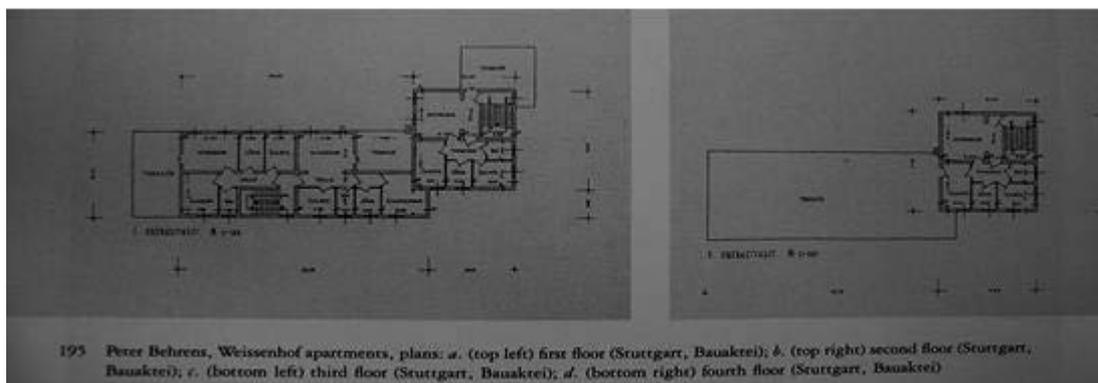


Figura 21: Plantas do 2º piso (à esq.) e 3º piso (à dir.) do edifício de Behrens

Relativamente à obra de Behrens para a colónia habitacional de *Weissenhof*, este arquitecto decidiu utilizar esta oportunidade para construir uma versão de um projecto que tinha elaborado em 1920, que sumariava os temas relacionados com a habitação sobre os quais tinha investigado. Esse seu projecto denominado *Terrassenhaus* consistia na integração de preocupações sociais, de higiene e de saúde numa arquitectura pautada por volumes servidos por coberturas em terraço. Para isso idealizou um pequeno conjunto de alojamentos para a classe operária, nos quais criava terraços que os habitantes poderiam utilizar para usufruir do sol e do ar puro, propiciando-lhes um ambiente saudável para uma vida saudável. Com estes terraços em cada alojamento, Behrens tinha a intenção de suprimir os pátios no interior ou nas traseiras do conjunto, segundo realçam Otto e Pommer.⁸⁸ Esta preocupação com o uso da cobertura e do terraço, bem como com a higiene e salubridade dos habitantes, pretendendo evitar as doenças contagiosas e a mortalidade infantil, era algo que Le Corbusier também defendia e praticava nos seus planos para a cidade modernista ideal. Outra das preocupações que Behrens tinha em comum com Le Corbusier, aquando da concepção deste projecto das *Terrassenhaus*, era a economia nos custos de produção destes tipos de habitação em larga escala, defendendo para tal, processos de industrialização associados à produção do edifício e seus materiais, mas que neste caso não foram aplicados ou explorados do modo que desejaria, excepção feita à utilização de betão armado na estrutura desta construção.

“Conceptually the project was a collection of individual houses each with the equivalent of its own plot of land, a terrace, stacked together to make an urban apartment building.”⁸⁹ Esta afirmação remete para a intenção de Behrens em aproximar a sua solução habitacional colectiva à ideia de uma habitação unifamiliar e suas características individuais. Segundo Otto e Pommer⁹⁰, a solução preferida de Behrens relativamente ao problema da habitação seria a casa unifamiliar com jardim, mas dada a situação maioritariamente urbana requerida pelas pessoas na época referida por Behrens, a maioria destas pessoas dependeria dos edifícios de apartamentos para habitar. Deste modo, Behrens defendia que a sua solução combinava as vantagens de ambos os casos, numa resposta mais saudável e adequada às necessidades contemporâneas do Homem, perspectiva também partilhada por Le Corbusier (explorada nos sub-capítulos seguintes), que começou por desenvolver em projectos como as Immeubles-Villas entre 1922 e 1925 e que aplicou posteriormente nos seus modelos de Unité d’Habitation.

Este edifício de Behrens (figuras 19, 20 e 21) possuía uma forma volumétrica complexa, composta por volumes cúbicos e paralelepípedicos com diferentes tamanhos, negando uma expressão uniforme na composição da fachada ou na forma final da obra. As habitações aqui desenvolvidas são de uma tipologia diferente das do modelo de Unité d’Habitation, uma vez que se processam apenas num piso e a sua composição interior é muito mais rígida e menos fluida e livre, em parte graças à larga espessura das paredes.

Segundo descrito por Otto e Pommer⁹¹, Behrens ao alterar alguns aspectos do seu projecto inicial para as *Terrassenhaus*, de modo a tentar enfatizar a componente estética da composição final, negligenciou a organização e funcionalidade interiores do espaço. Ao abandonar os temas da regularidade e

88 - Pommer, R. e Otto, C. F., 1991, p. 113

89 - Behrens *apud* Pommer, R. e Otto, C. F., 1991, p. 113

90 - Pommer, R. e Otto, C. F., 1991, p. 112

91 - Pommer, R. e Otto, C. F., 1991, p. 115

simetria iniciais do projecto de 1920, negando a uniformidade e continuidade global da obra em fachada, Behrens opta por desconstruir essa composição, isolando as unidades de terraço de cada apartamento, individualizando-os e criando discrepâncias ao nível das áreas e formatos. Isto acabou por resultar numa obra de habitação colectiva pouco coesa, de imagem heterogénea, e não exactamente numa comunidade habitacional que colocava à disposição dos habitantes, serviços ou programas complementares à acção doméstica, como de resto Le Corbusier idealizava projectar para as Unités.

No ano seguinte, em 1928, um grupo de vinte e quatro arquitectos modernistas representando vários países europeus, incentivaram a criação de um conjunto de congressos internacionais que ficaram conhecidos por CIAM (Congrès Internationaux d'Architecture Moderne), pelos seus debates sobre o estado da arquitectura modernista internacional, onde defendiam a arte de edificar como “la actividad elemental del hombre intimamente vinculada com la evolución y el progreso de la vida humana”⁹². Ainda segundo Frampton, nestes congressos, afirmava-se que a arquitectura tinha um papel central nas decisões políticas e económicas que se verificavam na actualidade do desenvolvimento industrial da sua época. Na primeira intervenção pública deste conjunto de arquitectos em 1928, através da declaração de La Sarraz⁹³, ficaram estabelecidos desde logo alguns pontos que consideravam ser fulcrais na definição de uma arquitectura modernista, que surgia num período de renovação pós-guerra. Nesta declaração ficaram vincadas ideias como: a arquitectura modernista enquanto vínculo entre o fenómeno do planeamento urbano e do sistema económico; a eficiência económica como uma necessidade face ao inevitável estado empobrecido da economia em geral, sendo que esta eficiência económica implica um máximo rendimento na produção, recorrendo a um esforço e investimento mínimos; a ideia de que para se alcançar essa eficiência na produção, se devem recorrer a processos de racionalização e standarização, pois estes actuam da forma mais eficaz e regrada sobre os métodos de trabalho, tanto na arquitectura como na indústria⁹⁴. Estas ideias base vão influenciar todo o pensamento arquitectónico modernista e desencadear uma integração dos processos de produção em série no fabrico de alojamentos. Isto teve repercussões (como se verificará no capítulo seguinte) ao longo de toda a obra de Le Corbusier até este chegar ao modelo final do projecto de Unité d'Habitation, um exemplo onde a arquitectura, a standarização de elementos e sua agregação se

92 - Frampton, K., 1985, p. 273

93 - Declaração de La Sarraz no CIAM de 1928 *apud* Frampton, K., 1985, p. 273:

“1 – La idea de la arquitectura moderna incluye el vinculo entre el fenómeno de la arquitectura y el del sistema económico general.

2 – La idea de la eficiencia económica no implica que la producción ofrezca un beneficio comercial máximo, sino que la producción requiera un minimo esfuerzo de trabajo.

3 – La necesidad de una eficiencia económica máxima es el resultado inevitable del estado empobrecido de la economía general.

4 – El método más eficiente de la producción es el que procede de la racionalización y de la estandarización. La racionalización y la estandarización actuan directamente sobre los métodos de trabajo, tanto en la arquitectura moderna (concepción), como en la industria de la construcción (realización).

5 – La racionalización y la estandarización reaccionan de tres maneras:

a) exigen a las concepciones de la arquitectura que conduzcan a la simplificación de los métodos de trabajo en el tajo y en la fábrica;

b) implican para las firmas constructoras una reducción en la mano de obra especializada; conducen al empleo de mano de obra menos especializada, que trabaje bajo la dirección de técnicos de alta especialización;

c) esperan del consumidor (es decir del cliente que encarga la casa en la que él vivirá) una revisión de sus peticiones en la dirección de un reajuste a las nuevas condiciones de vida social. Esta revisión se manifestará en la reducción de ciertas necesidades individuales que en adelante carecerán de una auténtica justificación; los beneficios de esta reducción alentarán la máxima satisfacción de las necesidades del mayor número, necesidades que hasta el momento se encuentran restringidas.”

94 - Frampton, K., 1985, p. 273

conjugam para formar um todo global, num edifício que combina materiais e técnicas distintas como o betão armado e estruturas metálicas, numa tentativa de reduzir os custos de produção e manutenção ao mínimo.

Entre 1933 e 1947, ficou marcado um período que Frampton descreveu no seu livro de 1987, como sendo a segunda fase dos CIAM, liderados por Le Corbusier, desde logo no congresso CIAM IV de Atenas em 1933, onde foi abordado o tema da cidade funcional e discutida a Carta de Atenas e sua aplicação universal. Os novos modelos urbanos aqui defendidos, representavam a cidade através de uma estratificação rígida por zonas funcionais rodeadas por um cinturão verde, no qual o Homem se inseria num tipo de vivência urbana colectiva, racional e regrada. Foi feita uma divisão estruturada de temas da vida urbana, como a Habitação, o Trabalho, o Lazer e os Transportes/Circulação. O tema da densidade populacional e da integração da habitação na cidade, era algo muito debatido e de grande interesse para Le Corbusier, tanto, que daqui partiram algumas directrizes gerais presentes em planos como a Ville Radieuse, nomeadamente os que diziam respeito à habitação e que ficaram definidos como “bloques de apartamentos altos y muy espaciados allí donde exista la necesidad de alojar una alta densidad de población”⁹⁵. Esta solução foi idealizada por Le Corbusier no seu plano da Ville Radieuse, para agrupar e concentrar o maior número de habitantes, economizando recursos e meios e ocupando o mínimo de solo possível de modo a libertá-lo para a circulação.

A inauguração da primeira Unité d'Habitation, em Marselha, coincidiu com o congresso dos CIAM IX, de 1953, decorrido em Aix-en-Provence, tendo ficado marcado pelo surgimento de um grupo de arquitectos de geração mais jovem, que detinham uma visão algo diferente face às doutrinas da arquitectura modernista levantadas em torno da reconstrução pós-guerra. Este grupo, liderado por Alison e Peter Smithson e por Aldo van Eyck, ficou conhecido por Team X, tendo como objectivo requalificar a arquitectura da sua época⁹⁶. Foi precisamente durante o CIAM X, de 1956 em Dubrovnik, que se deu o anúncio da passagem de testemunho dos CIAM para o Team X, que os sucederam na vanguarda do desenvolvimento da arquitectura modernista, sendo confirmado por Le Corbusier através de uma carta:

“Son aquellos que hoy cuentan cuarenta años, nacidos alrededor de 1916, durante guerras y revoluciones, y los que hoy tienen cincuenta años, los nacidos hacia 1930 durante la preparación de una nueva guerra y en medio de una profunda crisis económica, social y política, los que se encuentran en el meollo del presente período, los únicos capaces de sentir personalmente los problemas reales, los objetivos que se han de perseguir, los medios para llegar a ellos, y la patética urgencia de la situación actual. Ellos son los que saben. Sus predecesores ya no cuentan, están al margen, ya no se encuentran supeditados al impacto directo de la situación.”⁹⁷.

95 - Frampton, K., 1985, p. 274

96 - Curtis, W., 1984, p. 442: “Uno se pregunta si los miembros más veteranos recordarían la reunión celebrada veinte años atrás a bordo del vapor *Patris*, cuando navegaron a lo largo de la costa mediterránea y debatieron la configuración y la política de un nuevo orden urbano. Cuando se reunieron en la fiesta de inauguración en la terraza de la cubierta, tal vez se diesen cuenta de que esta robusta nave de hormigón era la encarnación física de las doctrinas que ellos habían reunido en aquella ocasión en la Carta de Atenas. Pero las áridas teorías son una cosa, y las formas que alientan la vida, otra. Y en Aix, la generación más joven tenía muy clara la diferencia; veían una pálida versión del sueño urbano anterior a la guerra levantándose a su alrededor en la reconstrucción de la posguerra en Europa; se sentían enajenados, divididos entre la desconfianza en las doctrinas agotadas del urbanismo moderno y la fe en el poder evocador de las realizaciones más poéticas de la arquitectura moderna anterior. Esta reacción, con su dependencia subyacente de los maestros, llevó a la organización de la reunión de los CIAM en Dubrovnik en 1956 a cargo del Team X (o Team Ten, en referencia al número del congreso), un grupo internacional de arquitectos, en su mayoría alrededor de los 30 años, que deseaban recuperar el impulso moral y heroico de la arquitectura moderna anterior, pero canalizándolo de un modo consecuente con un mundo transformado del todo.”

97 - Le Corbusier *apud* Frampton, K., 1985, p. 275



Figura 22: Robin Hood Gardens de Allison e Peter Smithson em Londres



Figura 23: Rua aérea dos Robin Hood Gardens

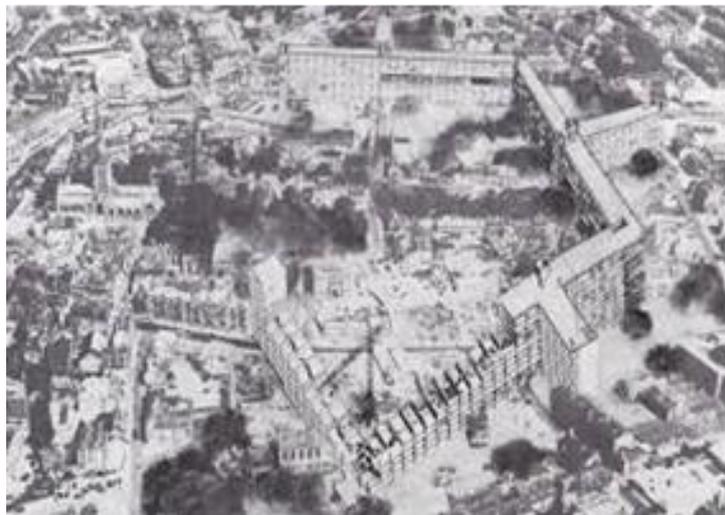


Figura 24: Fotomontagem do projecto para Golden Lane de Alisson e Peter Smithson sobre a malha da cidade

Esta troca ocorrida na liderança da vanguarda modernista simboliza uma alteração na mentalidade activista do movimento. A juventude e ousadia presente nos elementos mais novos do Team X, era vista como uma alternativa viável e inovadora no encontro de novas soluções por explorar no mundo da arquitectura para melhor servirem as necessidades de um Homem em constante mudança. Os arquitectos do Team X viam com olhar crítico os modelos urbanos propostos por Le Corbusier, bem como o seu projecto para a Unité d'Habitation. Como alternativa ao plano de cidade de um grande parque verde pontuado por torres habitacionais que libertava o solo para o peão, proposto por Le Corbusier, esta nova geração de arquitectos propunha uma nova tipologia que expressasse melhor uma imagem de cidade adequada ao real comportamento social do Homem, em vez de tentar mecanizar e controlar a sua actividade. A solução proposta por este grupo passava por uma rede contínua de construções de alta densidade interligadas entre si através de formas poligonais, adaptando-se à malha e ao desenho urbano presentes na cidade. A habitação era vista por eles como um organizador desta rede, onde se integrariam posteriormente outros sistemas complementares como a educação, o lazer, o comércio ou a actividade laboral, segundo Kostof⁹⁸. Aqui é explorado um conceito de rua elevada do solo como um sistema de acesso à casa feito em galeria aberta ao exterior a diferentes alturas, que remetia de certa forma para as ruas-corredor desenvolvidas por Le Corbusier no projecto das Unités, servindo os alojamentos de um extremo ao outro do conjunto em diferentes níveis. Estas ruas-galeria aéreas eram vistas como um elemento de largas dimensões, associado aos blocos de habitação, capazes de restabelecer e propiciar os contactos sociais entre as pessoas, que os arquitectos do Team X acreditavam estarem perdidos no desenho da rua tradicional. Este desenho de rua-galeria elevada do solo tem o seu expoente máximo no projecto dos Robin Hood Gardens em Londres, completo em 1972, de Alison e Peter Smithson (figuras 22 e 23), no qual se verificam algumas semelhanças com as Unités d'Habitation, tanto na agregação de células-tipo de habitação, como na sua organização interior ou na sua implantação sobre um espaço amplo verde que pode ser utilizado livremente pelos seus habitantes.

Esta tipologia de edifício de habitação foi algo que começou a ser desenvolvido em 1952 por Alison e Peter Smithson aquando da competição Golden Lane em Londres (figuras 24 e 25), como uma alternativa crítica a alguns programas praticados na Ville Radieuse de Le Corbusier, como afirmou Frampton⁹⁹, tanto no âmbito da circulação como na interacção do edifício com a cidade. Aqui, pode verificar-se a colocação de blocos em reacção ao traçado das ruas e elementos urbanos existentes, criando uma malha dinâmica e fortemente poligonal de carácter rizomático, que se sobrepõe à malha de cidade existente (figura 26), bem como a colocação das ruas-galeria elevadas do solo, junto das fachadas, repetidamente de três em três pisos de modo a relacionar alojamentos e proporcionar o contacto entre os habitantes da classe operária:

“los prismas estaban enlazados de manera lineal, y colocados en respuesta al trazado de las calles circundantes, mientras que la calle interior se sacaba al borde de la fachada, donde se repetía cada tres pisos. Se pretendía que esa street-deck o calle-puente formentase los encuentros fortuitos, y era un intento bastante abstracto de reformular la tradicional vida de la clase obrera en la puerta de casa, pero ahora elevada en el aire.”¹⁰⁰.

98 - Kostof, S., 1985, p. 747

99 - Frampton, K., 1985, p. 276

100 - Curtis, W., 1984, pp. 443-444



Figura 25: Fotomontagem do projecto para Golden Lane com ruas aéreas

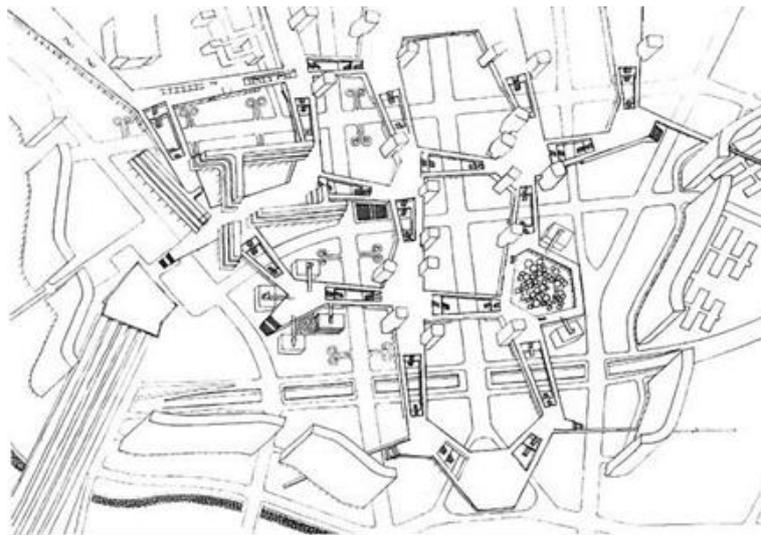


Figura 26: Esquema de cidade rizomática inscrita por cima da malha da cidade



Figura 27: Park Hill em Sheffield, 1961



Figura 28: Toulouse-le-Mirail, 1963

Tal modelo foi posteriormente aplicado por outros arquitectos apoiantes deste movimento do Team X em projectos como Park Hill, em Sheffield no ano 1961, de Jack Lynn e Ivor Smith (figura 27), ou no bairro Le-Mirail em Toulouse, de 1963 (figura 28). Todos estes projectos dizem respeito a uma tipologia comumente praticada em Inglaterra durante os anos cinquenta e sessenta e ofereciam uma experiência de interacção com a envolvente diferente da promovida nos edifícios de Le Corbusier, desde as casas Citrohan até às Unités d'Habitation. O seu contacto com o solo era directo e amplo, sem pretender forçosamente impôr-se à natureza e à sua envolvente, mas sim tentar misturar-se nela enquanto revelava o seu traçado particular e forte, adaptando-se às condições deixadas por outros edifícios ou elementos presentes. Diziam também respeito a uma tipologia de bloco longo e horizontal, mas ao contrário do projecto para o modelo da Unité, tinham uma forma volumétrica global mais recortada e heterogénea, que confere uma maior dinâmica ao conjunto, mas que ainda assim integra a circulação pública aérea e os alojamentos de forma complementar à sua comunidade. Várias foram as influências que se cruzaram no caminho de Le Corbusier aquando da sua procura pelo modelo ideal de complexo de habitação colectiva, para o qual encontrou referências tanto em Moscovo como em Paris, além dos contributos que teve *Weissenhof Siedlung* para o desenvolvimento do modelo de célula-tipo, revelando-se de extrema importância para esta Dissertação. Contudo, uma parte das obras de habitação colectiva aqui estudadas, não possuem um carácter de comunidade colectiva unitária como a presente no modelo das Unités, tratando-se por isso apenas de agregados de habitações, sem serviços ou programas que contribuam para uma relação social entre os seus habitantes.

2.2 Uma casa para o Homem moderno

Neste sub-capítulo, será abordada a perspectiva da habitação por parte de Le Corbusier e o processo evolutivo pelo qual passou até chegar ao modelo que o arquitecto entendia como sendo o ideal para a habitação do Homem moderno, na forma da célula habitacional integrada nos projectos das Unités d'Habitation. Serão analisados todos os componentes constituintes dessa perspectiva e a sua aplicação prática ao longo do percurso arquitectónico de Le Corbusier, bem como a evolução da sua resposta às necessidades íntimas do Homem, sendo que segundo ele afirmou: “Trata-se, na verdade, de alojar os homens. Em princípio famílias. Alojar alguém é garantir-lhe certos elementos de importância vital[...]. É assegurar: pisos iluminados, um abrigo contra os intrusos: as pessoas, o frio, o calor, etc., circulação mais rápida entre os diversos cómodos do apartamento, adaptado ao século actual, uma escolha dos objectos da casa.”¹⁰¹. O objectivo principal de uma casa será alojar o Homem num ambiente de condições propícias ao seu desenvolvimento. Para tentar fazê-lo, Le Corbusier, tentou elevar a habitação a um espaço funcional e racional, que se desenvolvia de maneira quase automática, eficiente e racional, durante o quotidiano do seu utilizador e o servia de forma integral.

O termo *machine à habiter*¹⁰² remete para o organismo constituído pelo objecto da casa e por todos os

101 - Le Corbusier, 1930, p. 94

102 - Termo utilizado por Le Corbusier para descrever o modo com via a casa, evidenciado em *Vers une architecture* (1923a), em citações como: “«Une maison (doit être) comme une auto, conçue et agencée comme un omnibus ou une cabine de

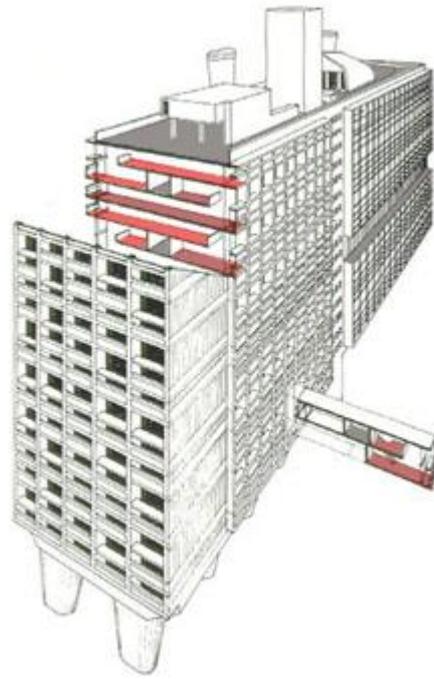


Figura 29: Esquema de agregação de células na estrutura da Unité d'Habitation

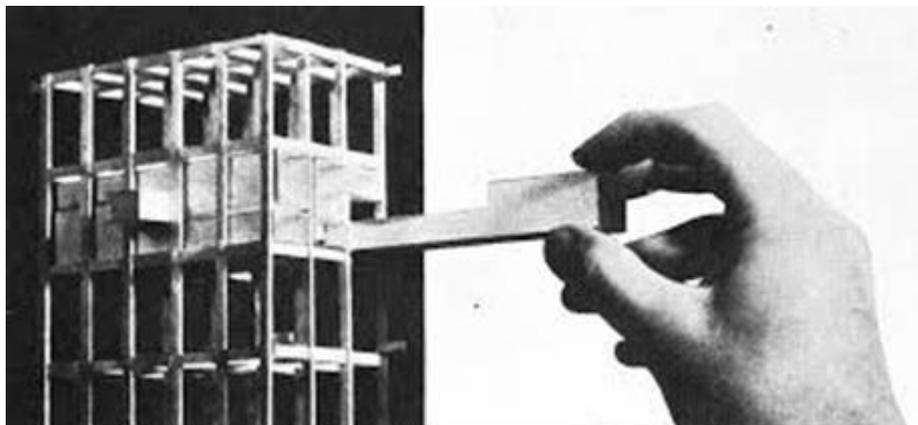


Figura 30: Ossatura e encaixe de células-tipo

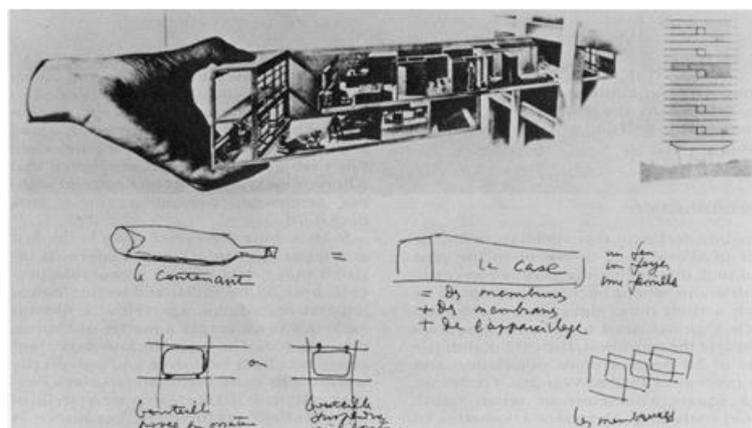


Figura 31: Esquema representativo da lógica de agregação de células

elementos, funções e estilo de vida fornecidos ao habitante pelo espaço que o aloja. Este uso do termo “máquina” é intencional e remete para um funcionamento da casa, que no entender de Le Corbusier, deve ser mecanizado e automático (no sentido prático de uma acção que se processa de forma inconsciente mas eficaz), fazendo dela uma ferramenta tão banal ao uso quotidiano do Homem quanto um automóvel. Tendo isto em conta, Le Corbusier afirmou: “Se arrancarmos do coração e do espírito os conceitos imóveis da casa e se arrancarmos a questão de um ponto de vista crítico e objectivo, chegamos à casa-instrumento, casa em série acessível a todos[...]”.¹⁰³

A concepção de casa, como entendida por Le Corbusier, devia aproximar-se cada vez mais de processos de industrialização e standardização e da produção em série, para que assim o ser humano pudesse usufruir eficazmente do seu espaço doméstico e atingir um estado de harmonia e homogeneidade perante a sociedade, facilitando a prática de valores como a igualdade, higiene e sanidade física e mental. Foi na padronização e na série, que Le Corbusier encontrou o tipo, pois quando se encontra o tipo, ficamos às portas do belo e do uniforme¹⁰⁴. Acerca disto, considerou ainda que:

“Consequência da série: o standard, a perfeição (criação de padrões). A série domina tudo, já não podemos produzir industrialmente, a preços normais, fora da série; impossível resolver o problema da habitação fora da série. [...] Então a indústria se consagrará à construção e o contexto urbano de nosso trabalho e de nosso repouso se transformará.”.¹⁰⁵

Com isto, Le Corbusier pretendia, no limite, e recorrendo aos avanços da técnica e ao uso de materiais como o vidro e as estruturas metálicas de ferro e aço, que todos os componentes da casa moderna pudessem ser concebidos em estaleiro/fábrica sendo depois transportados para o local da obra onde aí seriam montados e agregados a uma estrutura base, que seria regra geral de betão armado, de modo a retirar um maior rendimento do processo construtivo e alcançar um ideal regrado e homogéneo. É através da produção em série de células modulares iguais que se pode atingir um ideal de produtividade e um resultado homogéneo descaracterizado, transformando o espaço num recipiente facilmente reproduzível. Isto significava o triunfo dos processos de série sobre os aspectos individuais e pessoais da habitação, apenas com esta a tornar-se um espaço caracterizado a partir do momento em que o seu habitante intervém sobre ela.

Remete-se aqui para as figuras 29 e 30, onde é perceptível este método construtivo, presente numa ossatura independente de carácter mais rígido e permanente na qual se vão encaixar módulos de células pré-fabricadas de igual carácter e que têm por base o sistema de agregação do “porta-garrafas” ou *wine-bin* (termo referido por David Jenkins), utilizado por Le Corbusier nos seus projectos para as Unités d’Habitation (figura 31).

O modelo da moradia isolada é geralmente tomado pelo Homem como sendo o modelo mais adequado à habitação de um núcleo familiar, dada a independência e isolamento que permite e ao

navire, écrit-il. Il ne faut pas avoir honte d’habiter une maison sans comble pointu, de posséder des murs lisses comme des feuilles de tôle, des fenêtres semblables aux châssis des usines. Mais ce dont on peut être fier, c’est d’avoir une maison pratique comme sa machine à écrire.»), ou: “Une maison est une machine à habiter.”, p. 73; e também em *Précisions* (1930): “Estes diversos elementos constituem um organismo material que batizei, em 1921 (*Espirit Nouveau*): «Máquina de morar»” p. 94.

103 - Le Corbusier, 1923b, p. 166

104 - Le Corbusier, 1923b, p. 168

105 - Le Corbusier, 1925, p. 217

amplo e livre espaço de jardim que oferece ao seu habitante. Esta preferência, é abordada por Le Corbusier no seu artigo *L'habitation moderne* de 1948, e pode ser justificada pela constante necessidade de individualização do Homem face ao núcleo colectivo no qual se insere, apesar de lhe ser natural associar-se a outros Homens. Se esta associação, nomeadamente em termos de habitação colectiva, não se faz mais frequentemente, é pela falta de exemplos adequados que respondam devidamente às suas necessidades, como referido por Alfred Sauvy em 1948, na introdução ao mesmo texto de Le Corbusier¹⁰⁶.

Em certas situações o Homem necessita de espaços, como a sua célula particular, onde tem o seu espaço íntimo e pessoal, que se distingue dos restantes pelo traço individual que lhe imprimiu, onde pode atingir paz e liberdade, de modo a sentir-se resguardado da sociedade:

“As células, pela vida em sociedade, são limitadas a modos de agrupamento, a cooperações ou a antagonismos que constituem um dos elementos essenciais do fenómeno urbano. De um modo geral, sentimo-nos livres em nossa célula (e sonhamos em habitar em algum lugar uma casa isolada para assegurar a nossa liberdade);[...] É possível, pela ordenação lógica das células, atingir a liberdade pela ordem.”¹⁰⁷.

Le Corbusier tentou que o seu trabalho no âmbito da casa reflectisse essa preferência do Homem pela moradia, tentando por isso integrá-la em equipamentos colectivos, transpondo para esses conjuntos de habitação os principais elementos, privilégios e benefícios retirados pelo Homem desse tipo de espaços. Elementos como a presença de um pequeno jardim ou espaço de terraço exterior associado a cada casa/célula habitacional, o desenvolvimento dessa mesma célula em dois pisos e a introdução de vários serviços comuns que visavam aliviar a carga doméstica à dona de casa, faziam com que fosse mais fácil para o Homem adaptar-se e sentir-se em casa (pontos a desenvolver no próximo sub-capítulo). O seu objectivo de aproximar de novo o Homem urbano da natureza e requalificar a sua condição doméstica perante a realidade moderna da máquina, mencionado por Le Corbusier ao longo do seu texto *L'habitation moderne* de 1948, seria alcançado através dos princípios praticados no modelo de cidade-jardim vertical, onde o Homem era a entidade privilegiada.

O propósito do conceito de “cidade-jardim vertical”¹⁰⁸, explorado por Le Corbusier para integrar este tipo de habitação na cidade moderna, torna evidentes algumas vantagens face ao uso da moradia isolada, apontando valores essenciais ao desenvolvimento do programa, defendido na Carta de Atenas durante o CIAM IV de 1933. Num sistema formado por edifícios de alta densidade desenvolvidos em altura e destinados à habitação, a cidade torna-se num espaço amplo repleto de sol e árvores, com o solo bastante livre, enquanto que num sistema constituído por habitações unifamiliares, a cidade estende-se ao longo de uma área seis vezes maior que o modelo anterior, ocupando assim todo o solo da cidade. No primeiro sistema as distâncias são mais reduzidas e os percursos são percorridos pedonalmente e de forma mais agradável pelos seus utilizadores, enquanto que no sistema de habitações unifamiliares, essas distâncias são bastante maiores, o que obriga a um maior dispêndio de

106 - Le Corbusier, 1948, intro

107 - Le Corbusier, 1925, p. 201

108 - Le Corbusier, 1925, p. 156: “Procedendo à maneira do prático em seu laboratório, fugi aos casos específicos: afastei todos os acidentes; concedi-me um terreno ideal. O objectivo não era vencer estados de coisas preexistentes, e sim conseguir, ao construir um edifício teórico rigoroso, formular princípios fundamentais de urbanismo moderno. Esses princípios fundamentais, se não forem falsos, podem constituir a estrutura de todo o sistema de urbanização contemporânea; serão a regra segundo a qual o jogo pode ser jogado”.

tempo e a um acumular de cansaço, fazendo com que os habitantes tenham de recorrer a transportes. Relativamente ao espaço da habitação, no primeiro caso, e dado tratar-se de um tipo de habitação colectiva, económica e feita em série, o custo de produção e área afecta a cada célula será bastante mais reduzido que no caso das habitações individuais do tipo moradias.¹⁰⁹ Aqui torna-se evidente que o pensamento de Le Corbusier direccionado à standardização e à industrialização dos processos construtivos têm motivações de ordem económica e prática por trás que ajudam a sustentar a sua posição neste tema.

Para este modelo de habitação resultar seria necessário a introdução da ordem, para que consequentemente pudesse surgir a liberdade e expressão individual de cada um, como Le Corbusier expõe: “C'est ici que s'inscrit le binôme: individuel + collectif, en un jeu harmonieux.[...] J'installe donc le logis au cœur du binôme individuel + collectif et, la liberté individuelle étant assurée par le logis, j'organise magistralement tout ce que le collectif peut apporter.”¹¹⁰. É a ordem que vai estabelecer as regras de funcionamento do conjunto, separar os domínios de intervenção e expressão do indivíduo, e que vai evitar que a desordem reine sobre ele e sobre toda a sociedade envolta neste novo modelo de vida modernista, fortemente alterado pela introdução das novas velocidades e influências da máquina e da indústria, que vieram alterar as suas dinâmicas.

Le Corbusier atinge este ideal de habitação moderna para o Homem quando concebe pela primeira vez o projecto para uma Unité d'Habitation, em Marselha em 1947, projecto que demonstra um conjunto de células regradadas e facilmente associáveis umas às outras num todo homogéneo, que ele afirma ser um fenómeno tornado possível pela normalização e standardização¹¹¹. É também constituído por um conjunto de serviços comuns e complementares afectos a todos os utilizadores, colocados ao seu alcance imediato de modo tornar eficiente a sua vivência do espaço e o rendimento das suas tarefas diárias, quer domésticas, quer lúdicas, quer sociais. Segundo Le Corbusier estes serviços representam o maior número de operações realizadas por terceiros ou automaticamente subtraídos da programação diária a cada dia de cada família¹¹² e são denominados por Le Corbusier como “prolongamentos do alojamento”¹¹³.

As células-tipo desenvolvidas por Le Corbusier ao longo de vários anos e praticadas nos projectos das Unités, são células que visam uma agregação de forma padronizada, económica e sem desperdícios, levando a uma imensidão de soluções que englobem situações onde o Homem possa viver e circular livremente, higienicamente, e de forma a retirar o maior proveito dos espaços e das actividades diárias neles realizadas. A célula-tipo existe como um padrão, como a regra que responde às necessidades gerais e globais de um dado grupo com comportamentos e traços semelhantes¹¹⁴. Esta célula é levada ao extremo essencial das necessidades espaciais de cada pessoa, até às medidas mínimas, sendo totalmente equipada da maneira mais eficaz, libertando assim o Homem para aproveitar as horas do seu dia da melhor maneira, como refere Le Corbusier:

109 - Le Corbusier, 1948, pp. 421-422

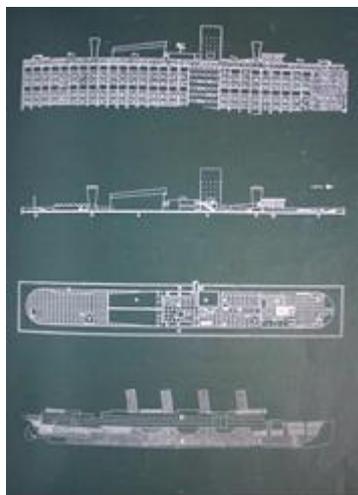
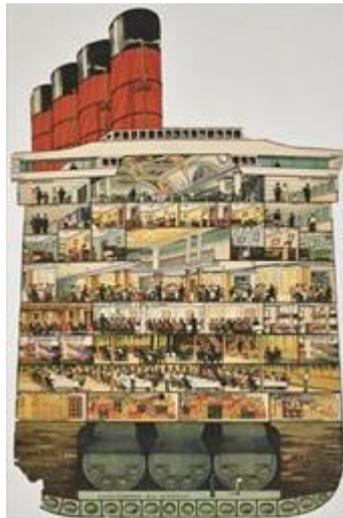
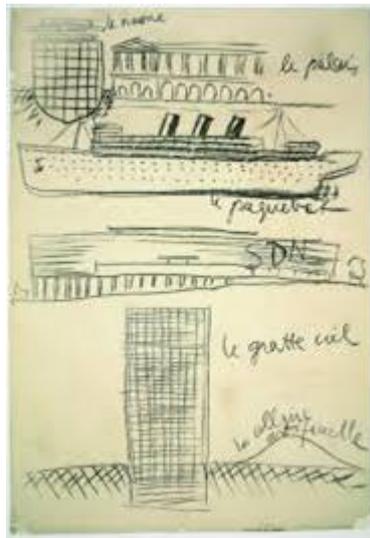
110 - Le Corbusier, 1948, p. 420

111 - Le Corbusier, 1948, p. 433

112 - Le Corbusier, 1948, p. 434

113 - Le Corbusier, 1946, p. 63: “No estado presente do seu comportamento civilizado e das suas relações sociais, o homem de hoje reclama serviços complementares, fornecidos por organizações exteriores ao seu alojamento, serviços que puderam ser qualificados como prolongamentos do alojamento. Dizemos prolongamento do alojamento para significar bem que essas comodidades essenciais fazem parte da sua vida quotidiana e, por conseguinte, devem estar ao seu alcance imediato.”

114 - Le Corbusier, 1930, p. 114



Figuras 32, 33 e 34: Esquemas de evolução e comparação do desenho do Transatlântico ao desenho do edifício da Unité d'Habitation

“With 14m² of floor space per person we shall now be able to have properly equipped houses. Since we shall only work 5 or 7 hours a day, we shall have time on our hands: let us use that time to create everything we need for our physical and moral health. Let us allow ourselves to respond to the deep and simply human aspirations that lie within us.”¹¹⁵.

Para a criação de um conjunto de habitação e do seu módulo habitacional tipo, em condições económicas e razoáveis, Le Corbusier inspirou-se nos aposentos dos navios transatlânticos, nos quais realizou algumas viagens. Estes aposentos/cabines, mesmo os de luxo, eram desenvolvidos em espaços bastante reduzidos, otimizando as dimensões e as funções de cada espaço, bem como a sua distribuição e organização no desenho global da célula. Mesmo os diversos serviços proporcionados pela Unité foram de alguma forma influenciados pelo funcionamento destes navios, que apesar de possuírem uma quantidade de *staff* bastante mais reduzida que a de tripulantes, tinham um sistema bem definido e organizado por turnos sucessivos que permitia um bom serviço de atendimento às necessidades de toda a tripulação, complementando as falhas a nível doméstico que pudessem existir num espaço fechado daqueles (figuras 32, 33 e 34). Le Corbusier em 1967, descreveu o seu contacto com estes navios e o modo como pretendia reproduzir partes do seu funcionamento nas suas obras futuras:

“The ocean liner can only continue to function within these astonishing physical limitations because its communal services are rigorously organized, because the living quarters are stripped of all parasitical elements, and because life aboard (and I am deliberately limiting myself to luxury accommodations only, even though the theories I am arguing for are concerned with low-cost housing) is governed by an intelligent use of innovations that permit a solution of the space problem, on the one hand, and that reject all waste, on the other. There is another subject that leads us towards the possibility of further domestic reorganization: home life today is being paralysed by the deplorable notion that we must have furniture. This notion should be rooted out and replaced by that of equipment: domestic equipment designed to meet our material and, I would even say, our spiritual needs.”¹¹⁶.

Le Corbusier pretendia reproduzir estes equipamentos com que contactou nestes navios durante as suas viagens, ainda que de forma mais permanente e alargada ao seu projecto de habitação colectiva da Unité d'Habitation, aplicando-os de forma igualmente racional e exacta nas células de habitação, pois desejava que elas servissem eficazmente o Homem, de modo a que este, desde o momento da sua intimidade, se inserisse numa sociedade pautada por valores de igualdade e conforto. Esta sua experiência com navios transatlânticos, permitiu-lhe ganhar uma aprendizagem relativa à racionalização da utilização e aproveitamento dos espaços e equipamentos, bem como uma lógica doméstica contra todo o desperdício, em todos os sentidos, complementada por uma série de serviços extra-alojamento que tinham como função facilitar e libertar a actividade dos ocupantes.

115 - Le Corbusier, 1935, p. 118

116 - Le Corbusier, 1935, p. 117

2.3 Maturação do modelo de casa na obra de Le Corbusier

Até chegar ao modelo de habitação e à célula-tipo encontrada nas Unités d'Habitation, Le Corbusier, dedicou muitos dos seus primeiros anos de trabalho a desenvolver projectos de habitação unifamiliar, procurando definir traços directores da sua arquitectura e tentando encontrar uma tipologia de casa onde pudesse pôr em prática uma metodologia ligada a processos de industrialização e à procura da série e do standard. Este emprego das tecnologias da industrialização e os seus novos materiais, permite conferir à casa um novo significado ligado aos pressupostos do movimento moderno, desafiando modelos e concepções antigas ou consagradas relativas a estes espaços em várias culturas, sem com isso as desvalorizar. Sobre isto, Le Corbusier afirma: “A casa não será mais essa coisa espessa que pretende desafiar os séculos e que é o objecto opulento através do qual se manifesta a riqueza; ela será um instrumento, da mesma forma que é o automóvel. A casa não será mais uma entidade arcaica, pesadamente enraizada no solo pelas profundezas das fundações, construída em duro e à devoção da qual se instaurou desde muito tempo o culto da família, da raça, etc.”¹¹⁷. Com isto, o arquitecto pretendia limpar a casa, retirando-lhe tudo o que não fosse necessário ou indispensável ao processo de habitar. As paredes não necessitavam mais de ser tão espessas, permitindo assim uma maior luminosidade no interior, enquanto que o espaço interior deveria ser mais livre para a circulação e utilização do seu habitante. Foi daqui que partiu a teoria da automatização da casa, tentando fazer dela uma ferramenta funcional ao dispor do Homem, que o servisse racionalmente nas funções que este esperava retirar dela, como já o fazia até aí com outros instrumentos do seu quotidiano.

No seu livro *Maneira de pensar o urbanismo*, Le Corbusier, enunciou cinco princípios, segundo os quais se devia reger esta arquitectura modernista, na busca pela redenção da casa e da cidade e valorização do homem enquanto seu beneficiário. Estes princípios eram o resultado de descobertas e avanços científicos nas técnicas construtivas que visavam, entre outras coisas, melhorar o rendimento, resistência, concepção e montagem da obra arquitectónica. Seriam eles:

- “1- A separação das funções de suporte (pilares e vigas) e dos elementos suportados (enchimento das paredes ou divisórias); a ossatura é independente[...].
- 2- A fachada que já não tem qualquer obrigatória função de suporte, pode agora ser considerada como uma simples membrana que separa o interior do exterior[...].
- 3- Visto que a ossatura é independente do imóvel, apenas tem contacto com o solo através de alguns pontos de apoio (os pilares), ela permite actualmente a supressão de todo o espaço de envasamento, deixando assim espaço livre sob o imóvel. [...].
- 4- Finalmente as armações de madeira dos telhados podem daqui para o futuro ser substituídas por terraços de cimento armado, cuja superfície horizontal se prestará a alguns arranjos preciosos.
- 5- No interior da construção – que apenas raros pilares espaçados ocupam, a planta fica inteiramente livre e as divisões verticais (paredes divisórias) deixam de ser obrigadas a sobrepor-se de andar para andar, como até agora o exigia o emprego das paredes de suporte.”¹¹⁸.

117- Le Corbusier, 1923b, p. 166

118 - Le Corbusier, 1946, pp. 28-29

Estes cinco princípios da arquitectura moderna de Le Corbusier (explicitados em detalhe na nota de rodapé¹¹⁹), alguns deles tendo já sido brevemente referenciados anteriormente, são considerados também, um contributo essencial para o desenvolvimento nos campos da arquitectura e engenharia. Além de permitirem uma maior leveza no peso final da construção, abrem possibilidades ao nível da fachada e dos vãos envidraçados, que vão ganhando cada vez mais importância e dimensão na sua obra, de modo a permitir a entrada de luz natural, deixando para trás a concepção da pequena janela tímida e restringida. Ao nível do contacto com o solo e relação com a envolvente, Le Corbusier pretende elevar o edifício para possibilitar a continuidade do terreno, privilegiando assim a circulação resguardada no piso térreo e um melhor enquadramento dos pisos superiores com a paisagem. A planta, que ao deixar de ter quaisquer restrições físicas se torna mais livre e fluida, dá lugar a uma maior possibilidade de criações, composições e interpretações no seu interior. Estes princípios permitem uma maior facilidade e regra na combinação e modulação da obra através dos ritmos criados pelos elementos pontuais de suporte (pilares e vigas/lajes) em betão armado ou estrutura metálica, que levam à tão pretendida uniformidade, homogeneidade e padronização.

Pode afirmar-se que estes cinco pontos traziam consigo novas perspectivas de liberdade. Uma liberdade relativa à organização, plasticidade e estética dos edifícios salientada pelo arquitecto, como referido por Alexander Tzonis, no seu livro *Le Corbusier: The poetics of machine and metaphor*:

“Traditional concepts were considered “paralysing”, wasteful, parasitic and anachronistic. He got rid of them. Thus masonry walls were analysed into the operation of support and separation and were replaced by two pure elements: columns and partitions or rather diaphragms exterior or interior. With them go the traditional notions of room and corridor replaced by function and the organ of horizontal circulation and furniture by equipment. There is no more front or back of the building. Conceptual purification and analysis brings a new freedom: the “free plan”, the “free façade” and the freedom to make infinite combinations of the unit. We are now tooled to find solutions for the modern house. Suddenly everything was possible.”¹²⁰.

119 - *Les 5 points d'une architecture nouvelle*, (1926) apud Rodrigues, J. M., 2010, pp. 150-151:

“1. Os pilares. A procura da solução científica conduz à classificação dos diversos elementos de problema. Deste modo, podemos destacar tudo o que é parte integrante de uma casa. Em vez de considerar as antigas fundações a sustentar o edifício, sem controlo preciso, os muros antigos são substituídos por pilares, e a fundação de cada pilar é calculada de acordo com a carga exacta que lhe é transmitida. Estes pilares estão dispostos regularmente sem ter em conta a disposição interior dos diversos andares. Os pilares saem do solo e elevam-se a 3, 4, 5 ou 6 metros, elevando assim o rés-de-chão da casa. Assim a casa é bem construída. Os locais estão fora do alcance da humidade do solo; o terreno a construir é integralmente recuperado; o jardim livre sob a casa. E este terreno pode ser duplicado no telhado.

2. Os telhados-jardim. O terreno é duplicado através da criação de telhados-jardim. Para uma boa protecção do cimento armado é necessário criar jardins nos telhados-terraço. O maior inimigo do cimento armado é a dilatação brusca provocada pelas mudanças de temperatura. Para evitar a dilatação é conveniente manter água permanentemente sobre o betão armado do telhado e para que essa água não evapore é necessário construir jardins-terraço (camadas de águas e de gravilha cobertas por lajes de cimento). As juntas destas lajes são enchidas de relva: os grandes vasos de árvores e flores fazem comunicar a terra vegetal que contém com a cama de areia do terraço. Assim, as águas das chuvas escorrem muito lentamente pelas descidas situadas no interior da casa e mantêm permanentemente uma humidade latente no tecto da casa. Os telhados-jardim apresentam uma vegetação luxuriante: os arbustos e as pequenas árvores (3 ou 4 metros de altura) crescem facilmente. O telhado-jardim é o local privilegiado da casa. Generalizar esta abordagem permitirá recuperar a superfície total de uma cidade.

3. A planta livre. Os pilares prosseguem até ao telhado, levando o seu soalho. Não prejudicam a disposição das divisórias verticais que são diferentes em cada andar. Não existem paredes mestras, há membranas ligeiras e todos os andares são diferentes uns dos outros. Liberdade absoluta da planta. Tudo isto origina uma economia considerável que contrabalança facilmente os preços elevados da construção em cimento armado.

4. A janela em comprimento. Os pilares desemboca em postes e os soalhos levados por estes criam nas fachadas aberturas rectangulares totalmente expostas à luz. Podemos, de poste em poste, estender as janelas em comprimento. O edifício já não tem janelas em altura separadas por paredes. Os quartos são iluminados de parede a parede. A ciência experimental demonstra que as divisões assim iluminadas têm uma luminosidade 8 vezes mais forte do que aquelas que são iluminadas por janelas verticais. Toda a história da arquitectura gira em torno da janela para dar luz. O betão armado por um lado dá um máximo de luz e origina a janela em comprimento. A janela em altura (época Haussman) é a última manifestação da arquitectura de pedra aparelhada.

5. A fachada livre. Fazendo prosseguir o soalho para lá dos postes, em forma de balcão ao longo de toda a fachada, avançamos a fachada para lá das paredes fundadoras (poste atrás da fachada). Não há nenhuma parede na fachada; as janelas em comprimento podem desenvolver-se a seu modo e ao sabor das divisões interiores da planta; estas janelas com comprimento de 10 metros para uma casa podem também ser de 200 metros para um palácio (vejam o nosso projecto do Palácio da Nações

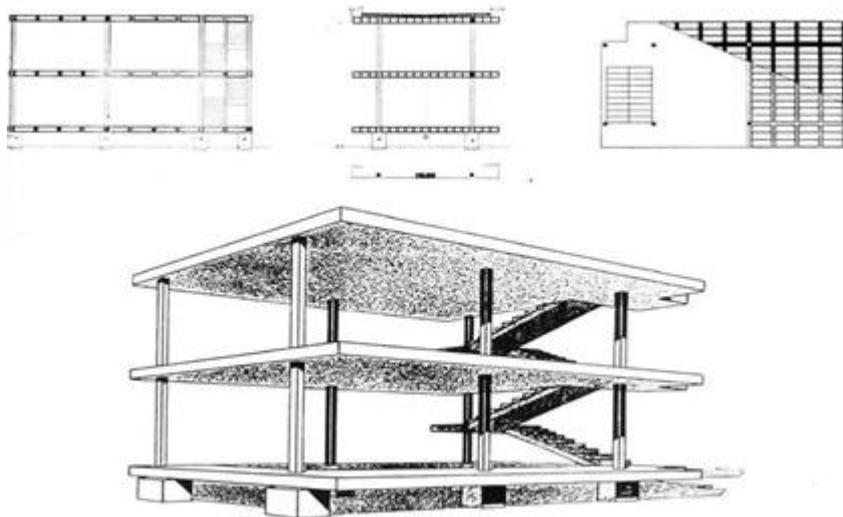


Figura 35: Sistema *Dom-ino*, perspectiva, planta e secções

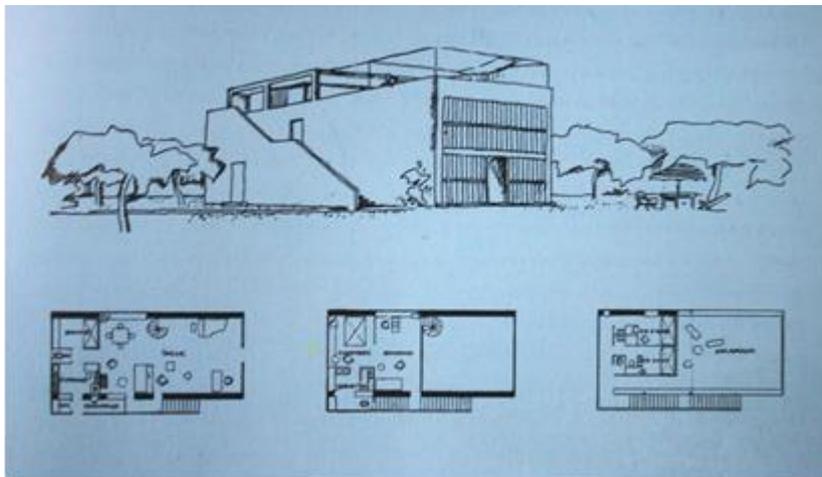


Figura 36: *Maison Citrohan* versão 1, plantas e esquiço



Figura 37: Villa Schowb, 1917

Esta afirmação vai ao encontro da posição de Le Corbusier face à racionalização da habitação, onde este defendia que a casa se deveria integrar numa sociedade homogénea onde ela própria seria um elemento homogéneo no meio de tantos outros.

Um exemplo destes novos avanços na tecnologia construtiva, é o sistema *Dom-ino* de Le Corbusier (figura 35), um projecto de desenho muito simples mas muito eficaz, dada a sua conjugação de elementos primários como o pilar e a laje num sistema funcional e menos pesado/denso, cujo desenvolvimento data de 1914. Segundo Le Corbusier em *Oeuvre complète*, de 1995, esta solução standarizada apresenta uma ossatura ligeiramente elevada do solo, com dois pisos, sem paredes, janelas ou divisões interiores e era um esquema bastante livre, composto apenas por finos pilares a suportarem finas lajes feitas em betão armado. Estes pilares estavam situados numa zona perimetral da estrutura, sem contudo tocarem os limites da laje, de modo a deixar uma pequena distância que permitisse erguer a fachada enquanto membrana independente da estrutura de suporte do conjunto. Aqui a fachada perdia o seu papel estrutural no edifício, deixando para trás a concepção de que teria de ser um elemento pesado com funções de suporte dos pisos e de separação entre o interior e o exterior. Abrem-se novas possibilidades à composição e à utilização de outros materiais na fachada, como o pano de vidro ou a janela em comprimento, sem que tivessem de ser interrompidos.

O sistema *Dom-ino* foi concebido como uma estrutura passível de ser aplicada a larga escala e em variados tipos de construção, como um protótipo, como referido por Tzonis: “The project encompassed aspects of management, construction and design. It was conceived as a universal prototype system for putting together any kind of building that responded to the colossal postwar needs while at the same time exploiting the vast opportunities offered by new means of construction and industrial production.”¹²¹. Esta estrutura pode ser encontrada em vários projectos de Le Corbusier (como nas casas Citrohan, na Maison Cook ou no modelo das Unités d'Habitation, abordados mais à frente neste capítulo), desenvolvidos a partir desta época com o objectivo de tentar estabelecer as bases para uma nova arquitectura, e nalguns casos aqui mostrados, encontrar uma tipologia padrão para a célula de habitação.

Um dos projectos que demonstrava os princípios construtivos do sistema *Dom-ino* era a *Maison Citrohan*, que foi um projecto que teve grande contributo para a evolução e aperfeiçoamento de elementos presentes nos projectos das Unités d'Habitation. A casa Citrohan foi um ponto de partida importante no percurso arquitectónico de Le Corbusier, sendo que a primeira versão desta casa desenhada em 1920, mostrava já alguns pontos de desenvolvimento interessantes em direcção ao que viria a ser o seu módulo de habitação-tipo, reproduzível em série, como célula facilmente agregável e moldável. Na sua Tese de Doutoramento, Armando Rabaça, referiu-se à Casa Citrohan como: “the hinge between Le Corbusier's formative years and his architecture of the 1920's.[...] It is an early theoretical model of a standarized dweller, both as an individual house and a unit within the

em Genebra). A fachada é totalmente livre.

Estes cinco pontos contêm uma reacção estética fundamental. Não subsiste nada da arquitectura antiga e não resta nada dos ensinamentos das escolas.”

120 - Tzonis, A., 2001, p. 20

121 - Tzonis, A., 2001, p. 18

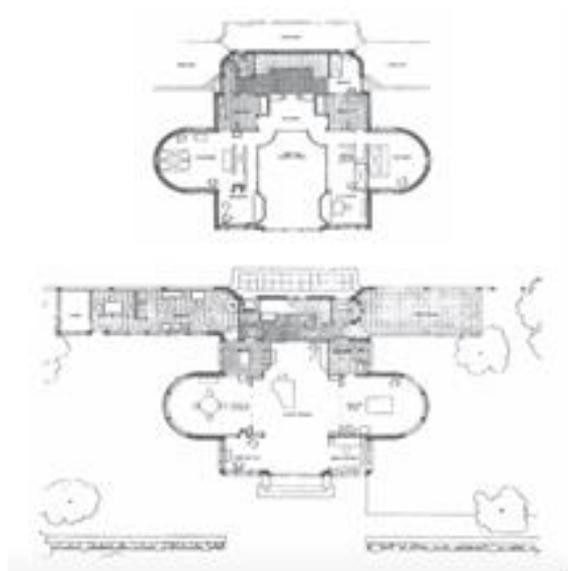


Figura 38: Plantas do piso térreo (em baixo) e 1º piso (em cima) da Villa Schowb



Figura 39: Vistas da sala central de pé-direito duplo da Villa Schowb



Figura 40: Vista da sala central da Villa Schowb

Immeuble-Villas apartment block.”¹²² Esta casa, influenciada em alguns pontos pela Villa Schowb de 1916, marcou a obra de Le Corbusier num período inicial onde este procurava encontrar uma tipologia que pudesse enquadrar todos os modelos de habitação. Foi a partir das duas versões desta casa que o arquitecto começou a desenvolver os processos de produção em série aplicados no fabrico de elementos da habitação e de peças padronizadas/standarizadas que seriam posteriormente encaixadas no conjunto.

O primeiro modelo desta casa (figura 36), era ainda uma construção algo maciça com duas longas paredes estruturais que suportavam o peso dos três pisos da composição. Estas duas fachadas sem grandes aberturas, opunham-se às restantes duas que primavam pela sua abertura ao exterior através de janelas alongadas de forma a deixar entrar o máximo de luz no espaço interior, tanto na zona da sala de estar como na zona de serviços ou quartos, localizada atrás da primeira. A casa desenvolve-se em três níveis, interligados entre si por um corpo exterior de escadas, sendo que no topo dessa casa se encontra, além de dois quartos, uma zona de terraço. Este terraço aparece aqui já como um espaço exterior de cobertura onde o habitante pode apanhar sol e caminhar, situado por cima da zona da sala (figura 36). A presença da grande sala com pé-direito duplo de grande impacto na composição, é algo que marca a obra de Le Corbusier desde cedo (remetendo para o seu primeiro projecto, a Villa Fallet, de 1907). Segundo José Baltanás, no seu livro *Le Corbusier: Promenades*, a Villa Schowb de 1917 (figura 37), verifica já com um salto construtivo, na medida em que a sua estrutura adopta o sistema *Dom-ino*, ainda que de forma um pouco maciça. Verificam-se também outros elementos fortemente influentes, como a substituição da tradicional cobertura inclinada pela cobertura plana que serve agora de terraço e a geometria enquanto princípio regulador do espaço. Estes elementos tentam transmitir uma maior pureza na forma dos volumes e da planta, dando ao corpo principal em planta a forma de um quadrado ao qual foram adoçadas lateralmente duas absides semicirculares (figura 38). No centro do corpo central encontra-se situada a sala de pé-direito duplo, iluminada por uma grande abertura frontal também ela de pé-direito duplo, ladeada por uma galeria superior que a contorna e serve de corredor ao piso superior, como se pode ver nas figuras 39 e 40. Sobre esta casa, Armando Rabaça afirma ainda: “It is however the 1916-1917 Villa Schowb that best express the influence of this legacy, bridging between those early works and Le Corbusier's later dwellings.[...] This arrangement[...] would later lead to the main scheme of the Citrohan house, the L'esprit Nouveau pavilion, and the Unités d'Habitation.”¹²³. Assim de acordo com Armando Rabaça, a Villa Schowb lançou elementos importantes que foram aplicados na casa Citrohan, e que posteriormente foram incluídos nas células das Unités, sofrendo algumas alterações e arranjos para servirem enquanto modelo de habitação económica e normalizada.

Ainda sobre a casa Citrohan, Le Corbusier apresentou em 1922 no *Salon d'Automne*, uma segunda versão, que comportava algumas alterações no seu modelo de concepção (figura 41). Segundo Le Corbusier¹²⁴, esta versão verifica um sistema de standarização de elementos construtivos, presente tanto numa ossatura de pilares que eleva a base do edifício do solo e suporta os seus três pisos superiores, como nas janelas em banda e nas escadas. O sistema de *pilotis* surge aqui pela primeira vez nos projectos de habitação de Le Corbusier, elevando a casa do solo, criando uma plataforma e na

122 - Rabaça, A., 2013, p. 331

123 - Rabaça, A., 2013, p. 139

124 - Boesiger, W., 1995a, p. 45

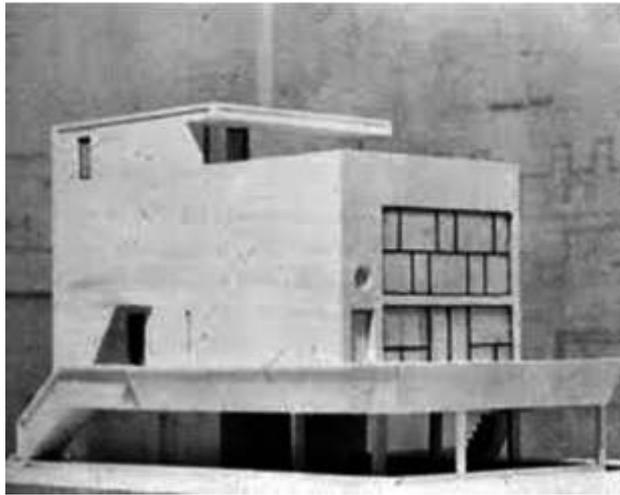


Figura 41: Maquete da *Maison Citrohan*, versão 2

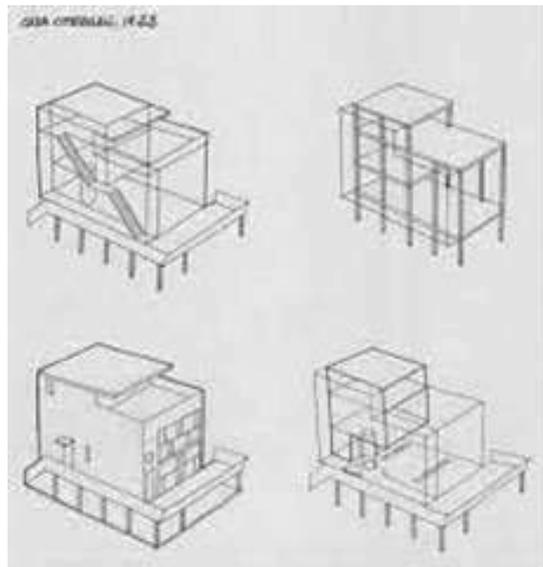


Figura 42: Esquema construtivo da *Maison Citrohan*, versão 2

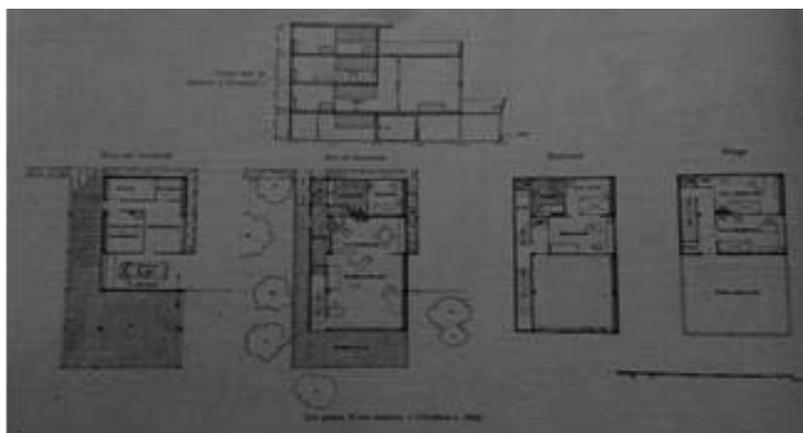


Figura 43: Plantas e cortes da *Maison Citrohan*, versão 2

sua base um espaço de chegada à casa por automóvel, com garagem e outras divisões secundárias, tema influente no desenho das *Villas* do arquitecto. O corpo principal da casa situava-se acima deste espaço de chegada e é desenvolvido aqui, em termos compositivos e organizacionais, de forma semelhante à primeira versão, com elementos como a sala de pé-direito duplo e a cobertura em terraço por cima desta a manterem-se, como se pode ver nas figuras 42 e 43. Um dos pontos em que esta versão da casa Citrohan difere da primeira, é a localização do corpo da caixa de escadas, que nesta segunda versão, passa para o interior da casa, desenvolvendo-se paralelamente à sala de pé-direito duplo até aos níveis superiores. Este tema vai repetir-se nas células das Unités.

Esta construção revela uma forte presença arquitectónica, devido à sua forma aproximada ao volume puro e ao seu enquadramento privilegiado com a envolvente e com a paisagem, e é isto a que Armando Rabaça se refere quando afirma:

“Technique and function are evaluated in terms of the resulting aesthetic enjoyment. The freeplan provides a free dynamic experience, formalized in an ascending pattern towards the roof terrace, while the free façades with their wide windows secure a permanent view over the surrounding nature.[...] by raising the house, he could also improve the relationship between inner space and outer landscape.”¹²⁵.

Com este modelo de casa, Le Corbusier procura afirmar a habitação enquanto uma máquina utilizada pelo homem a seu favor, no limite, como uma ferramenta, pois era este carácter mecânico, de dispositivo produzido em massa para servir a generalidade dos homens e suas necessidades, que o arquitecto procurava nela. Com isto em mente, Le Corbusier refere¹²⁶, que a casa arcaica tinha tendência a exagerar no que toca às quantidades de espaço, defendendo a posição de Le Corbusier na concepção de casas funcionais assentes numa economia espacial e material, face às necessidades actuais de habitação.

As Immeubles-Villas, de 1922-25 (figura 44), foram um projecto de Le Corbusier para uma tipologia de um conjunto de habitação colectiva na forma de um loteamento fechado de cinco pisos duplos. Também este projecto foi um estudo importante para futura concepção do protótipo da Unité d'Habitation: “Les «Immeubles-Villas» proposent une formule neuve d'habitation de grande ville.”¹²⁷. Segundo Le Corbusie¹²⁸, neste conjunto, os alojamentos eram concebidos de forma a se assemelharem a moradias, a pequenas casas com jardim ou terraço, aqui agregadas a outras e a diferentes alturas, servidas por sistemas de distribuição e circulação comuns. A organização e distribuição deste conjunto é feita por ruas aéreas ou galerias, de dois em dois pisos aproximadas da zona interior do complexo, servindo os alojamentos alinhados em banda, numa fila única, ligados a essas galerias (figuras 45 e 46). Cada habitação inclui um terraço-jardim de pé direito duplo, uma *loggia* profunda que entra pela habitação e faz a ligação do interior de um espaço aberto ao exterior (antecipando já o tema do *brise-soleil* praticado nas Unités). É este espaço de jardim exterior que faz a separação entre alojamentos. Ao seu lado encontra-se a sala de estar de pé-direito duplo, tema já habitual neste tipo de programa por Le Corbusier, e atrás desta, a zona destinada maioritariamente aos serviços da casa e recepção ao espaço interior (figura 47). Na cobertura deste conjunto, com a forma de um terraço plano percorrível,

125 - Rabaça, A., 2013, pp. 334-340

126 - Boesiger, W., 1995a, p. 45

127 - Boesiger, W., 1995a, p. 41

128 - Boesiger, W., 1995a, p. 45



Figura 44: Immeubles-Villas, 1922

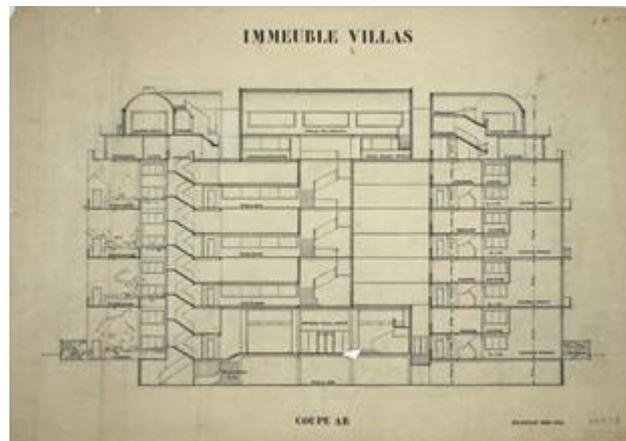


Figura 45: Corte do complexo Immeubles-Villas

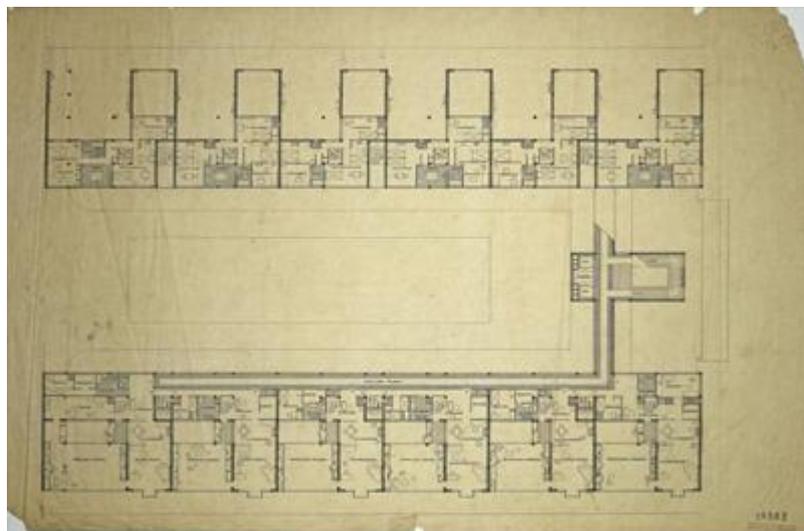


Figura 46: Planta da ligação das células às galerias de acesso do complexo das Immeubles-Villas

existe uma pista de 1000m onde os habitantes podem correr ao ar livre e exercitarem-se, semelhante ao pensado e encontrado no protótipo de Unité d'Habitation em Marselha. Este conjunto não tem pátios, nega-os, e em vez disso, vira as habitações para o exterior e deixa a luz e o ar entrar (como no projecto das Unités através das suas fachadas), tanto pela abertura do jardim como pela grande janela da sala. Também aqui a sala central têm um papel fundamental na organização e iluminação do espaço interior. Nas figuras 48, 49 e 50 podem ver-se, já em esquemas mais avançados de cidade formadas por estes conjuntos de habitação, a maneira como estes conjuntos se ligam entre si através de corpos extra que tomam a forma de corredores aéreos fechados, e como integram as estradas e organizam as vias de circulação por níveis. Este desenho de cidade tem por base um dos cinco pontos da arquitectura moderna de Le Corbusier, o uso dos *pilotis* que aqui aparecem como suporte das vias de circulação exteriores, remetendo para a ideia das *Villes-Pilotis* (referida no seu livro *Urbanismo* de 1925) concebida por Le Corbusier. Le Corbusier pega na sua ideia inicial do módulo dos Immeubles-Villas e tenta desenhar uma cidade moderna, assente nos pressupostos que defendia e que foram enunciados aqui num capítulo anterior.

Um pouco mais tarde na obra de Le Corbusier, em 1930-1932, ele desenha o projecto Wanner para Genebra (figura 51), onde aplica os pressupostos desenvolvidos anteriormente nos Immeubles-Villas, integrados numa cidade-jardim composta por blocos de habitação colectiva, segundo Gérard Monnier¹²⁹. Entra aqui uma forte integração da indústria metálica neste projecto, realizando uma ossatura forte e resistente de elementos standarizados e rigorosos que vão dar um carácter de *maison à sec* a estas construções, segundo afirma Le Corbusier¹³⁰. Todos os elementos estruturais da construção são produzidos em série, em fábrica, para posteriormente serem montados no local da obra, e isto só é possível pela utilização de módulos e células-tipo que facilitam a agregação no conjunto final do esqueleto rígido independente, por parte de uma equipa de trabalhadores mais reduzida e especializada, como expresso por Le Corbusier:

“Ces éléments sont réalisés en usine; ils ne comportent que la mise en oeuvre d'éléments secs, de façon à ce que la maison puisse être montée dans tout ses moindres détails par des équipes de «monteurs» et non plus par les divers corps de métiers séculaires du bâtiment, car ceux-ci entraînent entre eux un enchaînement dont la conséquence est une grande perte de temps. Ainsi, le bâtiment peut être réalisé avec tout son équipement intérieur par une seule équipe de monteurs.”¹³¹.

Neste projecto, e como se pode ver na figura 52, é já desenvolvido o princípio das ruas-corredor interiores, sem luz natural, que servem, em pisos alternados, os alojamentos do conjunto de habitação, como é praticado no projecto das Unités (que tem aqui uma das suas referências iniciais aplicadas em projecto). No espaço interior são visíveis, através das figuras 53 e 54 (planta e estudos de interior), algumas semelhanças ao projecto original das células dos Immeubles-Villas.

Outros projectos mais recentes de Le Corbusier, tiveram também influência no projecto das Unités, quer ao nível do desenho da célula de habitação e do espaço doméstico, como na aplicação de sistemas e técnicas, ou na constituição da fachada. Um desses projectos é o da Maison Cook, em Boulogne-sur-Seine de 1926, que apresenta algumas semelhanças com a casa Citrohan, sendo uma

129 - Monnier, G., 2002, p. 24

130 - Boesiger, W., 1995a, p. 180

131 - Le Corbusier *apud* Boesiger, W., 1995a, p. 180



Figura 47: Planta dos dois pisos da célula-tipo das Immeubles-Villas
(piso inferior à esq, e piso superior à dir.)

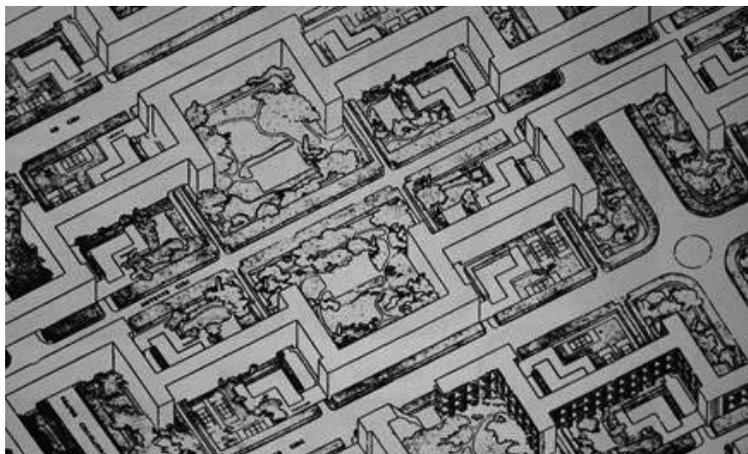


Figura 48: Esquema de cidade formada pelas Immeubles-Villas

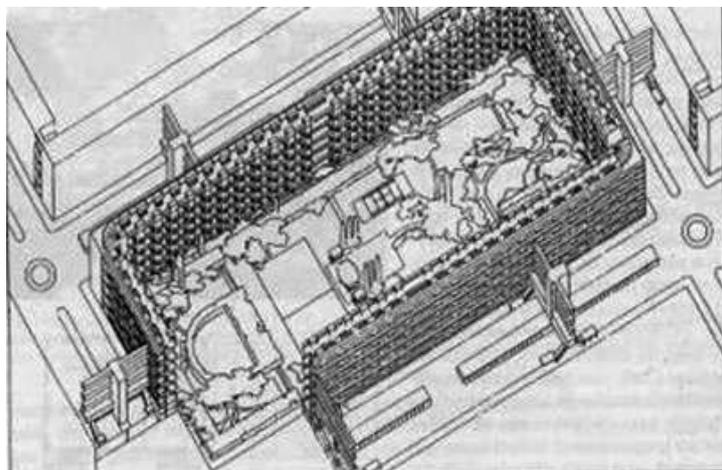


Figura 49: Complexo das Immeubles-Villas e suas ligações a outros conjuntos urbanos

abordagem intermédia entre a primeira e a segunda versões deste modelo no que diz respeito a elementos e técnicas construtivas. Na *Maison Cook* (figura 55), existe uma referência visível ao primeiro modelo da casa Citrohan, na medida em que esta habitação utiliza como principal suporte da sua estrutura duas espessas paredes portantes paralelas uma à outra. No piso das salas, encontra-se, a já habitual em Le Corbusier, sala de pé-direito duplo com grandes aberturas para o exterior para deixar entrar grandes quantidades de luz, aproximando-se ao praticado nos projectos das *Unités* (figuras 56 e 57). O terraço nesta habitação (figura 58) adquire uma forma mais dinâmica que contorna o corpo do volume da caixa de dupla altura da sala. Nas fachadas, estão presentes mais um dos pontos-chave da arquitectura de Le Corbusier, as janelas em comprimento, visíveis na figura 55.

No ano seguinte, em 1927, a propósito da inauguração da colónia habitacional de *Weissenhof* em Estugarda, Le Corbusier desenhou dois edifícios de habitação distintos (figura 59) com o propósito de enunciar os seus cinco pontos da arquitectura moderna, sendo que apenas um desses dois se destacou, por exhibir alguns programas semelhantes aos explorados anteriormente nas *Maison Citrohan*, revelando-se por isso o mais pertinente à análise do caso de estudo em questão nesta Dissertação. O edifício escolhido (o do lado esquerdo da figura 59 e o visível na figura 61) é visto como uma síntese dos temas praticados na casa Citrohan: “um grande cubo de ar repleto de luz”, como descrito por Le Corbusier em *Oeuvre Complète*¹³². Este edifício utiliza os *pilotis* para o suporte dos pisos, complementado com uma parede portante (figura 60). A sala de pé-direito duplo volta a aparecer neste desenho, com uma grande abertura dupla a servi-la para a entrada de luz e uma varanda/galeria que contacta com ela no piso superior, de modo semelhante ao tema praticado no projecto das *Unités*. No último piso, encontra-se novamente um espaço aberto exterior, um terraço de forma regular (figuras 61 e 62).

Como último exemplo comparativo de alguns elementos presentes ao longo do percurso arquitectónico do programa da habitação em Le Corbusier, concretizar-se-á uma breve referência ao projecto da *Manufatura Duval*, de 1951, um projecto contemporâneo ao da primeira *Unité d'Habitation*, em Marselha, que foi concluída em 1952. São visíveis nas figuras 63 e 64 as semelhanças estéticas e compositivas presentes na fachada, que remetem para a imagem da *Unité*. Nesta fachada Le Corbusier utiliza o mecanismo do *brise-soleil*, de forma semelhante ao que faz na *Unité d'Habitation*. Ele desenha esse mecanismo em betão armado em frente ao pano de vidro da fachada, com lâminas verticais e horizontais que controlam a entrada de luz no espaço interior. O interior deste edifício, por se tratar de uma fábrica, é constituído por uma vasta planta livre, geometricamente regrada (figuras 65, 66, 67 e 68). Também no contacto com o solo este edifício aproxima-se do projecto das *Unités*, uma vez que este contacto se faz pela colocação de pilares espessos que elevam o edifício do solo segundo José Baltanás¹³³. No cimo deste edifício, verifica-se a existência de uma cobertura plana utilizada como terraço ajardinado, onde o edifício contacta abertamente com a sua envolvente através de alguns elementos em betão que criam um jogo dinâmico de enquadramentos, formas e molduras (figuras 69 e 70). Tudo isto são referências simultâneas aplicadas entre a *Unité* e este edifício, sendo projectos muito próximos no tempo e assentes nos mesmos princípios construtivos, apesar de programaticamente serem bastante distintos.

132 - Boesiger, W., 1995a, p. 150

133 - Baltanás, J., 2005, p. 97

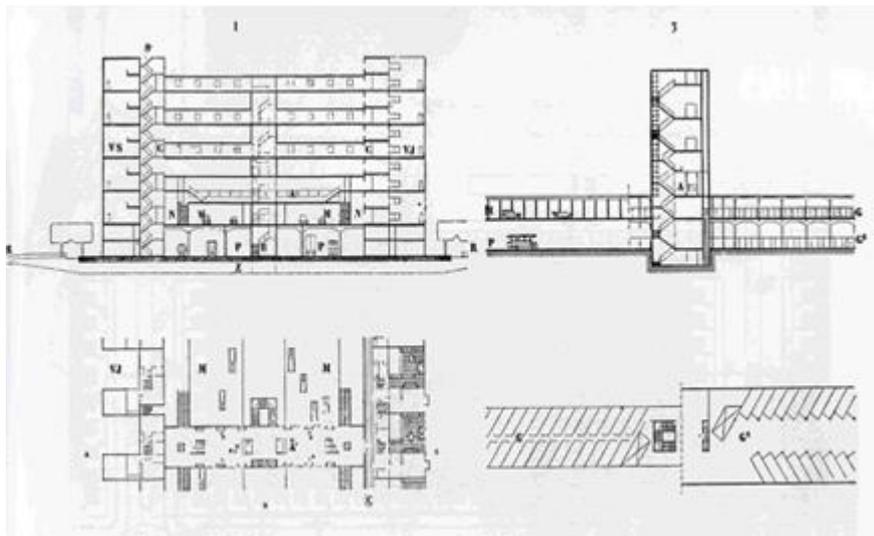


Figura 50: Sistema de ligações entre edifícios das Immeubles-Villas

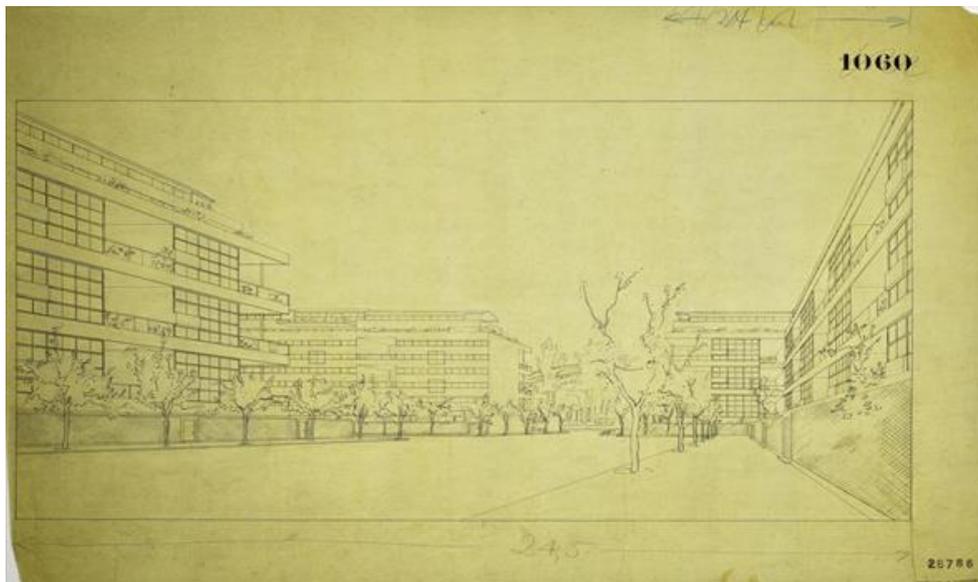


Figura 51: Projecto habitacional Wanner em Genebra, 1930-1932

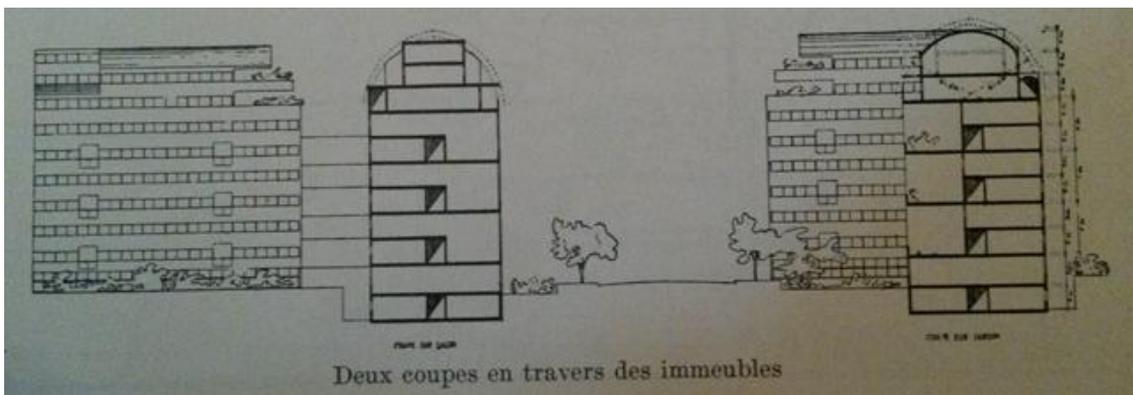


Figura 52: Corte transversal do complexo Wanner e suas ligações entre células e ruas interiores

Foram aqui lançados alguns dos temas praticados na célula da Unité d'Habitation (a ser explorada no seguinte capítulo), com vista a encontrar semelhanças e princípios básicos que foram evoluindo e transformando-se com a experiência e prática arquitectónicas do arquitecto, com o objectivo de apurar uma solução universal ao problema da casa urbana.

2.4 Contexto urbano, social e doméstico da habitação moderna

Face à evolução do modelo da casa no percurso de Le Corbusier, analisada anteriormente, é oportuno agora definir o seu enquadramento no contexto da envolvente urbana. A integração da célula habitacional na cidade é um processo fundamental para o funcionamento eficaz de um sistema socialmente hierarquizado e racional, defendido por Le Corbusier. Restam aferir as características e condições sob as quais esse sistema é implantado no território.

Le Corbusier teorizou bastante sobre temas como o espaço da cidade afecto ao Homem, tendo-o como referência enquanto principal interveniente e beneficiário da mesma, sobre a casa do Homem e como esta se deveria inserir no contexto urbano e sobre que tipologias de edifícios deveria adoptar para servir a cidade, de modo a que esta atingisse um carácter cada vez mais funcionalista que se confundisse com a sua própria identidade, que ele via como sendo o caminho certo para o desenvolvimento e salvação do Homem moderno, segundo enuncia diversas vezes ao longo do seu livro *Maneira de pensar o urbanismo*. O espaço da modernidade deve ter características específicas como a homogeneidade, fragmentação e a hierarquização, o que faz com que estes espaços tendam para o harmónico e consensual.

Também Lefebvre teorizou sobre os espaços da modernidade e suas características de coesão social e homogeneidade, afirmando relativamente à evolução racional da arquitectura, que esta prática ocorre graças à sua dependência na indústria e seus processos de normalização, que vieram alterar e contaminar os métodos de gestão, produção e comunicação modernos, criando assim uma ligação quase irreversível¹³⁴.

A “Cidade-Verde” ou *Ville Verte* (figura 71), como chama Gérard Monnier ao modelo de cidade idealizado por Le Corbusier, é uma cidade com uma visão de vida socialista na qual se inserem diversos serviços comuns destinados aos seus habitantes para que estes se integrem numa sociedade que se pautar por valores como a saúde, educação e desenvolvimento, estando por isso inserida num espaço amplo, como se de um grande parque repleto de vegetação se tratasse. Relativamente a este assunto, Monnier afirma:

“Cela signifie qu'il ne suffit pas d'atteindre dans les travaux pour la «ville-verte» (le) niveau de la plus récente économie urbaine d'Occident[...] mais que tout cela doit être utilisé au point de vue des formes socialistes de la vie: instauration de services communs, garantie maximale de la santé des travailleurs,

134 - Lefebvre, H., 1974, p. 12

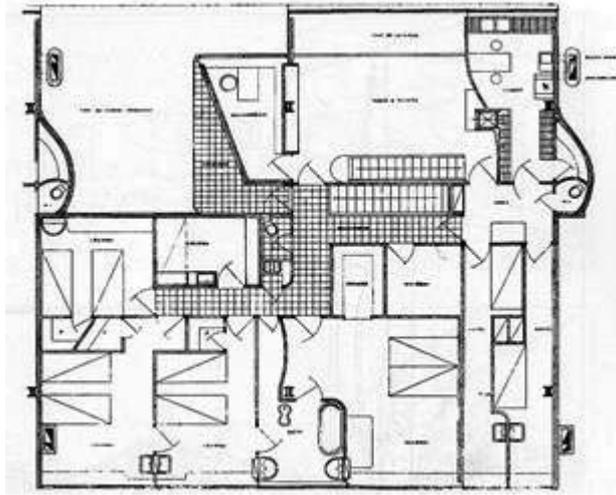


Figura 53: Planta de uma célula-tipo do complexo Wanner

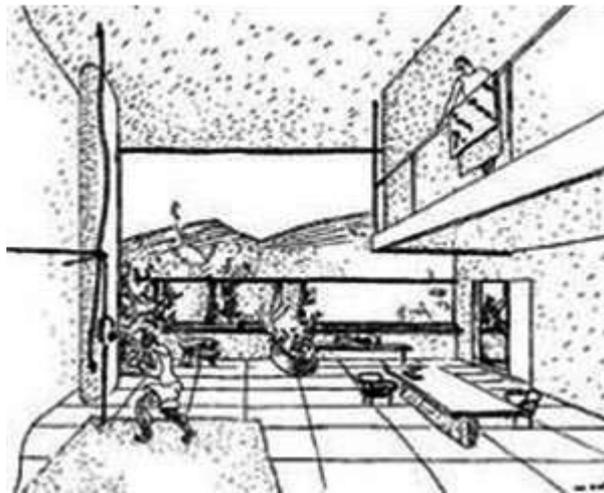


Figura 54: Estudos relativos ao espaço interior das células habitacionais do complexo Wanner



Figura 55: *Maison Cook*, 1926

Esta cidade aqui descrita, necessitava de se apoiar num conjunto de serviços comuns pensados para satisfazer e complementar a acção do seu utilizador diário, bem como de uma forte componente e presença natural, de forma a garantir o seu bem-estar no seio da mesma.

Este espaço da modernidade, segundo Le Corbusier defende ao longo do seu livro *Urbanisme*, tem como base três elementos naturais, o sol, o ar puro e a vegetação, elementos essenciais a uma vida saudável. Tendo em conta o pensamento do arquitecto, era segundo estes propósitos que a cidade moderna devia ser erguida, integrando na sua base um outro pilar da arquitectura modernista: a geometria e o ângulo recto, que para Le Corbusier se revelavam essenciais para a criação de uma lógica racional, funcional e agradável à vivência em torno deste espaço. Sobre isto Le Corbusier afirmou:

“Uma palavra resume a necessidade de amanhã: urge construir ao ar livre. A geometria transcendente deve reinar, ditar todos os traçados e conduzir a suas consequências menores e inumeráveis. A cidade actual está morrendo por não ser geométrica. Construir ao ar livre, é substituir o terreno irregular, insensato, que é o único existente hoje por um terreno regular. Fora disso não há solução. Consequência dos traçados regulares: a série. Consequência da série: o standard, a perfeição (criação de padrões).”¹³⁶.

A composição geométrica, para o arquitecto, enriquecia todo o tipo de cidade, pois ajudava a elevá-la, fazendo com que esta ganhasse uma regra lógica e matemática de relações entre os seus elementos, numa luta contra a desordem e o acaso, como este referiu em *Urbanismo*¹³⁷. Está aqui implícita também a sua teoria de que deveria ser o ângulo recto a auxiliar o domínio do traçado do Homem sobre as condições naturais, contrariando as ocorrências aleatórias e espontâneas da natureza, com o propósito de o tornar adequado e pronto ao uso quotidiano. Isto processava-se ainda assim, sem obliterar totalmente o carácter desses espaços, deixando a natureza como pano de fundo: “a cidade será coberta por vegetação. Existirá luz e ar em profusão.[...] Os homens que trabalham em plena luz trabalham bem.”¹³⁸.

O sol, um dos elementos naturais na base deste esquema, adquire neste modelo de espaço da cidade um papel central (como elemento gerador), tanto na criação de condições de salubridade que propiciem a prática desportiva e de actividades lúdicas no solo do exterior dos edifícios, graças à inundação destes espaços com luz, como no estabelecimento do ciclo diário das 24 horas que rege a actividade do ser humano, importante para a organização da vida quotidiana da cidade moderna (8 horas de descanso, 8 horas de trabalho e 8 horas de lazer). Segundo Le Corbusier: “The sun governs our lives by determining the rhythm of our activities; 24-hour cycle. This means, to put it quite simply, that these new functions now appearing on the social horizon will have to be performed in the immediate proximity of people's homes [...]”¹³⁹.

Juntamente com todas estas condições de salubridade, a actividade física revelava-se também importante e deveria integrar a ocupação diária do Homem urbano, na opinião de Le Corbusier. Um

135 - Monnier, G., 2002, p. 29

136 - Le Corbusier, 1925, p. 164

137 - Le Corbusier, 1925, p. 85

138 - Le Corbusier, 1930, p. 152

139 - Le Corbusier, 1935, p.65



Figura 56: Plantas *Maison Cook* dos 4 pisos

Figura 57: Cortes e alçados *Maison Cook*



Figura 58: Vista interior da sala de pé-direito duplo

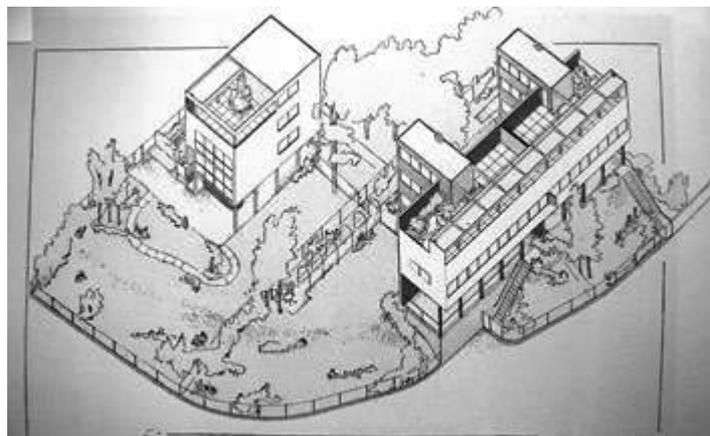


Figura 59: Os 2 edifícios de Le Corbusier em Weissenhof Siedlung

dos impulsionadores da prática da actividade física no século XIX foi Jorgen Peter Muller, que defendia uma cultura do corpo e da mente e criou um programa diário de actividade desportiva que visava o cultivo da saúde e higiene pelo exercício. Le Corbusier, adoptou este programa no seu quotidiano e enquanto apoiante desta prática tentou que ela fosse implementada no seu modelo de cidade, referindo-se a ela como “culte à l’hygiène suivant le rite de Muller”¹⁴⁰. O arquitecto disponibilizava um conjunto de serviços e equipamentos compostos por circuitos pontuados de obstáculos e barreiras de cariz aeróbico apontados à cultura do corpo e da mente, quer ao longo do enorme parque verde sobre o qual os edifícios da cidade se erguiam, quer no interior ou na cobertura das construções, funcionando como “prolongamentos do alojamento” (já anteriormente referidos e contextualizados na nota de rodapé 113). Com isto pretendia que durante alguns minutos do seu dia, o Homem, se ocupasse nestas actividades a fim de manter a sua condição de membro activo, saudável e capaz da sociedade, libertando-se dessa forma, ainda que por momentos, do seu espaço íntimo, restrito e limitado que era o seu alojamento. Este era um dos muitos pontos benéficos do plano urbano de Le Corbusier para a integração da habitação.

A construção em grande altura foi também preponderante para o conceito desta cidade moderna, pois permitia a execução vertical da cidade-jardim, espalhada ao longo de um vasto espaço verde, colocada neste de maneira a integrar-se respeitosamente nas condições naturais, privilegiando a vida ao ar puro:

“A conquista da altura traz em si a solução de problemas essenciais postos pela urbanização das cidades modernas, a saber: a possibilidade de restabelecimento das condições da natureza (sol, espaço, verdura); a separação do peão e do automóvel; a criação de dispositivos qualificados de prolongamento da habitação, dando nova oportunidades à puericultura, à energia e proporcionando novos modos de vida aos adolescentes e aos adultos.”¹⁴¹.

Além de permitir uma maior densidade populacional nestes espaços, Le Corbusier refere ainda, que a construção na vertical propunha resolver a cidade através de certos mecanismos, como a libertação de uma área bastante maior de solo, limitando assim a área construída a 5-10% da cidade. Permitia também mecanismos de zonamento das áreas de cidade ligadas aos respectivos sectores e actividades, uma maior permeabilidade, limpidez e incidência de luz nas habitações e escritórios, auxiliadas pelo aumento do uso do pano de vidro nas fachadas e utilização dos terraços dos edifícios como locais para a realização de actividades complementares à vida social e lúdica dos seus habitantes, como pontos privilegiados de enquadramento com a paisagem, tudo isto de forma a propiciar esse processo de urbanização.¹⁴²

Outras ideias revelaram-se importantes e eficazes para este modelo de integração de edifícios de tipologia semelhante ao das Unités d’Habitation, como a protecção das fachadas envidraçadas através do mecanismo *brise-soleil*, recorrendo a um sistema de palas de sombreamento em frente às aberturas envidraçadas, sobre a qual David Jenkins se pronunciou:

“The brise-soleil also bring with them a new muscularity wich aracterizes Le Corbusier post-war work. They are heavy, passive and low-technology counterplan of the machine à habiter.[...] At Marseilles, the brises-soleil are fixed with the aim of screening direct sunlight from the apartment glazing in the Summer

140 - Rabaça, A., 2013, p. 224

141 - Le Corbusier, 1946, p. 30

142 - Le Corbusier, 1930, p. 152



Figura 60: Esquema de pisos e elementos construtivos do edifício de Weissenhof Siedlung

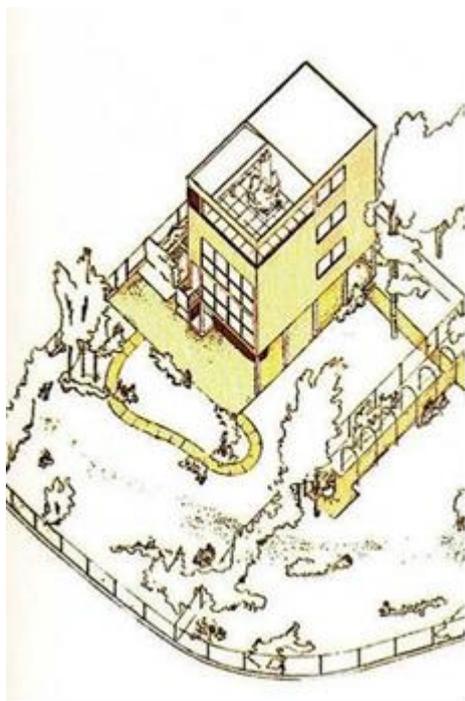


Figura 61: Desenho do edifício de Weissenhof Siedlung

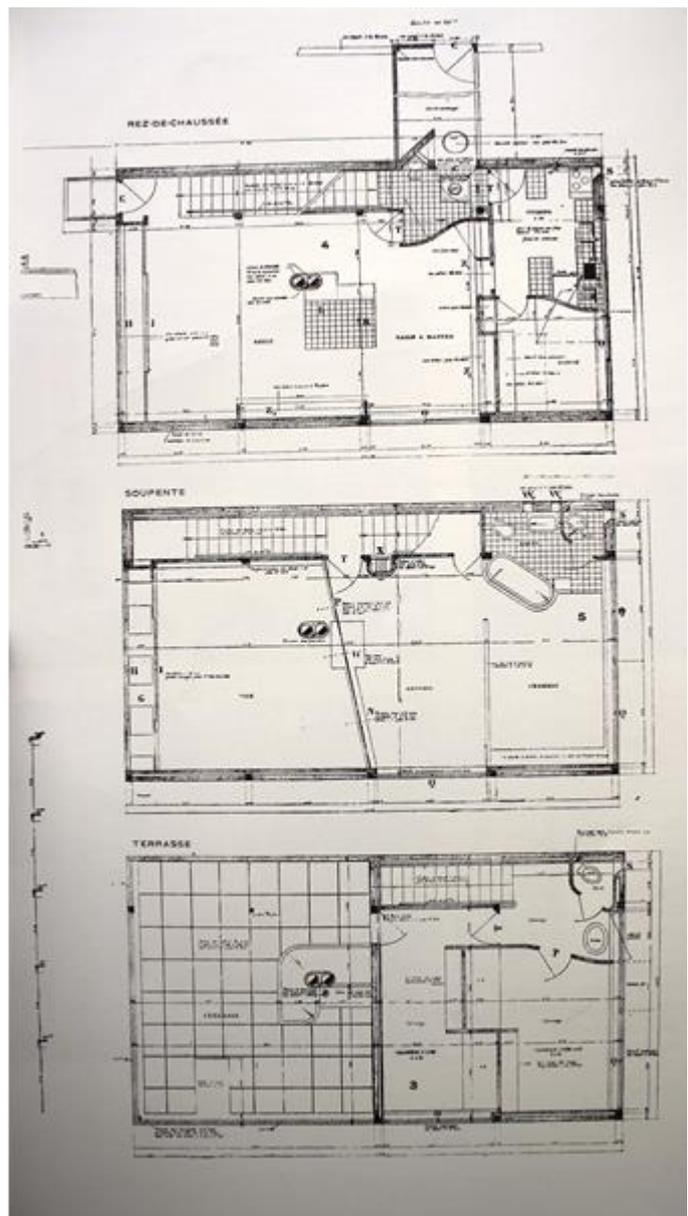


Figura 62: Plantas do edifício de Weissenhof Siedlung



Figura 63: Manufactura Duval, 1951

months, while admitting the lower Winter sun, Le Corbusier justified this system in sketches and elaborate sun path diagrams, concluding,[...] that every apartment should benefit from at least two hours of sunlight on the shortest day of the year.”¹⁴³ (figura 72).

Também a hierarquização da circulação e separação das vias para peões e automóveis, pode levar a um aumento das condições de circulação, acesso e segurança, como exposto por Le Corbusier em *Maneira de pensar o urbanismo*:

“Destá forma será julgado o processo aberto entre a cidade dispersa e a cidade comprimida e, nesta matéria de circulação, fixada a escolha entre duas concepções de exploração do progresso: circular a pé na cidade, no meio de parques, ou dedicar em cada dia uma, duas, três horas a transportes mecânicos para longe. Pareceria que a resposta deveria ser esta: o homem da civilização maquinista circulará a pé no interior da cidade, agora sob um novo arranjo.”¹⁴⁴.

A negação da rua, enquanto corredor exterior resultante do espaço deixado vago pelas casas, coloca todo o solo livre sobre o domínio do Homem, a sua vasta e larga rua, como referido por Le Corbusier em *Maneira de pensar o urbanismo*:

“separação do peão e do automóvel. O edifício deixa de ser então o simples resultado proveniente da intersecção de 3 ou 4 ruas; a rua deixa de ser um corredor entre fachadas erguidas ao longo das suas bermas, no interior do qual se precipitam[...] as coisas mais díspares[...]”¹⁴⁵.

Estes seriam os pressupostos onde a Unité d'Habitation se iria encaixar, na sua tentativa de restaurar o modelo de habitação e entendimento da cidade modernos, assentes na lei das vinte e quatro horas solares, regentes de qualquer empreendimento urbanístico e da actividade doméstica e social humana.¹⁴⁶

Ao longo deste capítulo foram analisadas, tanto as influências consideradas mais pertinentes, como a evolução dos pressupostos e opções de Le Corbusier, para ser alcançado um ideal de casa facilmente reproduzível, que leve à resposta das necessidades generalizadas do Homem. Foi visível uma vasta abrangência de mecanismos e conteúdos praticados e estudados, para que o resultado condensasse um conjunto de medidas eficazes à elaboração de espaços adequados às práticas modernas da acção social e íntima do indivíduo urbano. Tendo já sido enunciadas as origens temáticas e programáticas na base do desenvolvimento da casa integrada em meio comunitário, segundo Le Corbusier, serão de seguida analisadas individualmente as partes constituintes dessa mesma casa, enquanto célula habitacional integrada no projecto da Unité d'Habitation, bem como os elementos/serviços colectivos disponibilizados a toda a população, exultando o seu contributo para a vivência do espaço doméstico e comum do complexo.

143 - Jenkins, D., 1993, p. da imagem 20

144 - Le Corbusier, 1946, p. 83

145 - Le Corbusier, 1946, p. 40

146 - Le Corbusier, 1946, p. 10



Figura 64: Mecanismo de sombreamento *brise-soleil* na fachada do edifício Manufactura Duval



Figura 65: Interior de planta livre nos andares de produção do edifício Manufactura Duval

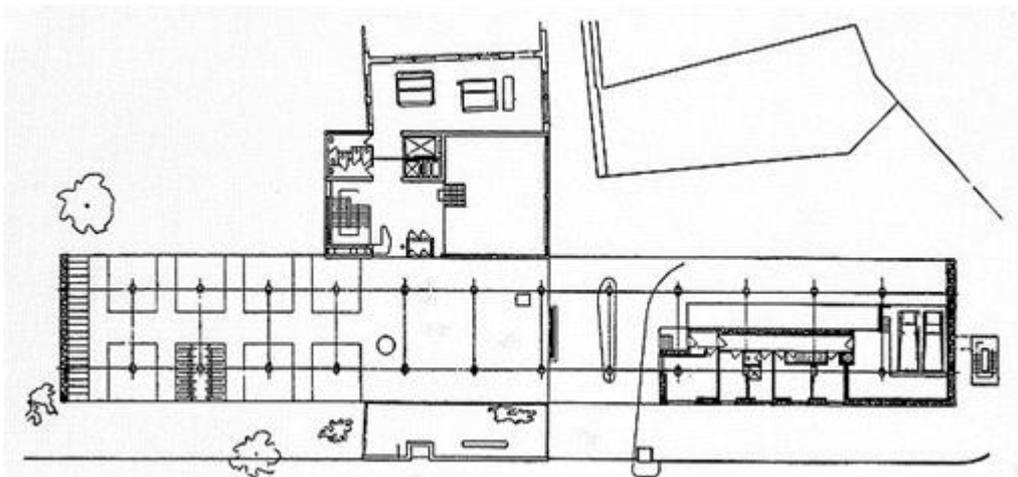


Figura 66: Planta do piso térreo do edifício Manufactura Duval

3 O modelo de Unité d’Habitation

3.1 A Unité d’Habitation de Marselha enquanto protótipo

O período de pós-guerra na Europa foi um período propício a uma reconstrução e uma remodelação ao nível da habitação, com o propósito de realojar as pessoas das zonas danificadas pela guerra, numa época em que o crescimento do fenómeno maquinista se verificava ao nível urbano: “O problema que assume um carácter de urgência, em todos os países, é o da construção de casas necessárias ao alojamento das multidões que o fenómeno maquinista concentrou nas grandes cidades.[...] Colocou-se o problema da quantidade. Além do mais, impõe-se uma rigorosa economia e sabemos o motivo”¹⁴⁷. O projecto da Unité era visto por Le Corbusier como uma solução viável e funcional ao estabelecimento de novas sociedades da era modernista pautadas por novas necessidades e rotinas no âmbito da circulação, trabalho e alojamento, como afirma Jenkins: “The Unité d’Habitation can be seen as Le Corbusier’s most significant contribution to social housing typology in so far as it offered a universal solution to the post-war european housing crisis.”¹⁴⁸.

Durante este período e com o surgimento do movimento moderno, vários arquitectos tiveram um contributo importante para a resolução deste problema de falta de habitação, integrando-a numa tipologia colectiva rentável, como são exemplos as experiências soviéticas entre as décadas de vinte e trinta, as colónias residenciais alemãs dos anos vinte e até os contributos dos congressos CIAM (já abordados em pormenor no capítulo anterior). Também Le Corbusier teve um contributo fundamental neste campo, nomeadamente graças ao desenvolvimento do seu projecto para a Unité d’Habitation, um projecto visto como protótipo/exemplo e que ele aspirava a que fosse reproduzido universalmente, podendo ser aplicado em qualquer caso e em qualquer região, reduzindo o Homem a um habitante generalizado, de dimensões padrão, com necessidades e hábitos gerais comuns e com actividades e rotinas padronizadas (referência ao sistema do Modulor, criado por Le Corbusier, abordado mais à frente neste capítulo). David Jenkins afirmou à cerca deste modelo de habitação: “The whole composition was intended to convey a message of mechanical purity and economy”¹⁴⁹. Ao falar-se deste modelo, implantado primeiramente em Marselha em 1947, na visão da presente Dissertação, terá forçosamente de se falar no conceito de protótipo, uma vez que o edifício de Marselha, a ser explorado neste capítulo, constitui para os posteriores (Rezé em 1955, Berlim em 1958, Brie yen Forêt em 1963 e Firminy em 1965) um modelo experimental que aborda e testa os programas a serem aplicados na tipologia de Unité. Alexander Tzonis refere-se precisamente a este projecto da Unité na qualidade de protótipo na seguinte afirmação: “The Unité d’Habitation was Le Corbusier’s most inventive and most influential project. As with most of his projects, the Unité was designed as a prototype and not as a single case.”¹⁵⁰. Ao falar-se de protótipo, entende-se por aqui um primeiro exemplar que é produzido com o propósito de testar/experimentar as suas premissas/temas lançados, para posteriormente se passar à produção padronizada de outros exemplares.

147 - Le Corbusier, 1930, p. 93

148 - Jenkins, D., 1993, p. da imagem 7

149 - Jenkins, D., 1993, p. da imagem 10

150 - Tzonis, A., 2001, p. 154

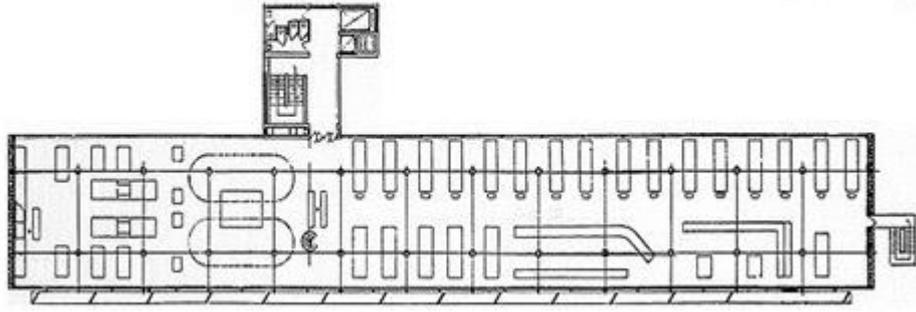


Figura 67: Planta dos pisos intermédios do edifício Manufactura Duval

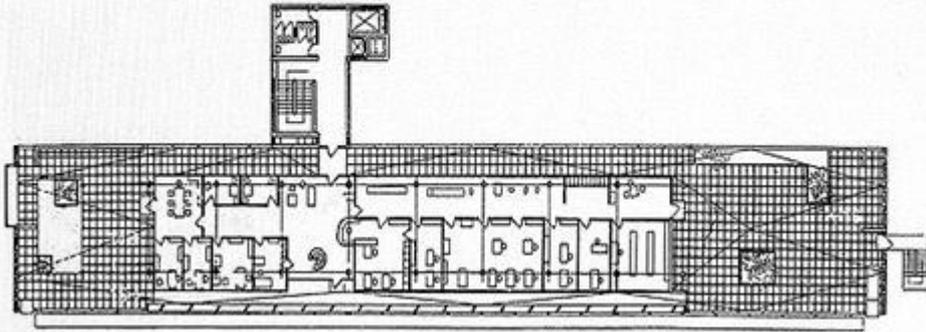


Figura 68: Planta do piso superior/terraço



Figuras 69 e 70: Vistas do terraço do edifício Manufactura Duval

O modelo da Unité é um modelo que pretende estabelecer relações entre a arquitectura e a natureza enquanto seu espaço envolvente, e relações entre os domínios público/comum e o privado/íntimo, ao formar uma comunidade assente num conjunto de serviços e programas com sede no edifício. Para tal foram concebidos módulos de células habitacionais independentes mas de cariz semelhante e conjugável, para que estas sejam agregadas num conjunto global de grandes dimensões e de alta densidade, que condense toda a actividade social, recreativa e doméstica, essenciais à vivência do habitante do espaço. Com esta afirmação, pretende afirmar-se que o modelo criado por Le Corbusier, muito à semelhança de outros modelos colectivos de habitação anteriores (como o Falanstério de Fourier do início do século XIX, ou como o edifício de apartamentos Narkonfim de 1928 em Moscovo, referidos já no capítulo 2), sendo inclusivamente de alguma forma influenciado por eles, tinha intenções de conjugar o Homem e as suas actividades num mesmo local, de modo a aumentar o seu aproveitamento. Este modelo de habitação colectiva é desenvolvido num bloco vertical de alta densidade, que diminui e desdensifica a ocupação do solo, dando por isso lugar ao surgimento de espaços verdes e à livre circulação, concentrando os focos de habitação em zonas pontuais superiores. É usado aqui como referência o conceito de cidade-jardim vertical (já explorado anteriormente no capítulo 2), como afirmado por David Jenkins: “The concept of the Unité d’Habitation as developed for Marseilles is rooted in another urban and architectural model, the vertical garden city. This was a proposition dating from La Ville Radieuse”¹⁵¹ (figura 73).

Este projecto de Unité d’Habitation é uma solução de habitação social colectiva, que procura no limite ser auto-suficiente, tentando fazer com que os seus habitantes dependam o mínimo possível dos serviços prestados por entidades exteriores ao edifício. Proporciona-lhes para isso, uma série de actividades, serviços e complementos à sua habitação para otimizar o seu quotidiano e transmitir-lhes uma sensação de conforto, bem-estar e dependência. São estes prolongamentos de serviços e actividades comuns presentes no edifício que fazem dele uma obra de uso colectivo e abrangente e que conferem, aos seus habitantes, uma consciência colectiva¹⁵² e, ao conjunto, o verdadeiro carácter de comunidade¹⁵³. Uma comunidade de cariz funcional destinada a servir a sociedade que nela se insere, quer de forma individual, quer de forma conjunta. Sobre os valores modernistas de espaço colectivo defendidos por Le Corbusier, Jenkins afirma: “Implicit within Le Corbusier’s notion of the Unité[...] is the ideal that its community should be socially self-supportive; it is this principle that is indicated by Le Corbusier’s term “logements prolonges” or extended dwellings. By extensions he

151 - Jenkins, D., 1993, p. da imagem 15

152 - Definição de Consciência colectiva consultada em: Boudon, R., 1982, p. 247 - “Deve-se esta noção a E. Durkheim que a apresentava assim: «O conjunto das crenças e dos sentimentos comuns à medida dos membros de uma mesma sociedade forma um sistema determinado que tem a sua vida própria; pode-se chamá-lo de consciência colectiva ou comum. Sem dúvida que esta não tem por abstracto um órgão único; ela é, por definição, difundida em toda a extensão da sociedade; mas nem por isso deixa de ter caracteres específicos que a tornam uma realidade distinta. De facto, ela é independente das condições particulares em que os indivíduos se encontram colocados; eles passam e ela fica [...]. Ela é o tipo psíquico da sociedade»” (de E. Durkheim. De la division du travail social. (1893). Paris: Alcan).

153 - Definição de Comunidade abordada em: Cazeneuve, J., 1975, p. 48 - “Primeiro considerada como uma totalidade, uma entidade substancial que F. Tonnies (1887) opôs à sociedade, a comunidade é hoje encarada como um conjunto de relações sociais complexas cuja natureza e orientações são examinadas em enquadramentos específicos: religioso, económico, científico, etc.”; e em: Boudon, R., 1982, p. 241 - “A comunidade é uma colectividade na qual os membros estão em unidos por laços tanto mais fortes, quanto é certo não se tratar de laços explícitos e de contrato, mas se alimentam do passado comum, da tradição, do mito, do sangue, etc.[...] Utilizado muitas vezes em Sociologia, o conceito diferencial de comunidade visa captar a especificidade das formas de sociabilidade nas sociedades tradicionais e na sociedade industrial. Mas apresentava-se fortemente marcado por toda uma avaliação crítica a respeito das sociedades de racionalidade, tidas por alienantes e fragmentadoras da para o indivíduo em proveito de sociedades decretadas mais calorosas e mais humanas. A Sociologia usa também a palavra «comunidade» noutro sentido (que no entanto não é absolutamente estranho ao primeiro). Uma comunidade é um grupo cuja especificidade permite considerá-lo como uma tonalidade acessível ao mesmo tipo de observação que a do etnólogo diante de uma aldeia africana ou de uma tribo índia.”



Figura 71: Pintura de Le Corbusier sobre a *Ville Verte*



Figura 72: Mecanismo *brise-soleil* na fachada da Unité d'Habitation de Berlin



Figura 73: Esquços da *Ville Radieuse* segundo os princípios da cidade-jardim vertical

implied the collective mechanical services and social amenities[...] that contribute to, and complement, daily life in the individual unit.”¹⁵⁴

Servirá para a presente Dissertação, o primeiro exemplo construído deste modelo habitacional (a Unité d’Habitation de Marselha, de 1947), como referência à análise dos temas e programas praticados na Unité de Firminy de 1965, o caso mais relevante para o propósito deste trabalho. Quanto aos serviços complementares à habitação e à actividade doméstica, estão distribuídos ao longo de toda a composição, desde o solo envolvente, passando pelo sistema de circulação e serviços como os elevadores, ruas-corredor, espaços de associação e convívio, um andar comercial intermédio de serviços de apoio doméstico e afins, até chegar à cobertura do conjunto, onde se podem encontrar diversos serviços destinados aos habitantes (figuras 74, 75 e 76). Le Corbusier pretendia que estes serviços, entendidos como “prolongamentos do alojamento”, ajudassem a colmatar faltas que pudessem existir nas células de habitação e fossem vistos ao longo de toda a comunidade e envolvente do edifício como: “[...]equipamentos, de ferramentas de habitação colocadas nas mãos dos seres vivos[...]. Estas ferramentas têm como objectivo facilitar as condições de existência, assegurar a saúde moral e física dos habitantes, favorecer a perpetuação da espécie, oferecendo os equipamentos necessários para uma educação perfeita, proporcionar a alegria de viver e fazer surgir e desenvolver sentimentos de sociabilidade capazes de conduzir ao civismo.”¹⁵⁵.

Começando pela zona térrea do conjunto, este está implantado sobre um vasto espaço verde que serve de tapete natural. Le Corbusier pretendia que esta zona envolvente próxima fosse explorada pelos habitantes de forma lúdica e recreativa, e durante as devidas horas do dia a tal destinadas (horário pós-laboral para os adultos e período pós-escola para as crianças descomprimirem), funcionando como um espaço exterior onde teriam a liberdade de executar as actividades que achassem adequadas, sendo a actividade desportiva a que mais destaque merecia por parte de Le Corbusier¹⁵⁶. Segundo o arquitecto, a cultura física e mental devia ser um hábito e fazer parte do quotidiano dos seres humanos para que estes pudessem levar uma vida mais saudável. Este seria um dos espaços de eleição onde o poderiam fazer (além do ginásio e pista de atletismo localizados no terraço, da Unité de Marselha neste caso, a ser abordado mais à frente no capítulo), dado ser uma zona que reunia as condições ideais de ar puro, sol, abundância de espaço e de vegetação, contrastando com os constrangimentos e restrições físicas impostas pelas dimensões mínimas do interior das suas células habitacionais.

Este espaço amplo que se prolonga por baixo de todo o edifício, só é possível graças à utilização de um sistema construtivo composto por elementos estruturais pontuais, que ficaram conhecidos por *pilotis*, que elevam a base do edifício do solo e permitem este livre fluir do espaço e do percurso do Homem (referência ao *project Dom-ino* abordado no capítulo anterior), segundo afirma Le Corbusier no seu artigo *L’habitation moderne*¹⁵⁷. Estes *pilotis*, no modelo experimental de Marselha de 1947, como é visível nas figuras 77 e 78 (que foram sofrendo algumas alterações de configuração desde aí até chegar aos restantes modelos de Unité, em Rezé em 1955, Berlim em 1958, Briey en Forêt em 1963 e Firminy em 1965), são pilares de grande dimensão e robustez, sensivelmente entre 4,7m (a

154 - Jenkins, D., 1993, p. da imagem 40

155 - Le Corbusier, 1946, p. 62

156 - Le Corbusier, 1930, p. 108

157 - Le Corbusier, 1948, p. 426



Figura 74: Prolongamentos do alojamento presentes na envolvente do edifício da Unité de Firminy



Figura 75: Prolongamentos do alojamento presentes na base do edifício da Unité de Firminy



Figura 76: Prolongamentos do alojamento presentes no terraço do edifício da Unité de Firminy

dupla medida tomada do Homem de braço esticado 2x2,26m) e os 5,2m de altura, feitos em betão armado com interior oco para permitir a passagem de alguns fios e canalizações das infra-estruturas técnicas que servem as células de habitação acima de si (figura 79). Nesta Unité de Marselha, existem trinta *pilotis* (como de resto também se verifica em Firminy), e têm uma forma sensivelmente circular com uma abertura na face interior e a sua parte superior liga-se a uma pequena galeria que vai de um extremo ao outro da composição e se situa imediatamente abaixo das células (figura 80).

Na base da composição, sensivelmente ao centro, o corpo da torre dos elevadores desce até ao solo, por entre os pórticos de *pilotis*, formando um volume que estabelece o contacto entre o exterior e o interior do edifício (figuras 81, 82, 83 e 84). Por este espaço de *hall* de entrada, que se relaciona com a zona superior do edifício, faz-se o acesso aos elevadores e à caixa de escadas central. A Unité de modo geral, foi concebida para albergar entre mil e quinhentos e mil e seiscentos habitantes, daí a colocação ao longo do conjunto, de três caixas de escadas, e na zona central, da zona de elevadores, com capacidade e em número suficiente para acomodar tal fluxo de circulação.

A rua comercial (figura 85), encontrada em Berlin e Marselha, ao contrário do que se verifica nas restantes Unités (Rezé, Briey en Forêt e Firminy), muito por força da realidade social e urbana do meio onde foram inseridas, fica situada num piso intermédio do conjunto e é um programa pensado pelo arquitecto para tentar aproximar as suas Unités d'Habitation do seu habitante, através da disponibilização de serviços de apoio doméstico e comércio. Na fachada, este piso comercial e sua galeria de pé-direito duplo destacam-se pela alteração na dinâmica de elementos que o marcam, uma vez que na sua representação exterior, este andar caracteriza-se pela presença de várias finas lâminas verticais, que constituem o processo de iluminação e sombreamento do espaço em toda a sua extensão (figura 86). A sua localização havia inicialmente sido planeada para o primeiro piso, imediatamente acima da zona de entrada no edifício, mas posteriormente decidiu colocar-se num piso intermédio, por questões de acessibilidade, segundo afirmado pelo seu arquitecto em *Precisions*. Junto a este andar comercial, encontrava-se ainda outro serviço que o arquitecto considerava bastante complementar à vida colectiva neste conjunto. Tratava-se um Hotel para convidados dos habitantes, capaz de alojar as suas visitas para que estas não tivessem de se acomodar de forma pouco ortodoxa nos aposentos de seus conhecidos, conferindo-lhes assim conforto, privacidade e maior à vontade durante a sua estadia. Todos estes constituintes do espaço global do modelo da Unité (como de resto se pode perceber pelas imagens, tanto do interior dos vários espaços, como da fachada principalmente), foram pensados e dimensionados em função do seu utilizador, o Homem comum, de forma a que este pudesse tirar partido deles da forma mais confortável e eficaz possível, sem que para isso se tenha de proceder a elaborações espaciais personalizadas individualmente. Para tal, e de modo a generalizar o conteúdo e preenchimento de tais espaços, foi necessária a criação de padrões, medidas e regras que o ditassem e pelo qual todo o conjunto se regesse. Surge assim a ideia do Modulor (figuras 87 e 88), criado por Le Corbusier em 1943, com o intuito de servir como um novo sistema universal de proporções. Este sistema permitia, a partir das proporções e medidas do corpo humano, determinar outras medidas aplicáveis a situações bastante diversas, desde equipamentos domésticos e utensílios designados ao uso humano, até ao desenho de edifícios. A base do sistema Modulor é um corpo de um Homem de 1,83m, segmentado segundo a “regra de ouro”, de razão de aproximadamente 1,61. Para Le Corbusier, a chave para atingir a forma bela e a proporção nos edifícios derivava da matemática, uma ciência

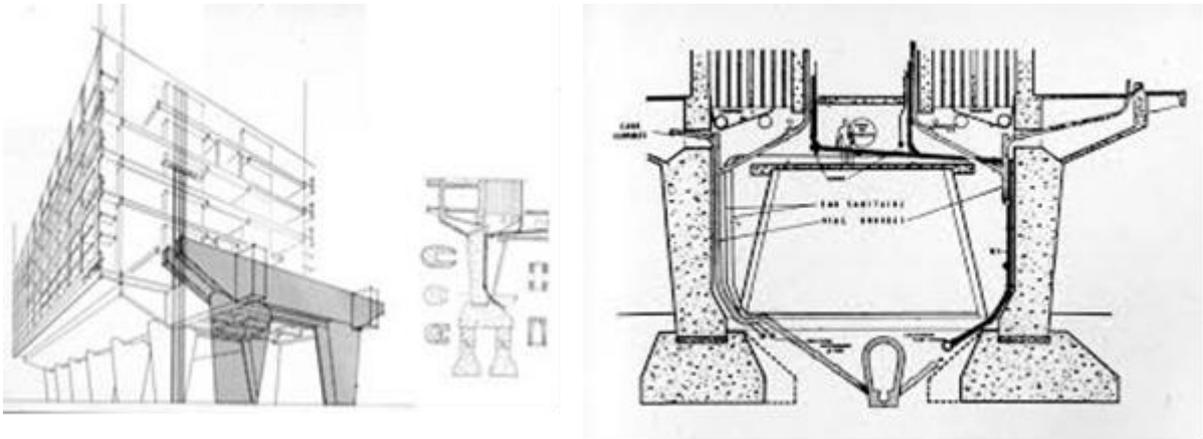


Figura 77 e 78: Esquemas de funcionamento e constituição dos *pilotis* nos edifícios das Unités



Figura 79: Vista da galeria de infraestruturas presente no topo dos *pilotis* e abaixo dos alojamentos



Figura 80: Vista dos *pilotis* na base da Unité d'Habitation de Marselha



Figura 81: Vista da zona de entrada no *hall* da Unité d'Habitation de Marselha

exacta e racional que servia de veículo para elevar a arquitectura, facilitando a sua standardização e torná-la adequada ao Homem. Sobre isto Le Corbusier afirma em 1948:

“Ayant envisagé, pour le logis, des fabrications en série et des préfabrifications, il apparaissait indispensable de disposer d'un outil de mesure capable d'apporter unité et diversité. Où chercher cette unité? Où découvrir une telle diversité? Dans la mathématique. La mathématique règne sur l'univers; elle est en particulier inscrite dans les mesures du corps humain. C'est donc en conjuguant la figure humaine, d'une part, et les nombres, d'autre part, qu'un outil exceptionnel de mesure pouvait être décelé. Nous l'avons appelé le «Modulor», car il procède de la «section d'or» chère à toutes les grandes époques d'art. La section d'or est cette mesure privilégiée qui fournit des séries illimitées de dimensions agréables à l'œil.”¹⁵⁸.

É facilmente verificável que Le Corbusier defendia a matemática como uma das bases formais e conceptuais da arquitectura, por força da sua exactidão e precisão, fornecida apenas pela presença dos números. Era através dos números que se tornava possível a proporção, a medida e o cálculo, mecanismos auxiliares fundamentais ao dimensionamento estrutural e estabelecimento de regras compositivas, que tanto introduzia nas suas obras de arquitectura. Para ele, a matemática significava o caminho mais capaz e lúcido de atingir a perfeição, fosse em que campo fosse.

Segundo Le Corbusier, também a geometria, enquanto derivação da matemática, era fundamental para a arquitectura, e como tal, esta fazia-se de relações e julgamentos de quantidade, para que pudesse causar no Homem determinadas sensações: “A sequência das sensações é como uma melodia na música.”¹⁵⁹. A maior sensação que Le Corbusier desejava despertar no Homem enquanto utilizador dos espaços, era o conforto, então ao observar e estudar as suas posições e movimentos naturais, ele adaptou o desenho dos espaços e elementos domésticos à sua actividade (figura 89). Foi então que Le Corbusier, nomeadamente para os projectos da Unité d'Habitation, dimensionou todos os equipamentos domésticos como as camas, as cadeiras, os armários, as mesas e até a bancada da cozinha que limita o espaço entre esta e a sala, segundo este sistema. Também as medidas de altura e largura dos espaços são concebidas segundo este precedente (figuras 90 e 91).

Como exemplo perfeito deste princípio, referimos o tema do mobiliário e o seu contributo para a composição espacial. Le Corbusier tinha uma visão unitária deste para com a envolvente que servia e onde se inseria, que passava pela sua integração na leitura ininterrupta do espaço, sem causar incómodo à acção humana. Para o arquitecto, o mobiliário não deveria ser algo extra ao espaço, mas sim ser parte integrante do mesmo. Segundo ele¹⁶⁰, deveria ler-se o espaço, nomeadamente o espaço doméstico neste caso, enquanto algo global em todas as suas partes e constituintes, como um todo harmónico, sem que o mobiliário constituísse uma separação ou obstáculo à sua apreensão contínua, defendendo para tal, uma interrelação entre todas essas partes, para que se pudesse chegar a uma visão e utilização totalitária (figura 92).

Nas palavras de Bachelard, relativamente à concepção unitária dos espaços:

“[...]things could not be created independently of each other in space whether movable or fixed, without

158 - Le Corbusier, 1948, p. 427

159 - Le Corbusier, 1930, p. 136

160 - Le Corbusier, 1930, p. 160: “A arquitectura é um encadeamento de acontecimentos sucessivos, que vão da análise à síntese. Acontecimentos que o espírito tenta tornar sublimes através da criação de relações tão precisas e perturbadoras que delas decorrem sensações fisiológicas profundas. Intervém um verdadeiro deleite espiritual ao lermos o problema resolvido e alcançarmos uma percepção da harmonia graças à qualidade aguda de uma matemática que une cada elemento da obra aos demais e o conjunto dela a esta outra entidade que é o meio ambiente, o local”.



Figura 82: Vista do interior do *hall* de entrada da Unité d'Habitation de Marselha



Figura 83: Vista do exterior do *hall* de entrada na Unité d'Habitation de Firminy



Figura 84: Vista do exterior do *hall* de entrada na Unité d'Habitation de Firminy



Figura 85: Vista interior da rua comercial de pé-direito duplo na Unité d'Habitation de Marselha

taking into account their interrelationships and their relationship to the whole. It was impossible simply to accumulate them as a mass, aggregate or collection of items.”¹⁶¹.

Foi contra esta lógica de acumulação de elementos no espaço doméstico, que Le Corbusier pensou e preparou a organização e circulação interna das células. Tinha em vista a uma livre fruição e causalidade no seu interior, criando uma série de relações espaciais apoiadas na colocação, tanto do mobiliário, nos casos da bancada da cozinha que a separa da sala de estar por exemplo, como de outros elementos, como portas deslizantes recolhíveis, que tanto abrem e expandem, como fecham e isolam divisões, tentando retirar o maior rendimento racional de um espaço reduzido e contido.

Le Corbusier substituiu também ao longo da sua obra, o termo “mobiliário” por um novo, passando a chamar aos elementos que servem o espaço da habitação de “equipamentos domésticos”¹⁶². Segundo ele, todo o mobiliário existe para satisfazer as necessidades de um Homem comum e com necessidades comuns, daí os móveis poderem também eles serem standardizados de forma a enquadrarem-se mais abrangentemente nas funções mais gerais. Para tal, e além desta vertente de standardização, segundo a qual defendia a produção e fabrico de todo o tipo de equipamentos/utensílios quotidianos, Le Corbusier defendia ainda que estes seus equipamentos domésticos deveriam inserir-se na habitação segundo as medidas e dimensões exactas do corpo humano, para servir de forma precisa o seu utilizador facilitando a sua rotina, como expôs em *Precisions*¹⁶³ (remetendo novamente para o sistema Modulor).

Relativamente à circulação neste modelo de Unité d'Habitation, encontram-se as ruas aéreas, que são um tema introduzido na obra de Le Corbusier desde os seus projectos para as Immeuble-Villas (1922-1925). É sobre estas ruas que o arquitecto se refere nesta sua afirmação:

“No bloco inferior, atrás, projecto uma rua. Esta rua tornar-se-á uma rua no ar, algo diferente do passeio sobre o solo. Esta «rua no ar» se repetirá sobrepondo-se a cada seis metros; portanto, «ruas no ar» a 6, 12, 18, 24 metros acima do solo. Mantenho a denominação «rua» de preferência a «corredor», a fim de enfatizar que se trata de um dispositivo de circulação horizontal inteiramente independente das *villas* que a circundam e cujas portas se abrem para ela.”¹⁶⁴.

Estas galerias ou ruas aéreas, eram inicialmente um mecanismo de circulação aberto e não constrangido, que tinha influências na ideologia e funções da rua tradicional, aqui reproduzida em altura e em contacto com o exterior, para servir no ar e em vários níveis, um edifício de uso colectivo. Estes mecanismos tratavam-se de uma variação inicial das ruas aéreas (como as abordadas pelos Smithson's em anos posteriores, referenciadas no capítulo anterior) que foram inserir-se posteriormente no projecto das Unités de forma interna e encastrada no corpo do edifício, encaixando-se no espaço sobrance entre células de habitação de um mesmo andar, passando a formar corredores largos (figura 93). Por se encontrarem localizadas no interior do espaço do volume global e por serem limitadas de ambos os lados pelas paredes exteriores das células, estas ruas presentes no projecto da Unité, são vistas como corredores, espaços limitados, que obrigam por isso a serem iluminados

161 - Bachelard, G., 1958, p. 124

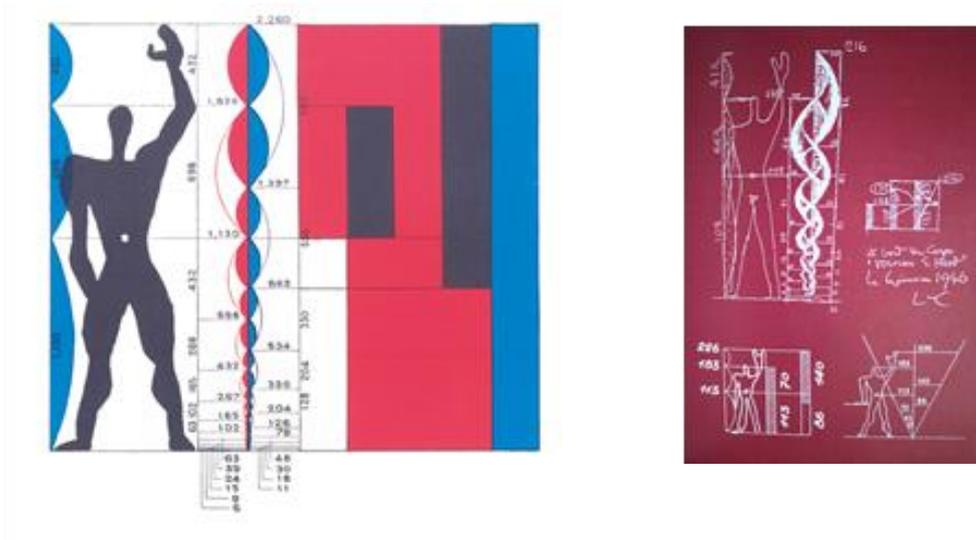
162 - Le Corbusier, 1930, p. 126

163 - Le Corbusier, 1930, pp. 114-115

164 - Le Corbusier, 1930, p. 103



Figura 86: Vista exterior da rua comercial na fachada da Unité d'Habitation de Marselha



Figuras 87 e 88: Esquemas do sistema Modulor apoiado na sequência da regra de ouro

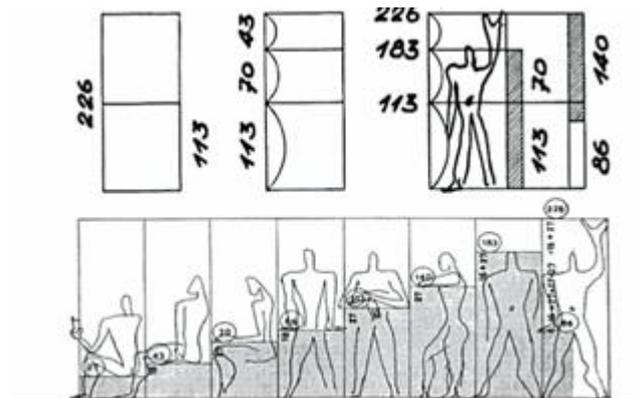


Figura 89: Esquema de posições e movimentos do Homem presentes no sistema Modulor



Figura 90: Esquema de medidas do sistema Modulor presente na fachada da Unité de Marselha

artificialmente. Estas ruas-corredor interiores, como aqui são referidas, vão de um extremo ao outro do corpo do edifício e servem todos os alojamentos do conjunto (figura 94, correspondente à Unité de Marselha), cujas portas de entrada se encontram iluminadas individualmente, possuindo uma cor viva que as distinguem das outras portas nas proximidades. Este mecanismo policromático é usado pelo arquitecto ao longo de todas as ruas por motivos de facilidade de orientação, ao qual se junta o número da porta (tema de presença constante na elaboração de todos os cinco modelos de Unité, visível na figura 95). Ao longo do edifício, verticalmente, estão dispostas sete ruas interiores (figuras 96 e 97). Estas ruas utilizam um módulo de 2,26m para a altura (módulo retirado do sistema Modulor, correspondente à altura do Homem com o braço esticado verticalmente), igual ao utilizado no interior de cada andar da célula, e de 2,96m para a largura (medidas que foram, também elas, sendo posteriormente reproduzidas no decorrer dos seguintes projectos das Unités). As ruas-corredor, além de estarem ligadas a todos os alojamentos, estão directamente ligadas à zona de elevadores e à zona das caixas de escadas distribuídas ao longo do seu comprimento.

Eis que se chega aos alojamentos, a peça fundamental à vida doméstica do Homem no seio destas comunidades, e acerca dos quais, o próprio arquitecto afirma: “Vivemos em apartamentos. O apartamento é um conjunto de elementos mecânicos e arquitecturais que garantem a nossa segurança e nosso conforto. Falando de urbanismo, podemos considerar o apartamento como uma célula.”¹⁶⁵

Este projecto da Unité foi desenvolvido com o intuito de conter diversos apartamentos individualizados uns dos outros dentro de um corpo de programa colectivo. Os apartamentos foram desenhados segundo algumas influências da casa individual/moradia isolada (anteriormente desenvolvidas no capítulo 2), mas sendo no entanto aqui inseridos num volume global regular. Estes apartamentos, eram denominados pelo arquitecto de “células” habitacionais¹⁶⁶, por se tratarem de espaços standarizados e reproduzidos segundo módulos de regra e proporção constantes. Esta regra/proporção permitia aumentar ou diminuir o espaço base de célula, de modo a adaptar-se ao núcleo familiar que nela se viria a inserir, através da adição ou subtracção de “peças” modulares, que iriam formar bastantes variações diferentes de alojamento (vinte e três no caso de Marselha). Todas estas células tinham alguns temas e elementos em comum, que o arquitecto foi desenvolvendo ao longo do seu percurso, em obras como as casas Citrohan (1ª versão em 1920 e 2ª versão em 1922) ou as Immeuble-Villas (entre 1922 e 1925), como o facto de serem desenvolvidas em dois pisos, para darem ao seu utilizador a sensação de se encontrar numa moradia com suas funções e serviços distribuídas e organizadas interiormente.

Tome-se assim como exemplo, o modelo de célula mais simples e comumente utilizado pelo arquitecto (figuras 98 e 99), que serviu de base a todas as outras variações a que foi sujeito (referidas anteriormente) para se adequar a todos os núcleos familiares que pretendia albergar. As combinações de elementos modulares nas células eram uma ferramenta racional e económica de encontrar uma solução adequada a vários casos, utilizando os mesmos recursos, como refere Curtis: “Todos os elementos que compõem as células são standarizados, é apenas a sua combinação que varia, para formar diferentes tipos de alojamento.”¹⁶⁷

Neste exemplo (remetendo para as figuras 98 e 99), o mais pertinente ao estudo da célula habitacional

165 - Le Corbusier, 1925, p. 201

166 - Le Corbusier, 1930, p. 108

167 - Curtis, W., 1984, p. 437



Figura 91: Esquema de medidas do sistema Modulor presente na fachada da Unité de Firminy



Figura 92: Vista da composição racional criada por Le Corbusier para o espaço da cozinha

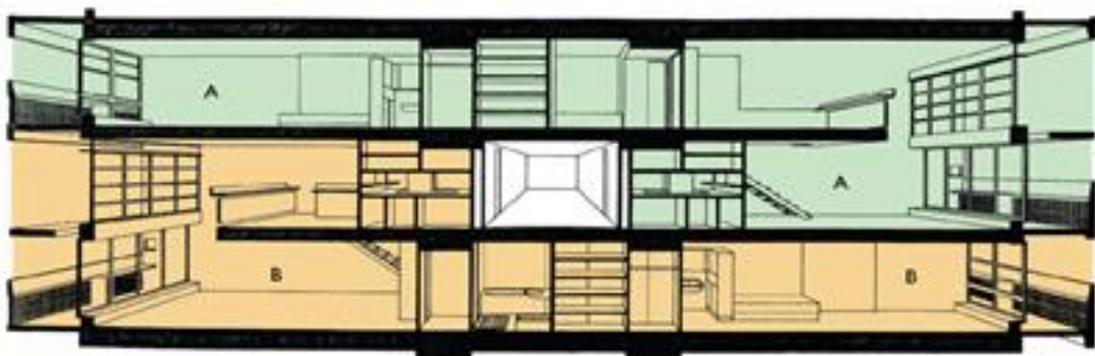


Figura 93: Esquema de posicionamento das ruas interiores face às posições das células

nos cinco edifícios das Unités (a célula com um quarto de adulto e dois quartos para criança, que podem alojar até quatro crianças com a colocação de camas em beliche), pode ver-se a complementaridade e ligação de uma célula simples de dois quartos com outra do mesmo género mas em posição invertida. Ao longo de toda a composição, as duas células deste sistema compositivo têm a particularidade e o mérito de encaixarem perfeitamente uma na outra. No espaço sobrance entre ambas, que as separa, aparece a rua-corredor em corte, que percorre todo o edifício ao longo daquela zona central (figura 100). Em cada célula, está presente uma armadura metálica, independente da estrutura de betão global onde se irá encaixar, que define a sua estrutura e seus limites, e onde estão contidos mecanismos de isolamento térmico e acústico que absorvem a vibração produzida no interior do espaço e a impedem de se propagar pelo resto da estrutura, como afirmou David Jenkins em 1995¹⁶⁸.

Todas as células (excepto as do tipo estúdio, de área mais reduzida, e as células localizadas ortogonalmente perante o resto da composição, no topo Sul do edifício, que apesar de poderem desenvolver-se em mais do que um piso, apenas contactam com a fachada do lado Sul, tendo assim apenas uma abertura para o exterior através da varanda do mecanismo *brise-soleil*) contactam com ambas as fachadas com aberturas para o exterior, a Este e a Oeste, permitindo assim uma ventilação cruzada e fazendo com que a luz natural percorra todas as divisões do alojamento. A largura base desta célula de que se fala (tomando aqui como exemplo este alojamento respeitante à Unité d'Habitation de Marselha, anteriormente referido), é de 3,66m (2x1,83m), medida que diz respeito ao dobro da altura do Homem (e sua correspondente envergadura, que se trata da medida maior entre as extremidades do corpo humano, neste caso entre as pontas de ambos os braços esticados, correspondendo numa anatomia perfeita à mesma medida da altura do corpo, dos pés à cabeça) (figura 101), medidas estas enquadradas no sistema Modulor. Esta relação de dimensões na largura da célula existe de modo a conseguirem formar-se dois corredores, cada um sensivelmente com a medida da envergadura do Homem (1,83m), para que este possa circular livremente dentro dessa célula longitudinal de largura base de 3,66m, mantendo ambos os corredores, neste caso correspondentes aos quartos de criança, voltados para a fachada. Isto permitia a ambos serem naturalmente iluminados (figura 102). A medida adoptada para o pé-direito de cada piso doméstico foi de 2,26m (referência à medida do Homem com o braço esticado do sistema Modulor), podendo ser multiplicada para 4,80m (medida que vai desde o chão do primeiro piso até ao tecto do segundo) estabelecendo assim a medida de pé-direito duplo utilizada em espaços como a zona da sala de estar, experienciada pelo habitante no contexto global da habitação, como o coração do alojamento¹⁶⁹. Este espaço de dupla altura que marca a sala como centro simbólico da composição, já anteriormente experimentado por Le Corbusier em projectos como as casas Citrohan de 1920 e 1922, a Villa Schowb de 1916 ou a Maison Cook de 1926 (como já referido no capítulo anterior), ajuda a distribuir funções e organizar os dois níveis em que se desenvolve a habitação, enquanto funciona também como bolsa de ar e luz que depois se dispersa para

168 - Jenkins, D., 1993, p. da imagem 26

169 - É aqui usado o termo “coração do alojamento” para descrever a zona da sala de estar de dupla altura na célula habitacional criada por Le Corbusier, para o modelo das Unités d'Habitation, isto para sublinhar o papel de grande importância que este espaço revelou ter para o arquitecto quando este projectou a célula-tipo. Este espaço, apesar de não se encontrar no centro aritmético da composição, dizia respeito ao seu centro simbólico e compositivo, pois é à volta dele que todo o alojamento se organiza e a partir do qual se estabelece a ligação entre o andar inferior e o superior. Este princípio, a partir do momento em que foi experimentado na obra de Le Corbusier, continuou a ser apurado até chegar ao modelo que apresenta na célula da Unité, o que faz deste elemento um dos mais importantes na sua constituição.

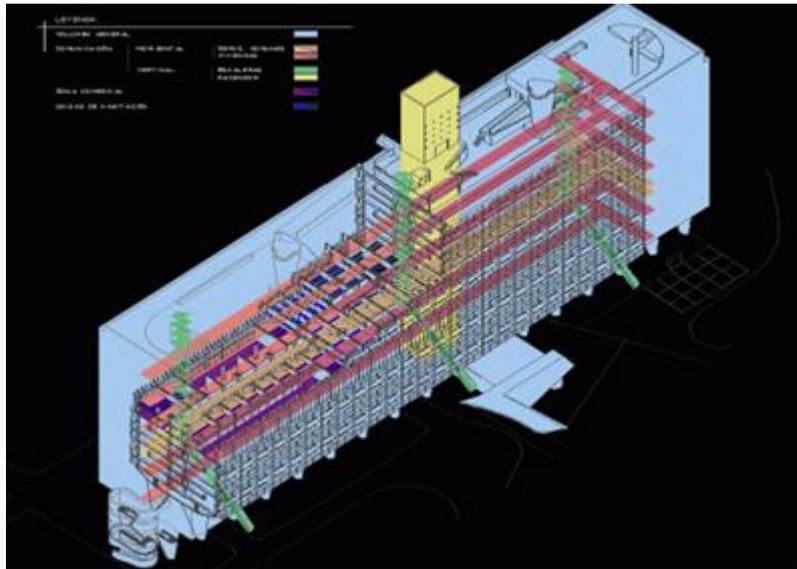
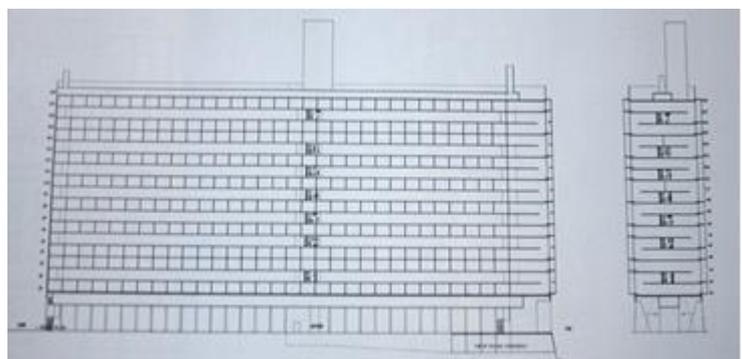
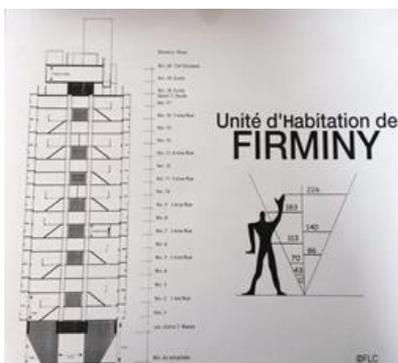


Figura 94: Esquema 3D da posição e distribuição das ruas interiores no interior da Unité d'Habitation



Figura 95: Vista de uma rua-corredor interior com o mecanismo policromático



Figuras 96 e 97: Cortes transversal e longitudinal da Unité d'Habitation de Firminy

o restante corpo da casa. Le Corbusier afirmou isto mesmo quando falou sobre este espaço no seu artigo de 1948, *L'habitation moderne*:

“Cette hauteur de 2 mètres 26, adoptée pour Marseille, peut se dédoubler au moment utile, fournissant alors une mesure de 4 mètres 70 de vitrage en façade. Une telle source de lumière déclencherà une sensation psycho-physiologique magistrale, impor tantepar la qualité du ciel, de la lumière, de l'espace qu'elle appor teraà la vie quotidienne.[...] Cette double hauteur conduit à d'autres conséquences: c'est elle qui autorise l'appartement en profondeur puisqu'elle l'inonde de lumière et que cet afflux de lumière est un bienfait.”¹⁷⁰.

Esta afirmação revela a importância da luz e do envidraçado na obra da *Unité*, nomeadamente no espaço de pé-direito duplo, que dada a sua dimensão no conjunto global da célula, é o seu mecanismo mais activo de iluminação e o local onde se verifica uma quebra/alteração na continuidade formal do alojamento, daí a sua relevância.

Relativamente à compartimentação da célula, David Jenkins afirma: “Typically, the apartments are composed from three basic accomodational elements: a kitchen/living room, the parents bedroom and bathroom, and the childrens bedrooms and showers. These elements are either manipulated, or added and subtracted to achieve the required range of dwelling sizes and types.”¹⁷¹. Retira-se desta afirmação que, qualquer tipo de variante de célula se centra principalmente no encadeamento destes três tipos de espaços. Ainda segundo este autor e segundo as figuras 98 e 99, pode verificar-se que neste modelo base de agregação de células, por norma a zona inferior de cada célula era ocupada pela cozinha e sala de refeições, estando sempre que possível agregada à zona da sala de estar de pé-direito duplo. Neste espaço da cozinha, a introdução dos equipamentos domésticos que a servem, é feita de forma racional para haver uma optimização no uso do pouco espaço existente e do funcionamento pretendido de uma cozinha (referência à cozinha de Frankfurt¹⁷² e figuras 103 e 104). O balcão da cozinha, equipamento que estabelece o limite entre a zona de cozinha e a zona de sala, substitui aqui o papel de uma parede rígida, conferindo a ambos os espaços uma capacidade de comunicação constante. Esta comunicação é conseguida através das dimensões utilizadas para a concepção do balcão, que permite a existência de um corredor lateral que liga directamente à sala e facilita a circulação entre zonas, permitindo ainda, graças à medida usada para a altura do balcão, o permanente contacto visual entre a pessoa que utiliza as funções da cozinha e as pessoas que se encontram na zona da sala. Esta medida remete mais uma vez para o sistema *Modulor* e para as figuras 87 e 88, sendo aqui implantada neste equipamento a medida de 1,40m, fazendo o balcão terminar sensivelmente à altura da zona do peito da pessoa, remetendo para uma imagem de balcão de bar, como afirma Jenkins: “A low, bar-like built-in unit, mediates between the kitchen and dinning areas[...].”¹⁷³

No que diz respeito ao quarto e sua importância para a casa e constituição do universo doméstico, Le

170 - Le Corbusier, 1948, p. 433

171 - Jenkins, D., 1993, p. da imagem 32

172 - A cozinha de Frankfurt, foi um modelo de cozinha realizado por Margarete Scutte-Lihotzky em 1926, a mando do arquitecto Ernst May, que estava encarregue da construção de um grande número de moradias de custo reduzido para repopular a zona de Frankfurt após a Iª Guerra Mundial. Este modelo de cozinha assente em princípios de economia de custos e eficiência, foi concebido após vários estudos de eficiência relativos aos movimentos feitos e rendimento retirado das actividades decorridas na cozinha, onde se estabeleceu uma comparação directa com as cozinhas tradicionais da época. O reduzido espaço obrigava a uma racionalidade extrema e a uma distribuição exacta e funcional de todos os equipamentos para que as movimentações dentro dele fossem o mais rentáveis e reduzidas possível, dando lugar a uma sensação de espaço mais amplo e organizado (como se pode verificar nas figuras 103 e 104).

173 - Jenkins, D. (1993), p. 32

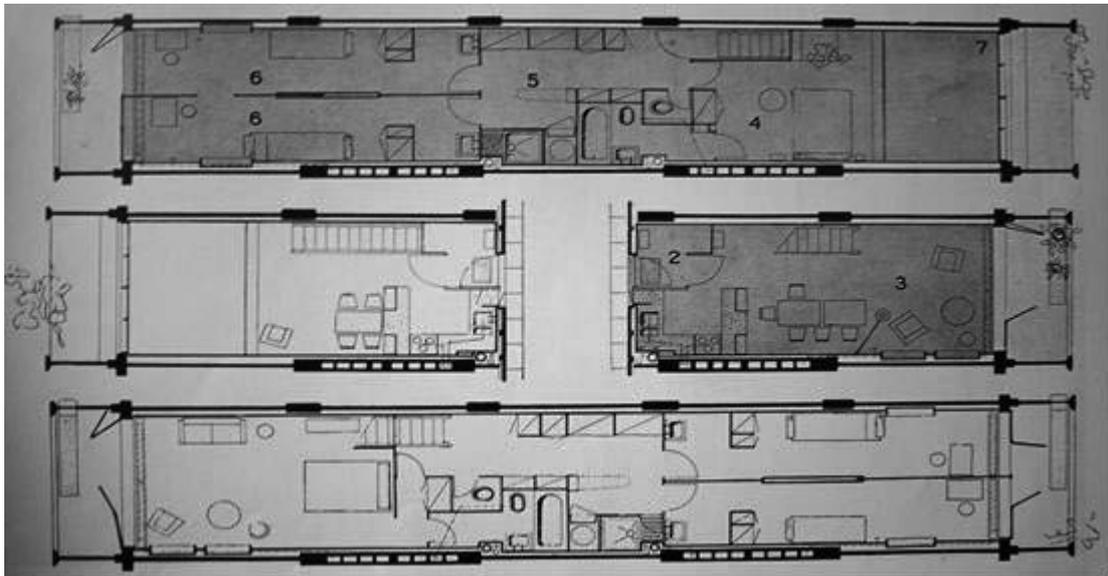


Figura 98: Esquema de plantas da ligação de duas células habitacionais base das Unités

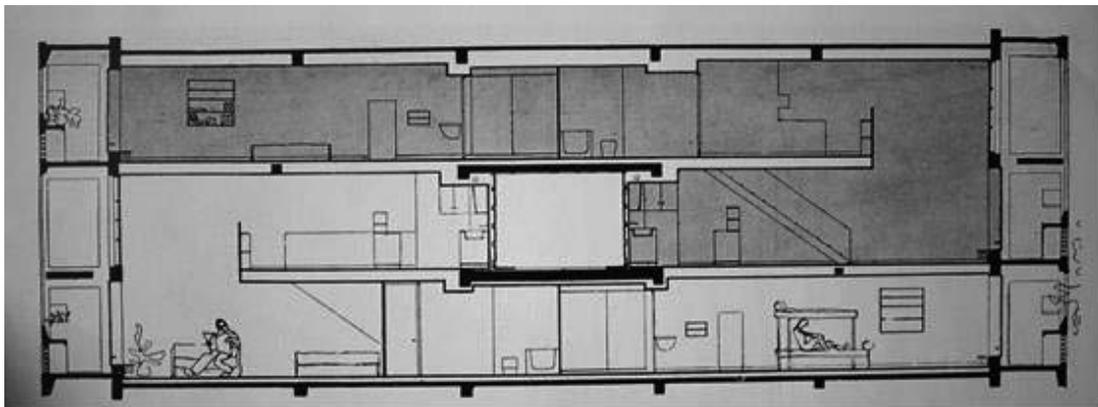


Figura 99: Esquema em corte da ligação entre duas células habitacionais base das Unités

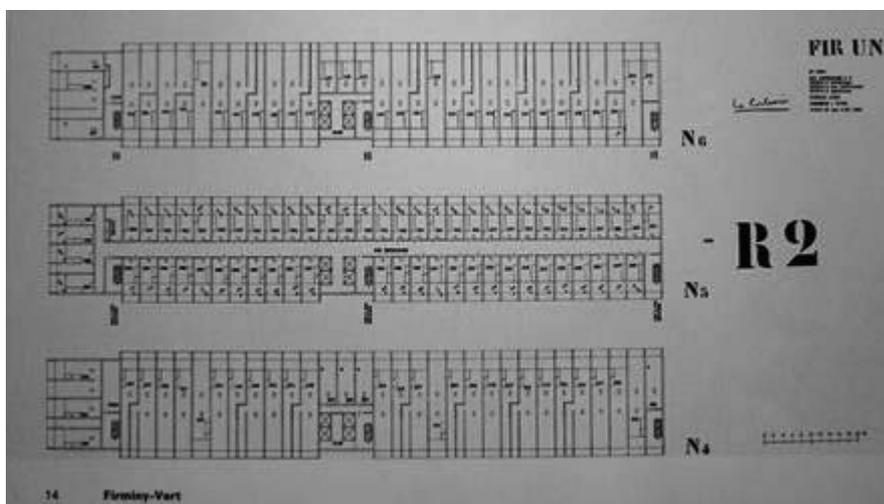


Figura 100: Planta de pisos do conjunto da Unité d'Habitation de Firminy
Por onde passa uma rua-corredor interior e sua ligação às células habitacionais

Corbusier afirma:

“Quel est l'élément déterminant de l'appartement? C'est la chambre. Dans l'usage courant, on connaît cette chambre: un local carré avec un lit au milieu, une ampoule électrique au plafond... C'est la chambre inhospitalière par excellence. Chaque membre de la famille, le gamin comme le père et la mère, doit pouvoir disposer d'un asile personnel, où on lui «fichera la paix», où il aura sa table de travail. Il disposera, en outre, d'un espace suffisant pour sa culture physique. Il aura son lit pour dormir[...], un espace pour se déshabiller[...], à l'intérieur duquel il disposera des casiers et penderies pour ranger ses vêtements. Puis, ce sera la douche qui, plutôt que la baignoire, est indispensable à condition d'avoir de l'eau chaude et froide. Enfin, le lavabo à eau courante.”¹⁷⁴.

Nesta afirmação, o arquitecto, refere o entendimento geral tirado deste espaço bem como a sua composição funcional e formal, face à sua visão mais radical do conceito de quarto e das funções quotidianas que o Homem poderia realizar ou exercer nele. Para o Homem, independentemente da sua localização ou aspecto, o quarto, funciona de maneira geral como seu santuário, o seu espaço verdadeiramente íntimo onde se pode libertar. É aquele espaço a que cada membro de uma família tem direito e que diz respeito ao seu “cantinho de privacidade” dentro da composição da casa, já se tratando ela própria, de um programa privado para o Homem face à sociedade. Aqui, Le Corbusier identifica o quarto como uma divisão determinante do apartamento, precisamente pelo seu papel no seio da casa. Na posição desta Dissertação, de modo geral o quarto apresenta-se como sendo a divisão que dá propósito à existência da casa, uma vez que é o quarto que representa o expoente/finalizar de todo o processo doméstico e íntimo, e que todo o Homem procura no final da sua actividade diária. Como tal, e apesar de na célula habitacional criada por Le Corbusier, esta divisão não ser vista como um espaço central à volta do qual o alojamento se organiza, ela mantém para o utilizador a sua função principal, independentemente da sua colocação ou forma, daí a sua designação de “determinante”.

A zona do quarto dos adultos (figuras 105 e 106), está sempre localizada junto da zona de pé-direito duplo, quer seja no piso superior da habitação, quer seja no inferior. Na tipologia em que este quarto se localiza no piso inferior da habitação, está associado à zona da sala de estar de pé-direito duplo com a qual contacta directamente, sendo que a única distinção existente entre ambas é a diferença de pé-direito, que cria uma percepção e leitura de espaço distintas. Quando este quarto de adultos se encontra no piso superior da composição, situa-se de frente para um mezanine/uma varanda interior aberta por cima do espaço da sala que limita o espaço do quarto e que permite à sala ganhar a sua dupla altura. A zona posterior a este espaço desenvolve-se de forma semelhante à da primeira tipologia, como se pode verificar na figura 98. Estes quartos são equipados de forma ligeira, apenas com a cama de casal e um armário embutido, feitos segundo as medidas do corpo humano, de forma a deixar alguma área livre para o uso recreativo pessoal de cada um.

Os quartos de criança (figura 107 e 108) encontram-se de maneira geral (e particularmente no exemplo de célula que é aqui mostrado pelas figuras 98 e 99), no extremo oposto ao do quarto dos adultos, contactando com a fachada oposta do volume. São desenvolvidos segundo uma forma menos convencional, de modo a organizar as suas funções internas e torná-los espaços deliberadamente funcionais, otimizado assim a área útil da célula. A largura de 3,66m desta célula base, permite que o seu interior se divida em dois corredores de 1,80m (medida aproximada da altura e envergadura do Homem de 1,83m do sistema Modulor, retirando a grossura das paredes divisórias interiores), pois foi

174 - Le Corbusier, 1948, p. 434

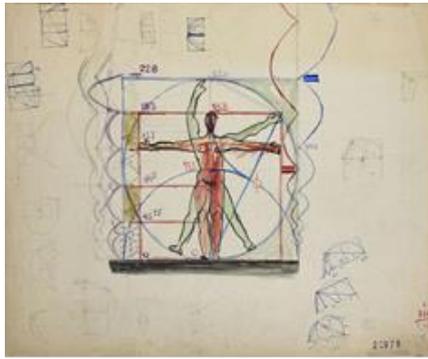


Figura 101: Esquema de proporções de ouro do corpo Human, por Le Corbusier

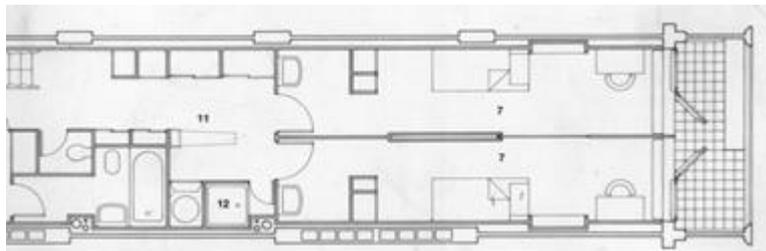


Figura 102: Planta de célula base na zona dos quartos de criança divididos em dois corredores

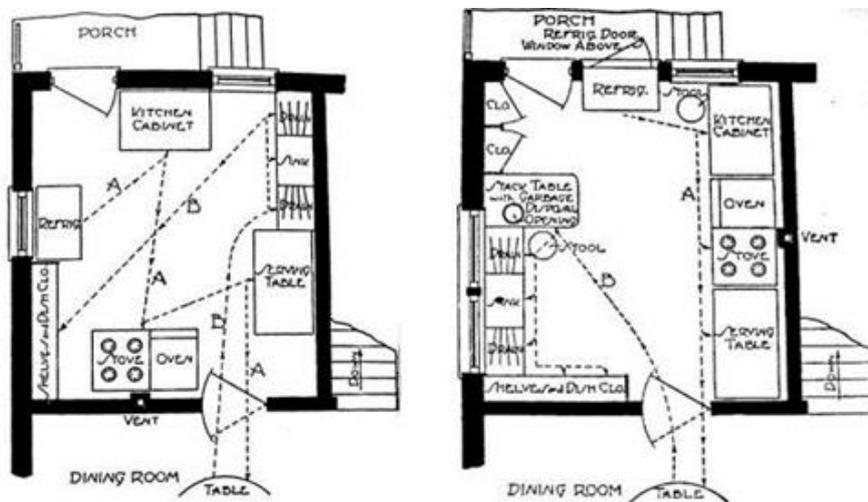


Figura 102: Esquema de uma cozinha desorganizada (à esq.) e uma cozinha funcional (à dir.)

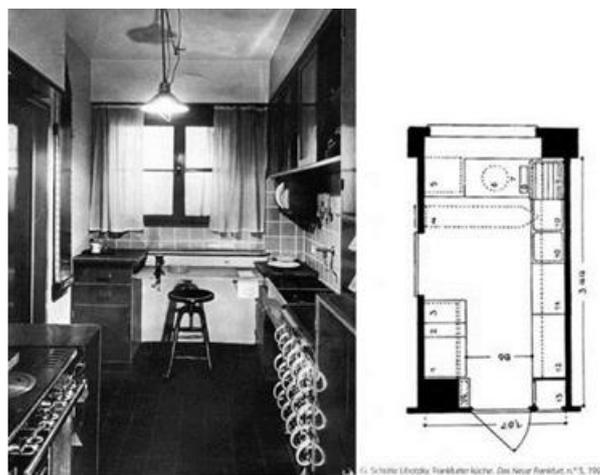


Figura 104: Vista e planta da cozinha de Frankfurt

prevista para conter dois quartos de criança. Estes corredores longos e estreitos servem o programa do quarto das crianças como um espaço funcional, como se tratasse de um percurso longitudinal pontuado por equipamentos (camas ou beliches, mesa de trabalho, armários e cómodas embutidas e pequenas zonas abertas para brincar que se podem expandir) onde os utilizadores podem realizar as suas actividades pessoais. Le Corbusier referiu-se a este conceito e forma de quarto da seguinte forma: “*Cette chambre prend une forme singulière qui irrite les esprits traditionnalistes : c'est un couloir, mais où tout est spécialisé, où tout est en ordre, où toutes les fonctions s'organisent dans une suite régulière. [...] Cette chambre d'ailleurs n'est possible que munie d'un «pan de verre» à son extrémité.*”¹⁷⁵. Estes quartos, possuem ainda uma mesa de trabalho e um lavatório para a higiene pessoal do seu utilizador, localizado junto à porta. Os quartos foram pensados de forma a não serem componentes demasiado rígidos da casa e de forma a obedecerem a normas impostas pelo HLM (Habitation à Loyer Modéré) para este tipo de espaços, sendo por isso equipados com portas deslizantes na parede divisória colocada ao centro, para uma possível expansão ou isolamento das divisões, consoante o uso que os seus utilizadores pretenderem retirar deles. Quando se referem nesta Dissertação estes quartos, como não sendo zonas demasiado rígidas no seio deste alojamento, pretende-se sublinhar o seu carácter pouco convencional quanto à sua forma e sucessão de equipamentos. Isto verifica-se nomeadamente na sua disposição longitudinal e na possibilidade de, uma vez serem constituídos por estreitos corredores colocados lado a lado virados para a fachada, se expandirem uns para os outros, alargando ou ligando as divisões, transfigurando assim o entendimento, organização e uso deste espaço. Estes espaços são ainda iluminados directamente por uma abertura envidraçada num dos seus extremos, que se liga a um espaço exterior coberto que compõe a fachada da célula, aliás como se verifica ao longo da extensão de toda a fachada a Este, a Oeste e a Sul (figura 109).

A fachada do modelo das Unités d'Habitation é um tipo de fachada característica, marcada por elementos regradados de betão, que criam uma composição regular e ritmada, que ajuda a entender as divisões ocorridas no interior do volume. Este ritmo presente na fachada é algo em que Le Corbusier demonstrou interesse aquando da concepção da Unité, pois facilmente se associa a um módulo compositivo, que aliás, serviu de mote à criação e assemblagem das células de habitação. Estes elementos de betão presentes essencialmente ao longo de toda a fachada Este e Oeste, em forma de lâminas verticais e horizontais, marcavam a localização da estrutura rígida do edifício, funcionando como a sua extensão para o exterior, de modo a formarem espaços de *loggia* nas extremidades das células que estabeleciam o contacto entre o interior destas e o exterior. Ao mecanismo presente nestes espaços, Le Corbusier chamou *brise-soleil* (anteriormente referido no capítulo anterior, através da obra da Manufactura Duval de 1951, de Le Corbusier) e segundo as palavras do próprio: “A Marseille, nous appliquons le brise-soleil[...] C'est un brise-soleil sous forme de grande loggia prolongeant l'appartement face à la mer ou aux montagnes.[...] la solution adoptée a le double avantage de protéger du soleil et de la pluie, et de constituer une pièce de plein air d'une importance appréciable.”¹⁷⁶. Os espaços de que se falam, possuem um desnível de 27cm em relação ao interior que permite uma entrada mais profunda de luz, e funcionam como uma varanda coberta, um espaço exterior habitável de profundidade aproximada de 1,40m em contacto com o ar puro (tão pretendido

175 - Le Corbusier, 1948, p. 434

176 - Le Corbusier, 1948, p. 435



Figura 105: Vista do quarto de adultos junto à zona de pé-direito duplo



Figura 106: Vista do interior do quarto de adultos



Figura 107: Vista interior do quarto de crianças com a membrana central deslizando

pelo arquitecto), que introduz luz natural controlada no interior do alojamento (figuras 110 e 111). Têm a capacidade de proteger o espaço interior da incidência directa do sol, ao mesmo tempo que enquadra a habitação na paisagem longínqua e na envolvente do edifício.

A separar este espaço exterior do interior do alojamento, existe uma composição em vidro formada, em ambos os extremos da célula, por quatro portas, que se podem abrir completamente em leque e estender assim os espaços internos até à varanda (figuras 112 e 113). A extensa presença do vidro na fachada, só é possível por esta não ter funções portantes neste edifício, abrindo caminho ao “sonho milenar do homem”¹⁷⁷ de uma fachada totalmente constituída em vidro, conferindo um novo cariz e abertura à sua intimidade. Segundo também afirmação do arquitecto¹⁷⁸, esta abertura ao exterior deve ser controlada, pois pode ser tanto uma benção como uma maldição se não for devidamente monitorizada e integrada na habitação. Torna-se aqui evidente a importância do sistema de *brise-soleil* para a composição, dada a abertura imposta nas extremidades de cada célula, que integra o sol e a sua luz na leitura e preenchimento dos espaços. O contacto entre a sala de estar e a varanda com o *brise-soleil* é sempre feito em pé-direito duplo ao longo do conjunto, criando assim um envidraçado de 4,70m de altura que alimenta o interior desta divisão e que posteriormente se propaga às restantes. Está aqui presente, como aliás em grande parte da obra construída deste arquitecto, uma negação à abertura limitada, que o mesmo afirma¹⁷⁹, ter despontado nele um prazer e uma necessidade em integrar a sua obra na envolvente e estabelecer um contacto cada vez maior e mais próximo com o sol e a paisagem.

Na zona superior do conjunto, encontra-se a cobertura em terraço, o *toit terrace* (figuras 114 e 115), um programa vastamente desenvolvido por Le Corbusier ao longo de toda a sua obra, desde a cobertura plana da Villa Schowb (1916), até aos terraços livremente percorrivéis expostos à luz do sol das Maison Citrohan (1920 e 1922) e da Maison Cook (1926). Estas coberturas planas no topo dos edifícios, começaram a surgir na obra de Le Corbusier, por se tratarem de espaços com uma localização privilegiada face à envolvente do edifício, elevados do plano do solo e bastante expostos à luz solar e ao ar puro do exterior. Servem originalmente como espaços de solário, de relaxamento dos habitantes e de apreensão do ambiente envolvente à habitação, com o qual procurava constantemente enquadrar-se.

A sua aplicação no projecto das Unités d'Habitation, ditou uma extensão programática que há muito estava sendo estudada pelo arquitecto, pois dado o cariz colectivo e ampla dimensão populacional e volumétrica do conjunto, sentiu-se a necessidade de ampliar o número de serviços que pontuava este tipo de espaço. Aqui, o espaço da cobertura/terraço começa a ser usado enquanto equipamento social, um espaço de convívio. Neste amplo espaço recreativo comum, estavam presentes programas de cariz desportivo, lúdico, educativo e até de alívio à carga doméstica (como a creche ou os ateliers lúdicos de ocupação de tempos livres). Programas como o corpo do ginásio, uma pista de atletismo a contornar todo o espaço, uma piscina, as chaminés de ventilação (duas com uma forma semelhante à dos *pilotis* colocadas uma sensivelmente a meio da composição e outra no extremo Norte), espaços de associações, teatros ao ar livre ou mesmo espaços de jardim, eram praticados nestas coberturas, primeiramente, no seu primeiro modelo em Marselha (figuras 116, 117 e 118), sofrendo consoante o

177 - Le Corbusier, 1948, p. 427

178 - Le Corbusier, 1948, p. 432

179 - Le Corbusier, 1948, p. 430



Figura 108: Vista interior do quarto de crianças e membrana central deslizante



Figura 109: Vista interior do quarto de crianças para fachada e varanda por onde entra a luz

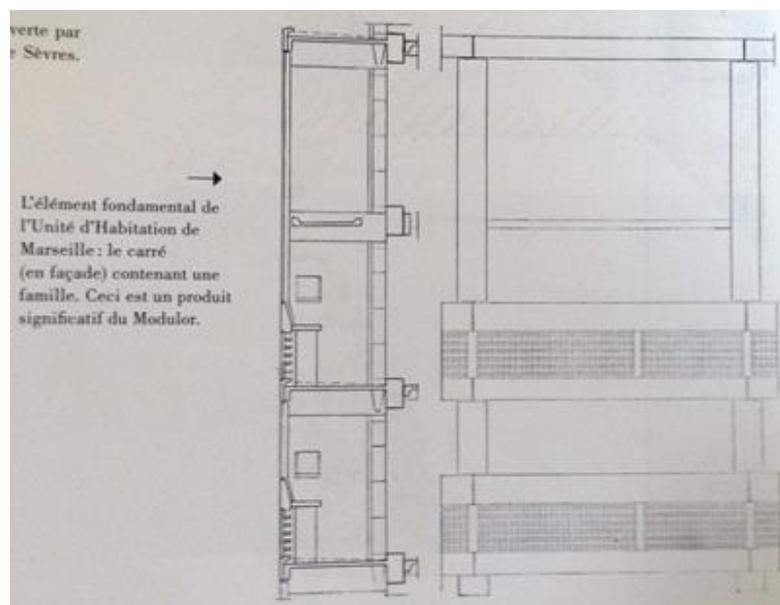


Figura 110: Pormenores da fachada e corte do elemento de *brise-soleil* nos alojamentos

contexto em questão, algumas alterações, daí em diante ao longo dos restantes quatro exemplares. Essas alterações, e nomeadamente no caso de Firminy (sendo esse o mais relevante para esta Dissertação), passaram pela supressão de todos os equipamentos que se consideraram dispensáveis (como o ginásio, a piscina ou as zonas de solário), face ao contexto geográfico, climatérico e à realidade urbana encontrada na região.

Entre todos os programas, possíveis de existir na cobertura das Unités, um dos que mais se destacava seria o do jardim-escola (figura 119), que Le Corbusier tencionava implantar em todos os exemplares desta tipologia de edifício. A importância dada ao equipamento da escola em cada edifício, era algo que advinha já do pensamento de Eugène Claudius-Petit, que defendia, como Le Corbusier, que o ensino era chave para o desenvolvimento da juventude e prosperação do ser humano.¹⁸⁰ A presença do tema da educação e transmissão de valores sociais, eram componentes constantemente presentes no modelo de Unité, pois Le Corbusier favorecia uma aprendizagem e vivência livres por parte das crianças. A sua integração no edifício da Unité, foi influenciada pela comodidade e proximidade de ter este serviço junto da sua comunidade, aliviando a preocupação familiar com a educação dos seus jovens, implantando ao mesmo tempo, um sentido de colectividade e valores de comunidade e associação nas crianças do conjunto. Este programa educativo alargava-se também aos mais velhos, disponibilizando espaços de jardim que propiciavam o contacto intergeracional.

Este modelo habitacional explorado neste capítulo, terá a sua expressão final no edifício em Firminy, que se rege pelos mesmos pressupostos dos edifícios anteriores, tendo ainda assim algumas particularidades e constituintes que distinguem o seu traçado, a serem abordados de seguida.

180 - Monnier, G., 2002, p. 148

4 Análise crítica à intervenção de Le Corbusier em Firminy

4.1 Planeamento da nova cidade de Firminy

Firminy é uma cidade com um passado fortemente ligado à exploração mineira, que teve o desenvolvimento e crescimento populacional mais efectivo nos séculos XIX e XX graças ao aumento e especialização da indústria siderúrgica e metalúrgica. Era portanto uma cidade de vocação e ocupação industrial.¹⁸¹

Durante os bombardeamentos da II Guerra Mundial, a cidade de Firminy ficou parcialmente destruída. Foi então que em 1953, o recém-eleito *Maire* de Firminy, e antigo Ministro da Reconstrução francês, Eugène Claudius-Petit realizou na cidade um balanço social, económico e humano com o propósito de determinar as maiores carências e necessidades da população, que se verificavam maioritariamente nas redes de saneamento e tratamento de águas, na falta de equipamentos públicos como escolas e na inadequação e escassez das presentes habitações face à realidade e perspectivas de crescimento da sua população. Procederam-se nos anos seguintes a algumas remodelações urbanas e à elaboração de um plano para a implantação de uma nova zona/distrito em Firminy, situada a Sul da cidade antiga e seu centro, que iria ficar conhecida como Firminy-Vert (Firminy-Verde). Claudius-Petit desejava que esta nova zona fosse vista como uma “ville de la lumière, opposée à la ville de l'ombre”¹⁸² como chamava à cidade antiga. Iniciou assim um plano para a elaboração de uma cidade de tipologia modernista de cariz marcadamente funcionalista em Firminy, que iria contrastar com a cidade industrial ali presente proveniente de séculos anteriores. Este novo modelo de cidade ia ao encontro às filosofias modernistas de Le Corbusier, assentes em princípios como a grande presença de amplos espaços verdes a ocupar o solo em oposição à cada vez menor área de edifícios em contacto com o mesmo (numa razão aproximada de 80% / 20%), proporcionada pela construção em altura (figura 120 e 121); bem como a divisão funcional das zonas de cidade em habitação, trabalho, lazer e circulação; e a importância dada ao Homem, conferindo-lhe maior liberdade e melhores serviços e condições de higiene para que este possa florescer e desenvolver-se. A criação de espaços salubres com sol, ar puro, luz e vegetação são, segundo Débora Gans em 1991, essenciais para Le Corbusier, tanto no desenvolvimento e preservação da juventude como na felicidade humana e sua actividade social, enquanto que a componente doméstica adquiria importância na concepção deste modelo, pois fazia com que o Homem valorizasse o tempo e o espaço da família e se sentisse confortável. Tudo isto ajudava a operar uma revolução na vida quotidiana do habitante da cidade optimizando o seu dia-a-dia.¹⁸³ Foi por razões como estas que Claudius-Petit decidiu convidar Le Corbusier para consultor do plano urbanístico para esta região.

Dada a comprovada escassez de habitações de renda e condições acessíveis, em 1957 foram criados em Firminy cerca de mil e setenta alojamentos e diversos equipamentos de uso público como escolas, centros sociais e comerciais, associados ao novo plano urbanístico, prevendo desde logo um crescimento populacional na zona. Durante o início da década de sessenta, a cidade continuava a mostrar sinais de falta de alojamentos, então o *Maire* decidiu avançar com o plano de expansão de

181 - Panfleto adquirido em Firminy durante a visita guiada ao edifício da Unité d'Habitation de Firminy

182 - Monnier, G., 2002, p.148

183 - Gans, D., 1991, p. 85



Figura 114: Vista do terraço da Unité d'Habitation de Marseille



Figura 115: Vista do terraço da Unité d'Habitation de Marseille



Figura 116: Vista do terraço da Unité d'Habitation de Marseille e alguns equipamentos

Firminy para Sul em direcção à cidade de Chazeau. Este plano projectava um crescimento populacional optimista para a zona, prevendo que de 1962 a 1985 a população da cidade cresceria de vinte e dois mil para quarenta e cinco mil habitantes. Para tal foi projectada a construção de três mil e quinhentos alojamentos, equipamentos escolares, desportivos e um centro comercial implantados sobre um parque público de cerca de onze hectares, destinados a complementar o conceito urbanístico previsto para a nova zona de Firminy.¹⁸⁴ Com isto em mente, Eugène Claudius-Petit, solicitou a Le Corbusier o projecto para uma Unité d'Habitation, inserida num plano em que inicialmente se começou por prever a construção de três Unités, mas onde apenas uma viria a ser acabada. Aquando da sua conclusão e consequente ocupação no início da década de setenta, a construção da segunda Unité sofreu uma paragem nos trabalhos tendo em conta a lenta ocupação dos alojamentos na Unité já concluída e o abrandamento da procura de alojamento na zona. Este fenómeno continuou a verificar-se, tanto que até 1973, apenas trezentos e cinquenta e quatro dos quatrocentos e quatorze alojamentos da Unité d'Habitation se encontravam habitados, consequência dos efeitos da crise económica de 1973 que ditou um retorno maciço da população à indústria siderúrgica e um consequente envelhecimento, empobrecimento e declínio da população de Firminy, como referido por Gérard Monnier.¹⁸⁵ Esta tendência mostrou-se irreversível nos anos seguintes e fez com que o plano original para Firminy-Vert não se realizasse na sua totalidade nesse período.

Foram ainda concebidos por Le Corbusier outros projectos pontuais de foco urbano para esta cidade, contemporâneos à Unité, como a Maison de la Culture, completa em 1965 (figura 122), a primeira obra concebida pelo arquitecto nesta cidade e a única que ainda viu ser finalizada, o Estádio concluído em 1968 (figuras 123 e 124) feito segundo planos deixados por Le Corbusier antes de falecer, e a L'Église Saint-Pierre (figura 125), encomendada por Claudius-Petit em 1960, que desejava a presença de um edifício religioso na nova cidade de Firminy, na qual Le Corbusier trabalhou até 1965, sendo que a sua construção apenas arrancou em 1973 sendo abandonada uns anos depois, para apenas posteriormente em 2006 ser concluída, resultado da iniciativa de uma associação urbana de Saint-Étienne.¹⁸⁶

4.2 O projecto da Unité d'Habitation de Firminy

A Unité d'Habitation de Firminy foi a última, dentro da tipologia de Unités d'Habitation, a ser projectada por Le Corbusier. Apresenta no entanto algumas diferenças face às restantes, mais propriamente com a Unité d'Habitation de Marselha (que serviu no capítulo anterior, como elo de comparação com as Unités posteriores), visto ter sido a primeira a ser desenvolvida, servindo assim enquanto experiência e exemplo às seguintes. Esta Unité de Firminy, teria o início da sua construção em Maio de 1965 com Le Corbusier a colocar a simbólica primeira pedra. Este nunca veria a sua obra acabada, visto ter falecido uns meses após o começo da mesma, ficando assim André Wogenscky

184 - Monnier, G., 2002, p. 149

185 - Monnier, G., 2002, p. 150

186 - Panfleto adquirido em Firminy durante a visita guiada ao edifício da Unité d'Habitation de Firminy



Figura 117: Vista de elementos presentes no terraço da Unité d'Habitation de Firminy



Figuras 118 e 119: Vista de elementos presentes no terraço da Unité d'Habitation de Marselha



Figura 120: Vista de edifício em Firminy construído segundo as teorias do plano de Le Corbusier



Figura 121: Vista de edifício em Firminy construído segundo as teorias do plano de Le Corbusier

encarregue do projecto que ficaria terminado em Outubro de 1967.

A obra da Unité foi inteiramente financiada pelo gabinete municipal HLM que libertou os fundos necessários à realização de um conjunto de habitação de cariz social e de renda controlada com condições essenciais à sua utilização, optando por não disponibilizar a parcela necessária à realização de certos componentes como as garagens ou o andar comercial intermédio desenvolvidos em Marselha (graças também ao contexto urbano verificado nesta nova cidade em crescimento), motivando também assim algumas outras restrições programáticas¹⁸⁷. Como refere Monnier¹⁸⁸, segundo o ponto de vista do arquitecto da obra, várias restrições ao nível do financiamento, ditaram alguns cortes que obrigaram ao uso de isolamentos térmicos e sonoros mais simples e rudimentares que afectaram a *performance* do edifício mesmo nas alturas mais rigorosas de Inverno, bem como os acabamentos mais rugosos dos elementos em betão e as limitações de acesso e circulação, fazendo com que o edifício de Firminy não esteja exactamente ao nível do de Marselha na qualidade de serviços prestados à dimensão da população que alberga. Também a sua localização no cimo de uma colina no limite Sul de Firminy-Vert e o conseqüente afastamento do centro da cidade e dos seus novos serviços e equipamentos, a sensivelmente 600m de altura, torna o acesso ao edifício mais difícil, numa zona onde a circulação pedonal é incentivada pela abundância de espaços verdes amplos. Apesar dos seus programas e seus serviços não serem tão abrangentes, em termos de dimensões a Unité de Firminy aproxima-se bastante à de Marselha, possuindo uma área total de 55000m², 130,35m de comprimento, 56m de altura e 21m de largura e elevando-se do solo através de *pilotis* ao longo de vinte pisos. Na base do edifício encontravam-se um porticado de grandes dimensões constituído por trinta *pilotis* em forma de finas lâminas de betão com dupla altura (2x2,26m do módulo de altura do Modulor e visto na fachada e na figura 126) que ocupam toda a extensão do edifício de um extremo ao outro, de forma a elevá-lo do solo (figura 127). Em Firminy, estes *pilotis* são mais ligeiros e finos que aqueles primeiramente expostos na Unité de Marselha. Em Marselha, no interior dos *pilotis*, passavam as infra-estruturas técnicas de canalização, aquecimento e fornecimento de água, daí a sua forma mais robusta e larga, de modo a criar assim uma casca exterior rígida em betão, deixando o seu interior oco para possibilitar a passagem destes serviços, contrariamente aos modelos restantes, como são exemplos a Unité em Nantes e Firminy (visíveis na figura 128). Essas infra-estruturas em Firminy, são colocadas num andar técnico situado na base do corpo dos alojamentos, na zona imediatamente acima dos *pilotis*, formando um piso baixo e fechado ao longo de toda a extensão do corpo da obra que serve as células localizadas acima. Isto libertava os *pilotis* para desempenharem apenas a função para a qual foram inicialmente concebidos, a de suporte do edifício. Para tal, não necessitavam de terem a forma nem a espessura que se verificava nos de Marselha, aproximando-se tanto em Firminy como nos restantes três modelos de Unité, a uma imagem de lâminas mais finas e leves (figura 129). No interior, o edifício é composto por dezassete pisos destinados à habitação, seguidos dos pisos décimo oitavo e décimo nono já na cobertura, ocupados pela escola, cujo corpo possui janelas em banda com lâminas verticais ao longo do seu perímetro como sistema de protecção da luz solar, e é ainda composto no seu andar inferior por zonas mais técnicas como a cozinha e a cantina, vários ateliers e centros artísticos, salas de cinema e espaços de cultivo à criatividade e no seu andar superior pelo espaço principal da escola propriamente dita, contendo oito salas de aula e gabinetes, destinados

187 - Texto expositivo da Associação Turística de Firminy: L'unité et son école

188 - Monnier, G., 2002, p.151



Figura 122: Vista da Maison de la Culture em Firminy

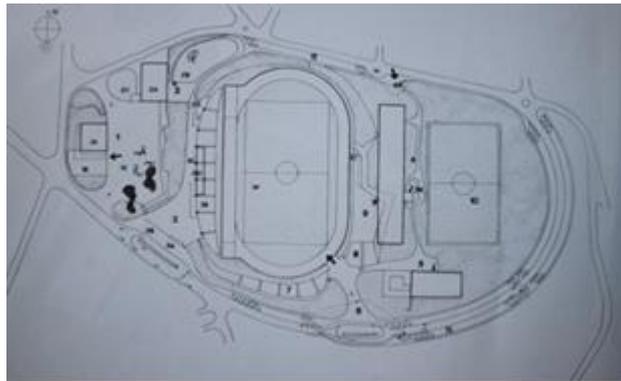


Figura 123: Plano do Estádio de Firminy



Figura 124: Vista do Estádio de Firminy



Figura 125: Vista da L'Eglise de Saint-Pierre

a servir o programa da escola. No topo da composição, no nível vinte, encontra-se a cobertura em terraço, destinada a ser utilizada enquanto espaço de convívio e jardim. Nesta cobertura de Firminy, ao contrário de Marselha, não existe um programa muito extenso e variado, sendo apenas utilizada pela localização do corpo da escola e enquanto zona exterior de terraço com espaços para teatro ao ar livre e jardim onde as crianças podem brincar livremente. Já na Unité de Marselha, a cobertura é pontuada por espaços de programa mais alargado e diverso e com maior número de zonas destinadas ao uso de solário e usufruto da luz solar mais intensa, dado estar localizada numa zona mais solarenga do país, não sendo tão propícia a chuvas quanto Firminy. Em Marselha, segundo William Curtis, podem verificar-se na cobertura além da escola, uma creche, uma pista de atletismo, um ginásio, uma zona para teatro ao ar livre, uma piscina e as chaminés de ventilação que se assemelham à forma dos *pilotis* na base do conjunto, juntando a tudo isto alguns objectos escultóricos feitos em betão assemelhando-se à forma de rochas para se relacionarem com a presença das montanhas na paisagem¹⁸⁹.

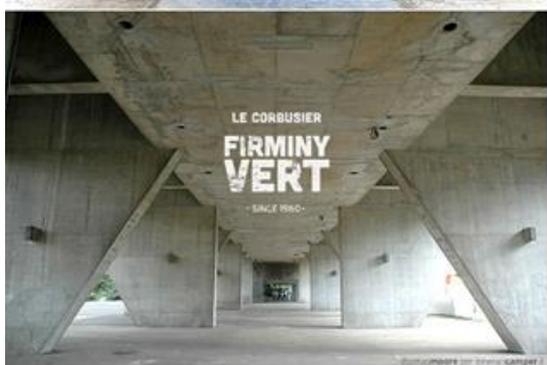
A organização interna do conjunto faz-se através de um sistema de sete ruas interiores artificialmente iluminadas, visto não possuem quaisquer aberturas para o exterior à excepção de uma pequena janela no topo Norte de cada rua, visto estes elementos de circulação horizontal se encontrarem localizados ao centro da composição, como uma espinha central que vai de um extremo ao outro do corpo (figura 130). São estas ruas-corredor que fazem a distribuição aos alojamentos, cujas portas de entrada são individualmente e coloridamente iluminadas de forma a uma mais fácil orientação, e que estão localizadas em andares alternados, sendo eles os pisos 2, 5, 7, 9, 11, 13 e 16, como se pode verificar nas figuras 131, 132 e 133. A circulação vertical é feita principalmente através de três elevadores localizados sensivelmente ao centro do corpo do edifício, marcado na fachada por uma interrupção das aberturas e do *brise-soleil* dos alojamentos, dando lugar a uma torre, que marca o poço de elevadores, com pequenas aberturas em cada piso (figura 134). O acesso ao interior do edifício e aos elevadores é feito por intermédio de um *hall* de entrada, um prolongamento do corpo da torre que desce e toca o solo (único elemento que toca o solo além dos *pilotis*) e que forma um pequeno espaço interior que serve de ligação às zonas superiores do edifício (figuras 135, 136, e 137). Através deste espaço também se acede a uma das três caixas de escadas encontradas ao longo das ruas interiores, a que se encontra mais ao centro, mais próxima dos elevadores (figura 138 e 139). As restantes duas colocadas mais próximas dos extremos Norte e Sul do edifício, têm ligação directa ao exterior e tocam o solo junto dos *pilotis* (figuras 140, 141 e 142).

O edifício está orientado longitudinalmente segundo o eixo Norte-Sul (figura 143). Nas suas fachadas estão presentes, como no edifício de Marselha, o sistema de *brise-soleil* que sobressai da fachada para permitir a entrada de luz natural nos apartamentos nos lados Este e Oeste. Nestes elementos, Le Corbusier colocou as cores azul e vermelho nas paredes Sul e Norte, respectivamente, de cada um destes elementos respeitantes a cada alojamento (figura 144 e 145). Estas cores são uma representação de dois dos três princípios base que Le Corbusier considerava serem essenciais para a concepção da sua cidade moderna, sendo eles o sol (a vermelho), o espaço (a azul) e a vegetação (naturalmente a verde), que não se encontrava pintada em nenhuma das paredes da varanda em *brise-soleil* por se encontrar presente a toda a volta do edifício (ou pelo menos assim desejava Le Corbusier) e para onde

189 - Curtis, W., 1984, p. 438



Figuras 126 e 127: Vista dos *pilotis* na base da Unité d'Habitation de Firminy



Figuras 129: Vista dos *pilotis* na base da Unité d'Habitation de Firminy

Figura 128: Imagem de diferentes tipologias de *pilotis* usadas em 3 modelos de Unité



Figura 130: Vista da rua-corredor e da pequena janela ao fundo

todos os apartamentos se voltam¹⁹⁰. Também na fachada do topo Sul, dada a colocação transversal de células no final das ruas-corredor interiores, está presente esse mesmo sistema, enquanto que a fachada Norte é uma fachada quase integralmente cega, apenas com uma pequena abertura envidraçada no topo de cada andar destinado às ruas interiores (figuras 146 e 147).

Relativamente aos alojamentos, segundo informações recolhidas durante a visita ao lugar, há uma maior quantidade e variedade nesta Unité de Firminy, existindo um total de quatrocentos e quatorze alojamentos organizados segundo seis tipologias diferentes, que vão desde uma só peça isolada até à combinação de seis peças conjugadas entre si para conceber uma célula habitacional (de tipologia F1 a F6, como visível nas figuras 148, 149 e 150), formando com isto trinta e duas variações possíveis de célula (como se verifica pelas figuras 151, 152, 153 e 154). Estas células agregam-se de diversas formas, de maneira a conferir um aspecto volumétrico regular ao conjunto capaz de alojar entre mil e quinhentas a mil e seiscentas pessoas¹⁹¹. Enquanto isto, em Marselha apenas existiam trezentos e trinta e sete alojamentos e vinte e três variações do tipo de célula como descrito por David Jenkins¹⁹². Em Firminy, as áreas dos alojamentos variavam entre cerca de 25m² para os cinquenta e cinco alojamentos do tipo B, os estúdios destinados a uma só pessoa, e os cerca de 113m² para os alojamentos de maiores dimensões com cinco quartos destinados a famílias com oito crianças.

Algumas diferenças conceptuais são evidentes na comparação do edifício de Firminy especificamente face ao de Marselha, devido à sua qualidade de protótipo nesta situação. Maioritariamente essa distinção construtiva é feita na constituição do terraço, no contacto com o solo, e mais complexamente na composição dos alojamentos devido a condicionantes de orçamento e exigências espaciais regionais. Do ponto de vista do preenchimento dos alojamentos e vivência do espaço colectivo, essa distinção é feita consoante as várias experiências sociais dos seus habitantes e influenciada por diversos acontecimentos marcantes que serão abordados de seguida.

4.3 Marcos históricos do momento pós-construção da Unité

Segundo refere Gérard Monnier no seu livro *Le Corbusier: Les unités d'habitation en France* de 2002, durante o primeiro ano de ocupação da Unité d'Habitation de Firminy, a sua população ficou dividida em duas frentes distintas. Por um lado, os críticos, que olhavam com desagrado o afastamento e isolamento do edifício face ao centro da cidade e a disposição pouco convencional dos alojamentos, por outro, os entusiastas, na sua maioria população mais jovem, que viam com bons olhos esta nova experiência de habitar, uma obra inovadora no âmbito do alojamento social e na prestação de serviços complementares, que apresenta um ambiente favorável a experiências sociais, políticas, colectivas e pessoais capazes de operar mudanças favoráveis no seu quotidiano¹⁹³. Com este

190 - Informação fornecida pela guia turística durante a visita ao edifício da Unité d'Habitation de Firminy

191 - Monnier, G., 2002, p. 150

192 - Jenkins, D., 1993, p. da imagem 32

193 - Monnier, G., 2002, p. 151



Figura 131: Vista da rua interior com mecanismo policromático de iluminação artificial

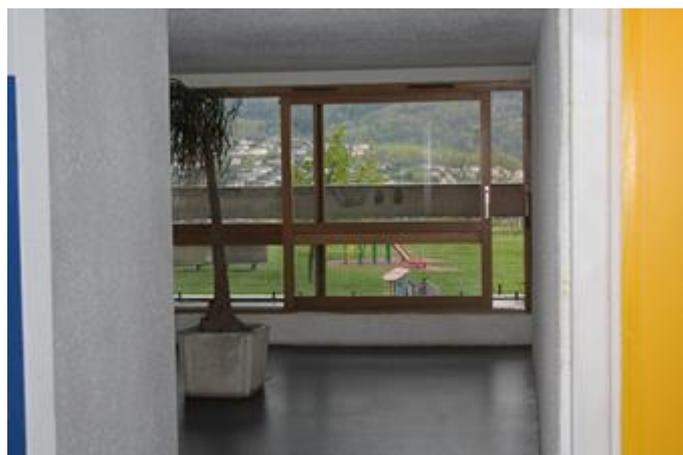


Figura 132: Vista de uma zona ampla de circulação junto à rua-corredor



Figura 133: Vista do chão de uma rua-corredor junto aos elevadores

panorama gerou-se grande expectativa em torno da “utopia construída”¹⁹⁴ que é o modelo de Unité d’Habitation, um programa que inicialmente criou tensões e hostilidades entre alguns habitantes e organismos municipais derivado da sua vertente mais comunista (de esquerda) pautada por valores de colectividade, acabando por não ter uma evolução pacífica no seu percurso até à actualidade. O modelo urbano presente em Firminy tinha fortes raízes numa tradição industrial e não se encontrava, nem socialmente nem em termos de infra-estruturas, devidamente preparado para receber tal intervenção, deparando-se inclusivamente com um problema na rede de acessos e rede de transportes públicos na sua ligação com a cidade antiga de Firminy. Isto acabou por ter repercussões na mentalidade dos habitantes mais críticos e fechados desta zona, que ao presenciarem tais alterações em torno da sua sociedade, patrocinadas pela invasão do modernismo, reagiram com desconfiança perante essa ameaça aos valores mais tradicionais de cidade até ali praticados e aos quais estavam habituados.

A actividade social e colectiva é algo que Le Corbusier desejou que estivesse sempre presente nas suas Unités d’Habitation e que regulasse o seu funcionamento. Para tal, o edifício disponibiliza espaços e serviços propícios à colectividade e à interação, como são a escola, o terraço, as ruas-corredor e espaços destinados aos clubes e associações criadas pelos habitantes, que se revelam ferramentas bastante úteis perante um crescente sentimento de pertença, integração e associação nos seus habitantes, capaz de unificar gerações e culturas. Entre os 27 clubes e associações presentes na Unité de Firminy nos seus primeiros anos (abordados com mais pormenor no capítulo seguinte), uma das mais dinâmicas e influentes seria a Radio-Ondaine, uma rádio local com sede neste edifício (figura 155).

Durante o ano de 1971, o gabinete do HLM que regia a concessão da Unité, deparou-se com o crescimento actividades políticas de esquerda que aproveitavam a Unité e suas associações para difundir as suas ideologias e se reunir. A discórdia e a tensão entre os organismos municipais e alguns habitantes do edifício levou a que este gabinete tomasse medidas drásticas para tentar travar estas actividades que consideravam ilícitas e que a seu ver utilizavam impropriamente o espaço, o nome e conceito da Unité. Foi então que nesse mesmo ano o acesso ao espaço do terraço e às suas salas de reunião foi interdito a pessoas com tal propósito. Segundo Monnier, isto veio desencadear uma propaganda negativista, por parte do gabinete do HLM, com o propósito de denegrir a imagem da Unité e mostrar o isolamento progressivo que ocorria com a sua população, tentando passar uma imagem de soberania e preponderância face à organização e vida comunitárias no complexo.¹⁹⁵ Com o passar do tempo, a manutenção foi sendo reduzida ao mínimo, fazendo com que alguns elementos se começassem a degradar a olhos vistos ao longo dos anos seguintes, coincidindo com um fenómeno de crescente desocupação verificado na Unité, também fortemente influenciado pelo abandono e envelhecimento populacional ocorrido na cidade de Firminy, resultado da crise económica de 1973.

No início da década de oitenta a taxa de ocupação da Unité de Firminy continuava a decrescer, tanto que em 1983 o número de alojamentos vazios, que rondava os duzentos e sessenta, superou o número de alojamentos ocupados. Há já alguns anos, que a maior parte desses alojamentos vazios se situava na ala Norte do edifício, mas sem que essa ocorrência tivesse uma justificação aparente, ligada a conflitos entre inquilinos ou a um deterioramento nas condições de alojamento. Ao deparar-se com

194 - Monnier, G., 2002, p. 152

195 - Monnier, G., 2002, p. 154



Figura 134: Vista exterior da fachada Este na zona da torre de elevadores



Figura 135: Vista do *hall* de entrada e seu contacto exterior com a base da composição

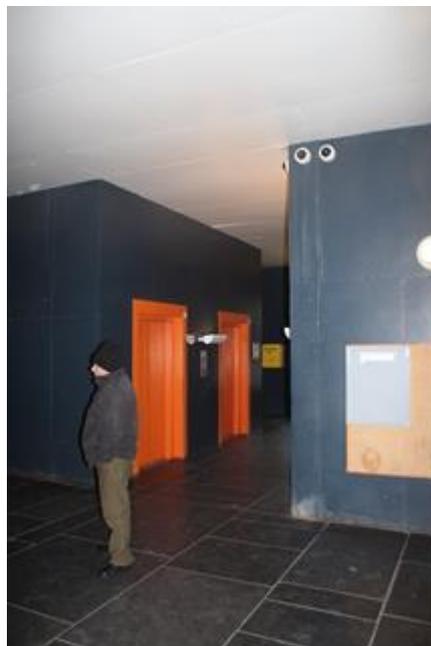


Figura 136: Vista interior do *hall* de entrada para a zona de elevadores

este cenário, o gabinete do HLM decidiu tomar medidas radicais e proceder ao encerramento de uma das alas do edifício, no caso a ala Norte, pela facilidade em deslocar e realojar um menor número de agregados, reagrupando toda a população de habitantes na ala Sul, justificando-se com razões económicas relacionadas com os custos de manutenção dos sistemas de aquecimento e refrigeração (a ser abordado com mais pormenor no capítulo seguinte). Ao ser tomada esta decisão, contra a vontade dos inquilinos e das associações, encerrou-se a zona Norte por intermédio de uma parede em betão erguida em cada rua interior, para que essa ala não fosse acessível por parte dos habitantes. O realojamento dos inquilinos da zona Norte para a Sul foi um processo demorado, visto alguns deles terem tentado manter o seu alojamento a todo o custo, resistindo a este acto o mais que puderam.

Segundo Monnier¹⁹⁶, como resposta às práticas soberanas dos organismos municipais, a população e as associações de habitantes da Unité d'Habitation de Firminy, declararam no ano seguinte, um bloqueio simbólico ao acesso destes organismos ao edifício. Estes actos vieram agravar os conflitos entre as entidades. Uns meses mais tarde, chegou-se a um acordo para se substituírem as paredes de betão colocadas no interior das ruas por barreiras/panos de acrílico transparente, que continuariam a obstruir a circulação para a parte Norte do edifício, mas que permitiam já uma visibilidade integral e ininterrupta de toda a rua, conferindo de novo uma perspectiva global aos pisos do conjunto, simbolizando desta forma, progressos no sentido de uma tentativa de resolução dos atritos criados. Após isto, alguns dos apartamentos da parte Sul, com o propósito de aumentar a sua superfície e dimensão e de proceder a operações de melhoramento das suas condições, foram sujeitos a acoplamentos de modo a poderem ser ocupados por novos moradores escolhidos pelo gabinete HLM, desta feita com um critério mais rigoroso.

Em 1990, com a eleição de um novo *Maire* de orientação política comunista para Firminy e destituição do antigo governo, as tensões entre os habitantes da Unité e as organizações municipais finalmente começaram a acalmar. Esta nova organização municipal e o gabinete do HLM que geria a concessão da Unité, em 1991, iniciaram trabalhos de requalificação e manutenção das condições do edifício, para serem postos em prática novos modelos de atribuição de alojamentos, com o propósito de tentar conferir uma condição de relativa homogeneidade à população desta comunidade.¹⁹⁷ Estas medidas implantadas, juntamente com o facto de em 1993 ter sido atribuído o estatuto de Monumento Histórico¹⁹⁸ ao edifício, graças à presença dos *pilotis*, dos elementos da fachada, do tecto-terraço e da escola, contribuíram para que a taxa de ocupação da parte Sul da Unité subisse aos 100% em 1995, com os seus cento e setenta e oito alojamentos remodelados a serem habitados, enquanto que a parte Norte permanecia ainda encerrada.¹⁹⁹

Entre 1995 e 1996 iniciaram-se os projectos de reabilitação das zonas privadas da Unité, por parte da entidade HLM, incluindo planos para a reabertura e requalificação da parte Norte que passavam pela remodelação e alargamento de alguns alojamentos, bem como da zona do terraço que se encontrava até à data encerrada aos grupos e associações, sendo que alguns apenas foram postos em prática uns anos depois.

Segundo Gérard Monnier e também de acordo com o panfleto informativo da Unité d'Habitation de

196 - Monnier, G., 2002, p. 154

197 - Monnier, G., 2002, p. 155

198 - Monnier, G., 2002, p. 155

199 - Panfleto adquirido em Firminy durante a visita guiada ao edifício da Unité d'Habitation de Firminy



Figura 137: Vista interior do *hall* de entrada da Unité d'Habitation de Firminy



Figura 138: Vista interior do *hall* de entrada para o acesso à caixa de escadas

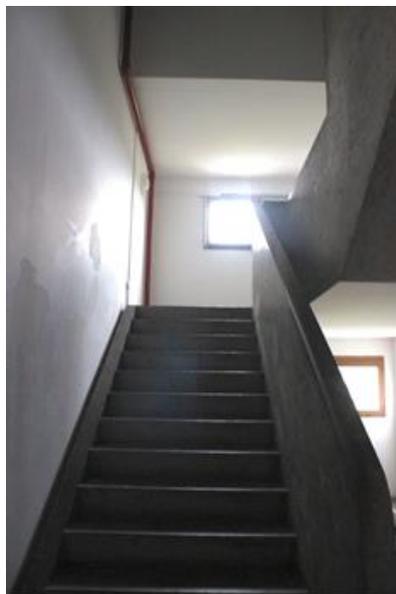


Figura 139: Vista interior da caixa de escadas

Firminy, durante os trabalhos de reabilitação da zona do terraço, iniciados em 1996, constatou-se que a escola já não reunia as condições necessárias no que diz respeito à segurança, ao acesso e à permanência de crianças no espaço. Posto isto, em 1998 o *Maire* de Firminy decretou o encerramento da mesma, ao fim de trinta anos de uso (a ser abordado com maior pormenor no sub-capítulo seguinte). Foi então construída perto da Unité, uma escola provisória para a recolocação dos alunos, até que o restauro da primeira fosse levado a cabo por um conjunto de pais e associações, que tinham como objectivo devolver um carácter colectivo à vida no seio da Unité, começando pela requalificação do terraço e suas actividades.

Apenas entre 2002 e 2005 foi finalmente levado a cabo o programa de reabilitação na parte Norte do edifício, que se encontrava vedada há cerca de vinte anos, permitindo assim algumas agregações de alojamentos com o fim de aumentar a superfície dos mesmos, para que estes pudessem responder de forma mais eficaz às necessidades e padrões de vida actuais de cada habitante, (que passavam cada vez mais por maiores especificidades e exigências espaciais). Só depois de serem concretizadas estas intervenções de remodelação na ala Norte, a ocupação dos seus alojamentos foi finalmente reaberta a novos inquilinos. Segundo Le Corbusier, os alojamentos que projectou para Firminy tiveram de ser de área relativamente mais pequena e de menor qualidade construtiva (no que diz respeito a acabamentos e principalmente à qualidade dos isolamentos) que os primeiros projectados na Unité de Marselha, sendo por isso mais congestionados. Quanto a isto Monnier afirma: “Le mode de financement – les crédits de la construction HLM, plafonnés par le décret de mars 1966 à 700F le m² – conduit à une économie serrée du project, qui suscite en juin 1963 une vive tension entre Claudius-Petit et Le Corbusier, celui-ci trouvant trop exigeant celui-là.(...) la qualité de l'isolation phonique n'est pas au niveau de l'unité de Marseille”²⁰⁰. Daí os organismos regentes desta época sentirem que deveriam fazer algo nesse sentido, reproduzindo então a uma medida já aplicada em anos anteriores na parte Sul do edifício. Estes alojamentos da parte Norte, recentemente aberta, foram remodelados e passaram a ser arrendados segundo novas regras e a novas entidades segundo um programa de arrendamento conjunto.²⁰¹ Registou-se também por aqui, na época da re-abertura do volume total, alguma discrepância no tratamento das alas do conjunto da Unité e no conseqüente equipamento e renda dos alojamentos entre a zona Sul e Norte.

Atualmente, esta distinção que em tempos foi evidente entre a parte Norte e a Sul do edifício, nomeadamente nas ruas-corredor, não é mais visível. Aparentemente, pelo menos para um visitante, não existe uma separação evidente, nem uma diferença no tratamento dos alojamentos ou na manutenção das partes, nem sequer são mais visíveis as marcas deixadas pelo betão que um dia barrou a circulação à ala Norte, tais foram as intervenções de que nos últimos anos o edifício foi alvo.

É seguro dizer que a relação da cidade de Firminy e seus habitantes com a chegada desta nova abordagem e modelos de edifícios modernistas, principalmente durante os primeiros anos, não foi consensual. O modelo de Unité d'Habitation havia sido implantado e testado em Marselha ainda há relativamente pouco tempo, o que causou sentimentos de reticência na generalidade da população, que se encontrava expectante perante o resultado da sua evolução. Gérard Monnier afirmou no seu livro *Les Unités d'Habitation en France*, que a relação da Unité com a cidade de Firminy e seu contexto

200 - Monnier, G., 2002, p. 151

201 - Panfleto adquirido em Firminy durante a visita guiada ao edifício da Unité d'Habitation de Firminy



Figura 140: Vista da escada de acesso lateral exterior na fachada Norte



Figura 141: Vista da zona de contacto da caixa de escadas com uma rua-corredor interior



Figura 142: Vista da escada de acesso exterior Sul na base dos *pilotis*

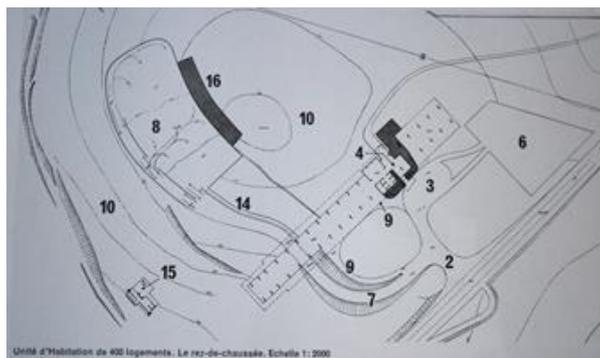


Figura 143: Planta de implantação da Unité d'Habitation de Firminy

histórico era dupla. Por um lado, a Unité resultou de um planeamento excessivamente optimista para a nova cidade de Firminy, prevendo um crescimento demasiado grandioso para uma zona que pouco depois sofreu as consequências da crise económica e do colapso industrial dos anos setenta. Contudo, este planeamento nasceu da visão ambiciosa e modernista de um político, que quis marcar a sua passagem pelo poder com um projecto funcional para uma cidade que se pretendia redimir face ao seu passado industrial. A visão inicial do planeamento foi posteriormente levada a cabo por arquitectos seguidores da proposta que continuaram o modelo de nova cidade de acordo com os princípios enunciados durante o mandato de Claudius-Petit.

4.4 Análise evolutiva do edifício até à contemporaneidade

As experiências de habitar verificadas no edifício da Unité d'Habitation de Firminy foram sofrendo variações provocadas por factores internos e externos que condicionaram a sua continuidade uniforme segundo os valores exaltados por Le Corbusier aquando da concepção do modelo sob o qual foi construído.

Segundo Pierre Sansot afirma no seu livro *La France sensible* de 1985, posteriormente citado por Noel Jouenne no seu artigo de 2005 *Vive le H! L'immeuble collectif du grand H dans le quartier de Firminy-Vert*²⁰², existe uma felicidade inerente ao habitar em conjunto, em comunidade, que remete para noções de vizinhança e de unidade, dando a entender que o homem para se sentir realizado enquanto ser social e parte integrante de um todo, necessita de sentir que pertence a um grupo composto por indivíduos que tenham um elemento simbólico em comum que lhes sirva de elo de ligação. Esta afirmação possui um carácter bastante generalizado face à atitude do homem perante a sociedade, sendo que é sua condição natural, mas não obrigatória, querer associar-se a outros do seu género e com as mesmas ambições e necessidades, havendo porém algumas situações onde o ser humano não procura integrar-se na sociedade que o rodeia por opção, sendo que nesses casos ocorre o fenómeno de exclusão social que acaba por afastar ou isolar os indivíduos para fora dos limites e rotinas da comunidade.

O símbolo comum aos elementos de uma sociedade, pode ser qualquer coisa, palpável ou abstracta que origine e transfira a estes mesmos elementos, sentimentos de pertença e de empatia recíprocos. São estes sentimentos que vão desencadear, e progressivamente reforçar, a sua ligação ao lugar ou comunidade. A comunidade abordada na presente Dissertação, no caso a Unité d'Habitation, implantada em Firminy, consiste numa sociedade associada a um volume construído que ajuda a identificá-la, delimitá-la e objectivá-la de forma singular e própria. O elemento físico construído que é o edifício da Unité, funciona como o símbolo do conjunto, e ao contrário de alguns complexos colectivos ou sociedades, estabelece facilmente os limites da sua comunidade e suas hierarquias e distâncias sociais, necessárias ao funcionamento eficaz de todos os espaços nela integrados. Para tal, a implantação e forma do volume da Unité contribui para que haja um certo isolamento e destaque face

202 - Jouenne, N., 2005c, p. 41



Figura 144: Vista da fachada Este na direcção Norrte, onde predomina a cor vermelha



Figura 145: Vista da fachada Este na direcção Sul, onde predomina a cor azul



Figura 146: Vista do topo Norte da fachada da Unité d'Habitation de Firminy

à restante cidade, aliando a isso a sua posição elevada e privilegiada sobre a mesma que ajuda a conferir-lhe um carácter distante. Esse afastamento na altura da inauguração da obra era algo evidente, bem mais que apenas do ponto de vista físico, pois juntava a esse distanciamento, deficiências na rede rodoviária e nos sistemas de serviço de transportes públicos e abastecimento de água. Isto introduz uma questão levantada por diversas entidades entre as quais Noel Jouenne no seu artigo *Le Corbusier comme compétence* (escrito em 2003 mas publicado apenas em 2007), relativa à posição geográfica e social da Unité d'Habitation face à restante cidade de Firminy-Vert. Este último, questionou-se sobre se a Unité d'Habitation de Firminy poderia ser considerada um *ghetto* ou não. Como já referido em capítulos anteriores, a Unité é um edifício que alberga uma tipologia de comunidade relativamente inovadora para a época em que foi construída, tendo intenções auto-suficientes e sendo implantada de forma isolada do resto das construções nas suas imediações numa zona com visíveis deficiências nas redes de serviço público. Tendo em conta todos estes aspectos e juntando o facto de com os anos de ocupação a população da Unité ter evoluído de forma heterogénea, criando diversos nichos populacionais de diferentes culturas, raças e classes sociais dentro do complexo, que dificultam a passagem de uma imagem unitária e contínua, é legítimo questionarem-se sobre a possibilidade desta comunidade se ter tornado um *ghetto*. Inclusivamente a distância criada entre elementos da população dentro da comunidade e relatos de conflitos, faz com que passe para o exterior uma sensação de separação e de isolamento constante, que contrasta com a intenção inicial de projecto do arquitecto para o espaço, evidenciada pelo traço e constituição do edifício. Também no artigo de Jouenne²⁰³, é ainda referida uma outra abordagem possível, apesar das condicionantes físicas de implantação do edifício, de esta comunidade não se tratar de um *ghetto* pela simples razão de no interior do edifício se poder encontrar mais do que um grupo racial ou cultural pertencente a uma só classe social. Em vez disso, verifica-se uma grande mistura de classes e graus de intelectualidade que incluem vários estatutos sociais, presentes numa estratificação apoiada na organização interna do edifício. Ainda assim, esta questão mostra ser bem mais profunda, não sendo por isso possível debatê-la de forma objectiva e integral ao longo da extensão da presente Dissertação, precisamente por força da quantidade de nichos populacionais verificados, suas relações de vizinhança e contacto e modo de usufruto dos espaços (temas a serem abordados no seguimento dos próximos parágrafos). Com o passar dos anos, este afastamento foi sendo gradualmente reduzido graças a tentativas de homogeneização da população e da mistura de classes sociais e um melhoramento nas infra-estruturas que facilitou inclusivamente a integração e interacção da população da Unité com a restante cidade nova de Firminy.

Para o estabelecimento e evolução da comunidade da Unité d'Habitation de Firminy, o papel dos habitantes e suas interacções mostram-se cruciais, uma vez que a actividade de qualquer sociedade está naturalmente interligada às relações de cumplicidade e transmissão de conhecimento e da história entre gerações dessa mesma sociedade. Esse tipo de contacto entre membros da comunidade, e mesmo com indivíduos externos a essa comunidade, foi sendo importante quer para ajudar a estabelecer os limites ou alcances físicos e emocionais, quer para aproximar ou distanciar outras sociedades vizinhas com que se fossem deparando. A troca de experiências e o relato de acontecimentos marcantes passados no seio de uma sociedade é importante para transmitir o legado

203 - Jouenne, N., 2007c, pp. 122-123



Figura 147: Vista do topo Sul da fachada da Unité d'Habitation de Firminy

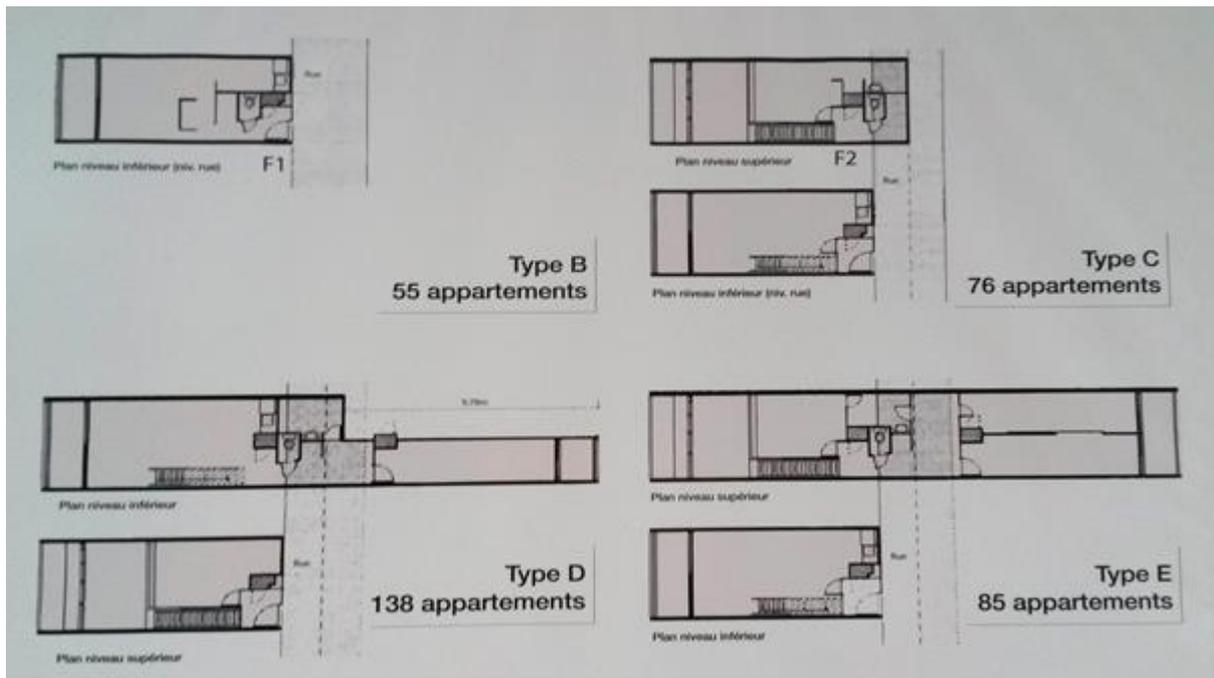


Figura 148: Imagem das 6 tipologias base de célula (de B a E)

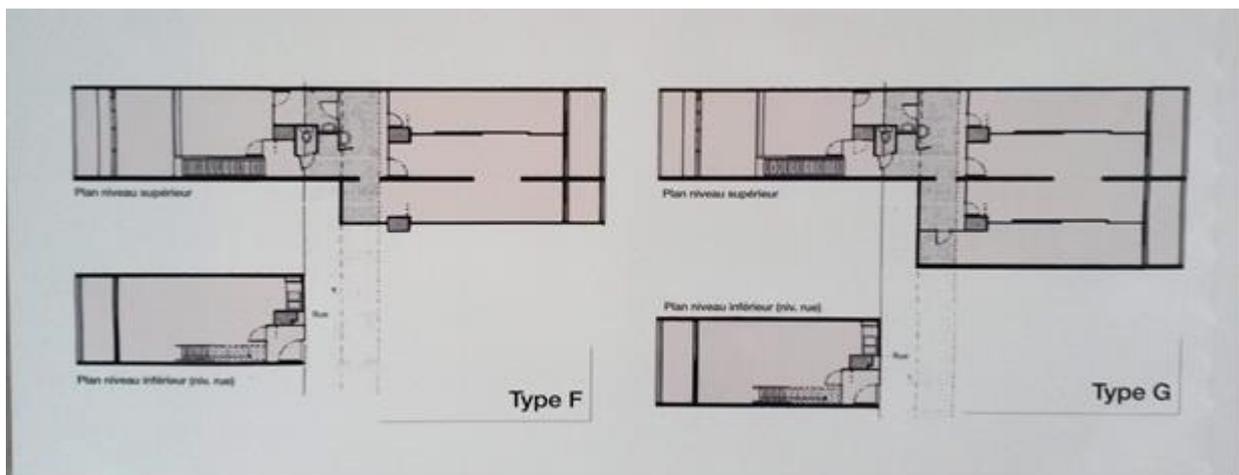


Figura 149: Imagem das 6 tipologias base de célula (de F a G)

dessa mesma sociedade às suas gerações futuras, pois todo o percurso até então percorrido pela mesma e pelos seus intervenientes é crucial para a sua transformação e maturação, consolidando o seu carácter de unidade social. Segundo Jouenne²⁰⁴, a maturação da unidade social, é um processo longo que acontece quando esta se incorpora num objecto simbólico que diz respeito a todos os indivíduos que a constituem, ultrapassando a transitoriedade e efemeridade da presença destes mesmos indivíduos no seio da sociedade em questão. Neste caso, a Unité d'Habitation de Firminy, encara esse papel de objecto comum capaz de ser representativo das crenças individuais dos seus intervenientes, mantendo-se como património colectivo dotado de possuir uma sustentabilidade bastante maior que o ciclo de vida de qualquer um dos seus elementos. Tudo isto permite à Unité de Firminy enquanto comunidade, perpetuar-se, criando a sua própria identidade e daí moldar de certa forma uma parte da identidade social dos seus indivíduos.

Relativamente às interações e transmissão de experiências sociais acima referidas, as noções de vizinhança desempenham um papel central no estabelecimento de limites e desenvolvimento de hábitos, entre elementos de uma dada comunidade, face a eles próprios e a outros elementos de comunidades com que contactam. É entre os elementos de uma mesma comunidade que essa transmissão acontece, nomeadamente partindo da iniciativa dos intervenientes mais antigos e maduros em direcção aos menos experientes, para que estes últimos consigam integrar-se adequadamente na comunidade sem serem vistos como corpos estranhos. Segundo Georg Simmel, citado por Noel Jouenne no seu artigo *Le Corbusier comme compétence*²⁰⁵, um dos factores mais importantes para a consolidação da unidade social, é a ligação fisiológica entre gerações que constituem esta mesma unidade. Através da passagem de testemunho dos intervenientes mais antigos para os mais novos da comunidade, é feita uma partilha da história vivida e marcada nesses complexos que permite a criação de laços comuns capazes de aproximar faixas etárias, culturas e crenças, de modo a integrar todos estes intervenientes numa só identidade social, segundo a qual todos eles se relacionem. Identidade essa que diz respeito e advém do objecto simbólico comum a esta sociedade. A função principal desta ligação geracional, em prol da união social, é a integração, principalmente face aos indivíduos recém-chegados a esta comunidade, no caso particular da Unité d'Habitation. É aqui que o papel dos elementos mais experientes se torna importante. Este papel é mais do que meramente informativo, tanto dos episódios grandiosos e favoráveis como dos mais negativos e confusos; é também um papel tutorial e protector. Se esta ligação geracional for quebrada ou interrompida com o tempo e não se mantiver constante, a história, as tradições, as crenças e as rotinas desta comunidade, como de qualquer uma outra, começam a desvanecer-se e a perder-se. Quando isto acontece, o processo de reconstrução dessa comunidade é feito de acordo com as motivações e competências da sua nova geração de recém-chegados, fazendo com se altere a linha dinâmica desta unidade social até ali verificada. Actualmente na Unité de Firminy, não há registos destas relações de vizinhança e ligações geracionais continuarem a ser praticadas de forma semelhante à praticada e desejada pelos intervenientes do espaço durante as primeiras décadas de ocupação.

Estes indivíduos, ao estarem integrados na comunidade, vão desenvolvendo ao longo do tempo, relativamente a ela, sentimentos de pertença e de propriedade, que vão consequentemente ditar a forma como eles lidam com certas vivências ou experiências sociais e culturais com as quais se vão

204 - Jouenne, N., 2007c, p. 120

205 - Jouenne, N., 2007c, p. 122

appartement	Type	Surface habitable
F1	B	30m
F2	C	50m
F3	D	66m
F4	E	80m
F5	F	102m
F6	G	115m

Figura 150: Legenda das 6 tipologias de célula base

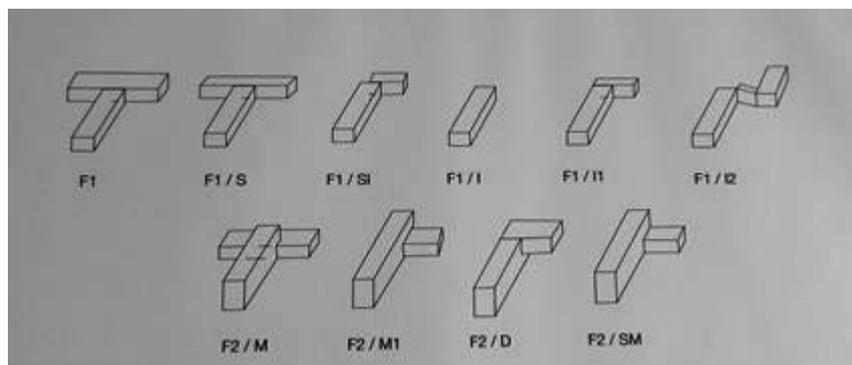


Figura 151: Imagem 3D das 32 diferentes variações de célula

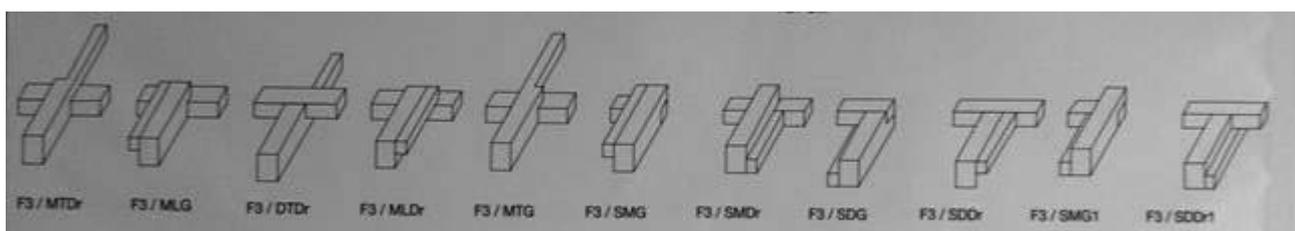


Figura 152: Imagem 3D das 32 diferentes variações de célula

deparando ao longo da sua vida. Durante este processo vão cultivando uma atitude de protecção ou resguardo perante o ambiente que lhes é familiar (no caso a Unité de Firminy) face a entidades exteriores que vejam como intrusas no seu meio ou que ameacem alterar as suas dinâmicas. Ora o edifício onde se integra a comunidade da Unité, é um corpo com um traçado e organização interna bastante forte e singular, que engloba uma abordagem específica da ideia do seu arquitecto face ao tema da habitação (anteriormente abordada ao longo dos capítulos anteriores). Nesta obra, a presença de espaços e programas específicos desta tipologia de habitação (já encontrados em outros exemplos anteriores de Unités d'Habitation), tornam a utilização deste edifício numa utilização particular, pouco desenvolvida até então.

Para a maioria dos habitantes que chegam ao edifício pela primeira vez, esse primeiro contacto é acompanhado de algum choque, segundo refere Jouenne na análise a inquéritos a que procedeu até ao ano de 2003²⁰⁶, pois a composição extremamente racional dos alojamentos e a lógica de circulação pelas ruas não era algo a que estivessem acostumados em moradias ou mesmo noutros edifícios de habitação colectiva da época. Ao tentar imprimir e facultar a sua visão de habitar em comunidade aos habitantes deste edifício, Le Corbusier recorre a uma linguagem de carácter mais robusto e permanente com o uso do betão aparente que suporta a imponência do volume face à sua envolvente. A esta ideia individual mas forte de habitação, podem contrastar muitas outras, e ao projectar-se um edifício com o propósito de albergar todo um conjunto populacional, onde cada indivíduo pertencente tem já por norma a sua própria ideia individual, vincada e pré-concebida de habitar, o arquitecto corre o risco da sua visão não ser aceite unanimemente pela população.

Apesar deste complexo inicialmente ter tido um propósito de cariz social, apontando ao uso de uma classe social média/baixa da população local, rapidamente, e devido a várias condicionantes, esse propósito foi sendo reconfigurado por diversos intervenientes que foram começando a ocupar os alojamentos conforme a sua disponibilidade financeira e exigências espaciais. Nos primeiros anos de funcionamento da Unité já se verificava uma elevada mistura social e cultural no seu interior, sendo o edifício pontuado pela presença de habitantes de diversas classes sociais, profissões e estatutos económicos. A Unité era vista como uma oportunidade de arranjar um alojamento eficiente e completo de forma relativamente rápida e barata, tanto para uma população de classe mais baixa e com menos poder monetário, como para emigrantes que chegaram à zona com a sua família ou mesmo para jovens solteiros ou a começar uma nova fase da sua vida, como ainda para agregados familiares com maior estabilidade e recursos. Entra também como contributo para esta realidade social heterogénea, ainda que em menor número, outra classe social de habitantes com melhor estatuto profissional e maior poder económico e formação académica, que viram no edifício de Le Corbusier uma oportunidade de experienciar o legado do arquitecto que falecera pouco tempo antes da conclusão da obra. Com esta constante mistura de classes, a separação e distanciamento dos pontos de vista cultural e social, começou a evidenciar-se, aproveitando espaços colectivos como as ruas, que foram concebidas com o propósito de unificar a população, para dividir e estratificar verticalmente a comunidade. Isto veio posteriormente causar vários problemas e alterações na dinâmica do complexo, entre elas a diferença na atribuição de alojamento a recém-chegados, a diferença no tratamento das reparações e reabilitações de alojamentos e nas rendas praticadas. Com todas estas alterações na

206 - Jouenne, N., 2007c, pp. 39-40

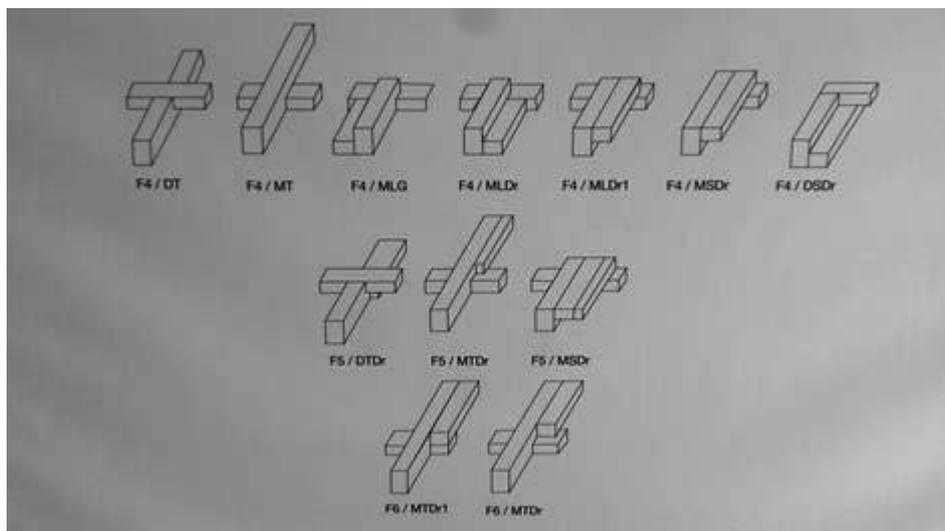


Figura 153: Imagem 3D das 32 diferentes variações de célula

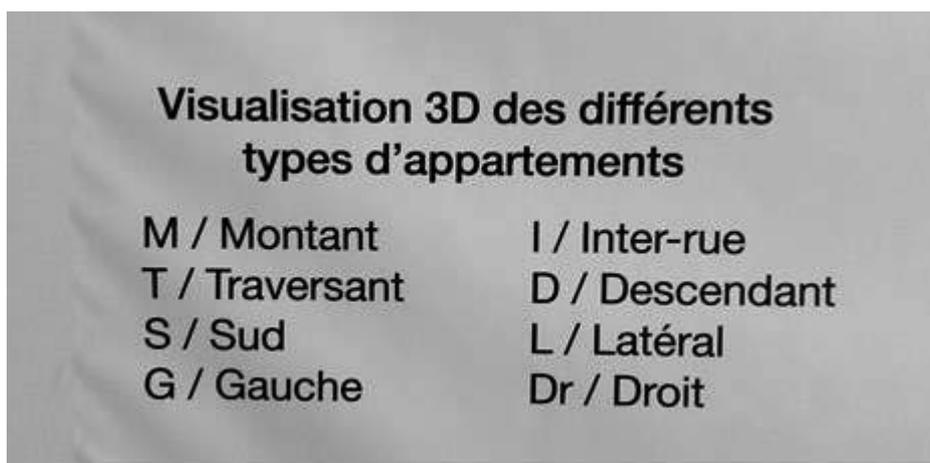


Figura 154: Legenda da descrição da composição e orientação das diferentes células

dinâmica da obra, é legítimo levantar a questão:

Serão as condições de vida, ideologias e traços construtivos “cravados em betão” no edifício por Le Corbusier, por si só suficientes e necessários para a prática do acto de habitar por parte dos seus inquilinos?

A resposta a esta questão pode ser tão subjectiva e complexa quanto as diferentes abordagens aos espaços íntimos de alojamento levadas a cabo por cada inquilino. Estas abordagens dependem do grau de habituação e de proximidade aos espaços por parte dos intervenientes. Mostram-se aqui válidas as noções de apropriação analisadas anteriormente para discutir a influência das interpretações feitas para o conjunto global da obra, sendo que cada indivíduo tem a sua própria interpretação que corresponde a uma parte, e esta parte vai ter um impacto diferente das restantes no todo, que é influenciado em igual proporção por todas as interpretações que possam decorrer das primeiras, com as quais possam ter desenvolvido uma conexão emocional, cultural ou social graças à proximidade local dos intervenientes e suas realidades. O confronto entre abordagens individualistas aos espaços do conjunto pode resultar em sobreposições ou conflito de interesses, desequilibrando consequentemente o ambiente global, a organização e as relações dentro da comunidade.

A mistura social verificada, com o tempo, foi desencadeando outros acontecimentos que marcaram a história da Unité desde os seus primeiros tempos. Segundo Jouenne no seu artigo²⁰⁷, durante o início da década de setenta, a Unité foi considerada um dos representantes formais do movimento anarquista de esquerda, sendo mais tarde adoptada como o símbolo da luta comunista naquela zona. Começaram a formar-se grupos e clubes de vocação comunista no seu interior, que defendiam e desenvolviam ideias a praticar neste estilo de vida comunitária. Ainda segundo os relatos de Jouenne, apoiados na sua recolha de informações, o envolvimento na vida política dentro da Unité era bastante grande e diverso, uma vez que não eram apenas as pessoas mais comumente associadas a este movimento comunista, como as de classes sociais mais baixas, em situação de desemprego ou pertencentes à classe operária do sector secundário, a fazer parte dele. Isto veio mostrar que o movimento de esquerda pode ser composto por todos, mais do que apenas jovens, artistas e idealistas, como se pode verificar na seguinte afirmação: “Ajouter à cela que la population est relativement jeune, constituée d’ouvriers mais aussi d’intellectuels au sens large (instituteurs, enseignants, éducateurs, travailleurs sociaux, infirmières, médecins, architectes, sociologues, économistes, artistes, etc.). Et nul ne contestera que les artistes participent à la vie politique.”²⁰⁸. Na vida política da Unité, participavam também as pessoas mais influentes, de estatuto social mais elevado e com maior grau educacional e profissional, desde médicos, advogados, arquitectos ou engenheiros.

Com isto, vai sendo possível verificar-se a existência de duas facções distintas de habitantes presentes nesta comunidade: aqueles que vivem na Unité por opção e os que vivem por necessidade. Relativamente aos primeiros, estes eram por norma os habitantes com maior poder monetário e que viviam o espaço concebido por Le Corbusier de forma mais respeitadora e cuidada, sem procederem a grandes contactos com os restantes inquilinos de outras classes sociais. Estes habitantes eram essencialmente indivíduos com altas qualificações académicas e profissionais como médicos, arquitectos, advogados, etc., que ocupavam os alojamentos de maiores dimensões e mais altas rendas,

207 - Jouenne, N., 2007c, p. 28

208 - Jouenne, N., 2007c, p. 28



Figura 155: Radio-Ondaine

localizados em zonas mais altas e privilegiadas do conjunto. Muitos deles, como afirma um habitante inquirido no artigo de Jouenne²⁰⁹, beneficiavam da aquisição de alojamentos geminados, usufruindo assim de uma maior quantidade de área de habitação por habitante, sendo ainda que alguns destes possuíam também uma segunda habitação mais pequena e modesta localizada na zona da base do conjunto, para outros propósitos que não o seu alojamento. Quanto aos habitantes referentes à segunda categoria acima referida, a sua presença no seio da comunidade da Unité era significativamente maior que a dos da primeira. Nesta categoria, segundo Jouenne, inserem-se os desempregados, que chegaram à Unité em busca de uma nova etapa na sua vida, os aposentados de uma classe social média/baixa, jovens solteiros que estão a iniciar-se no mundo do trabalho ou procuram habitação temporária, famílias de emigrantes, geralmente numerosas com mais do que uma criança, e outros indivíduos pertencentes a uma classe social modesta sem grande poder financeiro, cuja ocupação profissional passa pelo trabalho operário, industrial ou até na prestação de serviços na zona de Firminy. Incluem-se ainda aqui, uma fracção de indivíduos que trabalham como professores ou enfermeiros em escolas e hospitais locais, que devido à facilidade e proximidade em arranjar alojamento de custo acessível às suas possibilidades que lhes oferecesse um certo grau de comodidade, viram-se na necessidade de habitar na Unité.

No que toca às rendas praticadas neste complexo, e recorrendo aos inquéritos realizados por Noel Jouenne até ao ano de 2002, integrados e analisados no seu artigo de 2007²¹⁰, pode verificar-se que até neste assunto é visível uma certa disparidade, uma vez que quatro quintos (4/5) da população tinha uma renda mensal igual ou inferior a mil e quinhentos euros, quando metade dos agregados familiares presentes na Unité tinham rendimentos inferiores a setecentos e sessenta euros. Por outro lado, cerca de 14,4% das famílias têm uma renda superior a mil e quinhentos euros, sendo que um número reduzido destas é mesmo superior a três mil setecentos e cinquenta euros. É na sétima rua onde se verifica uma maior presença de rendas de aluguer elevadas, mas também onde se verificam as maiores disparidades entre os rendimentos dos inquilinos. Perante isto, pode afirmar-se que estamos perante uma população maioritariamente modesta e de condição social delicada, verificando-se ainda uma presença bastante mais reduzida de um nicho de habitantes mais influentes e abastados. Estes acontecimentos derivam de vários factores, como a percentagem de desocupação constante do edifício (a qual abordaremos mais à frente), ou mesmo a gerência do arrendamento do imóvel feita por organismos municipais, com os quais se foi originando uma tendência de conflito recíproca da parte dos inquilinos.

A divisão entre os habitantes destas duas categorias foi-se tornando algo evidente ao longo dos anos, graças a um processo de estratificação social apoiado nas suas ruas interiores, que se foi estabelecendo verticalmente ao longo dos vários níveis do edifício, sendo este processo gradualmente propulsionado e patrocinado pelo gabinete do HLM, que era responsável pela atribuição dos alojamentos aos habitantes, interferindo activamente no controlo e distribuição dos mesmos. Essa divisão deve-se essencialmente a motivos económicos e familiares, sendo que ao longo dos anos na

209 - Jouenne, N., 2007c, p. 37: "Un certain nombre de locataires ont bénéficié d'un jumelage d'appartement. Ce qui veut dire qu'ils vivent, par exemple, dans un F4 avec un F2 ou un F3. Ce sont des gens qui vivent dans un grand appartement, grandes baies vitrées, à la septième rue, et là c'est royal. Mais ils ont une résidence secondaire et un loyer très bas. Donc il y a cette catégorie de populations. C'est un petit nombre, je dirais que ce sont les amoureux du Corbu, et pour certains des ayatollahs du Corbu si le mot n'est pas trop fort.", por um habitante inquirido em 2002."

210 - Jouenne, N., 2007c, pp. 45-46

Unité, os agregados familiares com maior capacidade financeira eram menos numerosos, sendo constituídos maioritariamente por um ou dois elementos, e geralmente tinham uma média de idades mais elevada que os agregados mais modestos e de classe social mais baixa. Estes últimos agregados familiares, segundo dados recolhidos por Jouenne em 2003²¹¹, correspondiam à maior parte dos agregados presentes na Unité, sendo que 32% destas famílias eram constituídas por três ou mais elementos, em que por norma dois deles eram adultos e os restantes elementos crianças, podendo ainda destacar-se que 10% destas famílias podiam atingir um agregado de cinco a oito elementos. Com a frequente chegada de famílias modestas à zona de Firminy, onde o chefe de família não reunia grandes rendimentos ou procurava novas oportunidades de emprego e de emigrantes de origem árabe procurando alojamento, o contacto com o gabinete do HLM revelou-se fundamental para encontrarem habitação na Unité, e uma vez que a sua condição social demonstrava fragilidades, a sua integração na comunidade em questão era feita com algum controlo. Este tipo de famílias geralmente mais numerosas, com uma presença constante de crianças, encontram-se localizadas em zonas mais baixas do conjunto, nomeadamente ao longo das duas primeiras ruas interiores. Nesta zona existia uma maior concentração de habitações adequadas ao alojamento de grandes aglomerados e onde estas famílias se encontravam mais próximas do acesso à zona da envolvente do edifício, para poderem mais facilmente aceder aos serviços e espaços exteriores e monotorizarem os seus filhos enquanto estes brincam livremente à volta do edifício e no parque. Está portanto presente na dinâmica do edifício, ao longo deste período, um “jogo” eficaz e reflectido de alturas, que resulta numa organização social involuntária do interior do complexo, onde a disposição dos alojamentos acaba por determinar a composição dos agregados familiares que os ocupam.

Segundo um estudo estatístico levado a cabo por Laurence Duplay no ano de 1993, referenciado por Noel Jouenne no seu artigo de 2007²¹², durante o início da década de noventa e até ao período do estudo em questão, enquanto que a cidade de Firminy mostrava sinais de estar a tornar-se numa cidade cada vez mais envelhecida, devido às cicatrizes deixadas pela profunda degradação da economia local, a Unité d'Habitation de Firminy registava uma idade média relativamente mais baixa, revelando-se como um fenómeno particular naquela zona geográfica. Dos trezentos e sessenta e dois habitantes registados no ano de 1993 na Unité, 77,4% deles tinham uma idade inferior a quarenta anos e apenas 3% uma idade superior a sessenta anos. Enquanto isto, na cidade antiga de Firminy, apenas 49,9% dos habitantes tinham uma idade inferior a quarenta anos e 21,4% uma idade superior a sessenta anos, evidenciando neste caso, uma população com uma maior percentagem de elementos idosos e consequentemente inactivos profissionalmente. Tudo isto mostra que, naquela altura, a Unité revelava ser um ambiente favorável e propício a uma população mais jovem. Ainda segundo este estudo de Duplay, pode verificar-se que a idade média da população da Unité é de vinte e nove anos, uma média que representa bem a condição favorável à ocupação de uma população cada vez mais jovem. Apesar disso, esta idade média aumenta quando se chega à sétima e última rua interior do conjunto, localizada na zona mais alta do volume de habitação, com a maioria dos ocupantes a pertencerem a aglomerados familiares mais reduzidos, onde só a idade média do chefe de família era de trinta e cinco anos, elevando assim por consequência a idade geral nas ruas superiores do conjunto. Este fenómeno é também devido à menor presença de crianças e à presença de alguns elementos mais

211 - Jouenne, N., 2007c, pp. 62-63

212 - Jouenne, N., 2007c, pp. 43-44

antigos que já se encontravam na Unité desde a sua abertura no final da década de sessenta. A presença de crianças no edifício da Unité é bastante mais significativa nas duas primeiras ruas, em que a composição das habitações assim o propicia, estando alojadas nesta época, 48% do total das crianças (dos zero aos nove anos) presentes no conjunto (cerca de metade), sendo que as restantes se encontram distribuídas ao longo das outras cinco ruas, mais vincadamente na terceira, quarta e quinta ruas. As ruas cinco e seis do conjunto, com o passar dos anos, começaram a ser apelidadas de “ruas das gravatas” pelos seus próprios inquilinos, como é descrito no artigo de Jouenne em 2007²¹³, visto ser maioritariamente ocupada por habitantes com cargos profissionais executivos pertencentes a uma classe social média/alta. Estas ruas eram vistas e descritas pelo resto da população como ruas mais rígidas e onde não havia grande tolerância face a ruídos, cheiros ou lugar a brincadeiras de crianças nos corredores. Esta atitude de um certo isolamento e de recusa face à mistura social, relativamente aos restantes habitantes, gerou naturalmente no seio da comunidade climas de conflito e desconforto, deixando passar uma imagem de algum elitismo naquela zona do edifício.

Quanto ao método de distribuição de alojamentos, de que se responsabiliza o gabinete do HLM, é inicialmente feito segundo a disposição dos apartamentos ao longo das ruas, mas sem uma ordem ou favorecimento aparentemente visíveis. Têm também em conta a tipologia e o tamanho da família que pretende integrar a Unité e assim que um alojamento com as características indicadas a uma estadia confortável e adequada estivesse livre, o gabinete avançava com o processo. Como mostrado anteriormente das figuras 148 a 154 existem diversas tipologias de alojamento, mas nem todos estão igualmente representados em todas as sete ruas do complexo. Os alojamentos de tipo 5, correspondentes a uma das tipologias de maior área habitável, encontram-se presentes nas ruas interiores um, dois e sete, onde há uma maior necessidade de espaço por parte dos inquilinos, principalmente nas duas primeiras ruas, enquanto que por exemplo na sexta rua não existe qualquer tipo de alojamento do tipo 4, de áreas já mais reduzidas que os referidos anteriormente, de aproximadamente 80m², visto serem alojamentos intermédios com uma maior abrangência e menor especificidade de condições de habitabilidade. Com o tempo, as reacções a certas atribuições de alojamento, principalmente por parte de inquilinos que não aceitavam bem a crescente mistura social registada na Unité, começaram a tomar forma, e inclusivamente alguns dos inquilinos mais respeitadores das decisões do gabinete do HLM desenvolveram uma certa intolerância face a odores e ruídos provocados no interior do espaço colectivo. Segundo refere Jouenne no seu artigo²¹⁴ através de relatos de inquilinos, foram sendo expostos em zonas comuns da Unité, como nas caixas de escadas ou elevadores, avisos e reclamações escritas referentes ao comportamento insensível e desconsiderado de alguns inquilinos que produziam, citando: “odores culturais” e “ruídos incómodos provenientes brocas a perfurar paredes”²¹⁵, originários de actividades culinárias de famílias aparentemente de tradições culturais diferentes, da colocação de música muito alta e de reparações domésticas levadas a cabo pelos próprios inquilinos em pleno dia. Dada a complexidade da forma e agregação de todos os

213 - Jouenne, N., 2007c, p. 47: “La cinquième et la sixième rue étaient surnommées les « rues de cravates » en raison du fort taux de costumes-cravates que l’on pouvait croiser. Les enfants évitaient d’aller jouer dans ces rues dont les locataires étaient réputés « rigide ». Une locataire se souvient même qu’à ce niveau un cendrier était fixé devant les ascenseurs. Le silence et la propreté étaient de rigueur.”

214 - Jouenne, N., 2007c, p. 47: “« Avis aux bricoleurs du week-end. Le sommeil du samedi matin c’est sacré et mérité après une semaine de travail. La sieste du dimanche après-midi l’est d’autant plus. Alors, pour vos travaux de perçage, ponçage et autres nuisances sonores personnelles... Profitez des travaux collectifs de la semaine. Merci » Affichette collée au niveau des ascenseurs, octobre 2002.”

215 - Jouenne, N., 2007c, pp. 47-48

alojamentos, não era possível para alguns inquilinos identificar com clareza a fonte do incómodo criado, uma vez que este se propagava com facilidade o longo da estrutura, e isto ajudou a cultivar o clima de tensão, divergência e desconfiança dentro da unidade. Estas atitudes vieram abalar os conceitos de união e vizinhança pretendidos por Le Corbusier para este edifício, onde actualmente por vezes as relações de vizinhança encontradas são reduzidas ao mínimo ou meramente forçadas e nem à troca de um simples cumprimento durante o cruzamento de inquilinos nos elevadores ou corredores se procede. Tanto a mistura cultural e social evidentes na época dos estudos realizados, quer por Jouenne quer por Duplay, como o modelo idealizado e construído deste edifício, vieram funcionar como um atractivo para famílias de condição social frágil com problemas de integração. Possivelmente viram neste modelo uma oportunidade de serem mais facilmente aceites numa sociedade de tamanho mais reduzido e de tipologia mais reservada, para poderem terem acesso a diversos serviços e regalias, bem como a uma vida de certa forma mais condicionada e regrada por uma série de condições impostas pelo traçado e funcionamento dos espaços de habitação oferecidos pelo complexo. Todos estes factores, incluindo ainda outros referidos no capítulo anterior ocorridos ao longo da vida social na Unité, contribuíram para uma mudança de atitude dos organismos municipais e do gabinete do HLM, nomeadamente na sua política de atribuição de alojamentos e no controlo adoptado perante a população que se inseria no conjunto.

Depois de uma mudança registada no poder político local no final do século XX para uma liderança comunista, os conflitos entre a população da Unité e os organismos municipais sofreram uma quebra e um clima de entendimento voltou ao horizonte. Desde essa altura, o gabinete do HLM, responsável pela gerência e preservação dos espaços de habitação, adoptou uma postura mais cuidadosa na análise das candidaturas à integração da comunidade, tentando gradualmente ir exercendo uma posição de controlo, discutida mutuamente com as associações representativas da Unité, de forma a que a população global do complexo se fosse tornando cada vez mais homogénea, eliminando assim grandes disparidades sociais, com vista a retomar a ideia de unidade e harmonia pretendidas pelo arquitecto. Até hoje, esse projecto foi tentando ser posto em prática por parte destes organismos, mas pelo contacto que estabelecemos com o local em questão durante a visita, essas diferenças ainda não foram completamente erradicadas, verificando-se ainda alguma diversidade no aspecto e comportamento da população ao longo dos vários níveis do conjunto. Esta situação levanta dúvidas relativamente ao futuro deste complexo, em particular, e deste modelo de habitação colectiva aplicado à escala global, no geral, como por exemplo:

Se o plano de homogeneização pretendido para este espaço colectivo unificará a população nele existente, ou se quebrará de vez a relação dos inquilinos com toda a história e tradição por eles construída neste mesmo espaço?;

ou:

Se este modelo nos tempos que correm é um modelo sustentável e com perspectivas de melhoramento face à crescente mudança e especificidade nas necessidades de cada pessoa?

Devido a diversos factores que são vistos como causas, dentro dos quais se inserem naturalmente todos estes conflitos acima referidos mas não só, vários habitantes da Unité incorreram num processo de mutação da sua habitação, que de resto se verifica desde os primeiros tempos de existência do

edifício, como tentativa de procurar melhorar as respostas do espaço às suas necessidades individuais e familiares, e que consistia numa espécie de migração entre alojamentos dentro do edifício da Unité. A lógica por de trás deste processo é variável consoante o caso, mas na maioria das ocasiões está relacionada com questões familiares e de mudança nas condições e necessidades do alojamento. Noel Jouenne durante a sua estadia na Unité, de 2002 a 2003, recolheu vários testemunhos de habitantes que relataram as suas experiências relativas a estas mutações e verificou até, da parte de alguns outros, alternativas domésticas e autónomas de ultrapassar esses problemas, como a realização de obras pelos próprios inquilinos nas suas habitações. Estes processos tanto de mutação dentro do edifício da Unité, como o da realização de intervenções dentro dos alojamentos por parte dos próprios inquilinos, podem ser vistos como actos de apropriação e/ou adaptação/habituação aos espaços do conjunto (verificar conceitos referidos no capítulo 1). Em ambos os casos, há uma ligação a um espaço inicial que deixou de ser eficaz ou necessária da parte do seu utilizador, que procede de seguida a uma tentativa de o readaptar a si próprio ou procurar alternativas que melhor o façam no seio da mesma comunidade. Os modos de procedimento a este acto podem ser mais activos e pessoais, motivados nalguns casos por razões económicas, de facilidade ou comodidade, na qual o indivíduo está envolvido por completo em todo o acto, ou então de forma mais passiva e impessoal, onde o indivíduo recorre a outras entidades que o guiam na sua procura por outro espaço ao qual se possa vir a adaptar ou com o qual se ligue melhor e mais eficazmente. Relativamente aos processos de mutação dos habitantes existentes na Unité, é necessário recorrer a uma solicitação de um novo alojamento junto do gabinete do HLM, para que estes possam garantir um mais adequado realojamento dos habitantes. Para que se consiga avançar com o processo de mutação é necessário existir um alojamento com as características pretendidas pelos requerentes, caso contrário terão de esperar por uma vaga, se bem que ao longo do percurso de vida da Unité, graças à elevada taxa de desocupação constante, por norma os habitantes em questão não esperavam períodos muito longos pela abertura de uma vaga.

Dentro dos exemplos documentados por Jouenne, existem semelhanças, nomeadamente por se tratarem de mutações motivadas por razões familiares e de alteração do tamanho do agregado e resultante desenquadramento das suas pretensões com o espaço inicial. Este processo de mutação é mais comum de se verificar no sentido do aumento do núcleo familiar do que na sua redução, pois geralmente ocorre quando um habitante da Unité decide integrar uma outra pessoa com quem tenha eventualmente desenvolvido uma relação ao seu agregado familiar, ou quando há o nascimento de crianças no seio do agregado e esta sente que o alojamento começa a ficar demasiado pequeno para acomodar todos eles. Exemplo disto é o testemunho de um jovem de sexo masculino que chegou à Unité e ficou alojado numa habitação de tipologia estúdio, com uma área reduzida (e uma constituição extremamente funcional). Com o tempo ele decide começar a constituir família e o espaço deixa de ser suficiente para a sua esposa, primeiro, e para as suas filhas, de seguida, então ele vai gradualmente mudando de alojamento para um com maior área e maior conforto para si e sua família, assim que a sua estabilidade financeira lho permita. Existem ainda outros exemplos relatados no mesmo artigo de Jouenne, que demonstram uma prática não tão usual como a do primeiro exemplo e de certa maneira oposta a essa, apoiada numa situação de habituação e salvaguarda do alojamento pelas suas características e ligação aos espaços. Neste exemplo, dá-se o caso de uma família de constituição média, formada por dois adultos e seus três filhos, que vivem há algum tempo num apartamento do

tipo 4 ou 5 localizado num dos andares mais baixos do conjunto. Quando estas crianças são ainda pequenas, brincam nas ruas interiores e na envolvente do edifício, mas à medida que vão crescendo e passando a juventude, vão abandonando a sua casa de infância para procurarem a sua própria casa e tentarem entrar no mercado de trabalho. Quando isso acontece, os pais dessa família podem proceder de uma de duas maneiras, tendo sempre em vista uma preocupação comum: a do eventual regresso a casa dos seus filhos para junto de si caso a sua tentativa de emancipação não tenha resultado da forma esperada. A primeira maneira, passa pelos pais aquando a saída de casa dos seus filhos, irem procurar um outro alojamento, não forçosamente maior, mas mais confortável e adequado à nova configuração do agregado, onde se possam estabelecer de forma rentável e cómoda. Aqui a decisão mais racional talvez passasse pela aquisição de um alojamento mais pequeno apenas para os dois adultos, mas pelas razões anteriormente referidas, essa decisão não é concretizada. A segunda maneira, implica a permanência dos pais no mesmo alojamento, agora com excesso de espaço inutilizado, por razões de habituação e de salvaguarda, face a um possível regresso dos seus filhos a casa.

Está presente no entanto, um dado que se vai verificando ao logo dos anos através dos estudos estatísticos à população, levados a cabo desde o início da década de oitenta à de noventa por Duplay e até ao início do século XXI por Jouenne, que revela que à medida que os habitantes da Unité vão envelhecendo, há uma tendência para estes começarem a ocupar um alojamento de maiores dimensões, ou seja, com mais área livre por habitante. Este fenómeno vai ao encontro do ciclo evolutivo do agregado familiar, ou seja, à medida que este cresce dá-se o crescimento dos seus membros mais jovens, que gradualmente vão abandonando a habitação até que os seus progenitores vão ficando com cada vez mais espaço livre disponível. Isto indica que esta progressão se faz no sentido da ocupação dos alojamentos de tipologias 6 a 8, com áreas correspondentemente maiores.

Para alguns inquilinos, os alojamentos da Unité, eram ainda vistos como partes de um todo à sua inteira e constante disposição, podendo ser utilizados consoante as suas necessidades e meios sem terem preocupações de permanência perpétua, ou sejam, sem estabelecerem neles a relações de propriedade ou efectividade, como se pode concluir através de testemunhos de ocupantes recolhidos por Jouenne, que o próprio corrobora em reflexões posterior:

«En fait ce qu'on faisait nous les uns et les autres, c'est qu'il y avait beaucoup de déménagements à l'intérieur de l'immeuble sur des petits trucs à roulettes. Quand l'appartement était un petit peu sale, ou qu'il y avait besoin de rénover les murs, plutôt que de rénover celui dans lequel on était, on cherchait pour voir si il y en avait pas un autre qui était libre. J'ai connu ce principe-là.»²¹⁶.

No entanto existem também outro tipo de inquilinos com uma visão mais austera, oposta a esta, onde através da realização de algumas obras de cariz mais permanente e impactante no interior do alojamento, visam sobrepor-se à leitura e funcionamento dados inicialmente ao espaço, estabelecendo-se naquele espaço sem uma intenção futura de o abandonar ou proceder a qualquer mutação seja qual for a sua situação familiar. Esta situação é geralmente provocada por razões de estabilidade económica que impedem a mudança para uma habitação mais adequada, procedendo então à solução mais rentável e fugaz da resolução temporária desse problema, que passava muitas vezes pela intervenção do próprio habitante, por via de obras de adaptação e correcção no seu alojamento.

216 - Jouenne, N., 2007c, p. 61

Segundo Jouenne conclui no seu artigo *Le Corbusier comme compétence*²¹⁷, à medida que a população da Unité envelhece, as suas condições de habitação tendem a evoluir, levando a uma procura por alojamentos que lhes ofereçam maior conforto e melhor resposta às suas necessidades.

Nomeadamente no caso da população mais idosa, que gradualmente vai perdendo qualidade de vida e mobilidade, dada a inadequação de alguns elementos presentes na Unité ao seu modo de vida, como as escadas no interior de quase todas as tipologias de alojamento (excluindo apenas os de tipologia estúdio por se tratarem de alojamentos constituídos por uma só peça ao longo de apenas um piso, contrariamente a todas as restantes desenvolvidas em dois pisos), esta população tende a procurar outros espaços mais indicados à sua nova condição. Estes espaços podem passar precisamente por um dos alojamentos de tipo estúdio localizados numa das cinco ruas interiores superiores, onde terão uma estadia mais sossegada devido à menor presença de crianças, ou então pela saída da Unité por falta de vagas referentes à tipologia de alojamento que pretendem.

No que toca aos habitantes recém-chegados, estes antes de se tornarem inquilinos na Unité, tinham de se candidatar junto do gabinete do HLM a uma vaga de alojamento que correspondesse às exigências do seu agregado. Neste processo, o gabinete em questão avaliava a disponibilidade dos espaços no edifício e as características dos candidatos, para tentar chegar a uma atribuição adequada que não perturbasse a harmonia e a dinâmica pretendidas para o conjunto. Vários destes recém-chegados, vinham para a Unité por necessidade e facilidade de alojamento, tendo recentemente encontrado emprego na zona e esta lhes ter sido apresentada como uma solução rentável de integração numa comunidade previamente estabelecida. Ao longo dos anos, foram-se recolhendo relatos de pessoas que durante o seu primeiro contacto com a obra tiveram reacções de estranheza e desconforto, derivado dos traços e elementos pouco usuais numa arquitectura que não lhes era familiar e à qual não estavam habituados, nomeadamente a configuração das habitações e dos quartos ou do esquema colectivo de funcionamento das ruas interiores. Mas muitos destes habitantes, com o tempo passado na obra, ultrapassaram o factor da surpresa e começaram a estabelecer uma relação mais próxima com os espaços, através de um processo de conexão e aceitação às novas proporções e estética da sua envolvente, para que não fossem vistos como elementos desintegrados do conjunto.

Graças a uma constante taxa de desocupação verificada na Unité após os primeiros anos de actividade, promovida nessa época por factores sobretudo externos referidos no capítulo anterior, o número de alojamentos vagos neste edifício, foi tendo desde o final da década de setenta, uma presença cada vez maior, chegando mesmo a atingir níveis superiores a 50%. Esta elevada taxa, fez com que o processo de ingresso na Unité por parte de novos membros fosse relativamente rápido, desencadeando nestes um sentimento imediato de pertença e aceitação, pois viam a comunidade da Unité como uma nova oportunidade para se estabelecerem e recomeçarem uma nova vida social, nomeadamente para jovens, como foi referido anteriormente no início do capítulo.

Estes jovens chegavam muitas vezes solteiros e sozinhos a um alojamento na Unité, sendo que um estudo conduzido por Duplay no ano de 1993, posteriormente referido na análise de Jouenne no seu artigo de 2007²¹⁸ que visa apurar a evolução da condição dos ocupantes da Unité até à sua época, indica que 39% da população presente na Unité em 1993 vivia individualmente, sendo que um elevado número dessa percentagem se encontrava a trabalhar em centros hospitalares na região de

217 - Jouenne, N., 2007c, p. 45

218 - Jouenne, N., 2007c, p. 44

Firminy enquanto enfermeiros. Relativamente à taxa de empregabilidade da população da Unité, esta revelava-se mais elevada que a da cidade de Firminy, por ter uma população com uma idade média mais baixa, e consequentemente um grau de educação maior, nomeadamente na população mais jovem. Esta taxa também favorecia uma crescente participação e integração da mulher no mercado de trabalho, sendo que da população activa da Unité, 43,8% eram do sexo feminino, enquanto que essa percentagem na cidade de Firminy baixava para os 33,4%. Desta percentagem de mulheres activas na Unité, cerca de 38% delas se ocupavam do sector operário, enquanto outros 38% se ocupavam no sector social e de serviços. Isto contrastava naturalmente com a ocupação laboral do sexo masculino, uma vez que havia tendência ao homem empregar-se mais facilmente no sector operário, com uma presença de 45,3% (quase metade) desses homens activos nesse sector, enquanto que apenas 33% da população activa masculina se ocupava no sector social. Pode portanto concluir-se que existe uma clara distinção entre dois grupos de sectores laborais representados na comunidade da Unité: o sector operário e o sector social/intelectual. Estes dois grupos são bastante distintos, mas devido à baixa taxa de educação superior presente tanto nesta comunidade, como na cidade de Firminy em geral nesta época, a presença de trabalhadores no sector primário/operário é bastante superior por se tratar de um sector com requisitos sociais e educacionais mais baixos e de mais fácil acesso, nomeadamente nesta zona com tradições na área relativa à extração e tratamento de matérias-primas. Isto leva directamente a uma presença mais escassa do sector intelectual e bem remunerado junto desta comunidade, pois a actividade profissional está fortemente associada à condição social e consequente capacidade financeira de cada um. Tendo em conta esta informação, pode levantar-se a seguinte questão, à qual dificilmente se conseguirá responder sem analisar em pormenor todo o percurso populacional da Unité desde a sua abertura até aos dias de hoje e daí em diante:

Como é que estes dois grupos/realidades distintas procedem à mistura social que se verifica no edifício da Unité, para que consigam habitar e constituir ambos a mesma unidade colectiva?

Outros estudos estatísticos, levados a cabo por estas duas personalidades entre 1983 e 2003²¹⁹, fornecem dados importantes para uma análise evolutiva da ocupação dos espaços de habitação da Unité por parte da sua população, que vai transitando de forma geral ao longo dos anos (mas não de forma integral, pois ainda se verifica nestes estudos a presença de alguns habitantes que se encontram no edifício desde os seus primeiros tempos), mas mantendo sempre algum equilíbrio constante na presença e impacto das diferentes classes sociais já referidas. Esta informação demonstra que, à data do estudo mais recente, cerca de um terço da população da Unité habita um alojamento cujo espaço habitável se encontra entre os 25 e os 52 m², uma outra parte da população correspondente a uma percentagem ligeiramente superior a um terço habita um alojamento cujo espaço habitável se encontra entre os 52 e os 77,5 m², por fim, 23,7% da população residente na Unité habita alojamentos com um espaço habitável superior a 77,5 m² e até 130 m². Em adição a estes dados, segundo os registos do gabinete do HLM, há um domínio presencial de aglomerados familiares constituídos por duas pessoas neste edifício, correspondendo a 62% dos aglomerados totais, enquanto que a percentagem de famílias constituídas de um a três elementos ronda os 72%, deixando os restantes 28% para serem preenchidos

219 - Jouenne, N., 2007c, pp. 62-63

por agregados familiares que podem ir dos três aos oito elementos, dentro dos quais, 10% já correspondiam à categoria de famílias numerosas, constituídas de cinco a oito elementos. Tendo tudo isto em conta, pode concluir-se que apesar dos núcleos familiares serem predominantemente reduzidos, verifica-se uma tendência a estes não ocuparem apenas os alojamentos de área mais reduzida, distribuindo-se igualmente pelas restantes tipologias de habitação que oferecem uma maior área por ocupante. Isto leva a concluir que há uma procura por um conforto adequado para cada ocupante, superior à quantidade de área mínima por habitante de 14m², proposta por Le Corbusier aquando da concepção do modelo da Unité. Relativamente às idades dos habitantes da Unité, esta pode ser directamente relacionada com o número de peças²²⁰ que constitui o alojamento e consequentemente com a sua dimensão. Em 2003, a idade média do chefe de família dos aglomerados compostos por uma ou duas peças era de 39,4 anos e essa idade aumenta progressivamente à medida que o número de peças constituintes do alojamento também aumenta, de forma a que os chefes de família dos alojamentos maiores e mais complexos compostos de seis a oito peças, tenham uma idade média de 49,8 anos. Daqui pode concluir-se que nesta época, há uma tendência aos habitantes da Unité procurarem espaços mais amplos para viverem em maior conforto à medida que vão envelhecendo e os seus filhos vão abandonando o alojamento, indicando igualmente, a possibilidade de que quando estes chefes de família ingressam na Unité, por norma o fazem para alojamentos de área mais reduzida, indo progressivamente mudando de alojamento à medida que o seu núcleo familiar se expande. Isto revela ainda, que os apartamentos do tipo estúdio, de apenas um piso e com as áreas mais reduzidas, são maioritariamente ocupados por jovens adultos ou mesmo por idosos vivendo sozinhos.

Relativamente à evolução do número de habitantes e à sua transição ao longo dos anos, e recorrendo mais uma vez aos estudos de Duplay e Jouenne²²¹, pode dizer-se que desde a crise económica e industrial verificada na zona de Firminy na década de setenta, a taxa de ocupação do edifício verificou um decréscimo, de tal modo que de 1971 a 1978 essa taxa desceu de 81,8% para 71,1%, sendo que em 1980, essa ocupação já era apenas de 57,5%. Entre 1983 e 1993 essa taxa voltou a descer mais 13%, passando o edifício a registar apenas cento e cinquenta e seis ocupantes, e nos dez anos seguintes descendo mais de 21% deste último valor, para uma queda até aos cento e vinte e dois ocupantes. Segundo uma análise de Noel Jouenne, apoiada em estudos antigos de um grupo de antropólogos italianos, quarenta e sete dos cento e vinte e dois habitantes da Unité em 2003, estavam já presentes no edifício em 1993, advindo já uma pequena percentagem deles da primeira década de ocupação do edifício, tornando-os habitantes anciãos da obra. Relativamente aos agregados familiares presentes em 1993 na Unité, um total de quarenta e sete, dezasseis deles recorreram ao processo de mutação para alterarem o seu espaço de residência, sendo que vinte e um destes agregados advinham já do ano 1983, tendo dez desses vinte e um se mantido para o ano de 2003, onde se integram os referidos habitantes anciãos deste edifício.

Quanto a alguns serviços e iniciativas verificadas no seio da comunidade da Unité, existem relatos de inquilinos que viveram no espaço durante a época da sua abertura, onde afirmavam que aí a Unité era

220 - Aqui refere-se o termo peça, para identificar cada parte distinta de forma volumétrica regular que constitui um alojamento. Como exemplo, refere-se o alojamento de tipo estúdio, como sendo o de tipologia mais simplificada, constituído por apenas por uma peça, ou seja, por um único corpo de forma regular, sendo nestes casos, um volume de forma paralelepípeda. Ver tipos de alojamento presentes nas figuras 144 a 149.

221 - Jouenne, N., 2007c, pp. 65-66

vivida de forma integral, sem necessitar da intervenção de serviços exteriores para a sua actividade quotidiana, sendo entendida como uma verdadeira comunidade funcional com pretensões auto-suficientes que privilegiava o conforto dos seus utilizadores. Algumas dessas iniciativas eram vistas com agrado, e eram entendidas como um acto simbólico do funcionamento colectivo e unificador de todo o conjunto, nomeadamente o serviço de distribuição de bens de padaria e leitaria por todos os inquilinos do edifício. Este serviço era uma regalia à qual só os habitantes desta comunidade tinham acesso diário, durante a manhã numa zona específica de abastecimento dentro da comunidade, juntamente com a distribuição do jornal diário local, as quais eram pagas mensalmente a par da renda das habitações. A partir da década de oitenta deixaram de existir registos da realização destes serviços, os quais se presumem terem sido descontinuados. Outras iniciativas como a de *carpooling*, evidenciavam igualmente este espírito de colaboração e união presentes na época na Unité de Firminy. Este serviço foi criado imediatamente após a abertura do edifício da Unité, através da iniciativa de um conjunto de inquilinos com carro que se ofereciam para dar boleia aos seus vizinhos e membros da comunidade que não tivessem meio de transporte assegurado, facilitando deste modo as rotinas dos inquilinos. Funcionava pela combinação de horários convenientes entre vários inquilinos para rentabilizar as viagens de ida e regresso. Esta iniciativa com o tempo acabou por se ir banalizando e rotinando, chegando inclusivamente a pensar fazer-se um autocolante comum a todos os veículos que realizassem este serviço para uma melhor identificação.

A actividade social na Unité ao longo dos anos, fica também marcada pela constituição da sua associação de inquilinos formada nos primeiros anos de ocupação, com o propósito de servir de intermediária entre os membros da comunidade e os organismos municipais que geriam o edifício. Esta associação era ainda responsável pela segurança e limpeza dos espaços da Unité e resolução de divergências entre inquilinos, bem como da criação e gestão em 1973, em colaboração com o gabinete do HLM, de um conjunto de clubes de actividades lúdicas e recreativas dentro do complexo da Unité d'Habitation. Estes clubes eram formados por conjuntos de inquilinos com interesses comuns que se juntavam para realizar uma actividade representativa da filosofia do clube, cultivando sempre valores de colectividade, união e colaboração nesse processo. No início foram criados doze clubes, com actividades e funções diversas como a biblioteca, um café/bar, oficinas de lazer e educativas, clube de jovens, salas de reunião e debate, ténis de mesa, etc. Cada clube tinha uma sede, correspondente a um local destinado a uso público, uma sala localizada num dos pisos intermédios do complexo, acessíveis apenas pela caixa de escadas em pisos alternados. O sucesso da criação destes clubes foi-se espalhando e a iniciativa foi crescendo juntos de todos os inquilinos, que rapidamente começaram a aderir, de tal modo que o número de clubes criados nos anos seguintes aumentou gradualmente. Através de alguns testemunhos é possível verificar a variedade e longevidade de alguns clubes, tais como o deste ex-habitante da Unité:

«Ça fait vingt-cinq ans que je fais de la gym. J'ai commencé au Corbusier, je m'en rappelle. Après avec le centre social, on n'a plus fait là-haut, on est descendu au centre social à Firminy-Vert, je suis restée. Et puis j'ai pas mal d'autres activités: j'ai le dessin, j'ai la piscine, la danse.»²²².

Todos os clubes criados dentro do espaço da Unité estavam sob a alçada da associação de inquilinos e por isso tinham de seguir algumas regras de funcionamento rígido para o melhor aproveitamento de

222 - Jouenne, N., 2007c, p. 85

todos os membros da Unité, respeitando horários e rotinas globais. Algumas dessas restrições passavam pelo limite da actividade do clube pelas vinte e duas horas, proibição de produção de ruídos fora do espaço destinado à prática da actividade do clube, proibição da integração de membros exteriores à comunidade da Unité, proibição de utilização das instalações para outro fim que não o da realização de actividades relacionadas com o clube, nomeadamente como espaços de armazenamento ou alojamento de pessoas exteriores à Unité. Os clubes eram destinados a uso exclusivo e íntimo dos membros da Unité, sendo por isso proibida a sua divulgação e publicitação fora dos limites da comunidade. Quando alguns inquilinos se viram confrontados com certas restrições que iam contra as suas intenções para o espaço do clube que criaram, geraram-se conflitos e excessos na utilização e aproveitamento dos espaços em questão. Com o tempo, começou a verificar-se uma banalização na criação de clubes junto da associação de inquilinos e do gabinete do HLM, usando qualquer pretexto para usufruir do espaço colectivo atribuído para benefício individual. Isto, segundo Jouenne²²³, levantou naturalmente questões de estabelecimento de propriedade pública, limites de abrangência/influência individual no espaço público e abuso de confiança. Estes espaços limitados não teriam nenhuma utilidade pública ou colectiva pré-destinada, mas assim que se desenvolveu a iniciativa da criação dos clubes, foram imediatamente apontados ao seu funcionamento, tornando-se desde aí espaços de utilização pública, disponíveis para toda a população interessada no seu ingresso. Estes espaços podiam ser alugados junto dos organismos responsáveis, por uma quantia simbólica, sem que estes exercessem um grande controlo sob a suposta actividade do clube, dando deste modo azo a abusos por parte de alguns habitantes que viam aqui uma oportunidade de adquirir um espaço extra-alojamento, que podiam utilizar em benefício próprio da forma que melhor entendessem sem conhecimento público, privando os restantes habitantes da Unité de o fazerem naquele espaço. Esta utilização indevida destes espaços criou um ambiente de mal-estar entre inquilinos e afectou negativamente as rotinas e os membros de alguns clubes, que por essas razões, a dada altura, acabaram por abandonar os seus clubes e se dirigiram ao centro social da cidade de Firminy e a outros espaços públicos externos à comunidade da Unité para realizarem as suas actividades lúdicas e recreativas, permitindo-lhes com isto aproveitar um tão necessitado distanciamento do seu edifício de habitação. Com um gradual abandono dos espaços destinados aos clubes, houve uma tendência crescente da parte de alguns inquilinos à ocupação ilegal e clandestina de espaços deixados vagos. Noel Jouenne, aquando da sua estadia na Unité no início do século XXI deparou-se com cenários semelhantes e recolheu testemunhos que confirmam estes acontecimentos, tais como o deste inquilino:

« J'ai un club. Je veux dire que je suis responsable d'un club et que ce club-là peut être utilisé par d'autres personnes qui éventuellement ont la même activité que moi. Donc pâte à sel ou peinture sur verre, enfin des petits travaux manuels. Au début on était plusieurs à vouloir l'utiliser, donc il y a des gens qui s'étaient inscrits, qui y vont de temps en temps. Mais finalement, c'est vrai que c'est surtout moi qui l'utilise. Là, j'ai une copine aussi qui l'utilise pas mal, qui y est souvent en ce moment. Maintenant les copines y vont de temps en temps. Elles savent que j'y suis souvent le soir, vers sept heures, donc elles y viennent et on discute un petit moment. Pour discuter, soit pour regarder des petits bouquins, elles viennent comme ça, si elles ont quelque chose à me dire, ou ça peut être aussi un endroit où on boit un petit café. Mais bon c'est un club qui est quand même assez utilisé. »²²⁴.

223 - Jouenne, N., 2007c, pp. 85-86

224 - Jouenne, N., 2007c, pp. 84-85

Diversos outros acontecimentos foram marcando a actividade social e colectiva na Unité, influenciando o comportamento dos seus habitantes e alterando as suas rotinas e dinâmicas, entre os quais a criação da associação de inquilinos em 1968, já anteriormente referida. Esta associação era um espaço dedicado à discussão e ao debate de problemas relacionados com a comunidade da Unité de Firminy e seus membros, que servia de entidade intermediária entre os inquilinos e os organismos municipais e que assegurava o seu desenvolvimento e bem-estar. Aqui, ao longo dos anos, foram sendo discutidos certos assuntos como a colocação e segregação dos inquilinos emigrantes ao longo das duas primeiras ruas do conjunto e o seu inevitável isolamento perante as restantes realidades sociais presentes, a modo de evitarem um contacto mais próximo com esses emigrantes. Estes emigrantes chegavam ao edifício, por norma, em aglomerados familiares numerosos com uma presença constante de crianças e jovens, por estas razões eram inseridos na primeira e segunda ruas interiores, mais próximas da zona de acesso ao exterior, e onde havia uma maior quantidade de alojamentos de grande dimensão, capazes de os albergar e onde se verificava uma maior variedade de inquilinos de culturas e raças distintas, fazendo, deste modo, com que se criassem nichos populacionais. Devido à sua presença ser, por vezes, vista com desconfiança por parte dos restantes inquilinos, a sua colocação nas zonas mais baixas, foi sendo sempre influenciada e alimentada por intolerâncias e inseguranças. Estas eram zonas mais propícias à colocação de famílias com crianças e jovens, onde estas poderiam mais facilmente ter acesso às zonas comuns, como corredores, parque e zona de entrada coberta da Unité, onde se recriavam e divertiam, pois estes eram espaços pensados para mais do que servir o habitante em geral, sendo também adequados para o uso e circulação livre das crianças. A presença activa de crianças e jovens nalgumas das ruas interiores do conjunto, bem como os ruídos e os cheiros ocasionalmente produzidos dentro e fora dos alojamentos, eram factores de constante discórdia e conflito entre facções de inquilinos, tendo sempre por base uma intolerância social, que não se adequava ao ambiente pretendido para esta obra. O crescimento de jovens em ambientes socialmente frágeis do ponto de vista da coesão e cooperação, é propício à prática de actividades reprováveis e menos construtivas por parte destes jovens, que expressam a inadequação do ambiente onde se desenvolveram na sua comunidade. Estes comportamentos, podem ser agravados com atitudes de isolamento face aos restantes grupos sociais presentes na comunidade, levando a desenvolvimentos de nichos com uma abordagem progressivamente mais agressiva perante o espaço arquitectónico e seus serviços.

Com o passar do tempo e com o arrastar deste ambiente pesado, foi-se tornando evidente uma divisão de crenças e visões sociais e políticas junto dos habitantes da Unité. Esta divisão tinha como fundamento posições de ancestralidade, longevidade e rigidez na abordagem à frequência do edifício, para os inquilinos mais fortemente ligados aos órgãos de direita ocupados do poder municipal, que eram contra posições mais liberais relacionadas com conceitos de cooperação e igualdade de tratamento dos habitantes, defendidas por inquilinos com ideologias reaccionárias de vertente comunista que pretendiam lutar contra a opressão exercida, nomeadamente por organismos municipais, que tinham tendência a adoptar campanhas de normalização e limpeza da população, tentando contrariar o panorama de heterogeneidade social e cultural verificado. Estas tensões foram sendo presença inerente ao funcionamento quotidiano da comunidade, provocando inclusivamente



Figura 156: Gravura pintada numa das paredes da caixa de escadas da Unité de Firminy

actos de vandalismo, agressão e insulto racial e sexual, como descrito por Jouenne²²⁵.

Na entrada na década de oitenta, os conflitos e marcos negativos na Unité continuaram a registar-se, contribuindo para uma má publicidade desta comunidade perante a restante cidade. Houve vários registos de criminalidade, entre os quais o de um inquilino que esquartejou e assassinou um indivíduo empregado na tesouraria do Centro Hospitalar de Firminy, alguns casos de inquilinos que se suicidaram atirando-se das varandas de alojamentos e até casos de violação junto à zona térrea do edifício. Há igualmente registos de actos de vandalismo no interior do espaço colectivo da Unité, nomeadamente na forma de *graffitis* (figura 156).

Durante os anos de 1983 e 1984, a desocupação do edifício atingiu taxas bastante altas, quase a rondar a metade dos alojamentos, sendo que desde meados da década de setenta se vinha a verificar uma tendência que indicava que a ala Norte do edifício registava constantemente um número bastante mais reduzido de habitações ocupadas, acabando este fenómeno por se confirmar no ano de 1982, quando a percentagem de alojamentos vagos na ala Norte atingiu os 80%. Esta situação veio gradualmente dar força a uma ideia que vinha a ganhar forma há já alguns anos, na qual se preconizava o encerramento desta ala Norte (já abordada no capítulo anterior). Este encerramento veio desencadear reacções de revolta e união juntos dos habitantes que recorrendo à força e posição privilegiadas da sua associação comunitária, organizaram várias manifestações e iniciativas, que visavam promover a obra de Le Corbusier enquanto peça comunitária e de intenção social colectiva, que apenas fazia sentido se funcionasse de forma completa e integral. Segundo Jouenne²²⁶, estes acontecimentos tiveram impacto a uma escala bastante superior à local, chegando inclusivamente vários meios de comunicação internacionais que apoiavam a atitude combativa dos inquilinos, realçando que este encerramento parcial poderia trazer consequências e problemas políticos para a região e provocar um encerramento total do edifício no futuro.

Um outro acontecimento que marcou fortemente a população da Unité, em 1988/1989, foi o encerramento do jardim-de-infância do terraço do conjunto (já referido no capítulo anterior). O jardim-escola era considerado pelos habitantes como um dos corações da comunidade e do edifício, pois representava um espírito de união e de colectividade que Le Corbusier idealizava e por se tratar de um programa que privilegiava as crianças e a sua atitude de juventude, que esperava contagiar a restante comunidade. O corpo desta escola infantil foi concebido segundo os princípios da *Open School* inglesa onde Le Corbusier buscou inspiração, para que o corpo construído repousasse sobre um espaço aberto e livre no terraço, que permitia às crianças correr e brincar à vontade, segundo uma filosofia de aprendizagem que primava pela liberdade e presença de ar puro. Houve no entanto, muitas vezes de desagrado face a esta tipologia e localização da escola que se levantaram nesta época, o que provocou uma reavaliação por parte de organismos municipais que decidiram que as crianças não estavam perante um ambiente seguro e com o contacto devido com a envolvente. Por isso, uns meses após a visita ao espaço do terraço do Ministro da Cultura de Firminy, este decidiu proceder ao encerramento do jardim-escola, até que este volte a reunir condições de equipamento e segurança para o seu devido funcionamento. Este Ministro tomou posteriormente junto dos pais das crianças e associações responsáveis pela manutenção e actividades escolares, as devidas precauções de notificação, para que pudessem rapidamente recolocar as crianças noutra jardim-escola devidamente

225 - Jouenne, N., 2007c, pp. 96-97

226 - Jouenne, N., 2007c, pp. 102-103



Figura 157: Vista interior da caixa de escadas para a porta de acesso à zona do terraço

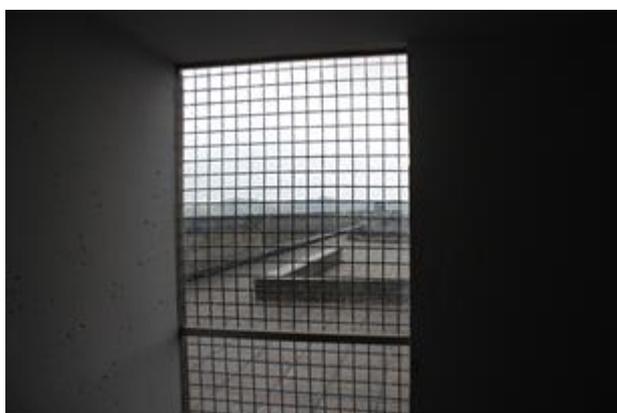


Figura 158: Vista para a zona exterior do terraço da Unité de Firminy



Figura 159: Vista para a zona exterior do terraço da Unité de Firminy

capaz de assegurar o ensino das crianças afectadas. Mas perante alguma resistência dos pais face a este encerramento, quando a decisão foi formalizada, os organismos municipais enviaram uma equipa de funcionários para confiscar todo o material escolar presente na escola para acabar com toda a actividade educativa que decorria no espaço. Isto apanhou de surpresa tanto crianças como professores e funcionários, que assistiam indignados a este processo enquanto se encontravam no espaço da escola. Este acontecimento repentino foi visto pelos pais como um acto de violência política, que não caiu bem no seio da comunidade e provocou desordem e desencadeou uma ocupação posterior do corpo da escola por parte de alguns habitantes toldados pela raiva que pretendiam lutar contra esta medida, como afirma de resto Lionel Pailles referido no artigo de Jouenne:

«Ce conflit dépasse la simple revendication de l'école. Celle-ci est indissociable du bâtiment. C'est un combat plus général, pour une certaine idée de l'architecture et de la vie sociale. On ne se bat pas pour notre petite vie étriquée, mais pour un patrimoine public, pour des valeurs citoyennes, et qui plus est pour des idées de gauche, conformes à ce que devrait défendre un maire communiste »²²⁷.

Os esforços dos pais acabaram por ser insuficientes face à atitude do município, abandonando passados nove meses o seu acto de protesto na forma de ocupação do terraço junto à zona da escola, sendo que posteriormente estes juntamente com as associações de pais de Firminy, se comprometeram proceder futuramente à realização de obras para reabilitar o corpo da escola e do terraço para que a sua actividade seja retomada normalmente. Após todos estes anos passados, durante a nossa visita ao espaço em Abril de 2016, foi possível constatar que esse processo acabou por não ser levado a cabo e a zona do terraço encontra-se actualmente encerrada e desativada de todas as suas funções (figuras 157, 158 e 159).

Já em 1995, Pierre Grange realizou um filme intitulado *En mai fait ce qu'il te plaît*, que usava a Unité d'Habitation como pano de fundo para relatar uma série de acontecimentos mundanos que podiam ter lugar numa habitação daquela época. Este filme provocou fortes reacções junto da população da Unité, que na sua generalidade não se identificava com as histórias relatadas no mesmo e não lidou bem com a associação da sua comunidade a estas práticas, apesar de muitas delas, a dada altura do percurso da Unité, se terem verificado. Sete casos de histórias de alcoolismo, furto, fraude financeira, infidelidade, solidão, maus tratos e desemprego eram apresentados ao público, utilizando os alojamentos da Unité para os inserir, indo à boleia da reputação conflituosa criada ao longo dos anos por esta população. Isto naturalmente causou efeitos negativos na imagem da Unité, sem se livrar de entrar no campo do estereótipo, que de modo geral não caiu bem no seio da comunidade.

Quanto às habitações e ao seu estado de conservação e uso, não foi possível observar-se em pormenor, sabendo já de antemão que o edifício foi alvo de várias remodelações na última década, nomeadamente nos alojamentos, de ambas as alas, conferindo aos seus interiores um novo carácter reabilitado e mais adequado às necessidades contemporâneas dos seus utilizadores. Esta informação, apenas pôde ser obtida através da guia turística durante a visita guiada à Unité d'Habitation de Firminy, sendo confirmada posteriormente, por contacto visual, nas zonas colectivas onde circulavam constantemente trabalhadores carregando peças de mobiliário e materiais de construção.

Alguns dos intervenientes no espaço tiveram a sua ocupação do mesmo influenciada por conflitos, tendências e atitudes condicionadoras, por parte de entidades gerentes, que tentavam forçar

227 - Lionel Pailles *apud* Jouenne, N., 2007c, p. 117

comportamentos e pensamentos. Pode afirmar-se relativamente ao projecto colectivo inicialmente levado a cabo para este espaço, marcado por valores de integração e cooperação lançados por Le Corbusier, que este não se verificara uniformemente ao longo da evolução temporal do edifício, bem como a relação dos habitantes perante os seus espaços de alojamento, que se transformaram no sentido de progredirem, muito frequentemente, para uma ligação menos permanente e regrada.

5 Conclusão aberta sobre o percurso da Unité d'Habitation de Firminy

Ao longo desta Dissertação foram desenvolvidos vários capítulos que se vão relacionando progressivamente com o tema da ocupação de espaços inseridos em comunidades de traçado fortemente colectivo, como é a Unité d'Habitation de Firminy. Partindo de uma desconstrução de conceitos, aferiram-se as intenções e a essência por detrás da intervenção humana no espaço da habitação, bem como a natureza desses espaços e as exigências pretendidas pelo Homem. De seguida, a contextualização da obra de Le Corbusier perante as suas influências arquitectónicas e enquadramento urbano, permitiu analisar a evolução do seu modelo de casa, suas partes e serviços constituintes, até chegar ao modelo da célula habitacional, inserido primeiramente no projecto da Unité d'Habitation de Marselha em 1947, que foi analisado enquanto modelo experimental dos temas praticados posteriormente em Firminy. Num capítulo posterior procedeu-se à exposição e à análise crítica de dados referentes à progressão temporal do edifício da Unité face aos seus intervenientes e condicionantes, apurando as causas das alterações físicas e sociais levadas a cabo no edifício, que o afastaram em alguns momentos do carácter unitário e colectivo pretendidos pelo seu arquitecto.

A visita ao edifício no final do mês de Abril de 2016, permitiu um contacto próximo com a realidade actual dos fenómenos sociais e espaciais ocorridos na Unité d'Habitation de Firminy. Tendo em conta, e conhecendo detalhadamente, grande parte da história e dos acontecimentos marcantes que caracterizaram o percurso deste edifício, esta visita ao lugar ofereceu-nos uma perspectiva contrastante aos ambientes de conflito e luta política constantes verificados durante grande parte da vida do edifício no século XX. O ambiente encontrado foi calmo e o contacto com os residentes foi esporádico e tímido, salvo na zona do piso térreo, onde junto à entrada no meio dos *pilotis*, se encontrava uma grande presença de crianças a brincar e a conversar. Ao longo das restantes zonas do edifício a presença de habitantes ia-se tornando cada vez mais rara, nomeadamente nas ruas interiores, onde, apesar de o tempo no exterior estar chuvoso e nublado, a presença de crianças e vizinhos envolvidos em contactos públicos ou relações sociais era inexistente, contrariamente ao ambiente documentado nos anos setenta e oitenta.

No que diz respeito ao estado de preservação do património físico da Unité, este encontrava-se em boas condições devido às várias remodelações de que foi alvo a partir do final da década de noventa, pelo menos nas zonas públicas às quais foi possível aceder, pois precisamente no momento da visita, o edifício estava a ser alvo de obras de remodelação em algumas zonas de domínio privado.

Na zona das ruas interiores, que a dada altura se encontravam separadas quer por uma parede de betão, quer por uma barreira de acrílico, encontravam-se na altura da visita, sem qualquer vestígio de qualquer uma dessas presenças. Não havia inclusivamente, ao longo dessas mesmas ruas, uma distinção evidente entre o tratamento e o aspecto material ou espacial das partes que já foram anteriormente consideradas como a Ala Norte e a Ala Sul, encontrando-se agora unidas pela continuidade e fluidez do espaço público da Unité, como sempre foi intenção do projecto inicial.

Apesar de não ter sido possível entrar no interior das habitações, por motivos alheios à vontade desta Dissertação, relacionados com a privacidade dos inquilinos, durante a visita ao local e também através da recolha de dados e estatísticas presentes nesta análise, foi visível e possível concluir que, nomeadamente por parte de organismos municipais e do gabinete do HLM, se processou a uma

tentativa de estabelecimento de atitudes de domínio e propriedade face ao edifício e ao legado deixado por Le Corbusier. Atitudes de homogeneização e controlo sobre os espaços e os habitantes eram vistas como actos de violência contra a vontade de um espírito comunitário de união. Ao fazê-lo, estes organismos, estavam a tentar impingir uma visão que contrariava a evolução natural que o edifício e a comunidade acabaram por tomar. Essa evolução, que eventualmente não seria a que o arquitecto da obra esperaria para este edifício, acabou por ser a ocorrida e que caracterizou a comunidade da Unité d'Habitation de Firminy e traçou o caminho que a distingue das restantes. Os encerramentos de espaços e zonas do conjunto ajudaram a passar uma mensagem de domínio e soberania sobre o complexo e sobre as rotinas dos habitantes que o ocupavam, tentando condicionar a sua actividade e liberdade social. Estas acções tiveram um impacto maioritariamente negativo nas diversas experiências de habitar a Unité, embora tenham ocorrido algumas, nomeadamente em épocas mais recentes a partir dos anos 2000, que acabaram por ditar uma melhoria nas condições de habitabilidade do espaço.

Processos de remodelação e reabilitação de interiores, realizados já no final da década de noventa, de maneira a adequar os espaços domésticos às novas necessidades do Homem enquanto habitante da Unité, partiram de iniciativas de um poder político municipal com intenções comunistas que visavam alterar uma imagem de desajuste associada ao edifício. Essas iniciativas fizeram com que actualmente o conjunto se encontre com taxas de ocupação superiores às verificadas nas décadas de setenta e oitenta.

No que toca à ligação dos habitantes com o seu espaço de alojamento, desde a abertura da Unité até à contemporaneidade, pode verificar-se uma relação de causalidade entre a sua disposição/localização ao longo do edifício e a classe social e cultural a que pertence. Esta relação, combinada com aspectos pessoais, profissionais e económicos ajuda a entender tanto as intervenções levadas a cabo por alguns habitantes de modo a se adaptarem à vida na Unité, como as razões que impulsionaram os processos de mutação ocorridos enquanto alternativa a uma intervenção de carácter mais permanente e pessoal no interior de alojamentos. Em alternativa a uma marcação individual ou estabelecimento de propriedade por parte do habitante, actuando desta forma segundo uma via de maior impacto e duração perante o espaço de alojamento, o habitante geralmente contactava o gabinete do HLM para proceder a uma solução mais imediata e prática. Desta maneira, a perda do carácter impessoal no interior da habitação era mais difícil e demorada, impedindo uma ligação mais duradoura e um reconhecimento individual face ao mesmo, sendo esta encarada como uma solução frequentemente efémera ou passageira, possivelmente até ao surgimento de uma melhoria ao nível dos aspectos acima referidos. Dada a frequência com que este processo decorreu ao longo da evolução temporal da Unité, pode concluir-se que a maioria dos habitantes não tinha uma atitude activa de domínio sobre o espaço, podendo eventual e momentaneamente criar relações de apropriação transitórias com o mesmo, pois entendiam este complexo de habitação colectiva meramente como um serviço provisório.

Posto isto, no que toca aos alojamentos, grande parte dos habitantes, salvo uma pequena percentagem que ainda se mantém alojada na sua própria habitação desde os primeiros anos de vida na Unité, não cria uma ligação emocional suficientemente forte com o seu alojamento ao ponto de desenvolver um sentimento de pertença efectiva, que o faça entender aquele espaço como mais do que um alojamento comum, passando a vê-lo como seu refúgio pessoal, o seu lar.

Segundo afirma Jouenne no seu artigo²²⁸, todas as formas de acção social ou colectiva de indivíduos, para se manterem e sobreviverem às forças negativas destruidoras que tentam abalá-las, necessitam que um número de factores que se encontram presentes se renovem e se reinventem em prol do equilíbrio global do sistema. Para que esta unidade social mantivesse o seu funcionamento pretendido, ao longo de todos estes anos, sem se deixar afectar por factores externos e sem sofrer problemas relacionados com a sua taxa de ocupação ou mistura social, seria necessário que se verificasse um ambiente favorável a tais práticas, passando primeiramente por fazer com que as várias gerações de inquilinos se sentissem integradas no espaço e mantivessem relações de cooperação e respeito mútuo. Algumas condicionantes impedem que todas estas gerações verifiquem um comportamento e vivências do espaço semelhantes. Isto vai alterar as dinâmicas de funcionamento do conjunto e provocar mudanças inerentes à ocupação social à qual o edifício foi primeiramente destinado, o que leva a questionarmos:

Actualmente a Unité d'Habitation de Firminy é ocupada pelos grupos sociais e tipo de população para o qual foi inicialmente construída?;

Que reformulações ocorridas por parte de entidades externas, levaram à modificação das dinâmicas e práticas verificadas no edifício actualmente, para que a população alvo seja constituída por uma vasta mistura social?

A mistura social e cultural verificada na Unité, segundo os dados disponibilizados, é um fenómeno que vem decorrendo desde a sua inauguração, onde a curiosidade e procura por este tipo de habitação colectiva inovadora era grande. As diversas tipologias de alojamento e rendas eram um dos factores que incentivava à partida uma certa variedade na ocupação dos espaços do conjunto, que inclusivamente através das suas ferramentas de agregação de células permitia explorar diversos conceitos e relações de vizinhança. O desenvolvimento destas relações de vizinhança foi-se gradualmente transformando com os contactos e aproximações mais ou menos frequentes entre inquilinos, muitas vezes justificadas por convergências sociais ou raciais. Estes contactos, ocorridos ao longo dos vários espaços colectivos da Unité, como as ruas interiores, clubes ou terraço, resultavam por vezes em conflitos e desentendimentos, que posteriormente desencadeavam um isolamento das partes, contrariando uma das premissas mais importantes do complexo. Todas estas situações contribuem tanto como os elementos físicos permanentes vincados no edifício, para a criação de uma identidade singular que remete inconfundivelmente para este edifício.

Esta construção da identidade desta comunidade passa pela vivência de todos os momentos que a marcaram (amputações, encerramentos, conflitos, crimes), fazendo do conjunto Unité d'Habitation que hoje se encontra em Firminy, uma evolução da obra projectada por Le Corbusier, que é única e se distingue de todas as outras retiradas do mesmo molde, pelo seu percurso.

A incerteza faz parte do futuro desse mesmo percurso e as condicionantes que daqui em diante marcarão esta comunidade poderão ser de natureza semelhante às que a marcaram no passado ou poderão adoptar um rumo de acontecimentos que finalmente vai ao encontro das expectativas do arquitecto para o funcionamento e ambiente do conjunto.

As práticas sociais ocorridas no seio desta comunidade ao longo de mais de quarenta anos, servirão

228 - Jouenne, N., 2007c, p. 122

para unificar todos os actores sociais presentes na obra, de modo a contribuir para uma maior coesão do conjunto? E como é que o legado deste conjunto, o património e as experiências que lhe deram origem vão ser incorporados nas gerações futuras que farão parte da vida desta comunidade? Estas são questões que ficam constantemente em aberto perante o futuro do edifício, mesmo tendo em conta as suas tendências ou hábitos, porque a vida comunitária desta obra depende e dependerá sempre da actuação humana, que por diversas razões é considerada imprevisível, sendo por isso perpetuamente pautada pela incerteza, como de resto o foi sendo até à contemporaneidade.

Referências bibliográficas

- Albuquerque, F. (2013). *Espaços liminares*. (Dissertação de Mestrado). FAUTL, Lisboa.
- Bachelard, G. (1958). *La poétique de l'espace*. Paris: Presses Universitaires de France. (consultada versão em inglês de 1994: *The poetics of space*. Boston: Beacon Press.)
- Baltanás, J. (2005). *Le Corbusier, promenades*, Barcelona: Gustavo Gili.
- Bandeirinha, J. A. (2007). *O processo SAAL e a arquitectura no 25 de Abril de 1974*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Banham, R. (1965). A home is not a house. In Jean Lipman (Ed.). *Art in America* (pp. 70-79). Nova Iorque.
- Boesiger, W. (1995a). Le Corbusier: Oeuvre complète 1910-29. In W. Boesinger (Ed.), *Le Corbusier & Pierre Jeanneret Oeuvres complètes en 8 volumes*. (vol. 1). Alemanha: Artemis Zurich.
- Boesiger, W. (1995b). Le Corbusier et son atelier Rue de Sèvres 35: Oeuvre complète 1957-65. In W. Boesinger (Ed.), *Le Corbusier & Pierre Jeanneret Oeuvres complètes en 8 volumes*. (vol. 7). Alemanha: Artemis Zurich.
- Boesiger, W. (1995c). Le Corbusier 1965-69: Les dernières oeuvres. In W. Boesinger (Ed.), *Le Corbusier & Pierre Jeanneret Oeuvres complètes en 8 volumes* (vol. 8). Alemanha: Artemis Zurich.
- Boudon, R. (1982). *Dictionnaire de sociologie*. Paris: Presses Universitaires de France. (consultada versão em português de 1990: Ribeiro, A. J. P. *Dicionário de sociologia*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.)
- Cazeneuve, J. (1975). *Dictionnaire de sociologie*. Paris: Encyclopaedia Universalis. (consultada versão em português de 1982: *Dicionário de sociologia*. São Paulo: Editora Verbo.)
- Couto, M. (2006). *O outro pé da Sereia*. Companhia das Letras: São Paulo
- Curtis, W. (1984). *Modern architecture since 1900*. Londres: Phaidon Press limited. (consultada versão em espanhol de 2006: *La arquitectura moderna desde 1900* (3ªed.). Londres: Phaidon Press Limited.)
- Dicionários Editora. (1995). *Dicionário de sinónimos*. Porto: Porto Editora.
- Dicionários Editora. (2004). *Dicionário da língua portuguesa*. Porto: Porto Editora.
- Douglas, M. (1991). The Idea of a Home: A kind of space. In Lane, B. M. (Ed.), *Housing and Dwelling*. (pp. 61-67). Londres: Routledge.

- Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa. (2011). *Viagem de estudo Le Corbusier: França e Suíça 2009*. Lisboa, Faculdade Arquitectura Universidade Técnica de Lisboa.
- Ferréol, G. (1991). *Dictionnaire de sociologie*, Paris: Armand Colin Éditeur.
- Filipe, P. J. (2014). *Construção da Intimidade*. (Dissertação de Mestrado). FCTUC, Coimbra.
- Fonseca, N. (2011). *Habituação Mínima*. (Dissertação de Mestrado). FCTUC, Coimbra.
- Frampton, K. (1985). *Modern architecture: A critical history*. London: Thames and Hudson. (consultada versão em espanhol de 1989: *História crítica de la arquitectura moderna* (4ªed.). Barcelona: Gustavo Gili.)
- Gans, D. (1991). *Le Corbusier Guida Completa*. Berlim: Edition Lidiarte.
- Grandes, R. (1996). *Grande Dicionário da língua portuguesa* (vol. I-II). Venda Nova: Bertrand Editora.
- Gínzburg, M. (2007). *Escritos 1923-1930*. Madrid: El Croquis Editorial.
- Heidegger, M. (1954). *Essais et conférences*. Paris: Gallimard. (consultada versão em português de 2002: *Ensaio e conferências*. São Paulo: Editora Vozes.)
- Jenkis, D. (1993). *Unité d'Habitation Marseilles: Le Corbusier*. Londres: Phaidon Press Ltd.
- Jouenne, N. (2005a). Contrôle de l'identité: Le Corbusier à Firminy. *Histoire contemporaine et patrimoine: la Loire, un département en quête de son identité*, pp. 359-364, Disponível em: <https://books.google.pt/books?isbn=2862724785>.
- Jouenne, N. (2005b). La vie collective des habitants du Corbusier. *L'Homme*, 180, pp. 247-248, Disponível em: <http://lhomme.revues.org/2586>.
- Jouenne, N. (2005c). Vive le H! L'immeuble collectif du grand H dans le quartier de Firminy-Vert. *HAL archives-ouvertes.fr*; 81 pp. Disponível em: <https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-00004119>.
- Jouenne, N. (2006). Vivre ensemble dans l'unité d'habitation de Firminy. In Guillot, X. (Ed.), *Habiter la modernité*. (pp. 137-145). Saint-Etienne: PUSE.
- Jouenne, N. (2007a). *Dans l'ombre du Corbusier. Ethnologie d'un habitat collectif ordinaire*. Paris: L'Harmattan.
- Jouenne, N. (2007b). L'unité d'habitation de Firminy: La dernière fille du Corbusier. *HAL archives-ouvertes.fr*; 9 pp. Disponível em: <https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-00141903v2>.

- Jouenne, N. (2007c). Le Corbusier comme compétence: Pratiques sociales dans l'unité d'habitation Le Corbusier de Firminy. *HAL archives-ouvertes.fr*; 134 pp. Disponível em: <https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-00194241>.
- Kostof, S. (1985). *A history of architecture* (2ª ed.). Nova Iorque: Oxford University Press.
- Lane, B. M. (2007). *Housing and Dwelling*. Londres: Routledge.
- Le Corbusier. (1923a). *Vers une architecture*. Paris: Flammarion.
- Le Corbusier. (1923b). *Vers une architecture*. Paris: Flammarion. (consultada versão em português de 1994: Por uma arquitetura (5ª ed.). São Paulo: Editora Perspectiva.)
- Le Corbusier. (1925). *Urbanisme*. Paris: Flammarion. (consultada versão em português de 2000: *Urbanismo* (2ª ed.). São Paulo: Martins Fontes.)
- Le Corbusier. (1930). *Précisions sur un état présent de l'architecture et de l'urbanisme*. Paris: Editions Crès. (consultada versão em português de 2004: *Precisões*. São Paulo: Cosac Naify.)
- Le Corbusier. (1935). *La ville radieuse*. Boulogne-sur-Seine: Éditions de l'Architecture d'Aujourd'hui. (consultada versão em inglês de 1967: *The Radiant City*. Nova Iorque: Orion Press.)
- Le Corbusier. (1946). *Manière de penser l'urbanisme*. Boulogne-sur-Seine: Éditions de l'Architecture d'Aujourd'hui. (consultada versão em português de 1995: *Maneira de pensar o urbanismo*. Sintra: Publicações Europa-América.)
- Le Corbusier. (1948). L'habitation moderne. *Population*, 3, 417-440
- Lefebvre, H. (1968). *Le droit à la ville*. Paris: Ed. du Seuil, Collection "Points". (consultada versão em português de 2011: *O direito à cidade* (5ª ed.). São Paulo: Centauro Editora.)
- Lefebvre, H. (1974). *La production de l'espace*. Paris: Anthropos. (consultada versão em inglês de 1991: *The production of space*. Boston: Basil Blackwell.)
- Maia, R. L. (2002). *Dicionário de sociologia*. Porto: Porto Editora.
- Monnier, G. (2002). *Le Corbusier: Les unités d'habitation en France*. Paris: Belin-Herscher.
- Moreira, A. S. (2013). *À procura dos novos modos de Habitar*. (Dissertação de Mestrado). FAUL, Lisboa.
- Pedrosa, P. (2010). *Habitar em Portugal nos anos 1960*. (Dissertação de Doutoramento). Universitat Politècnica de Catalunya, Catalunha, Espanha.
- Pommer, R. e Otto, C. F. (1991). *Weissenhof 1927 and the modern movement in architecture*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Portas, N. (1968). Desenho e Apropriação do Espaço da Habitação. *Arquitectura*, 103, 124-128.

- Rabaça, A. (2013). *Ordering code and mediating machine*. (Dissertação de Doutoramento). FCTUC. Coimbra.
- Reis, J. (2007). *Sobre o tempo*, Porto: Edições Afrontamento.
- Rodrigues, J. M. (2010). *Teoria crítica de arquitectura do século XX*. Sintra: Caleidoscópico
- Rudofsky, B. (1964). *Architecture without architects*. Nova Iorque: Doubleday & Company, Inc.
- Sbriglio, J. (2004). *Le Corbusier: L'Unite D'Habitation De Marseille/ The Unite D'Habitation in Marseilles avec/and Rezé-les-Nantes, Berlin, Briey en Foret, Firminy*. Switzerland: Birkhauser Verlag.
- Soares, A. (2009). *Escalas de Intimidade*. (Dissertação de Mestrado). FCTUC, Coimbra.
- Tzonis, A. (2001). *Le Corbusier: The poetics os machine and metaphor*, London : Thames & Hudson.

Créditos das figuras

Figura 1: www.greatbuildings.com

Figura 2: www.jstor.org

Figura 3: www.jstor.org

Figura 4: www.flickr.com

Figura 5: www.tumblr.com

Figura 6: images.lib.ncsu.edu

Figura 7: www.pinterest.com

Figura 8: fr.wikipedia.org

Figura 9: www.pinterest.com

Figura 10: www.pinterest.com

Figura 11: fr.wikipedia.org

Figura 12: de.wikipedia.org

Figura 13: www.pinterest.com

Figura 14: www.pinterest.com

Figura 15: www.pinterest.com

Figura 16: jhenniferamundson.net

Figura 17: jhenniferamundson.net

Figura 18: jhenniferamundson.net

Figura 19: Pommer, R. e Otto, C. F. (1991). *Weissenhof 1927 and the modern movement in architecture*. Chicago: The University of Chicago Press.

Figura 20: Pommer, R. e Otto, C. F. (1991). *Weissenhof 1927 and the modern movement in architecture*. Chicago: The University of Chicago Press.

Figura 21: Pommer, R. e Otto, C. F. (1991). *Weissenhof 1927 and the modern movement in architecture*. Chicago: The University of Chicago Press.

Figura 22: www.eastlondonlines.co.uk

Figura 23: thespaces.com

Figura 24: www.grids-blog.com

Figura 25: www.studyblue.com

Figura 26: www.grids-blog.com

Figura 27: www.e-architect.co.uk

Figura 28: it.pinterest.com

Figura 29: www.pinterest.com

Figura 30: www.pinterest.com

Figura 31: www.pinterest.com

Figura 32: www.fondationlecorbusier.fr

Figura 33: www.fondationlecorbusier.fr

Figura 34: Tzonis, A. (2001). *Le Corbusier: The poetics os machine and metaphor*, London : Thames & Hudson.

Figura 35: www.fondationlecorbusier.fr

Figura 36: Tzonis, A. (2001). *Le Corbusier: The poetics os machine and metaphor*, London : Thames & Hudson.

Figura 37: Baltanás, J. (2005). *Le Corbusier; promenades*, Barcelona: Gustavo Gili.

Figura 38: Rabaça, A. (2013). *Ordering code and mediating machine*. (Dissertação de Doutoramento). FCTUC, Coimbra.

Figura 39: Baltanás, J. (2005). *Le Corbusier; promenades*, Barcelona: Gustavo Gili.

Figura 40: www.pinterest.com

Figura 41: www.fondationlecorbusier.fr

Figura 42: www.laboratorio1.unict.it

Figura 43: Le Corbusier. (1925). *Urbanisme*. Paris: Flammarion. (consultada versão em português de 2000: *Urbanismo* (2ª ed.). São Paulo: Martins Fontes.)

Figura 44: Tzonis, A. (2001). *Le Corbusier: The poetics os machine and metaphor*, London : Thames & Hudson.

Figura 45: www.fondationlecorbusier.fr

Figura 46: www.fondationlecorbusier.fr

Figura 47: www.pinterest.com

Figura 48: Le Corbusier. (1925). *Urbanisme*. Paris: Flammarion. (consultada versão em português de 2000: *Urbanismo* (2ª ed.). São Paulo: Martins Fontes.)

Figura 49: Le Corbusier. (1925). *Urbanisme*. Paris: Flammarion. (consultada versão em português de 2000: *Urbanismo* (2ª ed.). São Paulo: Martins Fontes.)

Figura 50: www.cargocollective.com

- Figura 51:** www.fondationlecorbusier.fr
- Figura 52:** Le Corbusier. (1925). *Urbanisme*. Paris: Flammarion. (consultada versão em português de 2000: *Urbanismo* (2ª ed.). São Paulo: Martins Fontes.)
- Figura 53:** www.studyblue.com
- Figura 54:** www.lesterkorzilius.com
- Figura 55:** www.pinterest.com
- Figura 56:** www.pinterest.com
- Figura 57:** www.pinterest.com
- Figura 58:** www.pinterest.com
- Figura 59:** Pommer, R. e Otto, C. F. (1991). *Weissenhof 1927 and the modern movement in architecture*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Figura 60:** www.flickrriver.com
- Figura 61:** pt.wikiarquitectura.com
- Figura 62:** Pommer, R. e Otto, C. F. (1991). *Weissenhof 1927 and the modern movement in architecture*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Figura 63:** Baltanás, J. (2005). *Le Corbusier, promenades*, Barcelona: Gustavo Gili.
- Figura 64:** Baltanás, J. (2005). *Le Corbusier, promenades*, Barcelona: Gustavo Gili.
- Figura 65:** Baltanás, J. (2005). *Le Corbusier, promenades*, Barcelona: Gustavo Gili.
- Figura 66:** www.urbipedia.org
- Figura 67:** www.urbipedia.org
- Figura 68:** www.urbipedia.org
- Figura 69:** Baltanás, J. (2005). *Le Corbusier, promenades*, Barcelona: Gustavo Gili.
- Figura 70:** Baltanás, J. (2005). *Le Corbusier, promenades*, Barcelona: Gustavo Gili.
- Figura 71:** Le Corbusier. (1930). *Précisions sur un état présent de l'architecture et de l'urbanisme*. Paris: Editions Crès. (consultada versão em português de 2004: *Precisões*. São Paulo: Cosac Naify.)
- Figura 72:** www.reinierdejong.com
- Figura 73:** Tzonis, A. (2001). *Le Corbusier: The poetics of machine and metaphor*, London : Thames & Hudson.
- Figura 74:** Foto de autoria própria
- Figura 75:** Foto de autoria própria

- Figura 76:** www.pinterest.com
- Figura 77:** www.pinterest.com
- Figura 78:** jsah.ucpress.edu
- Figura 79:** www.itineraricamper.it
- Figura 80:** ksamedia.osu.edu
- Figura 81:** ksamedia.osu.edu
- Figura 82:** Jenkis, D. (1993). *Unité d'Habitation Marseilles: Le Corbusier*. Londres: Phaidon Press Ltd.
- Figura 83:** Foto de autoria própria
- Figura 84:** Foto de autoria própria
- Figura 85:** Jenkis, D. (1993). *Unité d'Habitation Marseilles: Le Corbusier*. Londres: Phaidon Press Ltd.
- Figura 86:** www.pinterest.com
- Figura 87:** www.pinterest.com
- Figura 88:** Tzonis, A. (2001). *Le Corbusier: The poetics os machine and metaphor*, London : Thames & Hudson.
- Figura 89:** www.iocostruisco.it
- Figura 90:** openbuildings.com
- Figura 91:** Foto de autoria própria
- Figura 92:** www.pinterest.com
- Figura 93:** www.pinterest.com
- Figura 94:** www.bibliocad.com
- Figura 95:** Foto de autoria própria
- Figura 96:** Foto de autoria própria ao Texto expositivo da Associação Turística de Firminy: L'unité et son école
- Figura 97:** Boesiger, W. (1995c). Le Corbusier 1965-69: Les dernières oeuvres. In W. Boesinger (Ed.), *Le Corbusier & Pierre Jeanneret Oeuvres complètes en 8 volumes* (vol. 8). Alemanha: Artemis Zurich.
- Figura 98:** Jenkis, D. (1993). *Unité d'Habitation Marseilles: Le Corbusier*. Londres: Phaidon Press Ltd.

Figura 99: Jenkis, D. (1993). *Unité d'Habitation Marseilles: Le Corbusier*. Londres: Phaidon Press Ltd.

Figura 100: Boesiger, W. (1995c). Le Corbusier 1965-69: Les dernières oeuvres. In W. Boesinger (Ed.), *Le Corbusier & Pierre Jeanneret Oeuvres complètes en 8 volumes* (vol. 8). Alemanha: Artemis Zurich.

Figura 101: www.fondationlecorbusier.fr

Figura 102: www.pinterest.com

Figura 103: www.studyblue.com

Figura 104: www.studyblue.com

Figura 105: www.utopies-realisees.com

Figura 106: www.pinterest.com

Figura 107: www.pinterest.com

Figura 108: Jenkis, D. (1993). *Unité d'Habitation Marseilles: Le Corbusier*. Londres: Phaidon Press Ltd.

Figura 109: www.pinterest.com

Figura 110: Jenkis, D. (1993). *Unité d'Habitation Marseilles: Le Corbusier*. Londres: Phaidon Press Ltd.

Figura 111: Jenkis, D. (1993). *Unité d'Habitation Marseilles: Le Corbusier*. Londres: Phaidon Press Ltd.

Figura 112: www.pixelcreation.fr

Figura 113: www.pinterest.com

Figura 114: adeepbluishhugh.wordpress.com

Figura 115: berkeleyprize.org

Figura 116: killscreen.com

Figura 117: Boesiger, W. (1995c). Le Corbusier 1965-69: Les dernières oeuvres. In W. Boesinger (Ed.), *Le Corbusier & Pierre Jeanneret Oeuvres complètes en 8 volumes* (vol. 8). Alemanha: Artemis Zurich.

Figura 118: www.pinterest.com

Figura 119: thinksecreate.wordpress.com

Figura 120: Foto de autoria própria

Figura 121: Foto de autoria própria

Figura 122: Boesiger, W. (1995c). Le Corbusier 1965-69: Les dernières oeuvres. In W. Boesinger (Ed.), *Le Corbusier & Pierre Jeanneret Oeuvres complètes en 8 volumes* (vol. 8). Alemanha: Artemis Zurich.

Figura 123: Boesiger, W. (1995c). Le Corbusier 1965-69: Les dernières oeuvres. In W. Boesinger (Ed.), *Le Corbusier & Pierre Jeanneret Oeuvres complètes en 8 volumes* (vol. 8). Alemanha: Artemis Zurich.

Figura 124: fr.wikipedia.org

Figura 125: wikimapia.org

Figura 126: Foto de autoria própria

Figura 127: Foto de autoria própria

Figura 128: www.pinterest.com

Figura 129: Foto de autoria própria

Figura 130: Foto de autoria própria

Figura 131: Foto de autoria própria

Figura 132: Foto de autoria própria

Figura 133: Foto de autoria própria

Figura 134: Foto de autoria própria

Figura 135: Foto de autoria própria

Figura 136: Foto de autoria própria

Figura 137: Foto de autoria própria

Figura 138: Foto de autoria própria

Figura 139: Foto de autoria própria

Figura 140: Foto de autoria própria

Figura 141: Foto de autoria própria

Figura 142: Foto de autoria própria

Figura 143: Boesiger, W. (1995c). Le Corbusier 1965-69: Les dernières oeuvres. In W. Boesinger (Ed.), *Le Corbusier & Pierre Jeanneret Oeuvres complètes en 8 volumes* (vol. 8). Alemanha: Artemis Zurich.

Figura 144: Foto de autoria própria

Figura 145: Foto de autoria própria

Figura 146: Foto de autoria própria

Figura 147: Foto de autoria própria

Figura 148: Foto de autoria própria ao Texto expositivo da Associação Turística de Firminy: L'unité et son école

Figura 149: Foto de autoria própria ao Texto expositivo da Associação Turística de Firminy: L'unité et son école

Figura 150: Foto de autoria própria ao Texto expositivo da Associação Turística de Firminy: L'unité et son école

Figura 151: Foto de autoria própria ao Texto expositivo da Associação Turística de Firminy: L'unité et son école

Figura 152: Foto de autoria própria ao Texto expositivo da Associação Turística de Firminy: L'unité et son école

Figura 153: Foto de autoria própria ao Texto expositivo da Associação Turística de Firminy: L'unité et son école

Figura 154: Foto de autoria própria ao Texto expositivo da Associação Turística de Firminy: L'unité et son école

Figura 155: Foto de autoria própria

Figura 156: Foto de autoria própria

Figura 157: Foto de autoria própria

Figura 158: Foto de autoria própria

Figura 159: Foto de autoria própria

Trabalho realizado sob a orientação do Professor José António Bandeirinha
e da Arquitecta Carolina Coelho

David João Coelho Jorge